

Mulheres trabalhadoras: olhares sobre fazeres femininos

Márcia Alves da Silva
Mirela Ribeiro Meira
(orgs)

Mulheres trabalhadoras: olhares sobre fazeres femininos

Pelotas
Editora e Gráfica Universitária - UFPel
2012



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar Gonçalves Borges

Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Gilberto de Lima Garcias

Pró-Reitora de Graduação: Prof. Cláudio Manoel da Cunha Duarte

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Manoel de Souza Maia

Pró-Reitor Administrativo: Prof. Dr. Luiz Ermani Gonçalves Ávila

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Rogério Daltro Knuth

Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta Trierweiler

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Renato Brasil Kourrowski

Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues

Profa. Dra. Cristina Maria Rosa

Profa. Dra. Flavia Fontana Fernandes

Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelin

Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski

Profa. Dra. Vera Lucia Bobrowsky

Prof. Dr. Carlos Eduardo Wa

Prof. Dr. José Estevan Gaya

Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas

Prof. Dr. Vitor Hugo Borba M

Prof. Dr. Volmar Geraldo da

Prof. Dr. William Silva Barro

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Carlos Gilberto Costa da Silva

Gerência Operacional: João Henrique Bordin

Capa: Marcus Neves

Editoração: Flávia Garcia Guidotti

Impresso no Brasil

ISBN: 978-85-7192-902-9

Tiragem: 300 exemplares



EDITORA E GRÁFICA UNIVERSITÁRIA

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150

Fone/fax: (53) 3227 8411

e-mail: gráfica.ufpel@gmail.com

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional

Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901

Biblioteca Setorial de Ciência & Tecnologia - UFPel

M956 Mulheres trabalhadoras: olhares sobre fazeres femininos / orgs. Márcia Alves da Silva, Mirela Ribeiro Meira. - Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2012. 260 p.

ISBN: 978-85-7192-902-9

1. Gênero. 2. Trabalho feminino. 3. Mulheres trabalhadoras, 4. Pesquisas acadêmicas. I. Silva, Márcia Alves da. II. Meira, Mirela Ribeiro. III. Título.

CDD: 331.4

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
UMA COLCHA DE RETALHOS CONSTRUÍDA PELAS PROFISSIONAIS DOS SERVIÇOS DE ATENÇÃO AS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA Carla da Silva	11
VOZES MORAIS E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO ENTRE SINDICALISTAS DOCENTES Márcia Ondina Vieira Ferreira; Márcia Cristiane Völz Klumb	37
TECER NO RIO GRANDE DO SUL É "COISA DE MULHER": APRENDIZAGENS NO ATELIÊ Edla Eggert; Amanda Motta Castro; Marcia Regina Becker; Cintia Andrea Dornelles Teixeira	67
A ÁRVORE DOS ESPELHOS: O POTENCIAL PEDAGÓGICO DA ARTE NO PROCESSO DE SAÚDE MENTAL DE MULHERES DO CAPS Leonice Maria Vivian Araldi; Mirela Ribeiro Meira	83
BIOGRAFIAS ARTESÃS: PROCESSOS FORMATIVOS, TRABALHO FEMININO E CRIAÇÃO COLETIVA Márcia Alves da Silva; Mirela Ribeiro Meira	109
SABERES CIENTÍFICOS DE LAS MUJERES – LAS TREMENTINAIRES: HISTORIA DE UNAS MUJERES EMPRENDEDORAS EM EL ÁMBITO RURAL CATALÁN DEL SIGLO XIX Teresa Nuño Angós; Pablo Vidal Vanaclocha	127

MULHERES NEGRAS E QUILOMBOLAS: TRABALHO, RESISTÊNCIA E IDENTIDADES NA DIÁSPORA AFRO-BRASILEIRA Georgina Helena Lima Nunes.....	161
CUIDAR E EDUCAR: JEITOS DE DIZER O TRABALHO DOCENTE FEMININO ENQUANTO <i>GOSTAR DE CRIANÇAS</i> Marta Nörnberg.....	183
NOTAS SOBRE CUIDADO E ECONOMIA SOLIDÁRIA NO TRABALHO DE MULHERES RECICLADORAS Débora Alves Feitosa.....	209
COSTURANDO PARA A BARONESA: TRABALHO E SOCIABILIDADE NO INÍCIO DO SÉCULO XX Diego Soares; Larissa Martins; Ursula Rosa da Silva.....	225
ANA PAULA RIBEIRO DE TAVARES: O TEMPO FEMININO DA ESPERA – "P'RA LÁ DO CERCADO" Renata Ávila Troca; Denise Marcos Bussioletti.....	241
DADOS DOS AUTORES E AUTORAS	253

APRESENTAÇÃO

Nossa parceria tem rendido bons frutos, tecido redes de afeto, compreensão e ajuda mútua, nas caminhadas que temos empreendido como docentes na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Uma destas redes resultou nesta parceria acadêmica cujo resultado é esta obra que apresentamos nesse momento, com imensa alegria.

Além de trabalharmos em conjunto em projetos de pesquisa e de extensão, resolvemos ampliar nosso olhar sobre o universo de trabalhos femininos, sobre a educação, sobre o cuidado, sobre a criação de todos os dias, através de uma publicação agregando contribuições de profissionais que também abordam estas temáticas. Portanto, esta coletânea apresenta olhares oriundos de pesquisas acadêmicas encaminhadas por pesquisadoras e pesquisadores de diversas instituições e áreas de conhecimento, tendo como foco a temática de mulheres, a partir de abordagens investigativas sobre trabalhos que realizam, incluindo a perspectiva da educação, dos afazeres cotidianos e da criação coletiva.

Trata-se de uma contribuição que passeia por dizeres muito distintos, o que justamente compõe sua riqueza, como os estudos de gênero, a educação estética, a arte, a saúde mental, o sindicalismo, o cooperativismo, colchas de retalho, adentra pelo quarto de costura das intimidades de uma baronesa... E, não deixando de lado o processo histórico de luta pela emancipação feminina, ancora no mundo do trabalho.

É com esse intuito, de compartilhar pensamentos, ideias e sentimentos *multiversos* que apresentamos os textos que compõem esta coletânea, agradecendo a contribuição dos autores e autoras que apostaram na viabilidade da proposta.

No primeiro texto, de autoria de Carla da Silva, *Uma colcha de retalhos construída pelas profissionais dos serviços de atenção as mulheres vítimas de violência doméstica* a temática da violência contra a mulher é

investigada, apresentando a visão de um grupo de mulheres que atuam como profissionais junto às mulheres vítimas de violência doméstica em São Paulo.

O segundo texto, denominado de *Vozes morais e representações de gênero entre sindicalistas docentes*, de autoria de Márcia Ondina Vieira Ferreira e Márcia Cristiane Völz Klumb, aborda como o gênero se expressa na opção pela docência e no trabalho desenvolvido por docentes, além das representações de gênero elaboradas por mulheres e homens docentes, mais especificamente docentes sindicalistas. Trata-se de um ensaio que retoma ideias sobre gênero que ainda merecem mais discussão na literatura sobre o trabalho docente: o gênero interfere no trabalho docente e no trabalho pedagógico? O que significa "saber cuidar"? Por que, em geral, se atribui essa característica ao trabalho das mulheres docentes, e não ao trabalho dos homens? Essa suposta característica tem quais implicações, no que tange à valorização do trabalho ou ao desempenho profissional específico? Em que medida as representações de gênero de docentes homens e mulheres intervêm no estabelecimento de parâmetros de gênero para julgar seu próprio trabalho?

Em *Tecer no Rio Grande do Sul é 'coisa de mulher': aprendizagens no ateliê*, Edla Eggert, Amanda Castro, Márcia Becker e Cintia Teixeira apresentam alguns argumentos que vêm sendo desenvolvidos ao longo de um processo investigativo desde 2007, a respeito de modalidades de artesanato com tecelagem e tecelãs.

Mirela Meira e Leonice Araldi, em *A árvore dos espelhos: o potencial pedagógico da arte no processo de saúde mental de mulheres do CAPs*, relatam um trabalho executado junto às mulheres que recebem atendimento terapêutico do CAPs na cidade de Quilombo, no estado de Santa Catarina, a partir de oficinas de arte como resgate da saúde destas mulheres. Oficinas de Criação Coletiva são relatadas a partir de seus depoimentos, desnudando as imensas transformações que se observou também em seus corpos, já que estas tidas como irrecuperáveis porque pobres, loucas, excluídas, jogadas fora.

No texto que desenvolvemos para esta publicação, denominado *Biografias artesãs: processos formativos, trabalho feminino e criação coletiva*, buscamos problematizar o mundo do trabalho feminino a partir

de histórias de vida de artesãs pertencentes a dois grupos específicos: um grupo formado por mulheres artesãs vinculadas a uma cooperativa de economia solidária localizada na cidade de Pelotas / RS, e um grupo de discentes de cursos de licenciaturas da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), Pedagogia e Artes Visuais, que produzem artesanato. Investigamos como pode a artesanía ser uma ferramenta para um processo de emancipação feminina no que se refere ao mundo do trabalho.

O texto dos pesquisadores espanhóis Teresa Nuño Angós e Pablo Vidal Vanaclocha denominado *Saberes científicos de las mujeres – Las Trementinares: historia de unas mujeres emprendedoras em el ámbito rural catalán del siglo XIX* apresenta um resgate histórico de um grupo de mulheres da região da Catalunha que desenvolveram autonomamente saberes sobre plantas medicinais curativas no século XIX, conhecimentos esses tornados invisíveis pela ciência moderna.

A professora e pesquisadora Georgina Helena Lima Nunes, em *Mulheres negras e quilombolas: trabalho, resistência e identidades na diáspora afro-brasileira*, relata aspectos de sua experiência, por intermédio de atividades no campo da extensão universitária e de pesquisas de caráter quantitativo e qualitativo, com mulheres das comunidades remanescentes de quilombo do Rio Grande do Sul, mais especificamente com as mulheres da região sul do estado, cujos quilombos localizam-se nos municípios de Canguçu, Pelotas, Piratini e São Lourenço do Sul.

Em *Cuidar e educar: jeitos de dizer o trabalho docente feminino enquanto gostar de crianças*, Marta Nörnberg apresenta um conjunto de reflexões em torno de três palavras que parecem descrever jeitos de dizer o trabalho docente das mulheres, especialmente daquelas que trabalham com bebês e crianças pequenas. Palavras que podem, como todas que dizem algo sobre nossa forma de ver, ser passíveis de interrogações e problematizações epistemológicas. São elas: o *cuidar*, o *educar* e o *gostar de criança*. O propósito é o de apresentar alguns elementos conceituais sobre os termos, tensionados pelas experiências que Marta viveu enquanto professora da Educação Infantil e Anos Iniciais, em diálogo com outras tantas mulheres-professoras e, ultimamente, enquanto professora-pesquisadora.

No texto *Notas sobre cuidado e economia solidária no trabalho de mulheres recicladoras*, Débora Feitosa aborda a organização do trabalho das mulheres que trabalham na separação de resíduos, refletindo sobre duas perspectivas que identifica como características da atividade de reciclagem, que são o Cuidado e a Economia Solidária.

Costurando para a baronesa: trabalho e sociabilidade no início do século xx, dos autores Diego Soares, Larissa Martins e Ursula Rosa da Silva enfatiza a memória do trabalho, das vivências e das realizações de Dona Eulália, costureira da Baronesa de Três Cerros, na cidade de Pelotas, no início do século XX. Apresenta a protagonista como pessoa, para além do registro histórico e do rastro escrito, no cotidiano de trabalho e de práticas sociais em que se inseriu.

E, para finalizar, em *Ana Paula Ribeiro de Tavares: o tempo feminino da espera – "p'ra lá do cercado"*, Renata Ávila Troca e Denise Marcos Bussoletti apresentam uma primeira tentativa de aproximação com a literatura de Ana Paula Ribeiro Tavares, escritora e historiadora angolana radicada atualmente em Portugal. O texto discute as representações do tempo através da literatura escrita no feminino. Problematisa o "tempo de espera p'ra lá do cercado", enfocando os lugares de re-significação da memória pelo feminino, exercício daquilo que denominamos de "espera ativa". Como base da sustentação argumentativa, este artigo se pauta numa procura da linguagem que resiste através dos traços de uma estratégia singular de narrativa aqui defendida como busca das diferentes formas de uma im/possível elaboração.

Dessa forma, é com grande satisfação que lançamos essa obra de Criação Coletiva, com seus olhares, espaços, tempos, pensares e sentires diversos, com a esperança de possibilitar momentos prazerosos de leitura para todos e todas os(as) interessados(as) pelo tema.

Grande abraço e boa leitura!

Márcia Alves da Silva
Mirela Ribeiro Meira
(Organizadoras)

Outubro de 2012

UMA COLCHA DE RETALHOS CONSTRUÍDA PELAS PROFISSIONAIS DOS SERVIÇOS DE ATENÇÃO AS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Carla da Silva¹

Introdução

O contexto da violência doméstica contra a mulher desperta nas pessoas, e principalmente nos profissionais que atuam nesta área, a necessidade de compreendê-la, por se perceber que há um adoecimento de todos no espaço do lar. Idealizado como espaço privado, de refúgio, compreensão, proteção e respeito, esse lar acaba por se transformar, muitas vezes, em palco de destruição e de terror, causando em seus moradores sofrimento, dor, desespero e medo, em face das pessoas que deveriam exercer a cumplicidade e o amor. Desta forma, rouba-se uns dos outros o colorido da vida.

Entende-se por violência doméstica contra a mulher a manifestação das relações de poder historicamente desiguais estabelecidas entre homens e mulheres, oriundas da ordem patriarcal arraigada em nossa sociedade, que perpetua a situação de ignorância e inferioridade da mulher como sendo um atributo natural, inerente a um papel social a ser desempenhado.

Conforme a definição da autora SAFFIOTI (2007, p.79-138), "*a violência contra mulher é constituída das relações entre homens e mulheres, construídas e fundadas historicamente na ordem patriarcal*" e ocorre, em sua maioria, no âmbito doméstico e dentro das relações afetivas.

¹ Este texto é fruto da dissertação de mestrado intitulada *Uma Realidade em Preto e Branco: as mulheres vítimas de violência*, defendida na Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A violência doméstica contra mulher² se tornou um grave problema de saúde pública e social, que persiste em pleno século XXI e merece total atenção, visto que apresenta uma frequência elevada, acarretando graves consequências para a vítima, família, comunidade e para a economia do país, no que tange aos gastos com serviços de saúde e com assistência social.

Para se ter uma idéia da expansão dessa realidade, na América Latina a violência doméstica contra a mulher incide sobre 25% a 50% das mulheres, e os custos com a violência doméstica são da ordem de 168 bilhões de dólares³.

No Brasil, a cada 15 segundos uma mulher é violentada (PESQUISA PERSEU ABRAMO, 2001). Dos crimes contra a mulher, 70% acontecem dentro de casa e o agressor é o próprio marido ou companheiro, e ainda 40% das violências resultam em lesões corporais graves, impactando diretamente na economia do país com gastos na saúde em geral e da mulher, polícia, Poder Judiciário e órgãos de atenção e apoio à mulher que estão espalhados em todo o território brasileiro.

No interior do estado de São Paulo, em específico na cidade de Campinas, uma metrópole com cerca um milhão de habitantes, os índices de violência contra mulher estão em elevação. Segundo os dados da Delegacia de Defesa da Mulher - DDM, em 2008 foram registradas 4.162 ocorrências de violência contra mulheres, contra 6.173 em 2009. Isso significa um aumento de 48% de ocorrências registradas através de Boletins de Ocorrência na DDM.

² Em razão da variedade de nomeações relacionadas à violência contra a mulher, neste estudo será adotada a expressão "violência doméstica contra a mulher", tomando como elemento que a caracterize, as dimensões física, psicológica e sexual perpetrada pelo parceiro íntimo, na forma de cônjuge e ex-cônjuge, dentro das relações de afeto, ocorridos no ambiente doméstico. Heise (1995) considera que os resultados de estimativas de violência são, muitas vezes, de difícil comparação, em função, principalmente, da variedade de nomeações atribuídas à violência contra a mulher.

³ Pesquisa realizada pela data SUS e publicado pela Conferência Nacional de Saúde On Line, intitulado: A violência contra a mulher é também uma questão de saúde pública;

A partir desses dados, podemos observar o quanto a violência é uma questão que ocorre independentemente do desenvolvido econômico ou social de uma nação, estado ou município.

A violência presente nas relações de gênero é um sério problema de saúde para as mulheres em todo o mundo. Para se ter como exemplo, a violência doméstica e o estupro são considerados a sexta causa de anos de vida perdidos por morte ou incapacidade física em mulheres de 15 a 44 anos — mais que todos os tipos de câncer, acidentes de trânsito e guerras. Assim, o reflexo desse problema é nitidamente percebido no âmbito dos serviços de saúde, seja pelos custos que representam, seja pela complexidade do atendimento que demanda (HEISE, 1995).

Trata-se de números que alarmam, chocam, ocasionando dor e sofrimento à vítima e à sociedade. Todavia, esse pode ser um grito de socorro positivo, que mobilize planejamento e ações, oriundos das organizações públicas e privadas (ONG, OSCIP, movimentos sociais) na busca de soluções viáveis para sanar os problemas decorrentes desta situação. Sem dúvida, exige ações em conjunto e condizentes com a realidade, voltadas tanto para a prevenção quanto para a atenção, com objetivo único da coibição e erradicação da violência.

Para tanto, o combate à violência contra a mulher começou a ter visibilidade por meio das manifestações e reivindicações do movimento feminista, iniciado na década de 70. As militantes se organizaram e criaram os SOS, tendo como objetivo oferecer à vítima-mulher um espaço de proteção, orientação e reflexão acerca da violência. Em 1986, foi criada a Delegacias de Defesa das Mulheres – DDM, fruto dessas reivindicações, que possibilitou a garantia dos direitos das mulheres e a criminalização da violência. As DDMs se espalharam por todo o território brasileiro, se consolidando como uma das principais políticas públicas no combate à violência contra a mulher.

Paralelamente, o movimento de mulheres foi adentrando no território político e conquistando espaços importantes que repercutiram na inclusão do debate, na agenda pública, sobre as principais demandas das mulheres, bem como a necessidade de uma instância em nível estatal responsável para atendê-las.

Nesse passo, em 2003 foi implantada a Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres com o objetivo de propor, coordenar e executar

políticas públicas para mulheres que contemplem a equidade de gênero. Foram criados, também, os Conselhos dos Direitos da Mulher em nível nacional, estadual e municipal.

Em 2006, a justiça reconhece como crime a violência doméstica contra mulher, com a promulgação da Lei 11.340/ 2006, conhecida como Lei Maria da Penha. Posteriormente, foram criados os abrigos especializados para acolher e proteger as vítimas em situações de risco de morte, junto com seus filhos.

Concomitante a tudo isso, os SOS foram adquirindo experiências, e os serviços públicos reconhecendo a importância do atendimento às vítimas. Esse movimento possibilitou a soma da experiência do privado com a responsabilidade do poder público, formando os serviços de atenção à mulher vítima de violência.

O presente estudo busca discutir e compreender a repercussão das ações desenvolvidas nos serviços de atenção ONG SOS Ação Mulher e Família e no Centro de Referência e Apoio à Mulher – CEAMO, da cidade de Campinas/SP, Brasil, na dinâmica de vida da mulher vítima de violência doméstica, sob o olhar das profissionais de ambas as instituições, que executa ações e intervenções diretamente com as vítimas de violência, tendo como objetivo único desenvolver e construir estratégias de proteção e rompimento do ciclo da violência.

A ONG⁴ SOS Ação Mulher e Família e o Centro de Referência e Apoio à Mulher – CEAMO, OG⁵, foram escolhidas para essa pesquisa, por se tratar de serem as únicas na cidade de Campinas que trabalham com mulheres e suas famílias, vítimas de violência, além de possuir equipes interdisciplinares e especialistas no que tange à especificidade das intervenções junto a esta população,

Cabe ressaltar que ONG SOS Ação Mulher e Família nasceu do movimento feminista, em 1980 e, desde então, forma profissionais, atua e presta serviços neste contexto. Já o Centro de Referência e Apoio à Mulher – CEAMO é uma resposta estatal às lutas, reivindicações e conquistas das mulheres e do movimento feminista, tendo sido

⁴ ONG-Organização Não Governamental, sem fins lucrativos e organizados pela sociedade civil;

⁵ OG – Órgão Governamental, público;

consolidado em 2002 através da Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social. Atualmente tornou-se referência em política pública específica para este segmento.

O SOS, assim como o CEAMO, por meio de suas equipes desenvolveram técnicas de intervenção que tentam acoplar todas as nuances da complexidade da violência, prestando acompanhamento sistemático às mulheres vítimas de violência doméstica, comportando a família como um todo, inclusive o agressor. Utilizando-se de estratégias pautadas no empoderamento da mulher, entendendo que a vítima tem a capacidade individual ou coletiva de utilizar os seus próprios recursos para atuar com responsabilidade no espaço público, influenciando também o seu meio, resgatando, assim, sua cidadania e autonomia, enquanto sujeita da sua vida.

Cabe ressaltar a importância desse estudo por revelar os desafios, as conquistas, as angústias enfrentada e o resultado do trabalho executado, como meio de aprimorar as técnicas e metodologias aplicadas, visando amenizar os impactos da violência na vida mulher e da sua família.

Para tanto, o presente estudo, utilizou-se da pesquisa qualitativa, por meio da técnica de grupo de reflexão; composto por três profissionais do CEAMO, sendo uma advogada, uma psicóloga e uma assistente social, e uma advogada do SOS. O grupo ocorreu na sede do CEAMO, com duração de duas horas, os relatos foram gravados e transcritos para análise, sendo este, devidamente autorizados pelas depoentes, através do termo de consentimento livre e esclarecido.

Contextualizando a violência contra a mulher como campo de atuação das profissionais dos serviços de atenção

Definir ou conceituar a questão da violência contra a mulher é como tecer uma colcha de retalhos que se intercalam e se complementam de acordo com a costura cultural que se faz. Essa tarefa não é muito simples de se realizar, pois é grande o risco de se reduzir sua complexidade e se ocultar seu aspecto multifacetado. Portanto, vamos

tramá-la com algumas definições, para uma melhor compreensão do tema.

O termo violência deriva do latim *violentia* (comportamento ou conjunto que deriva de *vis*, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa ou ente. Conforme Moreira (apud TAVARES, 2008, p.38), corresponde ao *"caráter violento ou bravo, força, com ímpeto, furioso"*. A noção de violência, segundo o referido autor, surge como: *"a idéia de uma força, de uma potência natural, cujo exercício contra alguma coisa ou contra alguém torna o caráter violento"*.

A violência é uma questão ampla, que abarca desde comportamento e ações humanas, até questões de desigualdades sociais, étnicas, de gênero, classe, raça.

De acordo com Ristum e Bastos (2004, apud, LUZ, 2009, p.48), *"é difícil abarcar a violência como um todo, devido a sua complexidade social, dificultando uma formulação consensual e ocultando formas de agressões"*.

Heise (1995) destaca que se torna necessário deixar de considerar como violência exclusivamente atos de criminalidade. Essa única visão naturaliza as outras formas de violência, que estão diluídas no cotidiano, às quais a população já se acostumou.

A violência aparece como algo corriqueiro, típico do cotidiano das pessoas, que seja a violência na cidade, quer seja a violência no campo: homicídios, chacinas, ocupações violentas de terra, dizimação de índios, morte perinatal, estupros, acidentes de trânsito, assaltos, roubos a banco, seqüestros, vitimização de mulheres e crianças, violência policial, extorsão, tráfico de drogas, linchamento, tráfico de crianças e uma violência que não ganha visibilidade pelas marcas que deixa no corpo, mas que se expressa no conjunto das relações sociais e na vida cotidiana (BAIERL, 2004, p.52).

Faleiros (1998, apud TAVARES, 2008) ressalta que a naturalização das formas de conflitos torna-se o fundamento para a existência da sociedade, e do ser humano em sociedade, não só pela divergência de interesses e pela diferença de situações, mas também pela posição ocupada nela. O autor complementa:

(...) a não aceitação do conflito e dos mecanismos para enfrentá-los provoca a violência, pois o conflito assume uma feição direta sem mediação e passa a ter como solução a força física, a porrada, a tendência

a eliminar o outro na expectativa da eliminação do conflito. A violência é a substituição da aceitação do conflito pela negação do outro (FALEIROS, 1998, apud TAVARES, 2008, p. 43).

Quando o conflito ganha o espaço das relações sociais e afetivas, seus conceitos são voltados para a dor e o sofrimento, provocado por um agente.

Para Saffiotti, *"trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima; integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral"* (2007, p.17).

"Violência pressupõe opressão. Pressupõe, portanto, conflito de interesses entre opressores e oprimidos. Relações sociais hierárquica de dominância e subalternidade" (AZEVEDO, 1985, p.37).

Violência, segundo Teles e Melo, *"quer dizer o uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não esteja com vontade"* (2002, p.15).

As três autoras destacam em seus conceitos que a violência é um agente causador de dor a outrem, como forma de submeter alguém à sua vontade, ao seu domínio, impedindo-o de reagir e realizar seus desejos e vontades. Destaque-se o entendimento de dor em sentido amplo, englobando-se todas as formas de se deixar marcas no plano físico, sexual, psicológico e espiritual.

A violência de gênero decorre dessa submissão construída e imposta pela ordem social de gênero. Para Saffiotti e Almeida (1995), a violência de gênero apresenta algumas características, dentre as quais se destacam especialmente o objetivo de preservar a organização social de gênero, que se funda na hierarquia e na desigualdade dos lugares sociais atribuídos devido ao sexo, subalternizando o gênero feminino. Ainda, a capacidade de ampliar-se e atualizar-se na mesma proporção em que o poder e a dominação masculina são ameaçados.

A violência de gênero não ocorre por acaso, mas deriva da organização social de gênero, ou seja, da construção histórica e desigual das relações entre homens e mulheres, impregnada e reproduzida em nossa sociedade, destacando-se o homem como macho dominante, e detentor do poder sobre a mulher.

Pode-se considerar violência de Gênero não só a violência cometida contra as mulheres, mas toda forma de conservação das identidades arbitrariamente atribuídas a homens e mulheres, independente de sua identidade sexual e de gênero. Portanto, sujeitar os homens a reproduzir os papéis de dominação, autoritarismo e violência contra a mulher também se caracteriza como violência de Gênero. Durante toda a vida do homem, lhe são apresentados questionamentos acerca de seu comportamento sexual, exigindo-lhe posturas agressivas, determinadas, dominadoras. Acreditar que todo homem oprime e que toda mulher é oprimida, é a regra num discurso amplamente difundido e reproduzido (SCHREINER, 2008, p.30)

Como a autora reafirma, os papéis determinados pela sociedade são construídos para a manutenção da relação desigual entre homens e mulheres, não excluindo o homem, mas no entendimento de que ser humano masculino é produto da construção social das diferenças de gênero.

Bourdieu (2002, p.44-54) contribui para essa visão, porque denomina "*violência simbólica*" a internalização (inconsciente) do discurso do dominador pelo dominado, que o faz cúmplice de sua própria dominação, sendo esta uma forma sutil de coação que se apóia, geralmente, em crenças e preconceitos coletivos. A violência simbólica se engendra na fabricação e reprodução contínua de crenças no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se enxergar e a avaliar o mundo seguindo critérios e padrões do discurso dominante. Assim, o termo "*violência simbólica*" está sendo aqui utilizado como toda forma de violência oculta e construída, que se utiliza de padrões ou normas morais para produzir crenças e verdades que levam a vítima a ver o mundo sob o prisma do seu agressor.

Como sabemos, as mulheres são as grandes vítimas da violência de gênero, fato esse que ocorre em sua maioria no espaço privado, conhecido como doméstico, familiar – lar, local privilegiado pra o exercício de atos violentos como forma de manter a relação hierárquica de poder e dominação.

Rigorosamente, o espaço privado do domicílio só apresenta esta qualidade para o homem, cujo poder frente à mulher lhe permite impor sua vontade. (...) A sacralidade da família impede que as mulheres sejam educadas para temerem seus próprios parentes masculinos. Assim, embora a mulher não esteja imune à violência praticada nos espaços públicos, está permanentemente exposta à violência doméstica, oferecendo a esta quase dois terços de suas vítimas. (SAFFIOTI, 1994, p. 453).

Podemos perceber que os atos violentos contra a mulher podem ocorrer tanto dentro do espaço "sagrado da família" como fora dele, por pessoas sem laços de afetividade ou consanguinidade, sendo muitas vezes praticados por pessoas desconhecidas.

A justificativa para tais atos estaria somente no fato do ser humano ser mulher, que ocupa um espaço inferior na sociedade e nas relações de poder, portanto, um ser que deve obediência ao homem o qualquer custo. Teles e Melo compreende:

A própria expressão 'violência contra a mulher' foi concebida por ser praticada contra pessoa do sexo feminino, apenas simplesmente pela sua condição de mulher. Essa expressão significa a intimidação da mulher pelo homem, que desempenha o papel de agressor, seu dominador e seu disciplinador (2002, p.19).

Vários fatores podem ser ressaltados como propiciadores da violência conjugal. Estes seriam de ordem estrutural, ideológica, institucional e pedagógica. Os fatores estruturais são aqueles que evidenciam que as mulheres ocupam um lugar de inferioridade e dependência em todas as esferas sociais. *"Logo, quando se trata entre apanhar ou garantir a subsistência pessoal e da prole, torna-se mais seguro continuar apanhando"* (BRAGHINI, 2000, p.23). Os fatores ideológicos são os meios de se legitimar o padrão de dominação do homem sobre a mulher através do machismo, que consiste em um sistema de crenças, valores, verdades, e que se origina na relação entre homens e mulheres, podendo garantir a supremacia masculina. *"O machismo é uma ideologia introjetada por homens e mulheres e, assim como o feminismo, engendra-se a partir de uma multiplicidade de fatores: um complexo quadro psicossocial, político, econômico e cultural"* (BRAGHINI, 2000, p.23). Os fatores institucionais autorizam a preservação do patriarcado, legitimando a desigualdade de poder entre homens e mulheres, tornando o espaço doméstico um lugar privilegiado para o exercício da violência, onde os conflitos são resolvidos por dominação, seja esta psicológica, sexual ou física. Enfim, os fatores pedagógicos perversos da educação diferenciada, entendida pela autora como *"fabricação de machos e fêmeas"*, ou seja, um processo que se desenvolve tanto na educação formal – escola - como na informal -

famílias, igrejas, instituições, meios de comunicação entre outros - que propagem o aprendizado dos papéis sexuais.

Como destaca Azevedo (1985, p.73-79), a violência doméstica parte do princípio e da fundamentação dos papéis sexuais, que são construídos historicamente e legitimados pela cultura patriarcal. Estes determinam o poder ao homem e o empodera a cometer atos violentos no âmbito físico - espancamentos, socos, pontapés, empurrões; psicológico - terror, aprisionamento através da ameaça, gerando medo e desespero; sexual - estupro, relações sob coação, abuso. Sua manifestação decorre de atos que geram marcas visíveis e invisíveis, muitas sem cura ou remédio.

Como sabemos, as mulheres avançaram em seu conhecimento e na sua autonomia, lutando por reconhecimento e, assim, denunciando a violência sofrida. Conquistando direitos e principalmente atendimentos especializados que resgatam e as empodera-as para rompimento do ciclo da violência, sendo este, executados por profissionais – majoritariamente mulher, que compõe a rede de atenção às vítimas de violência, aprimorando e construindo técnicas de intervenção que potencializa e legitima o poder da mulher em assumir a autoria da sua história de vida.

O papel das profissionais e as técnicas de atendimento no atendimento a vítima de violência

As profissionais do SOS e do CEAMO que compõe as equipes de atenção à vítima de violência contra mulher de Campinas, delinearam os primeiros atendimentos prestados às usuárias pautados em dois pontos norteadores de ações posteriores.

O primeiro ponto é a percepção do estado físico e mental que a vítima se encontra. Essa investigação pauta-se na coerência e consistência do relato e no comportamento por ela apresentado.

Como na maior parte das mulheres que procuraram os serviços de atenção, a violência é oriunda da relação de afeto, o segundo ponto consiste na identificação da codependência da mulher em relação à submissão ao homem e permanência no relacionamento, considerando fatores emocionais e sociais.

Uma pessoa codependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir as suas *carências*; ela ou ele não pode sentir autoconfiança sem estar dedicado às necessidades dos outros. Um relacionamento codependente é aquele em que o indivíduo está ligado psicologicamente a um parceiro, cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade. Chamarei de relacionamento fixado aquele em que o próprio relacionamento é objeto do vício (GIDDENS, 1992, p.101).

Acredita-se que as mulheres que suportam a violência de seus parceiros por um longo tempo estabelecem essa relação viciosa. Para Giddens (1992, p.102), esse relacionamento fixado tem uma de suas causas a falsa impressão de segurança no parceiro, não sendo capaz de sentir-se segura fora dessa relação ou por si mesma. O autor complementa: *"Os relacionamentos fixados em geral presumem uma divisão de papéis"*.

Os fatores econômicos e sociais estão presentes nessa relação de codependência. O segundo ponto é crucial, pois a compreensão e identificação dessa situação requerem da profissional cuidados referentes à condução no atendimento e nos futuros.

Na maioria dos casos, a usuária tende a transferir a relação de dependência para a equipe, buscando um porto seguro pertinente aos direcionamentos existentes para sua situação tais como definições do seu lugar e, principalmente, tomadas de decisões, sem que tenha a preocupação e a responsabilidade nas soluções resultantes. É comum a vítima, ao se deparar com as diversas possibilidades para que escolha seu próprio modo a seguir, esperar pela solução externa, sem que tenha que tomar nenhuma decisão sobre a condução da sua vida.

Para compreender melhor a questão, recorremos a Vieira (1969, p.52) que define: *"todos os casos, em sua essência, têm características "internas" e "externas" e abrangem pessoas, situações e realidade objetiva, e o que significa esta realidade para quem experimenta"*. Vieira aponta caminhos a percorrer no atendimento a casos sociais:

(...) ajuda o indivíduo a examinar suas dificuldades, analisa com ele as possibilidades de removê-las, informa sobre os recursos materiais, legais,

jurídicos etc. e a maneira de utilizá-los; leva o cliente a escolher a solução e adotar os meios para executá-las (VIERA, 1969, p.52).⁶

Neste sentido, as duas equipes de atenção desenvolvem um trabalho de sensibilização para esclarecer que a função do atendimento é pautada na orientação e no direcionamento. Assim, a escuta qualificada possibilita apurar os recursos internos e externos de cada usuária para criar mecanismos de orientação que enfatizem pequenos detalhes, relatados e percebidos no decorrer do atendimento, como estratégia de fortalecimento e conscientização sobre a sua autonomia, enquanto sujeita da sua história e da sua vida.

Entende-se por autonomia ter liberdade, poder fazer suas próprias escolhas. Segundo o dicionário Aurélio *"A autonomia é a faculdade de se governar por si mesmo (...) é a condição pela qual o homem escolhe as leis que regem sua conduta com autodeterminação, liberdade, independência moral ou intelectual"*, sendo este um elemento primordial para a libertação do jugo da violência.

Para ter eficácia e promover mudanças concretas nas condições de violência, principalmente em casos graves – crônicos,⁷o vínculo entre profissional e usuária é essencial para a libertação da codependência e, consequentemente, das amarras da violência. Giddens explica: *"A decisão de agir envolve, em geral, a garantia da ajuda de outras pessoas externas ao próprio relacionamento viciado, pois este é um modo fundamental para vencer a distancia inicial e, também de apoio"* (1992, p.104). Podemos afirmar que os serviços de atenção funcionam como ponte

⁶ Por tratar-se de uma literatura com 46 anos, alguns termos foram substituídos, como "ajuda" e "cliente";

⁷ Casos considerados graves: Quando a mulher e sua família correm risco iminente de vida, sofreu ou sofre violências sexuais e físicas com ou sem lesão, tentativa de assassinato, ameaças de morte constantes, está presa ao controle psicológico do agressor, não tem rede de apoio (familiares, amigos e vizinhos), têm agravantes tanto por parte do agressor como da vítima (álcool, drogas, tráfico, antecedentes criminais e transtornos psiquiátricos) e, é reincidente;

Casos crônicos: Quando a mulher está há muito tempo exposta à violência, chegando ao ponto de naturalizar a violência sofrida - classificação elaborada pelo SOS e disponível em documentos na entidade.

(suporte) que empodera a mulher para que possa, assim, atravessar e conquistar sua autonomia e rescindir com o ciclo da violência.

Faz-se necessário destacar que o SOS e CEAMO executam e entendem o empoderamento como ferramenta e intervenção que proporciona a transformação na relação e na vida da mulher vítima de violência.

Empoderamento é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir (COSTA, 2008).

O conceito de empoderamento – Empowerment surgiu com os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos na década de setenta. Segundo Costa (2008), o termo foi incorporado pelo movimento de mulheres na mesma época, compreendendo o empoderamento como meio de *"alteração radical dos processos e estruturas que reduzem a posição de subordinada das mulheres como gênero. As mulheres tornam-se empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais"*, proporcionando, assim, sua libertação.

O conceito tomou proporções internacionais com o movimento feminista, sendo emitidos documentos sobre as discussões acerca do empoderamento como; III Conferência sobre a Mulher na ONU, realizada em Nairobi, em 1985, IV Conferência Mundial das Mulheres realizada em Beijing (1995), Conferência Mundial de Pequim realizada em 2005, no mesmo ano, Fórum Econômico Mundial (FEM), comprometido com a melhoria das condições do mundo, elaborou o documento "Empoderamento das Mulheres - Avaliação das Disparidades Globais de Gênero" (FEM, 2005, apud LISBOA, 2008), definindo cinco dimensões importantes para o empoderamento e oportunidade das mulheres: 1- Participação Econômica; diz respeito à presença das mulheres no mercado de trabalho em termos quantitativos e igualdade de salários entre homens e mulheres; 2- Oportunidade Econômica; qualidade do envolvimento econômico, Lisboa complementa:

(...) Internacionalmente, as mulheres estão concentradas, na maioria dos casos em profissões consideradas "femininas" como enfermagem, serviço social, magistério, cuidado de idosos e enfermos - e tendem a permanecer

nas categorias trabalhistas inferiores às dos homens: faxineiras, domésticas, serviços de limpeza e outros, coberto); trabalhadoras profissionais e técnicas (em relação ao percentual total) das empoderamento político; conquistas educacionais; saúde e bem-estar (FEM, 2005, apud LISBOA, 2008).

3- Empoderamento Político - diz respeito à representação equitativa de mulheres em estruturas de tomada de decisão, tanto formais quanto informais, e também ao seu direito à voz na formulação de políticas que afetam a sociedade na qual estão inseridas; 4- Conquistas Educacionais - é o requisito fundamental para o empoderamento das mulheres em todas as esferas da sociedade; 5- Saúde e Bem-Estar.

Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é precondição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero; significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações (LISBOA, 2008).

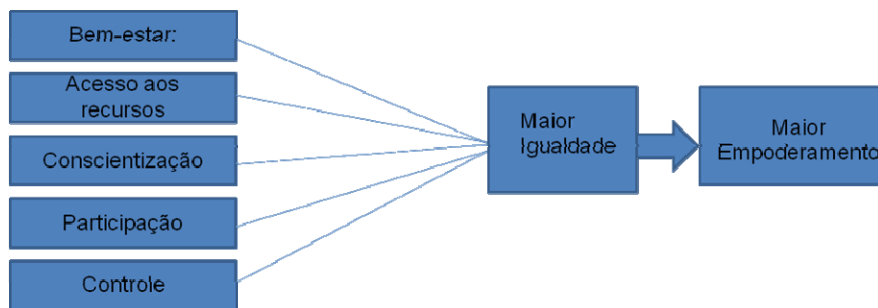
Retomando, as profissionais do SOS e do CEAMO compreendem que para se empoderarem, as mulheres devem melhorar a autopercepção que têm sobre si mesmas, acreditar que são capazes de mudar suas crenças em relação à submissão, e despertar para os seus direitos. Para isso, o oferecimento de orientações e encaminhamentos pontuais não é suficiente, sendo necessária a intervenção contínua em todos os níveis - cultural, social e familiar.

Também é utilizado o acompanhamento sistemático, como já visto. Essa técnica é pautada nos atendimentos contínuos, sendo realizada sempre por duplas de profissionais de disciplinas diferentes. Com isso são construídos, em conjunto com a mulher, planos de ação embasados nos parâmetros do empoderamento de Stromquist (apud, COSTA, 2008)⁸, que são:

⁸ Apud: Ana Alice Costa: Gênero, poder e empoderamento das mulheres. Disponível: http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf

- Construção de uma auto-imagem e confiança positiva;
- Desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente;
- Construção da coesão de grupo;
- Promoção da tomada de decisões;
- Ação.

Esse processo de avanço da mulher se dá através de cinco níveis de igualdade⁹:



Ainda segundo esta autora, uma perfeita definição de empoderamento deve incluir os componentes cognitivos, psicológicos, políticos e econômicos.

O componente cognitivo refere-se à compreensão que as mulheres têm da sua subordinação, assim como com as causas desta em níveis micro e macro da sociedade; envolve a compreensão de ser e a necessidade de fazer escolhas, mesmo que possam ir de encontro às expectativas culturais e sociais.

O componente psicológico inclui o desenvolvimento de sentimentos que a mulher pode por em prática a nível pessoal e social para melhoria de sua condição, assim como a ênfase na crença de que pode ter êxito nos seus esforços por mudanças: autoconfiança e autoestima são fundamentais.

O componente político supõe analisar o meio em termos políticos e sociais.

⁹ A figura foi adaptada da autora Costa (2008).

O componente econômico supõe a independência econômica das mulheres.

Esses componentes são trabalhados pelas profissionais das instituições em dois níveis, individual e grupal.

Em nível individual, transcorrem nos atendimentos com aplicação de instrumentais¹⁰ como, por exemplo, anamnese, composta por história de vida pessoal, do agressor, intergeracional e relacionamentos anteriores. Este instrumental é utilizado com intuito de identificar padrões de repetição e, paralelamente, fortalecê-la através de apontamentos que foram positivos na sua trajetória de vida, e assim reforçar sua capacidade de superar e romper com a violência.

Em nível grupal, são abordadas questões sobre a cultura patriarcal, seus padrões de submissão, controle e machismo; com esses grupos educativos as mulheres se encontram e percebem que seus problemas não são privados, e suas formas de educação aprendidas estão enraizadas na propagação da cultura patriarcal. Essa reflexão tem como objetivo desconstruir estereótipos de comportamento e sucessivamente propagar a possibilidade de mudança através de ações educativas.

O componente econômico é trabalhado no SOS com oferecimento de cursos de capacitação e geração de renda. No CEAMO, ocorre através de parcerias com instituições que ofereçam o serviço.

Cabe ressaltar que as ações e intervenções descritas foram construídas e aprimoradas a partir do diálogo direto com as mulheres vítimas de violência, transformando-as em protagonistas de suas próprias histórias de vida, com melhores condições emocionais, econômicas e sociais.

A repercussão das intervenções e a relação com tempo

As muitas facetas da violência doméstica e o contraste entre o tempo da urgência a necessidade da vítima são obstáculos e desafios para

¹⁰ Os instrumentais foram e são elaborados por cada equipe, ou seja, o SOS tem o seu roteiro assim como o CEAMO, esses dados foram colhidos a partir da comparação do em comum contido.

os profissionais dos serviços de atenção que ocupam, nessa trama, o papel de coadjuvantes, sendo as mulheres protagonistas e autoras de sua história de vida.

Aceitar esse papel secundário significa abdicar do tempo cronológico e passar a trabalhar com o ritmo interno de cada usuária, aprendendo a controlar a ansiedade e o desejo de resolver as questões, advindas dos atendimentos, de acordo com seus valores, estratégias ou verdades pessoais. Também, é importante que se passe a compreender que a violência é fruto da cultura patriarcal machista; dessa forma, é certo que não será combatida isoladamente por meio de políticas, serviços, técnicas, entre outros, mas pela incorporação da força do empoderamento da mulher, diante da sua capacidade interna de libertar-se do ciclo da violência e transformar sua vida, através de estratégias e caminhos traçados em conjuntos.

(...) a gente precisa aprender a lidar com a nossa ansiedade, é muito importante, porque no começo, quando eu comecei a trabalhar aqui, eu me sentia mais ansiosa no sentido de achar que eu tinha que encaminhar, tinha que fazer e nada dava certo: os encaminhamentos que eu dava, nada, todo mundo que entra nesse trabalho acha que vai resolver. A gente achava que encaminhando para falar com a advogada, para ela fazer a separação ia resolver, mas aí a mulher não vinha, aí você ligava no dia seguinte ela dizia: não fui na advogada porque tive dor de barriga, dor de cabeça, porque tinha outras prioridades - as prioridades delas são outras, não são as nossas (E-1).

A depoente demonstra a insegurança no início de entender as tramas da violência e as linhas de costura que se entrelaçam na colcha da cultura machista, que aprisiona e destrói o equilíbrio saudável da vida. O tempo da urgência da situação, o tempo da profissional e o tempo de resposta de maturação da vítima, apresenta-se descompassado, reforçando assim, a impregnação dos papéis de gênero em nossas vidas. Esse relato elucida a necessidade de revelar a todos independentemente de classe social, as tramas culturais, para assim, romper as linhas perversas e construir novas possibilidades de compasso entre os tempos, ressaltando o direito a igualdade.

O impasse entre o tempo e a complexidade da atuação em casos de violência, apresenta-se como um mau que precisa ser equilibrado.

(...) essa onda de esperar a vontade da mulher é muito angustiante. Dá aquela sensação de estar acumulando muita coisa, porque eu acho que essa sensação dos casos muito pesada, deixam a gente assim, meio exaurida, consome muita energia. (E-2)

Às vezes o atendimento é tão angustiante, tão forte, que você não consegue fazer o relatório, tem que se distanciar daquela história, para depois você escrever, porque se não, é muita coisa. Às vezes te que demorar uns dois dias para respirar, é bem estressante. (E-1)

A complexidade em se trabalhar com as questões da violência interfere na vida pessoal das profissionais, sendo necessário que parem as atividades para maturar e separar as histórias, gerando o sentimento de impotência e frustração. A falta de concretização do resultado do trabalho executado e a espera do tempo de ação de cada usuária contribuem para que esses sentimentos ganhem força entre as profissionais dos atendimentos.

(...) às vezes a gente nem vê que ela rompeu ciclo da violência, a gente não fica sabendo, a não ser quando ela voltar para contar. Não é como o engenheiro que vai lá, projeta o prédio e ele vai ver pronto, ufa, acabei, olha aqui o resultado do meu trabalho. (E-4)

(...) isso que é interessante, nosso atendimento é de apoio, de conscientização, mas a ação depende exclusivamente dela, isso é angustiante. (E-2)

As profissionais perceberam que suas ações têm resultados, embora, não seja, no tempo da necessidade técnica, mas no tempo e na estratégia da usuária, essa percepção trás a luz as amarras da cultura ficando claro o seu desfecho, enquanto intervenção.

Agora mesmo eu acabei de atender uma pessoa, que eu atendi há muito tempo atrás, ela nunca cogitou a possibilidade de romper o casamento dela, assim ela ficou uns dois anos sem vir aqui no CEAMO. Fazia dois anos que eu não a via, hoje ela veio e disse que se separou dele, mas assim, faz dois anos que eu não atendo ela. Não sei o que de repente aconteceu com toda aquela situação. Eu acompanhei ela uns três anos no atendimento. Ele veio, o autor de violência, ele quis vir, eu como profissional via claramente que tinha que haver uma separação, mas assim, que sou eu para dizer e fazer isso, né? Chegou o tempo dela e aí ela realmente fez o seu tempo, hoje ela veio pra contar que se separou, o que será que rolou? Às vezes, no trabalho, você não vê o resultado imediato, nem naquele momento que você está acompanhando. Não é a primeira vez que aconteceu isso, já teve

outras mulheres que aconteceu uma situação parecida. Quando ela resolveu se separar, ela disse que ficou com vergonha inclusive de procurar o serviço, porque como ela foi e voltou, foi e voltou, inclusive chegou ir à audiência litigiosa, chegou lá perante o juiz e não confirmou. Ela ficou com vergonha de voltar no serviço, aí, quando ela resolveu se separar de novo, ela disse: eu já sabia o caminho, não precisava mais vir no CEAMO para procurar nada, porque eu já sabia aonde eu tinha que ir. Então, ela veio um dia só para contar que ela tinha se separado, mas assim, ela já tinha deixado de vir no serviço há uns dois anos. Esperei dois anos para saber que deu certo, dois anos. (E-1)

A importância do vínculo entre técnica e usuária, ultrapassou o comprometimento da mulher em voltar no serviço para contar que se libertou do ciclo da violência. Outra coisa que chama atenção no depoimento é que durante o atendimento o desejo da vítima não era a separação; com o término do acompanhamento e com passar do tempo, as informações e as orientações obtidas ganharam consistência e, na hora que decidiu romper com enlace, foram utilizadas com eficácia. Esse caso demonstra o impacto positivo do trabalho prestado pelo serviço na dinâmica de vida da mulher vítima de violência.

A metodologia do empoderamento, aplicada pelas técnicas de ambas as instituições – SOS e CEAMO apresentam-se nos relatos das entrevistadas como uma estratégia com resultados positivos para o rompimento com o ciclo da violência, mesmo com impasse do tempo de resposta da usuária e da urgência.

Eu acho assim, a mesma característica que é fantástica, também é muito ingrata, nesse tipo de atendimento, que é exatamente você pegar a pessoa que não sabe decidir e ao invés de tomar a decisão por ela, você dá a base para que ela encontre a própria decisão. Isso é fantástico no atendimento, mas é muito ingrato, porque a gente espera, ela não vai tomar a decisão, o que a gente vai fazer? Não é a nossa vida, é a vida dela, então, ao mesmo tempo em que eu acho legal isso no atendimento, eu acho massacrante para quem atende. (E-2)

Na verdade, tanto o conhecimento do caminho para a libertação do jugo quanto a necessidade de respeitar a decisão contrária da mulher levam ao desgaste emocional do profissional. Entretanto (...) *só ela sabe o que se passa com ela, ela está vivendo aquele contexto. Outra coisa que eu acho joia é que ela não é engessada a tomar uma única decisão, elas pensam em outras saídas.* (E-2).

Ao mesmo tempo em que as entrevistadas expõem suas angústias, relatam a importância do conhecimento das facetas da violência.

(...) eu também acho que a gente, conhecendo o ciclo da violência, dá para a gente entender um pouco da dificuldade da mulher em romper essa relação, como ela está dentro daquela relação afetiva, ora está bom, ora fica ruim, ela fica confusa, uma confusão mental mesmo. Nesse sentido, que decisão eu vou tomar, o que será que eu faço (...)? Entendendo o ciclo da violência, a gente sabe a dificuldade da mulher nessa relação, ela não sabe que rumo tomar, aí ela vai no serviço, e aí ela sabe que você vai falar para ela separar, então ela nem vem, para não ouvir você falar, "senão eu vou falar para a doutora que não quero mais me separar, e a vergonha, aí ela vai achar que eu gosto de apanhar". A gente sabe disso e por isso respeita a opinião dela, mas ela não sabe até chegar aqui. (E-1)

Todas as entrevistadas apontaram a resolutividade de seu trabalho e a repercussão positiva na dinâmica de vida das mulheres atendidas.

(...) a mulher chega (no serviço) numa sala escura, ela não está enxergando nada, o que você faz, abre um monte de janelas, mas não tira ela da sala, ela continua no mesmo lugar. Agora você fala: você vai sair daí como você quiser, pela porta, pelo buraco ou pela janela, a estratégia é sua, se ela quiser ela fica lá, mas agora ela enxergou saídas, ela fica lá se ela quiser. (E-4)

É assim, ela consegue, às vezes ele não toma providência nenhuma, mas a postura dela muda e a situação também porque é isso que faz a mudança, não é a polícia, o BO ou a prisão. É a postura da mulher no contexto da violência, quando ela conhece, é uma vitória, você percebe o entendimento que ela faz da situação. Nós temos esse papel de mostrar esse entendimento. (E-3)

Temos vários casos de sucesso que poderiam ser um grande fracasso, se a gente tivesse imposto nossa vontade. Mas como a gente não impõe, mas mostra o caminho e ela escolhe, é bem interessante, ela consegue sair do ciclo. (E-2)

Isso tem que ver como recurso, mas a mulher é que tem que ver nela os recursos internos dela para poder acionar, nós só falamos para ela que ela pode, só fortalece. (E-1)

Cabe ressaltar que o trabalho junto às vítimas efetivado pelos serviços de atenção apresenta resultados positivos, entretanto, os resultados esperados não são passíveis de mensuração numérica ou

cronologicamente temporal. A mudança de postura dessa mulher é constatada na repercussão causada na dinâmica de vida, mesmo sendo aprimorada e gerida por anos.

A violência não é uma coisa estanque, não é somente alguma coisa que a gente ajuda a transformar, lá fora ela vai ter o mesmo ambiente, porque é cultural; socialmente, é uma questão de gêneros. Eu vejo nosso trabalho como um trabalho de formiguinha, como se fôssemos semeando pequenas sementinhas, mas se a transformação total da sociedade não acontecer, não vai acabar, iremos continuar semeando e colhendo os frutos da primeira semeadura. (E-2)

Observa-se nos depoimentos que a mudança de comportamento perpassa pela igualdade dos gêneros, difundida pela educação, de tal modo que a sociedade entenda seus papéis sexuais como meio de estabelecer a convivência saudável e evoluir para a cultura de paz. Todas as entrevistadas colocaram-se nesse papel de promotoras dessa possível evolução cultural.

Eu me sinto assim uma contribuinte da construção de uma cultura diferente, é só nessa situação que eu consigo me colocar no lugar da mulher em situação de violência, contribuindo para essa construção que não vai estar pronta no primeiro atendimento, que não vai estar pronta no atendimento sistemático, mas tem uma contribuição. Desse lugar eu fico bastante confortável, porque se eu entrar no lugar da violência de gênero eu vou ficar muito desconfortável, e não vou conseguir contribuir. Então, é um momento muito feliz que a gente está podendo falar sobre isso com a mulher, e para a mulher que está vindo buscar. Eu acho um momento feliz ela conseguir chegar aqui, antes ela não tinha esse lugar, ela não tinha esse recurso e nem nós tínhamos essa possibilidade de falar sobre isso que estamos tendo, então eu fico feliz de poder estar fazendo isso, é a minha contribuição. (E-3)

(...) eu acho assim, a minha parte estou contribuindo para melhorar, através dos atendimentos, até porque é um desafio a gente pensar na violência contra a mulher. Eu acho impressionante como ainda existe uma carga cultural muito grande, até para as mulheres saírem e saber que tem direito de vir ao atendimento que ela precisa, que existe a possibilidade dela sair dessa situação, às vezes, mas eu contribuo com essa possibilidade. (E-1)

(...) sabe, a intervenção hoje não vai ser a mesma amanhã, a realidade é mutante, e eu contribuo para essa mutação (E-4).

Estava aqui pensando que nosso trabalho é quase messiânico, como os cristãos acreditam que precisam falar no nome de Jesus e que todos precisam saber Dele para poder chegar ao próprio discernimento, e nesse sentido que eu acho bem messiânico. A gente vai fazendo esse trabalho com poucas gentes, mas são as que chegam contando sobre o mundo igualitário é que existe essa possibilidade, eu me sinto bem nesse papel de contribuinte. (E-2)

Embora tivéssemos encontrado muitos desafios expostos pelas participantes, sofrimentos com a violência institucional e o desgaste emocional, ocasionado pelo tempo da urgência cronológica e o tempo de amadurecimento da mulher, nenhum desses impasses foi capaz de destruir a esperança de acreditar em um mundo novo, onde todos podem viver em paz e harmonia.

A transferência da análise individual – privado para o público - sociedade, possibilitou as depoentes um encontro com a realidade em transformação, sendo construída e composta por cada uma delas. Esse é um saldo positivo do trabalho que está sendo executado nos serviços de atenção de Campinas.

Considerações finais

Podemos concluir que o desafio está em aprender a equilibrar os tempos, para assim entender que as amarras são entrelaçadas com fio cultural, portanto, passível de ser desfeita e reconstruída. Para isso, as profissionais necessitam de cuidados, que perpassa a rotina de trabalho, elevando-as para um patamar de separação entre o que é possível de ser feito e orientado e o que depende do tempo do outro resolver. Entretanto, os trabalhos executados pelas técnicas são capazes de gerar mudanças concretas, visíveis e invisíveis na vida das vítimas, alçando vôo mais longe, com pequenas mudanças na cultura patriarcal e machista. Essa colcha de retalhos pretos, constituídos de dor e sofrimento causados pela violência, torna-se colorida a partir da compreensão que todos somos autores da nossa vida e costuramos com a linha da esperança de mundo harmonioso e igualitário sem violência.

Para elucidar esse papel uma participante da pesquisa, escreveu um poema sobre o atendimento e seus sentimentos diante do sofrimento e do acalento ofertado.

Acolhimento

Vem, me dá tua mão. Aceita meu colo, isso, podes encostar a cabeça em meu ombro... um abraço forte pode ajudar a te confortar. Ofereço meu consolo. Tens que seguir sozinha pelo caminho que escolhas... mas posso te servir de companhia, quando tua boca estiver seca de sede, ou teus olhos pedirem para dormir... Não deixo de sentir tua dor, mas a intenção é que eu te seja um bom apoio. Recorda de mim nas horas mais difíceis, mas não deixes de comemorar comigo teus bons momentos, também. E fala de ti. Aqui estou para ouvir-te. Também te oriento os caminhos que tens a seguir... de modo algum sou a dona de tua escolha. Não julgo nenhum de teus atos. Te respeito como ser humano, como forte mulher. Em nossos encontros, importa a tua vida. Teus erros, teus acertos, tua ânsia por viver. Minha própria vida vivo eu mesma, lá fora. Aqui, tu és o centro de toda a atenção. Assim como minhas palavras te seguem, tenha certeza que as tuas me seguirão. E tu me enriquecerás mais que eu a mim mesma, visto que em tua dor compartilho teu crescimento. Sê forte. Aperta-te em tua coragem. Em ti confio, pois tua vontade é de crescer. Nesse acolhimento, me disponho a te suportar, até que andes por tuas próprias pernas. Até que cresças, e te conheças vencedora. Vem, me dá tua mão. Aproveita a chance da escuta, fortaleça-te conhecendo a ti própria. E, em breve, voarás livre feito um sonho de flores em campo de sol. É um prazer poder te ouvir. (Octaviano, Lúcia Helena, 2011)

Referências

AZEVEDO, Maria Amélia de. **Mulheres Espancadas:** a violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1985.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo Social:** da violência visível ao invisível da violência. São Paulo: Cortez, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Tradução Maria Helena Kühner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGHINI, Lucélia. **Cenas Repetitivas de Violência Doméstica:** um impasse entre Eros e Tanatos. Campinas: UNICAMP, 2000.

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei 11.340/2006**, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acessado em: 10/10/2010

CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS DA MULHER E ASSESSORIA – CFMEA. **Dados sobre Violência Contra as Mulheres no Brasil e no Mundo**: 2007. Disponível: <http://www.cfmea.org.br/violencia/artigosetextos/detalhes.asp?IDTemasDados=38> Acesso em: 01/02/2010.

COSTA, ANA ALICE. (2008): **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf Acessado em: 01/02/2010.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Estratégias em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2001.

GIDDENS, ANTHONY. **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução: Magda Lopes. 4ªed. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1992. p. 95-110.

HEISE, Loire. Gender-based abuse: The global epidemic. **Cadernos de Saúde Pública**, nº 10: 1995. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v10s1/v10supl1a09.pdf Acessado em: 01/02/2010.

LISBOA, Teresa Kleba. O Empoderamento como Estratégia de Inclusão das Mulheres nas Políticas Sociais. **Anais do Seminário Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST11/Teresa_Kleba_Lisboa_11.pdf Acessado em: 10/01/2011.

LUZ, Nanci Stancki da. Violência Contra a Mulher: um desafio à concretização dos direitos humanos. In: CASAGRANDE, Lindamir Salette. (orgs). **Construindo a Igualdade na Diversidade**: gênero e sexualidade na escola. Curitiba: UTFPR, p. 47-70, 2009.

PESQUISA PERSEU ABRAMO. 2001. Disponível em: www.especiais.com.br/pesquisa_abramo.pdf. Acessado em: 02/02/2010.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 1ª reimpressão. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani; ALMEIDA, S. S. **Violência de Gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SCHREINER, Marilei Teresinha. **O Abuso Sexual numa Perspectiva de Gênero: o processo de responsabilização da menina**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2008.

TAVARES, Fabrício André. **Das Lágrimas à Esperança: o processo de fortalecimento das mulheres em situação de violência doméstica**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC RS, 2008.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é Violência Contra a Mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

VIEIRA, Balbina Ottoni. **Serviço Social: processos e técnicas**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

VOZES MORAIS E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO ENTRE SINDICALISTAS DOCENTES¹

Márcia Ondina Vieira Ferreira

Márcia Cristiane Völz Klumb

Problema e origem dos dados utilizados na análise

Neste texto, queremos revisitar temas que perseguimos há vários anos: *a maneira como o gênero se expressa na opção pela docência e no trabalho desenvolvido por docentes; e as representações de gênero elaboradas por mulheres e homens docentes*. Os sujeitos que vimos tomando como interlocutores são ou foram sindicalistas docentes, selecionados por serem considerados informantes-chave – pessoas que podem apresentar pontos de vista particulares sobre um fenômeno, sem constituir-se, necessariamente, em representantes (do ponto de vista estatístico) de uma população. Neste caso, pensamos que os mesmos podem oferecer contribuições particulares para as análises relativas ao trabalho do professorado, especialmente porque grande parte dos e das professoras que temos tomado por informantes continuaram atuando em sala de aula, sem afastar-se para a atividade sindical.

Trata-se de um breve ensaio que retoma ideias sobre gênero que, nos parece, ainda merecem mais discussão na literatura sobre o trabalho docente: o gênero interfere no trabalho docente e no trabalho pedagógico? O que significa "saber cuidar"? Por que, em geral, se atribui essa característica ao trabalho das mulheres docentes, e não ao trabalho dos homens? Essa suposta característica tem quais implicações, no que

¹ Este texto foi gerado a partir de pesquisa financiada pelo CNPq, por meio de auxílio financeiro e bolsa de iniciação científica. Agradecemos a várias pessoas que fizeram parte do Grupo de Pesquisas Processo de Trabalho Docente e que colaboraram para a realização desse estudo, bem como ao 24º Núcleo do CPERS/SINDICATO e às pessoas entrevistadas. Dedicamos o trabalho à memória de nossa amiga e colega de grupo, Profª Drª Carmen Lúcia Abadie Biasoli.

tange à valorização do trabalho ou ao desempenho profissional específico? Em que medida as representações de gênero de docentes homens e mulheres intervêm no estabelecimento de parâmetros de gênero para julgar seu próprio trabalho?

Frente ao impacto da reflexão necessária, não pretendemos, aqui, apresentar respostas a esses questionamentos. Podemos, sim, simplesmente levantar algumas ideias e exemplificar essa discussão, recuperando extratos não publicados de um estudo sobre a criação do 24º Núcleo do CPERS/SINDICATO (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sindicato dos Trabalhadores em Educação) e as trajetórias de escolarização, profissionais e sindicais de vários/as de seus diretores/as (FERREIRA *et alii*, 2011; FERREIRA; KLUMB, 2011). Neste recorte, utilizaremos nove entrevistas feitas com mulheres e cinco feitas com homens, todas e todos sindicalistas docentes participantes de uma das nove gestões do Núcleo compreendidas entre 1980 e 2008, centrando-nos basicamente nas representações de gênero e nas variações das memórias feminina e masculina no resgate das trajetórias pessoais.

A seguir, serão apresentadas referências que especificam o âmbito deste estudo: relações entre gênero e estudos sobre o trabalho docente e sobre o sindicalismo docente; a memória masculina e feminina; e o significado da noção de cuidado para pensarem-se possíveis diferenças entre homens e mulheres. Após, para que se tenha uma imagem das características dos sujeitos da pesquisa, ofereceremos algumas informações sobre os mesmos. Por fim, exemplificaremos os temas aqui abordados por meio da análise de considerações dos e das entrevistadas no projeto citado.

Gênero nos estudos sobre trabalho docente e naqueles sobre sindicalismo de trabalhadores em educação

As análises sobre a feminização da docência têm trazido importantes esclarecimentos sobre a história e a condição atual da profissão docente. A percepção de que durante a *feminilização* da docência (grande aumento numérico das mulheres na condição de professoras, em relação aos homens) prosperou a representação de quem

melhor saberia educar seriam as mulheres (*feminização da docência*), simplesmente revolucionou os estudos na área. O conceito de feminização da profissão docente, então, ao aludir às transformações de significado e valor social da docência, especialmente nas séries iniciais, passou a ilustrar o suposto de que as mulheres sabem educar porque o cuidado faz parte de suas atribuições históricas².

Tem sido produzida, desde então, uma grande quantidade de estudos de história da educação dedicados a desvendar, em vários rincões de nosso país, os processos de inserção das mulheres nos bancos escolares e sua gradativa e contundente transferência para o lado das lousas, nas salas de aula. No que se refere aos estudos sobre trabalho docente, no entanto, a produção não tem caminhado no mesmo ritmo, situação evocada há tempo por algumas estudiosas. Somente para relembrar uma discussão já muito bem ilustrada, Bruschini e Amado (1988), tomando por objeto o magistério primário como carreira feminina em dissertações e teses da área de educação, produzidas a partir de 1975, concluíram que seus/suas autores/as consideravam a docência "uma profissão neutra do ponto de vista do gênero" (p. 15). Em investigação de grande qualidade e amplitude sobre o assunto, Carvalho (1999) menciona o desenvolvimento do campo do trabalho docente nos anos 1990, envolvido ora com "a compreensão da escola como organização burocrática", ora com "a análise da atividade docente a partir do conceito marxista de trabalho" (p. 40), de tal maneira que a produção mostrou-se incapaz de incorporar, suficientemente, as determinações de gênero (salvo alguns trabalhos significativos, como o de Hypólito [1997]).

Igualmente Vianna (2001), referindo-se a teses e dissertações sobre ação coletiva do professorado, chega à ideia semelhante quanto às "categorias sexualmente cegas" – termo cunhado por Souza-Lobo (1991) (e evocado, também, por Carvalho [1999]), pois dentre 54 estudos analisados apenas sete trabalhavam, em alguma medida, com a presença de mulheres na docência e em suas associações ou sindicatos.

² Dentre inúmeras autoras que abordam o tema e os conceitos, citaremos, como exemplo, Louro (2001) e Yannoulas (1996).

Por fim, estado da arte sobre relações de gênero na produção da ANPED publicada entre os anos 2000 e 2006 (FERREIRA; NUNES, 2010) encontrou somente dois textos que abordavam gênero e trabalho docente no GT 9 – Trabalho e Educação: Novelli (2004) e Ferreira (2006), sendo que ao menos no segundo desses textos o gênero não era a questão principal. Um terceiro texto presente na seleção falava em gênero nos estudos sobre trabalho docente, mas sem ocupar-se dessa análise (FONTANA; TUMOLO, 2006)³.

Contudo, não queremos dizer que não existam estudos instigantes sobre gênero no campo do trabalho docente. O que nos parece é que, embora a incorporação de algumas das questões levantadas quanto à categoria gênero, sua repetição em qualquer contexto pode indicar cristalização e, em alguma medida, poderia até impedir avanços na pesquisa, como já indicado em outro lugar⁴. Trata-se, também, do frequente privilégio ao estudo das mulheres na docência, sem ingressar o bastante no campo da docência exercida por homens; ou de uma visão naturalizante subjacente à ideia de comportamentos femininos e masculinos.

³ Da mesma forma, importante organização de pesquisadoras/es sobre trabalho docente, a REDESTRADO (Rede Latino-americana de Estudos sobre Trabalho Docente), somente em seu seminário internacional de 2010, realizado no Peru (após o grande crescimento ocorrido no seminário de 2008, em Buenos Aires), incorporou o gênero como um dos seus eixos de discussão.

⁴ "Uma das leituras feitas sobre a feminização da docência superficialmente atribuía – ou atribui – à mesma a causa da desqualificação e da proletarização docente, repetindo, no plano acadêmico, os argumentos utilizados pelos governos para desprestigiar a categoria. Desta forma, assumiu-se a importância do gênero, mas passou-se a divulgar a ideia de que ensinar era tarefa de quem não era sustentáculo econômico e social da família, posto que os sustentáculos – os homens – haviam saído para outras ocupações, à época da gênese do desenvolvimento do capitalismo em nosso país. O uso deste argumento sem matizes e sem pesquisa empírica adequada não colabora para as análises de gênero, posto que não explica as variantes históricas e geográficas. Parkin (1984) chama de 'teoria machista da profissionalização' aquelas proposições que sugerem a aceitação das mulheres em algumas áreas por seu suposto caráter submisso. Concordando com esta crítica, Almeida (1998) pondera que a escola foi um dos locais encontrados pelas mulheres em sua luta para sair aos espaços públicos, desafiando o patriarcado; não foi simplesmente um local ao qual se chegou pela desistência masculina. Aliás, a busca pela docência, realizada pelas mulheres em nosso país por meio da matrícula em escolas normais, começa bem antes que possamos pensar numa abertura 'massiva' de postos de trabalho ocasionada pelo capitalismo em desenvolvimento" (FERREIRA, 2011a, p. 37-38).

Assim, ainda não há luz suficiente sobre vários aspectos das relações de gênero no trabalho docente, tal como já anunciamos: o que fazem os homens numa profissão feminizada? O que significa "saber cuidar"? Os homens na docência também "cuidam"? Há diferentes formas de "cuidar"? As representações de uns e outras sobre o gênero têm quais interferências sobre seu trabalho? Etc.

Essas questões renovam o interesse pelo campo de pesquisa e revigoram o debate sobre gênero, evitando cair numa perspectiva essencialista e universalista:

Nessa concepção, homem e mulher, masculino e feminino não são mais pressupostos da pesquisa, mas produtos; não mais categorias definidas *a priori*, mas conceitos cujos significados múltiplos devem ser procurados, pois são diferentes em contextos culturais e históricos específicos (CARVALHO, 1999, p. 36).

Fenômeno semelhante ao que acontece com os estudos sobre trabalho docente se produz no que se refere às investigações sobre organização do professorado. Como já relatado (FERREIRA, 2011a), revisão bibliográfica envolvendo gênero e sindicalismo docente revela resultados numéricos não muito significativos – cinco dissertações e duas teses (Banco de Teses da CAPES, entre 1987 e 2010) e seis trabalhos publicados na página da ANPED, entre 2000 e 2006.

Entre os trabalhos encontrados percebe-se uma variabilidade de temáticas, com ênfase mais histórica ou mais sociológica, voltadas a estudos de caso, abordando o sindicalismo como objeto principal ou realizando análises mais centradas no trabalho docente. Nem sempre ficam claras quais teorias de gênero serviram de base aos estudos, ou de que forma o gênero foi usado, na qualidade de categoria de análise, para interpretar os dados. Algumas vezes o que é mais marcante, nos textos, é o exame da situação da mulher nos contextos estudados.

Como podemos explicar esse pequeno interesse analítico pelo gênero, numa categoria composta majoritariamente por mulheres? Parece-nos que o tema ainda não foi visibilizado por aquelas/es que investigam sindicalismo, centradas/os em outras temáticas significativas, tais como conhecer processos de mobilização e criação de organizações.

De fato, para termos uma imagem do que estamos argumentando, podemos tomar o depoimento de Susan Street (2008), pesquisadora do sindicalismo docente no México. Refletindo sobre seus próprios escritos, tomados desde um ponto de vista cronológico, para compreender em que medida as mulheres foram ou subsumidas, ou representadas segundo a ótica majoritária, ela conclui que a historiografia sobre movimento docente deveria reescrever a trajetória deste, tendo por foco a relação entre gênero, identidade e participação política. A autora argui que, por meio dessa desconsideração das questões de gênero, se enviesam os estudos sobre movimento docente, ao construir-se uma identidade essencializada do professorado. Essa falha limita a percepção sobre os processos analisados.

Desse ponto de vista, queremos destacar algumas orientações às pesquisas, especialmente no que se refere a como as representações de gênero dominantes são vivenciadas por professoras e professores que fazem parte dos grupos militantes nos sindicatos. Street (2008) destaca que, em duas de suas pesquisas, separadas por 10 ou 15 anos, percebeu que as ativistas mulheres desempenhavam papéis de gênero correspondentes a representações de mulher, como sujeito político, predominantes em cada época. Em Chiapas, as mulheres eram lideranças intermediárias ou pertenciam às bases, não interessadas nas disputas pelo poder dentro do movimento, mas no trabalho pedagógico em sala de aula. Os homens, por sua vez, militavam no sindicato. Embora uns e outras partilhassem uma rejeição à cultura política autoritária dos dirigentes educacionais, as mulheres desenvolviam suas tarefas (o cuidar) na escola (âmbito privado), enquanto os homens expressavam-se no âmbito público, defendendo os direitos de suas bases. Segundo a autora, representava-se, assim, a dicotomia dominação masculina/ subordinação feminina:

Um bom dirigente era visto como um homem valente (que sobrevivia à tortura do regime), combativo, orador emotivo, bom estrategista, qualidades que dão sentido a nosso conceito moderno (ocidental) de masculinidade. Por sua vez, as bases é um conceito feminino do qual emana uma particular feminidade: o silêncio das bases, a não-mobilização das bases, a passividade das bases são termos do vocabulário dos dirigentes que significam uma preocupação permanente em interpretar a conduta das bases como suas fiéis seguidoras (Street, 2008, p. 407).

Em Michoacán as mulheres já haviam ingressado nos quadros dirigentes do movimento, pertencendo a grupos políticos. Ainda assim, a elas estava atribuído um papel técnico de teorizar a respeito do campo educacional:

Não estou falando, entretanto, de uma plena equidade de gênero no sentido de uma distribuição 50% - 50% entre homens e mulheres nas posições institucionais. Interessa-me mais destacar que o ativismo das professoras tem a ver com uma divisão no interior da direção entre concepção e execução, entre dirigentes políticos e dirigentes gestores. [...] Na direção michoacana diminuiu um pouco a desigualdade de gênero [...] basicamente porque as mulheres assumiram um novo papel técnico, não como gestoras das questões trabalhistas dos associados ao sindicato, mas como ativistas que teorizam o campo educativo a partir de uma perspectiva subalterna (Street, 2008, p. 412).

Em nossas análises, a divisão do trabalho sindical, indicada por Street, não se faz tão visível mais recentemente (FERREIRA, 2008). Mas no momento da retomada do movimento docente, na segunda metade da década de 1970, é perceptível, no caso do Rio Grande do Sul, que o CPERS/SINDICATO tornou-se um espaço atraente para a presença masculina na direção, em uma entidade que entre 1945 e 1975 só tinha tido um homem como presidente. O momento histórico em questão foi caracterizado pelo processo de reorganização dos movimentos sociais no país, em plena luta pelo término da ditadura militar. Reiniciaram-se as mobilizações docentes, imprimindo uma dimensão sindical às associações já existentes, espaços de intervenção para as organizações políticas, que investiram na formação de novos quadros e destacaram quadros já consolidados para a atuação político-sindical, principalmente masculinos. Parece que, para atividades consideradas mais sérias e que exigem um padrão de combatividade maior, a expectativa é a de que homens cumpram melhor esse papel (FERREIRA, 2011b).

Não obstante, em categorias mormente femininas, são as mulheres a eleger os homens, o que revela - mais do que uma subordinação feminina executada de forma direta - uma convicção, resultado do *habitus*, de que homens desenvolvem melhor as tarefas de caráter público (o que é perceptível, também, no valor que se dá ao uso da palavra: a maior parte dos oradores, nas discussões travadas, está formada por homens).

Mais significativo, então, do que propriamente a ocupação desigual de cargos, são as representações sobre o que compete a mulheres e homens, ou as explicações dadas por umas e outros (ou que se nega dar) a possíveis diferenças entre ambos. Parece

[...] que a condição de *habitus* do gênero é tão forte que, para nos pronunciarmos sobre comportamentos femininos e masculinos, confundimos resultados com causas (AMADO E CHECA, 1990): a participação mais tímida das mulheres, resultado de nossa subordinação histórica, é apresentada como justificativa de nossos lugares sociais. Na condição de *habitus* – disposições duradouras que geram práticas específicas (BOURDIEU, 1983) - faz-se necessária uma reeducação para ousarmos superar o que está em nós inculcado (FERREIRA, 2011b, p. 29).

A ideia de "cuidado" ou de "desvelo"

A questão do cuidado destaca-se no conjunto daquelas interpretações acerca da docência que estão envolvidas com seu processo de feminização. Esse conceito, conforme Carvalho, engloba várias atribuições: guarda, higiene, conforto físico, suporte emocional, até suas funções educativas. "Ele transita entre as esferas da vida pública e privada, da família ao mercado de trabalho e às políticas públicas" (CARVALHO, 1999, p. 51).

Sua origem radica na perspectiva do cuidado como valor moral, que aparece em diversos estudos sendo fortemente atribuído às mulheres. Dentre suas principais teóricas temos a estadunidense Carol Gilligan, a qual investigou o desenvolvimento moral de mulheres e homens, articulando feminilidade e cuidado. Nesta mesma linha está a obra de Nancy Chodorow, que também destacou o cuidado como um dos aspectos a partir do qual ocorreria a formação das características psicológicas nas mulheres. Retomemos então, as análises dessas autoras.

Na obra de 1982, traduzida para o Brasil sob o título: *Uma voz diferente. Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta* (s.d.), Gilligan julga que possa haver uma incompletude nas teorias acerca do desenvolvimento do indivíduo – produzidas por seus grandes clássicos, Freud, Kohlberg, Piaget, entre outros -, por terem se baseado unicamente no sexo masculino para a formulação das mesmas.

Esta observação decorre da sua percepção de que "as vozes das mulheres soavam distintas" (Gilligan, s.d., p. 11).

A partir de pesquisas envolvendo sujeitos de ambos os sexos, mas focando suas análises principalmente em mulheres, Gilligan assinala a tendenciosidade das teorias clássicas, pois tomaram o padrão masculino de desenvolvimento como norma, estando as mulheres em desvantagem em relação ao padrão:

Para Freud, embora vivendo rodeado de mulheres, ele que via tanto e tão bem, os relacionamentos das mulheres pareciam cada vez mais misteriosos, difíceis de discernir, árduos de definir. Ao mesmo tempo em que esse mistério mostra como a teoria pode cegar a observação, sugere que o desenvolvimento nas mulheres é disfarçado por uma determinada concepção de relacionamentos humanos. Desde que as imagens do relacionamento dão forma à narrativa do desenvolvimento humano, a inclusão das mulheres, ao mudar as imagens, implica uma mudança em toda a explicação (GILLIGAN, s.d., p. 35-36).

A autora conclui, assim, que há diferenças marcantes no processo de desenvolvimento moral das mulheres, bem como no psicológico. Elas, desde sua infância, teriam experiências com o cuidado de outros, em detrimento de si próprias, valorizando, portanto, as redes de relações, diferentemente dos homens. Estes, já nos primeiros anos de vida passam por um processo de separação, em que é preciso romper a ligação e intimidade com a mãe para a constituição de sua própria identidade. Desse ponto de vista, a tese central do livro pode ser acompanhada na seguinte passagem:

A partir da diferente dinâmica de separação e ligação em sua formação de identidade de gênero através da divergência de identidade e intimidade que assinala sua experiência nos anos de adolescência, as vozes masculinas e femininas falam tipicamente da importância de diferentes verdades, a primeira do papel da separação enquanto define e fortalece o eu, a última do processo em curso de ligação que cria e mantém a comunidade humana (GILLIGAN, s.d., p. 168).

Essas distinções envolvendo separação e ligação, levam Gilligan a afirmar a existência de diferença moral entre homens e mulheres. Os primeiros estariam mais inclinados à ética da justiça – prevalece a ideia de igualdade a partir de regras e princípios universais, abstratos, tendo como aspecto fundamental a reivindicação de direitos. Em contrapartida, as

últimas apresentariam maior disposição para a ética do cuidado – procura de soluções aos problemas considerando o caso concreto, essencialmente ponderando as responsabilidades e os relacionamentos e buscando assim, evitar que alguém sofra prejuízos. Prepondera aqui a conectividade com os outros.

Por sua vez, segundo Carvalho (1999), os apontamentos de Chodorow em seu livro de 1978 voltado para discutir a *maternação*⁵ - posteriormente traduzido como *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher* -, também já defendiam tais diferenças em que o "senso básico feminino do eu está conectado com o mundo" (CHODOROW *apud* CARVALHO, 1999, p. 22), enquanto o masculino estaria separado. Assim, a formação da identidade de gênero se produz num contexto no qual as meninas parecem-se mais com suas mães, enquanto os meninos, para perceberem-se como homens, necessitam desvincular-se de suas mães, de tal maneira que "as meninas saem desse período com uma base para 'empatia' inserida na sua definição primária do eu, de um modo como não acontece com os meninos" (CHODOROW *apud* GILLIGAN, s.d., p. 18).

Distante de incorrerem num determinismo biológico rigoroso, estas teorias demonstram o cuidado como *experiência* das mulheres. Deste modo somos instigadas a realizar tal reflexão acerca dos termos cuidado ou desvelo – traduzidos do inglês *caring* – no campo da educação. Para Sousa et alii, "segundo a ética do desvelo, o que interessa na educação e no ensino é o desenvolvimento do aluno como um todo e não apenas suas habilidades intelectuais" (1996, p. 72). Tanto essas autoras como Carvalho (1999) localizam esse preceito na produção de Nell Noddings, para quem seria necessário

propor uma ética alternativa [...], segundo a ótica da experiência feminina. Nesse sentido, fidelidade [no ensino] é entendida como uma resposta direta aos indivíduos com os quais se está em relação e não como obrigação ou princípio universal, como na ética kantiana (SOUSA et alii, 1996, p. 72).

⁵ *Mothering*, expressão relacionada aos aspectos sociais do cuidado com crianças, diferente de *motherhood*, associado à dimensão biológica da maternidade.

No entanto, essas contribuições também podem ser examinadas à luz de uma orientação mais sociológica. Louro, por exemplo, ao argumentar que a escola é "*atravessada pelos gêneros*" (1998, p. 89), está se referindo à instituição marcada tanto por características femininas quanto masculinas, apontando o cuidado como marca do trabalho feminino numa instituição voltada ao desenvolvimento do conhecimento, que envolveria características masculinas:

Portanto, é possível argumentar que, ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino – não apenas porque as diferentes disciplinas escolares se construíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação "científicos" e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos (LOURO, 1998, p. 89).

O gênero, logo, no âmbito dessa concepção que o vê como uma construção histórico-social, interfere sim no trabalho docente, mas na opinião de Carvalho não necessariamente os homens docentes estão distantes do cuidado em suas atividades, considerando que essa é uma característica que já alcançou a profissão, especialmente nos anos iniciais do ensino; isto é, os homens também podem cuidar:

No interior da escola primária, esse modelo idealizado se manifesta na abrangência do que se propõe como trabalho pedagógico, que deve dirigir-se não apenas à criança como aluno, mas ao conjunto de suas necessidades e processos de desenvolvimento (físico, emocional, social, moral, além de cognitivo); no conseqüente envolvimento afetivo do/a professor/a com seus alunos, a quem deve conhecer individualmente e a quem deve mostrar-se dedicado/a e comprometido/a; e na estreita associação desse tipo de trabalho pedagógico com as mulheres e com certas características da feminilidade, especialmente aquelas mais referidas à maternidade.

Esse não é, porém o único modelo ideal de pedagogia para a escola primária. O que tem havido, na verdade, ao longo da História, são articulações sempre variáveis entre escola, feminilidade e masculinidade, propostas com ênfases diversas sobre a necessidade do "cuidado" nas salas de aula e diferentes olhares sobre as relações entre pedagogia escolar e domesticidade (CARVALHO, 1999, p. 77).

Enfim, a autora acredita que o cuidado pode ser ressignificado à ideia de profissionalidade, imprimindo outra marca ética à docência.

Por outra parte, para efeitos de nossa análise interessa, também, o aproveitamento das teorias do desvelo no plano de outras áreas de conhecimento, como na ciência política e na filosofia. No que se refere às formas de participação política de mulheres e homens, quanto aos direitos de ambos e no que se refere às formas de moralidade de umas e outros, as teorias do cuidado também têm a colaborar: segundo várias/os autoras/es consultadas/os, as vozes de homens e mulheres são diferentes. Voltaremos, ainda, a esses temas.

A memória docente em funcionamento

No trabalho que estamos apresentando valorizamos a reconstrução do ofício docente tendo em vista a perspectiva do próprio professorado, retomando variadas tradições investigativas que fazem uso de estudos auto/biográficos em educação, sustentadas/os na

[...] ideia de que as metodologias que dão voz aos investigados muito tem, ainda, a oferecer à pesquisa nas ciências humanas e sociais e, consequentemente, [na] ideia de que investigar o significado do trabalho na vida de docentes pode permitir-nos compreender melhor uma parcela da situação educativa atual (FERREIRA; BIASOLI, 2009, p. 51).

Ademais, considerando o que já encontramos, em nossas análises das representações sobre gênero entre sindicalistas docentes (FERREIRA, 2008), percebemos que é diferente o funcionamento da memória, bem como o uso da palavra (oral/escrita) por parte de homens e mulheres. Desse ponto de vista, procuramos materiais que pudessem colaborar com nossas reflexões.

Assim, na esteira dos estudos de gênero, o tema da memória é bastante caro a investigações que têm buscado conhecer a perspectiva de quem não costumava ser objeto frequente no âmbito do pensamento social: os excluídos da história, ou os silêncios da história, como lembra Michelle Perrot (2005), autora frequentemente citada nessas investigações. Neste sentido, Piscitelli esclarece que:

O trabalho com histórias de vida, precisamente por centrar-se na 'experiência', seduziu particularmente investigadoras(es) interessadas(os) em trabalhar com uma antropologia e uma história 'das mulheres'. As histórias de vida foram utilizadas intensamente, consideradas como fontes primárias para o conhecimento de vidas femininas até então silenciadas. Chegaram a ser consideradas o 'método feminista por excelência', pela possibilidade que ofereciam no sentido da compreensão ampla e profunda das consciências femininas garantindo um ponto de vista sexuado (1993, p. 154).

Essa autora também assinala que, em sua pesquisa de caráter antropológico, é perceptível que as trajetórias individuais são reconstruídas, por meio da memória, num "universo codificado pelo gênero" (PISCITELLI, 1993, p. 165). Por isso, indica diferenças mencionadas em estudos sobre o assunto, segundo os quais

a memória feminina estabelece referências temporais associadas ao ciclo familiar, diferenciando-se da masculina, que é datada com precisão [...] as lembranças das mulheres preservam temas integrados num domínio no qual o afetivo e o individual são fundamentais, em tanto as dos homens guardam relatos de uma história não necessariamente oficial, mas sim de uma história coletiva, de uma história espetáculo (p. 160).

No campo da educação encontramos no Grupo de Estudos sobre Docência, Memória e Gênero (GEDOMGE/USP) uma boa produção (SOUSA et al., 1996; CATANI et al., 1997; CATANI; BUENO; SOUSA, 1998), da qual selecionamos alguns aspectos. As pesquisadoras compartilham da perspectiva de que as memórias feminina e masculina diferem, não "por conta de diferenças naturais ou biológicas, mas em razão do diferente *modus operandi* da memória das mulheres" (CATANI et al., 1997, p. 42). Além disso, acredita-se que a mesma esteja ligada aos lugares sociais e atividades que as mulheres desempenham, sendo mais ricas em informações relativas à esfera do privado.

As autoras pertencentes ao GEDOMGE argumentam que conceber a memória masculina e feminina como marcadas pelos lugares sociais adotados fará com que elas variem de acordo com as trajetórias de cada sujeito, logo, também, conforme os papéis sexuais. Aspectos como meio social, escolarização, participação política, faixa etária, também influenciam no resgate do passado dos sujeitos. De fato, consideramos que ao abordar representações de mulheres e homens, seja no campo da educação ou fora dele, é preciso levar em conta essas diferenças.

Após haver destacado algumas referências teóricas que nos permitiram melhor vislumbrar nosso *corpus* empírico, nas próximas seções examinaremos os dados coletados na pesquisa. Tentaremos demonstrar a existência de diferenças nas memórias e nas representações de gênero entre homens e mulheres ativistas de um sindicato de trabalhadores/as em educação, todas e todos, docentes.

Os sujeitos da pesquisa

As e os ativistas sindicais participantes da pesquisa aqui relatada fazem parte de um grupo homogêneo, tanto em termos etários como considerando o período em que vários/as deles/as começaram a militar no CPERS/SINDICATO. Dessa forma, vale dizer que um bom número dessas pessoas participou ativamente da criação e consolidação do 24º Núcleo desse sindicato, organização representativa de docentes, especialistas e servidores técnico-administrativos da rede pública do Estado do Rio Grande do Sul. Os debates para a criação dessa seção do CPERS deram-se entre abril de 1979 e outubro de 1980, período que começa com uma mobilização grevista estadual massiva que, em nosso entender, lançou as bases para que o futuro sindicato, oficializado em 1989, adquirisse as feições atuais. A identidade dos sujeitos é marcada, então, pela perspectiva de que o professorado compõe, junto a outros grupos, o conjunto dos "trabalhadores em educação", e que a sindicalização deveria ser o caminho natural para todos e todas que pertencem à categoria docente.

Um bom número dessas pessoas, também, não se afastou totalmente do referido Núcleo, de tal maneira que algumas, mesmo atualmente aposentadas, participam das mobilizações e/ou de alguma das instâncias tanto do Núcleo, como do CPERS em nível estadual. Em termos de seus posicionamentos políticos, pertencem/pertenceram a grupos heterogêneos, embora apenas duas mulheres aleguem não ter participado de correntes ou partidos políticos.

Considerando a data em que foram entrevistadas/os, as idades situam-se entre 57 e 66 anos, para oito das mulheres, enquanto a nona

mulher encontrava-se com 51 anos. Todos os homens tinham entre 56 e 57 anos.

Por outro lado, várias dessas pessoas eram estudantes quando as reformas universitária (Lei 5540/68) e do ensino de 1º e 2º graus (Lei 5692/71) vinham promovendo a expansão do sistema de ensino, provocando, também, a necessidade de mais trabalhadores/as docentes. O ingresso no funcionalismo estadual (e municipal) produziu-se, na maioria dos casos, como uma possibilidade de ascensão social para essas e esses docentes, com genitores masculinos e femininos trabalhadores/as manuais ou exercendo trabalho doméstico em sua própria casa e com baixa escolarização.

De um modo geral, as mulheres ingressaram na docência com idade menor do que a média dos homens; mas o que é mais significativo é que um grande número delas realizou curso normal, tendo a docência como primeiro emprego. Os homens provinham de outras ocupações. Esses elementos confirmam a ideia da docência como destino, para as mulheres, embora seu trabalho fosse preterido em função de responsabilidades familiares: cuidados dos filhos e acompanhamento dos esposos quando a vida profissional desses exigia transferência de cidade de moradia. Aliás, somente duas das sete mulheres casadas o fizeram com outro professor, enquanto quatro dos homens têm por esposa uma professora.

Para corporificar essas pessoas, lhes demos nomes fictícios⁶ e estabelecemos sua atuação na docência. Assim, Ângela e Mariana foram professoras no ensino médio; Clara, professora no ensino fundamental; Vitória, Marília e Roberta, professoras nas séries iniciais, nos demais anos do fundamental e no médio; Nádia, professora no ensino fundamental e no médio; Sílvia, professora nas séries iniciais e nos demais anos do ensino fundamental, no médio e no superior; Tânia atuou na pré-escola, séries iniciais e demais anos do fundamental, médio e superior. Temos duas professoras, então, que, aposentada uma e exonerada a outra da rede estadual, atuaram no ensino superior.

⁶ A paginação colocada nas transcrições das falas dos sujeitos corresponde ao número da página da respectiva entrevista transcrita.

Quanto aos homens, foram chamados de Álvaro, Gilson e Saul, professores de ensino fundamental e médio; Clóvis, professor de ensino fundamental; e Félix, professor de ensino fundamental, médio e superior.

Como se vê, o grupo é experiente profissionalmente, em especial se consideramos o fato de que poucas dessas pessoas se ausentaram do trabalho pedagógico ao exercer mandato sindical.

Gênero e representações: o material e o simbólico em interação

Tal como já argumentamos, as investigações sobre gênero e trabalho docente concordam com que, quando as representações sobre o trabalho docente feminino tornaram-se dominantes, subverteu-se a compreensão da divisão sexual do trabalho aí subsumida para alegar que as mulheres sabiam naturalmente ensinar, visto a docência ser considerada uma extensão dos cuidados domésticos, realizados pelas mulheres no âmbito familiar. Com o passar do tempo, a perspectiva do cuidado passou a atravessar o ofício docente como um todo, não sendo inerente ao sexo de quem ensina (CARVALHO, 1999). Não obstante, dentro das instituições educacionais pode se produzir um novo reordenamento da divisão sexual do trabalho, reencaminhando os homens e as mulheres para tarefas supostamente adequadas a seus também supostos "papéis sociais" (MORGAGE, 2007). Algumas destas questões podem ser perceptíveis nas práticas concretas, enquanto outras são mais bem captadas nas representações de gênero, isto é, no discurso - que não deixa, também, de ser uma prática.

De todas as formas, estudos vêm demonstrando que a percepção do professorado sobre o impacto de relações de gênero dentro das instituições educacionais praticamente inexistente, e os sindicatos de trabalhadores em educação não estão isentos de tal ausência. Entretanto, é claro que a condição oferecida pela identidade de gênero a cada professor ou professora que entrevistamos foi diferente (resultando nas diferentes posições sociais e políticas que vieram a ocupar). Essas pessoas tornaram-se docentes por motivos diferentes, sendo que a imagem da docência como um destino profissional às mulheres é praticamente

consenso entre as mesmas. Mas não é esse o caso dos homens, que à docência chegaram por outras formas que não o curso de Magistério. Além disso, os espaços de liderança galgados por nossos sujeitos são narrados tendo em vista eventos que são diferentes para homens e para mulheres, e/ou que são vistos de forma diferente: não apenas a trajetória de vida difere, mas selecionam-se os fenômenos a narrar segundo critérios diferentes, e se os avalia de formas distintas.

Embora, então, essa ausência de reflexão sobre as relações de gênero nos espaços educativos cotidianos - ou melhor, exatamente por isso -, consideramos ainda válidas duas categorias por nós indicadas quando da análise das representações de gênero no meio sindical docente: a invisibilidade e o desconforto (FERREIRA, 2008). Isso significa que, *não estando ou não se sentindo habilitadas/os a falar sobre gênero, as e os sindicalistas afirmam nada perceber e/ou falam do tema com desagrado*, de forma reticente. Alguns poucos exemplos podem permitir aclarar o que estamos comentando, e este será o *primeiro aspecto que vamos destacar empiricamente*.

Embora afirme, quando consultado sobre a interferência das relações de gênero sobre os processos escolares, que "eu nunca pensei muito" (Álvaro, p. 29), o professor desenvolve duas páginas de considerações sobre gênero, demonstrando que, sim, é impossível não possuir representações sobre o tema. Ele aborda a importância e papéis dos professores na escola, reforçando que os mesmos dão mais segurança à comunidade escolar; e critica a atitude sectária das mulheres no sindicato, temas abordados mais adiante.

Por outra parte, o desconforto é visível em Vitória, que hesita repetidamente ao responder sobre possíveis diferenças entre a atuação masculina e a feminina na docência. Ademais, percebe-se, nela, a força da representação da docência nas séries iniciais como trabalho de mulher:

Olha... tem diferença na forma... assim como é que eu... eu... eu no geral, né, eu sempre achava assim, eu sempre via com... não via com uma assim... não que com bons olhos, não seria o termo, sei lá o que, o homem dar aula pra pequeno, pra criança nas séries iniciais, não sei por que eu sempre achei eu achava que não, não podia dar certo, eu tinha esse pensamento comigo, eu achava que pras séries iniciais tinha que ser uma professora (Vitória, p. 31).

Hesitação e desconforto também parece ser o que sente Nádia, neste diálogo:

Entrevistadora: Mas e tu como professora, dentro da sala de aula?

Nádia: Não, eu nunca tive, eu nunca senti isso dentro da sala de aula.

Entrevistadora: Essa separação, de ficarem bem demarcados os territórios de menina e de menino?

Nádia: Não, não eu... eu não peguei, eu não sei, eu não... eu nunca, eu nunca...

Entrevistadora: Porque às vezes a gente faz e não se dá conta.

Nádia: É não, não, não eu nunca, nunca tive isso, não é? Nunca tive essa... (Nádia, p. 21-22).

Mas, como defendemos, muito poucas questões podem ser abordadas desconsiderando o gênero. Por exemplo, podemos comentar aqui as *formas pelas quais a maioria das mulheres e a maioria dos homens entrevistados falam sobre si*, tomando por referência a reconstrução de si a partir da memória, sendo este o *segundo aspecto que queremos sublinhar*, do ponto de vista empírico. Os discursos são de tipo distinto. A impressão que se tem é que os homens já haviam reconstruído sua história mentalmente antes de ser interrogados, tal o distanciamento que apresentam na tentativa de colocar em ordem a memória – trata-se da "história espetáculo", nas palavras de Piscitelli. Um deles, inclusive, fala de si mesmo na terceira pessoa do singular, durante grande parte da entrevista.

As mulheres, mais detalhistas, parecem ter muito mais a contar, até porque priorizam explicitar sua vida inserida em suas vivências familiares. De fato, suas responsabilidades com o cuidado da família de certa forma delimitaram seu desenvolvimento familiar e como militante. Isso significa que os homens não tinham responsabilidades familiares? Custamos a crer nisso. Optamos por voltar à hipótese da forma diferenciada de construção dos discursos, e entendemos, também, que o que pode mudar é a *maneira masculina e feminina de lidar com suas responsabilidades – terceiro aspecto a mencionar* -, inserindo, aqui, os

elementos resgatados nas teorias sobre os distintos desenvolvimentos morais. Aproveitamos a síntese de Will Kymlicka sobre o citado trabalho de Gilligan, tentando explicitar as diferenças entre as vozes morais masculina e feminina, respectivamente evocando a ética da justiça e a do cuidado ou desvelo:

1. capacidades morais: aprender princípios morais (justiça) contra desenvolver disposições morais (cuidado);
2. raciocínio moral: resolver problemas buscando princípios que tenham aplicabilidade universal (justiça) contra buscar respostas que sejam adequadas ao caso particular (cuidado);
3. conceitos morais: atentar para os direitos e a equidade (justiça) contra atentar para as responsabilidades e as relações (cuidado) (KYMICKA, 2006, p. 342).

Assim, vejamos o que alguns/mas informantes têm a dizer sobre gênero e responsabilidades familiares, e aqui já começamos a mostrar as representações de gênero que eles e elas têm⁷, ao mesmo tempo em que procuramos evocar o grau de importância que dão às relações pessoais. Observe-se que a articulação entre condições materiais e mundo simbólico faz com que as experiências vividas por homens e mulheres se misturem, de tal maneira que vivências diferenciadas terminam por operar sobre as representações de gênero (CASTRO, 2000), influenciando a percepção dos indivíduos.

Desta maneira, os comentários de Roberta e Tânia referem-se a diferentes formas de militância no caso de homens e de mulheres, tendo em vista os compromissos familiares, encargos femininos:

Eu acho que é diferente porque eles, acho que não transferem na família, não é? Porque eles não... não... não tem aquela obrigação do dia a dia, organizar cozinha, organizar casa, limpeza e tem roupa e toda aquela história da organização da casa. Eles não são comprometidos com nada disso, isso é verdade, eles vão lá e participam e acho que a participação do

⁷ Optamos por colocar várias transcrições para que fiquem mais claros os argumentos sobre a produção de representações e sua ligação com a ética do cuidado.

homem nesse caminho a maioria eu acho que foi por interesses político-partidários, isso eu vejo, com exceções, claro (Roberta, p. 15).

Ah, completamente até porque eu fui casada também com professor né, e quem deixava de ir à escola porque tinha um filho que precisasse ir ao médico ou qualquer outra situação era eu sempre. Quer dizer, não se questionava se era o professor ou era a professora, era a professora, né, que deixava de ir pra atender à necessidade do filho. Então eu acho que isso aí tem muita diferença sim (Tânia, p. 20).

E alguns colegas seus têm opinião semelhante, Félix falando genericamente, e Clóvis de sua situação pessoal:

Na minha época eu era solteiro, sem filhos então pra mim eu... Era uma forma que eu dizia: ao invés de jogar futebol eu vou assistir televisão, eu vou participar de sindicato, vou participar de política. Eu entendo que... Para as mulheres, na minha ótica, sempre é um empecilho a mais, devido à condição feminina, à condição de mãe. Muitas vezes nós tínhamos colegas que não podiam participar de alguma coisa devido ao filho estar doente. E não é o homem que cuida, é a mulher. Então eu acho que tem uma pequena interferência, não quer dizer que eu concorde com isso. É um dado da realidade concreta, que a mulher, eu entendo pelo menos, é muito mais detalhista, muito mais comprometida, [com os cargos] que os homens, e com isso tem aquela distância: como é que eu posso? Vou ter que deixar meus filhos para fazer tal coisa? Então se torna mais difícil. Eu entendo que na questão de competência, não vejo diferença nenhuma (Félix, p. 15).

Félix, aqui, opera com dois argumentos para explicitar as dificuldades de participação feminina, tendo em conta a maternagem: a condição de mãe é um limitador de caráter objetivo ("é a mulher que cuida") e de caráter subjetivo (por cuidar, as mulheres são mais detalhistas e comprometidas, ou seja, importam-se mais com possíveis falhas que possam ter, frente a suas responsabilidades). Observe-se, também, que "condição feminina" e "condição de mãe" são equivalentes em seu discurso.

Já Clóvis percebe sua ausência em casa, e diz que isso foi possível porque teve a mãe de seus filhos na retaguarda de sua militância, ela mesma uma pessoa também militante. Mesmo percebendo isso, ele escusa-se, alegando (a) que ela talvez não tivesse encarado a militância tão prioritariamente quanto ele; (b) que mesmo assim, em sua casa há divisão de tarefas domésticas:

O [filho], lá com seus quase 14 anos, um dia na mesa almoçando e ele diz assim, é e aí cobrando, havia uma cobrança do meu envolvimento né, com isso, e a ausência em casa e diz assim: é, eu acho que tu, realmente tu não me viu crescer. Por causa do meu envolvimento, então eu digo que fui egoísta eu acho, talvez eu tenha sido um pouco egoísta na divisão com a [...] minha esposa em casa, embora eu não é... tenha feito isto de uma forma deliberada, acho que é muito mais por uma pré-disposição e aí ter me jogado mais eficie... mais inteiramente nesses dois momentos e com uma tranquilidade muito grande porque a [esposa] foi, é uma sindicalizada, uma militante sindical também, mas talvez ela não tenha é, dado a prioridade que eu dei, talvez, e que me tirou de dentro de casa em alguns momentos, embora a gente tenha uma prática da divisão das tarefas em casa (Clóvis, p. 16).

Como um contraponto à experiência de Clóvis na criação dos filhos, Roberta pensa que os seus têm boas lembranças de sua participação política, reforçando que apesar da mesma ela priorizou os relacionamentos e o cuidado:

[...] a gente é um exemplo, um norte pra dentro de casa pros filhos. Um dos, o último filho meu participava junto e eu o levava junto pras assembleias, já os maiores já estavam na faculdade, já noivo, noivado e casamento e aquelas histórias e já não, não participavam. Mas eles até hoje conversam e não se esquecem das minhas andanças, eles dizem as andanças e também eu acho que pra vida deles essa situação de participação que eu tinha, não foi considerado como se eu tivesse ausente de casa, mas foi considerado como uma contribuição, assim, dentro da vida familiar (Roberta, p. 14).

Contudo, algumas destas manifestações implicam na *generalização de características masculinas e femininas – quarto aspecto a sublinhar* -, especialmente quando indicam comportamentos militantes ou quando analisam como homens e mulheres desempenham-se como docentes. As mulheres tendem a considerar seu trabalho de melhor qualidade (como afirma Marília), em alguma medida relacionando isso à questão do desvelo (como se vê na fala de Tânia). Ademais, curioso é o fato de que homens e mulheres tendem a representar positivamente atitudes presentes em pessoas do seu próprio sexo, e negativamente as atitudes de componentes do outro sexo (embora não fique claro, no caso de Clóvis, se é melhor ser "prático" do que "teórica"):

Existe uma diferença, assim, entre as professoras mulheres e os professores homens. A professora mulher ela é mais didática, ela é mais organizada em

termos, né, a gente está vendo que a aula é planejada, porque ela apresenta recursos. Não são todos os homens, porque tem os homens que falam, falam e dizem tudo que precisam dizer, que fazem trabalhos de grupo, enfim apresentam lá um filme, uma coisa assim moderna, mas eu acho, assim, que a mulher é mais, mais didática (Marília, p. 27-28).

Sim, eu vejo nitidamente essa diferença sim. Tive alguns colegas homens né, e vejo assim que as mulheres elas se relacionam com os alunos mais como *mães*, ou mães ou tias, ou mais como o feminino mesmo se relaciona, do que os homens, eu sempre vi os homens muito mais como amigos dos alunos, é ao invés de protetores dos alunos. [...] Dentro da escola, eu vejo também assim que os homens procuram mais, se aproximam mais, é da administração da escola, de cargos mais burocráticos (Tânia, p. 19, grifos nossos).

Acho que sim, acho que tem uma coisa no homem que é a praticidade, muitas vezes ele é muito mais prático do que teórico, [...] e a mulher traz, as reflexões que a gente ouve aqui muitas vezes, é, feitas pelas mulheres elas são ah, inúmeras das vezes elas são extremamente ponderadas e indicadoras de caminhos, às vezes nós, eu, muito mais pela prática do que [referencial] tu amadureces isso [...] tu vais formando politicamente, mas se tu saís dessa formação política o homem é muito mais instinto do que a mulher (Clóvis, p. 18).

Interessante notar, novamente, que os atributos indicados para as mulheres (e para os homens) encaixam-se na ideia de diferença moral entre homens e mulheres.

Por outra parte, há mulheres que se queixam do grau de participação dos homens, pequeno dentro das escolas e frente às necessidades da prática sindical, alegando que eles ingressam no sindicato visando à obtenção futura de cargos no poder legislativo. Por outra parte, os homens também apresentam argumentos sobre quais as diferenças que veem entre a docência feminina e a masculina:

... todos os problemas sociais que entram na escola por causa da sociedade, eu acho que o professor dá mais segurança na escola. As próprias colegas professoras mulheres elas têm mais segurança com um homem do lado. Uma aula de noite, por exemplo, no turno da noite, tranquilamente na escola o pessoal sempre procura que tenha homens também, na questão de segurança eu acho que isso é forte... (Álvaro, p. 30).

Mas o professor deixa bem claro: isso não quer dizer que os homens sejam mais capacitados intelectualmente. No que tange às

atividades militantes, ele opina que as mulheres são mais sectárias que os homens:

As mulheres são muito são muito atritadas com coisas pequenas, no geral, as mulheres elas se estressam demais, dão muita importância pras coisas que não são tão importantes e se envolvem às vezes tanto com coisas tão pequenas. E também criam antipatias ou simpatias nos relacionamentos sociais e profissionais com coisas absolutamente desnecessárias, né, e que desgastam muito (Álvaro, p. 31).

Já essa colocação de Álvaro contrasta com o uso feito por uma abordagem da ciência política com base nas teóricas do pensamento maternal, aqui já citadas, para defender a necessidade de ampliação da participação feminina:

Sob o nome de 'política do desvelo' (*care politics*) ou então de 'pensamento maternal', estas autoras afirmam que as mulheres trariam um aporte diferenciado à esfera política, por estarem acostumadas a cuidar dos outros e a velar pelos mais indefesos. Com uma presença feminina mais expressiva nas esferas de poder, haveria o abrandamento do caráter agressivo da atividade política, que é visto como sendo inerentemente masculino (MIGUEL, 2001, p. 259).

Comentários finais

A característica mais emblemática dessas representações é que elas essencializam perfis masculinos e femininos, seja porque apelam para elementos presentes na natureza dos homens e das mulheres, seja porque atribuem identidades únicas a uns e outros. As diferenças que sim, existem, não são vistas, pela maioria, como resultantes das relações de gênero dominantes. Por isso, alguns/mas informantes confundem diferenças com desigualdades, e como, em princípio, não há desigualdades em sua experiência de militância dentro do sindicato, eles e elas ou não veem "diferenças" ou as naturalizam e generalizam.

É preciso, no entanto, deixar bem claro que na análise em questão não podemos falar em reprodução de papéis sociais de gênero nas tarefas sindicais, tal como indicado em pesquisas de outras/os autoras/es, seja no ofício docente (AMADO; CHECA, 1990; STREET, 2008; VIANNA, 1999), seja em outras categorias (ARAÚJO; FERREIRA, 2000;

CASTRO, 1995; HUMPHREY, 1983). A maioria absoluta de mulheres dirigentes na seção sindical analisada confirma a hipótese de que o sexo feminino desenvolveu todo tipo de tarefas e cumpriu com todos os requisitos exigidos pelo mundo público. Tomando por referência a análise de Miguel (2001), é possível ver que as mulheres não se dirigiram, como grupo, a nichos de atividades correspondentes a sua experiência feminina, pois adquiriram capital simbólico suficiente para atuar com respeito a qualquer tema – e esse é um item frequentemente citado pelos homens sindicalistas para indicar a existência de igualdade no CPERS (FERREIRA, 2008).

Por fim, outro aspecto a levantar para futuras reflexões refere-se à positividade de uma ética do cuidado, seja ela desenvolvida por mulheres ou por homens docentes. As atribuições negativas do cuidado na docência, identificado com atitudes emocionais, não reflexivas e não profissionais podem ser deslocadas em favor de uma perspectiva que valorize o compromisso profissional com o bem estar de outros/as e com a humanização da escola. Nas palavras de Jill Blackmore:

A ética do cuidado proveu um poderoso discurso às mulheres, coletiva e individualmente, porque oferece uma imagem alternativa da organização e liderança apoiada em premissas éticas e morais que revalorizam a experiência das mulheres; reconhece que as escolas deveriam servir às necessidades públicas e privadas de todos os sujeitos; enfatiza o aspecto moral da educação em termos de relações pessoais e de responsabilidade cívica e não somente as necessidades públicas dos homens; estimula as atitudes de cuidado nas crianças, premiando a cordialidade, a compaixão e o compromisso; busca organizar a escola em torno de relações sociais de longo prazo, sem diferenciar campos disciplinares funcionais à economia ou a uma elite [...]. A ética do cuidado trata dos aspectos procedimentais substantivos e não formais da liderança e da administração (apud MORGADE, 2008, p. 12).

Referências

AMADO, Ana M.; CHECA, Susana. **Participación sindical femenina en Argentina**; sindicato docente un estudio de casos. Buenos Aires: Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales (ILET), 1990. (mimeo)

ARAÚJO, Angela M. C.; FERREIRA, Verônica C. Sindicalismo e relações de gênero no contexto da reestruturação produtiva. In: ROCHA, Maria Isabel B. da (org.). **Trabalho e gênero**: mudanças, permanências e desafios. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 309-346.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**; sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev. 1988.

CARVALHO, Marília P. de. **No coração da sala de aula**; gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã/FAPESP, 1999.

CASTRO, Mary. Gênero e poder no espaço sindical. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 29-51, 1995.

_____. Trabalho, gênero, raça: quais os desafios políticos? In: ROCHA, Maria Isabel B. da (org.). **Trabalho e gênero**: mudanças, permanências e desafios. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 367-375.

CATANI, Denice; BUENO, Belmira; SOUSA, Cynthia. Os homens e o magistério; as vozes masculinas nas narrativas de formação. In: BUENO, B., CATANI, D.; SOUSA, C. (org.). **A vida e o ofício dos professores**; formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998. p. 45-64.

CATANI, Denice; BUENO, Belmira; SOUSA, Cynthia; SOUZA, Maria Cecília. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: _____ (orgs.). **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997. p. 13-48.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Desconforto e invisibilidade: representações sobre relações de gênero entre sindicalistas docentes. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 47, p. 15-40, jun./2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n47/02.pdf>.

_____. "Discutir educação é discutir trabalho docente": o trabalho docente segundo dirigentes da CTERA – Conferderación de trabajadores de la educación de la República Argentina. In: REUNIÃO ANUAL DA

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 29., 2006, Caxambu. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2006. p. 1-16. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT09-1685--Int.pdf>.

_____. Pesquisando gênero e sindicalismo docente: à procura de um referencial para uma temática transdisciplinar. In: DAL ROSSO, Sadi (org.). **Associativismo e sindicalismo em educação** – organização e lutas. Brasília: Paralelo, 2011a. p. 29-46.

_____. Sindicalistas docentes y sus representaciones sobre género: problematizando prácticas culturales. In: GINDIN, Julián, (comp.). **Pensar las prácticas sindicales docentes**. Buenos Aires: Herramienta, 2011b. p. 15-31.

_____; BIASOLI, Carmen. Reconstruindo trajetórias docentes: percursos pessoais e profissionais refletidos na maneira de ser professor. In: FERREIRA, Márcia; FISCHER, Beatriz; PERES, Lúcia (orgs.). **Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo/Brasília: Oikos/Liber, 2009. p. 51-65.

_____; et alii. **Diretoras/es do 24º Núcleo do CPERS/SINDICATO: trajetórias educacionais, profissionais e sindicais segundo o gênero**. Pelotas: FaE-UFPel/CNPq, 2011. 104 p. Relatório de Pesquisa.

_____; KLUMB, Márcia Cristiane Völz. Para uma memória do sindicalismo docente: o 24º Núcleo do CPERS/SINDICATO. In: Seminário Internacional da Rede de Pesquisadores sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação (Rede ASTE), 3., 2011, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. p. 1-11. Disponível em: <http://nupet.iesp.uerj.br/arquivos/MarciaFerreira3.pdf>

_____; NUNES, Georgina H. L. Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPEd (2000-2006). In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 33., 2010, Caxambu. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2010. p. 1-16. Disponível em

<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6147--Int.pdf>

FONTANA, Klalter Bez; TUMOLO, Paulo Sergio. Trabalho docente e capitalismo: um estudo crítico da produção acadêmica da década de 1990. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 29., 2006, Caxambu. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2006. p. 1-15. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT09-2092--Int.pdf>.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**; psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, s.d.

HUMPHREY, John. Sindicato; um mundo masculino. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 2, n. 1, abr. 1983, p. 47-52.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas Papyrus, 1997.

KYMLICKA, Will. Feminismo. In: _____. **Filosofia política contemporânea**; uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 303-373.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**; uma perspectiva pós-estruturalista. 2. ed. Petrópolis: Vozes/CNTE, 1998.

_____. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: UNESP/Contexto, 2001. p. 443-481.

MIGUEL, Luis Felipe. Política de interesses, política do desvelo: representação e "singularidade feminina". **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 253-267, 2001.

MORGAGE, Graciela. Burocracia educativa, trabajo docente y género: supervisoras que conducen "poniendo el cuerpo". **Educación & Sociedad**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 4000-425, maio/ago. 2007.

_____. Trabajo docente y relaciones de género: aportes conceptuales y epistemológicos de la investigación en torno a la construcción social del cuerpo sexuado. SEMINARIO DE LA RED LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOBRE TRABAJO DOCENTE – REDESTRADO, 7., 2008, Buenos Aires. **Anais**. Buenos Aires: UBA, 2008. p. 1-25. Disponível em http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008/textos/ponencias/Ponencia%20Graciela%20Morgade.pdf

NOVELLI, Gisele. Ensino profissionalizante na cidade de São Paulo: um estudo sobre o currículo da "Escola Profissional Feminina" nas décadas de 1910, 1920 e 1930. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 27., 2004, Caxambu. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2004. p. 1-15. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt09/t0910.pdf>.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 1, p. 149-171, 1993.

SOUSA, Cynthia; CATANI, Denice; SOUZA, Maria Cecília; BUENO, Belmira. Memória e autobiografia; formação de mulheres e formação de professoras. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 2, p.61-76, maio/ago. 1996.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**; trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991.

STREET, Susan. El género como categoría para repensar al sujeto popular: dos generaciones en el activismo femenino del magisterio democrático mexicano. In: GALVÁN LAFARGA, Luz Elena; LÓPEZ PÉREZ, Oresta (coords.). **Entre imaginarios y utopías**: historias de maestras. México: Publicaciones de la Casa Chata, 2008. p. 395-420.

VIANNA, Claudia. A produção acadêmica sobre organização docente: ação coletiva e relações de gênero. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXII, n. 77, p. 100-130, dez. 2001.

_____. **Os nós do "nós";** crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo. São Paulo: Xamã, 1999.

YANNOULAS, Silvia C. **Educar: ¿una profesión de mujeres?** La feminización del normalismo y la docencia (1870-1930). Buenos Aires: Kapelusz, 1996.

TECER NO RIO GRANDE DO SUL É "COISA DE MULHER": APRENDIZAGENS NO ATELIÊ

Edla Eggert

Amanda Motta Castro

Marcia Regina Becker

Cintia Andrea Dornelles Teixeira

Introdução

O espaço do ateliê é um lugar sagrado, é como se fosse um terreiro de candomblé, onde as coisas acontecem religiosamente. É no ateliê que eu construo minha esperança, penso e procuro realizar coisas, onde invisto todo o meu projeto de vida. (...) Meu trabalho na casa do fazer orienta-se pelo não saber fazer, pois é quando ignoro o que sei e experimento o que não sei, entrando em coisas que não domino. Percorrendo lugares indefinidos, opacos ou que ainda estão encobertos é que descubro novas soluções. É nesse trabalho indefinido que o trabalho acontece. (...) No processo tudo contribui para abrir novas portas: um acidente de percurso, uma nova posição da escultura, uma solução apontada pelo montador. Coisas que num momento parecem sem importância, em outro vislumbram-se soluções inesperadas, mudando todo o raciocínio. São experiências que vão se somando, vivências, estados de espírito, construção, desconstrução. Quando olho para o ateliê, vejo várias coisas diferentes, algumas peças se interrelacionam, outras quase não se parecem. Costumo deixar os trabalhos espalhados por todos os lados, gosto de manter as obras por perto para que eu possa trabalhar com elas, associá-las, pegar uma forma antiga e transformar em outra. Experimentar uma forma na elaboração de novas formas – um recorte que vira gravura e/ou uma nova escultura. Trata-se de uma outra ideia, uma nova maneira de trabalhar que me permite pensar a obra como um todo. (ANJOS, apud SAMPAIO, 2010, p.34)

Atualmente por meio da pesquisa financiada pelo CNPq na modalidade bolsa produtividade de Eggert (2011) estamos num processo de produção de um trabalho articulado em rede com algumas orientandas de mestrado e doutorado. O capítulo que apresentamos para esse livro organizado, deseja apresentar alguns argumentos que vêm

sendo desenvolvidos ao longo do processo investigativo desde 2007¹ e que já teve a companhia de outras orientandas e agora compõem novas, assim como possui distintas modalidades de artesanato, porem, nesse capítulo, nos debruçaremos com quem pesquisa a tecelagem e as tecelãs.

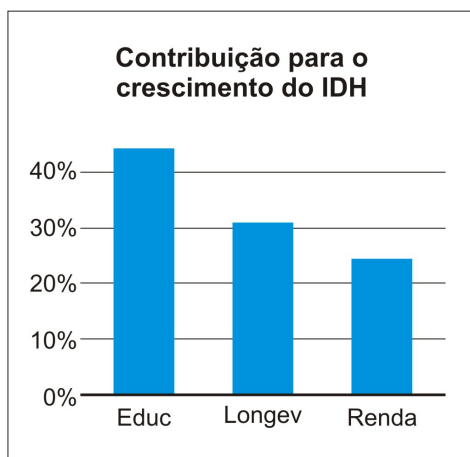
A epígrafe que acompanha esse texto deseja formar a imagem do que tem sido para nós a entrada e permanência nos ateliês que temos visitado. A descrição realizada pelo artista Jorge dos Anjos resgata o que temos visto e sentido, ou seja, num ateliê as peças ficam expostas para a artesã de modo que ela vê o que está produzindo em todos os passos da produção. Enquanto não estiverem prontas, etiquetadas e embaladas as peças permanecem à vista de quem cria. Buscamos olhar para questões mais gerais como o trabalho manual feminino, bem como suas invisibilidades, palavra-chave das nossas pesquisas e fazemos simultaneamente uma trama sobre a tecelagem no estado do Rio Grande do Sul. Longe de querer esgotar o tema, mas empenhadas em conhecer e discutir questões desse tipo de trabalho que alcança grande parte das mulheres das classes populares vamos puxar fios desde Alvorada.

Alvorada² emancipou-se no dia 17 de setembro de 1965, conforme a lei estadual nº 5026, e acredita-se que o nome da cidade seja uma referência ao seu povo, constituído em sua maioria por trabalhadores que acordavam nas primeiras horas da manhã para trabalhar na capital do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Com 72,9 km², e área urbana legal de 52 Km², o município é um dos menores do Estado e sua economia é

¹ Inicialmente um projeto que dialogava com a realidade das tecelãs e a das professoras, utilizando-se de metáforas sobre a produção invisível delas que resultou num livro organizado por Eggert e Silva (2009); e em seguida a pesquisa desenvolve o argumento da invisibilidade da produção artesanal feminina num recorte que busca fornecer elementos para a EJA com uma primeira produção (Eggert, 2011) e artigos publicados em revistas (Eggert; Silva, 2010; Silva;Eggert, 2010); Motta;Eggert, 2011). No trabalho mais amplo de orientação temos a doutoranda Marli Brun que pesquisa as bordadeiras e a doutoranda Lenita Korbes que pesquisa a EJA e dialoga a produção teórica que o grupo vem realizando. Além dessas pesquisas temos ainda as professoras Aline Lemos Cunha (UFRGS), Maria Clara Bueno Fischer (UFRGS) e Marcia Alves da Silva (UFPEL) com projetos de pesquisa diretamente ligados ao tema do artesanato compondo assim trabalhos que dialogam no Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq – Trabalho, Educação e Conhecimento, todos com financiamento do referido órgão.

² As informações obtidas sobre Alvorada foram pesquisadas no site www.alvorada.rs.gov.br no dia 11/06/2012 (PREFEITURA ALVORADA, 2009).

baseada principalmente no comércio e no setor de serviços. A maioria da população trabalha no município de Porto Alegre, fazendo com que a cidade seja conhecida também como cidade-dormitório. Sua população, segundo dados do IBGE de 2008, conta com 211.233 habitantes. No período 1991-2000, o IDH de Alvorada cresceu 7,26%, e passou de 0,716 para 0,768 em 2000, segundo a classificação do PNUD. O crescimento do IDH de Alvorada, de acordo com o PNUD, ocorreu, principalmente, através da educação, conforme gráfico abaixo.



Dados sobre o IDH de Alvorada: Fonte: <http://www.ibge.gov.br/>. abril de 2010.

Com relação a aproximação do ateliê em Alvorada, tivemos a mediação da Cooperativa dos artesãos do Rio Grande do Sul, COPARIGS. Para chegarmos nesse lugar levava-se em média 50 minutos de ônibus e de carro o trajeto fica em torno de 30 minutos. Uma pequena casa de madeira com cinco cômodos, sendo um para o tingimento dos fios, um para guardar as peças prontas, uma pequena cozinha e banheiro - onde as mulheres se reúnem pela manhã e pela tarde para o cafezinho - um cômodo para guardar os fios e outro, onde estão os teares pequenos; sendo que os teares grandes ficam ao longo do quintal. Durante o trabalho é possível ouvir os passarinhos cantando. Há muitas árvores ao longo do quintal que dão sombra para o ateliê.



Entrada do ateliê. Fonte: Acervo de Amanda Motta Castro. DEZ 2009

No cotidiano do ateliê, trabalham em média sete tecelãs, de segunda a sexta, em turno integral, das oito da manhã às seis da tarde, produzem peças de vestuário feminino e enfeites para casa.

Com poucas opções de trabalho e para evitarem o longo trajeto de deslocamento até a Capital (onde muitas mulheres de Alvorada trabalham, sobretudo nas atividades do comércio, serviços gerais e em casas de família como empregadas domésticas), algumas trabalhadoras buscaram na tecelagem uma forma de sustento, tanto para elas como para suas famílias, visto que várias destas mulheres são chefes de família.

Assim como Alvorada temos um município bem mais distante que é São Borja na fronteira do Estado do Rio Grande do Sul com a Argentina. Está localizado no oeste do Rio Grande do Sul, banhado pelo rio Uruguai, faz fronteira natural com Santo Tomé situado na província de Corrientes, Argentina. São Borja compõe a microrregião da fronteira gaúcha. O município de São Borja limita-se ao norte com as cidades de Garruchos e Santo Antônio das Missões; ao sul faz divisa com as cidades de Maçambará e Itaqui; a leste com as cidades de Itacurubi e Unistalda. Já a oeste, faz fronteira com a cidade argentina de Santo Tomé. O município está localizado a 594 km de distância da capital do Estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre. Fundado em novembro de 1833 tem

uma população de 61.671 habitantes (IBGE, 2010), com uma área de 3.616,0 km² e uma densidade demográfica de Densidade Demográfica (IBGE, 2010): 17,1 hab/km² e uma taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais de 6,51% (IBGE, 2010).

A aproximação aos grupos de São Borja foram por meio da EMATER e pessoas conhecidas que deram pistas para que se chegasse a três ateliês distintos. Dois grupos são estruturados e tiveram assessorias diversas e um grupo de mulheres artesãs na localidade de Caçacã assistido e acompanhado pela própria EMATER. Nesse local a pesquisa iniciou no final de 2011, portanto ainda há um caminho a ser percorrido em relação aos processos de observação participante, bem como dos estudos pormenorizados de processos formadores existentes dos diversos locais já visitados. O que já pode ser inferido é que a EMATER possui um determinado processo de acompanhamento que nos parece muito importante como modo de pensar a região, e ao mesmo tempo, outras inserções que ainda necessitamos fazer para que outros dados apareçam.

Para esse texto, introduziremos questões que despontam como aspectos que percebemos serem formadores na vida das artesãs. Um desses aspectos é o não reconhecimento da atividade como profissão desde as próprias artesãs e o quanto o não reconhecimento da profissão de artesã/ão na legislação brasileira pesa nessa postura formadora. A fim de contribuir numa perspectiva mais política e analisar os processos de formação técnica das mulheres dessa arte milenar, passaremos ao ponto seguinte tentando aprofundar alguns elementos.

A invisibilidade do trabalho manual feminino no artesanato e na arte popular

O trabalho manual foi uma atividade desenvolvida por mulheres e homens ao longo da história. O ofício de artífice ficou relegado em grande medida ao mundo masculino, pelo fato de haver um reconhecimento público do seu trabalho. Às mulheres ficaram relegados os trabalhos manuais relacionados com a manutenção da vida. Nesses trabalhos encontram-se o artesanato ligado ao "fio" ou ao têxtil. Bordado, tricô, crochê, costura e tecelagem são atividades que

historicamente foram realizadas pelas mulheres, elas exerciam esse trabalho para vestir suas famílias. Nas mãos das mulheres estava o processo de ensino e aprendizagem das técnicas ligadas ao fio. Compreendemos que esse trabalho esteve historicamente ligado ao mundo privado onde as mulheres ficaram por um longo período. Segundo Prisca Kergoat (2011), no fim do século XIX surgiu a noção do "*ofício de mulher*", neste momento definiu-se o ofício de mulher em torno das então chamadas qualidades "*naturais e inatas*" das mulheres: o cuidado com o outro, o amor e a maternidade. A desvalorização então do trabalho feminino estaria ligado à falta de necessidade de aprendizagem e de qualificação (Kergoat, 2011). Marcela Lagarde (2005) também aponta nessa direção ao afirmar que a desvalorização do trabalho das mulheres acontece pelo fato da sociedade acolher a ideia de que as mulheres têm como última e principal missão a maternidade, isso é: tomarem o cuidado para com o outro como tarefa básica e principal. Para Edla Eggert (2004), a desvalorização do trabalho das mulheres acontece, pois a sociedade reafirma a mulher como a responsável pela esfera privada, devendo-se envolver com o trabalho doméstico, o amor materno e o cuidado com o outro. A autora Amiée Montiel (2007) argumenta que o trabalho feminino deve socialmente ser realizado "por amor". Michelle Perrot (2007) destaca que as mulheres ao longo da história da humanidade sempre trabalharam, porém seu trabalho foi invisibilizado, sobretudo por ser um trabalho da "ordem" do cotidiano da vida das mulheres, ora um trabalho doméstico, ora um trabalho artesanal ou de ajudante do marido no trabalho informal ou em seu negócio, principalmente nos comércios.

O trabalho manual dos fios, e em especial o da tecelagem foi historicamente invisibilizado, pois esta na ordem do privado, compreendido com sendo um conhecimento inato e natural das mulheres, segundo o relato de muitas tecelãs durante nossa pesquisa empírica esse trabalho é visto socialmente como sendo coisa de mulher, ou seja, é fácil e "ajuda" a fazer um dinheirinho.

Platão afirmava que, "Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos, teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho" (Platão apud Branca Alves, 1991 p. 11). E o pai da Psicanálise declarou seu parecer sobre a tecelagem: "após séculos sem inventar nada, as mulheres

conseguiram enfim inventar a tecelagem, pela boa razão de que a técnica do cruzamento dos fios no tear despertava a memória inconsciente do cruzamento dos pêlos pubianos que escondem sua terrível deformação" (Freud apud Oliveira, 2003 p.36)³.

O artesanato foi organizado por meio de corporações nas quais as mulheres não podiam participar e, segundo Richard Sennett (2009, p. 72), "o homem do ofício artesanal não aceitava as mulheres como membros das guildas, embora cozinhassem e limpassem na casa das oficinas". Para Prisca Kergoat et al. (2009) no decorrer do trabalho de historiadores descobriu-se um número significativo de mulheres nas corporações durante a Idade Média, exercendo ofícios como de roupeiras e de tecelãs.

A roupa como sabemos é essencial para aquecer o corpo no frio assegurando assim, que não se morra de frio. Nesse sentido quando dizemos que o ofício de artífice ficou relegado em grande medida ao mundo masculino é porque os trabalhos na costura, no bordado e na tecelagem foram desde sempre realizados muito mais pelas mulheres do que pelos homens e em condições que se situam junto ao trabalho doméstico e o cuidado dos outros, ou seja, no âmbito do privado e não sendo assim reconhecidos como ofícios, como um trabalho. A busca por visibilidade do trabalho artesanal realizado pelas mulheres, segundo Maleronka (2007), foi dada, em uma tentativa, apenas em 1675 pela constituição da primeira corporação de mulheres costureiras. Compreende-se com isso, que as mulheres conseguiram se organizar apenas no fim do sistema corporativo quando já estava iniciado um novo sistema de produção e quando as corporações estavam entrando em decadência e necessitando-se naquele momento histórico das mulheres como mão de obra nas primeiras fábricas têxteis que se espalharam pela Europa. Atualmente, mesmo que tecer, bordar ou costurar sejam tidos como ofícios ou trabalhos, eles ainda não são reconhecidos dessa maneira quando são as mulheres que praticam tais atividades. Na verdade esse trabalho é visto como simples manualidade

³ O texto ao qual Rosiska Darci de Oliveira se refere é sobre a feminilidade um dos trabalhos mais finais de Freud escrito em torno de 1933.

ou então, "coisinhas de mulher". Consideramos importante retomarmos a concepção de ofício nesse contexto:

(...) do latim *menestier*, *mister* ('serviço, ofício'), a noção de ofício remete igualmente a dois conceitos gregos maiores, os de *métis* – inteligência prática – *techné* – inteligência raciocinada. [...] o ofício abrange com toda evidência a divisão social do trabalho e mais particularmente a divisão entre a ação manual e a intelectual [...]. As citações e expressões dos dicionários marcam igualmente a divisão social entre os dois sexos: 'Ser um homem de ofício', 'o mais velho ofício do mundo', 'o ofício de rei é grande'. As mulheres seriam pouco afeitas tanto ao exercício da técnica como do poder (KERGOAT et al., 2009, p. 159).

Uma mulher pode ter um ofício e um ofício reconhecido profissionalmente? Qual a potencia dessa afirmação direcionada para as tecelãs? O que significa ser pouco afeita ao exercício de técnica e ao exercício do poder? Que técnica e qual poder? Aos poucos, necessitamos desconstruir verdades sistematicamente repetidas como absolutas. E conceitos como esse do ofício é uma dessas verdades aprendidas por elas e por todos.

Nesse contexto, também recuperamos um pouco sobre o modo como são apresentadas as produções da arte popular brasileira em livros de arte. Do livro *Teimosia da imaginação* (NEVES; MONTES; MONTE-MOR, 2012) temos o resgate de dez artistas que pode retratar o quadro da realidade constatada sobre a presença e visibilidade das artesãs Brasil a fora, pois de dez artistas, apenas uma é mulher. Embora nesse livro, e em alguns outros como no caso do livro de Angela Mascelani (2008), já tenhamos um olhar com uma sensibilidade voltada para a produção de homens e mulheres, ainda é tímida essa forma de apresentar a arte e o artesanato de um modo geral. É o que Eli Bartra (2008, p.9) advoga no seu texto quando afirma que, "En mi caso, el interés específico radica en conocer la creatividad artística de este grupo social en particular: las mujeres. Y no únicamente en México, sino también em otras partes del mundo." A autora analisa o modo como esse tema fica despossuído, quase sem força pelo fato de mirar a questão da arte popular como sendo uma arte subalterna e de fato uma parte produzida majoritariamente por mulheres pobres.

Ironicamente, podemos nos perguntar se nossa escolha temática se dá devido a questões econômicas, ou seja, o artesanato volta com força

a medida em que o desemprego acontece e amplia uma mão de obra um tanto quanto esquecida, mas que sempre esteve presente. Fernando Hage (2009) determina ao consumo a responsabilidade do retorno ao artesanato, o que rebatemos, pois antes do consumo temos outras conjunturas que desencadeiam outros modos de produção, para então chegarmos novamente ao consumo.

Temos a sensação que, de alguma forma, o artesanato foi colocado como um "lugar do passado", imóvel perante as transformações tecnológicas e dessa forma protegido contra grandes intervenções, mas parece que não é por esse caminho que as coisas caminham na atualidade. De alguma forma, caminhos do consumo voltaram a colocar o tema e o produto em pauta através de novas formas de divulgação e uso, criando assim uma diversidade de realidades que às vezes sob a capa de artesanato, no fundo são bastante diversas e particulares. (HAGE, 2009, p. 63)

De maneira que nos parece pertinente estabelecer um recorte na área da Educação para o estudo dos processos formadores nesse campo "produtivo" que é o artesanato brasileiro, a começar pela região em que vivemos e estudamos: o Rio Grande do Sul⁴.

O artesanato no estado do RS – perspectiva quantitativa⁵

Conforme (Becker, 2011) o artesanato é uma atividade permanentemente regulamentada no RS pelo Programa Gaúcho de Artesanato (PGA), programa esse que está ligado a Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS). A FGTAS, juntamente com o PGA, elaboram, anualmente, relatórios com dados sobre o artesanato e os artesãos no estado. Esses relatórios são elaborados com base nas fichas cadastrais dos artesãos. A seguir apresentaremos algumas tabelas que nos

⁴ O livro produzido pelo grupo e organizado por Eggert (2011) é a primeira sistematização desse intento de mapear e analisar processos educativos de correntes na produção do artesanato gaúcho. O livro, bem como a pesquisa atual são financiados pelo CNPq e pela Unisinos.

⁵ Dados quantitativos que foram elaborados e analisados no trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) por Becker, 2011. Esses dados tem por base os relatórios da FGTAS/PGA.

permitem ter a visibilidade sobre alguns dados quantitativos em relação aos artesãos e as artesãs no RS.

A tabela que passamos a apresentar reflete os dados sobre o número total de artesãos ativos e inativos⁶ por sexo, cadastrados até dezembro de 2010.

Tabela 1 - Número de artesãos ativos/inativos por sexo em 2010

SEXO	MASCULINO	%	FEMININO	%	SOMA
Artesãos Cadastrados Ativos	7.336	21	26.870	79	34.206
Artesãos Cadastrados Inativos	8.763	23	29.896	77	38.659
SOMA	16.099	22	56.766	78	72.865

Fonte: FGTAS [2011]

Os dados expressos nessa tabela são importantes porque tornam legítima a hipótese de que as mulheres são a maioria no campo do artesanato no RS. Percebe-se que 79% dos artesãos cadastrados até 2010 são mulheres.

Tendo em vista que para tomadas de ações educacionais do campo formal de ensino, especialmente no caso da implantação de currículos para a formação profissional de artesãos e artesãs, como por exemplo, torna-se necessário o conhecimento da distribuição dos artesãos e das artesãs no território do nosso estado. Por isso, apresentamos com base no estudo realizado por Becker (2011) duas tabelas com a distribuição por percentual de artesãos nas COREDEs e nas nove Regiões Funcionais de Planejamento (RF).⁷

⁶ Artesã(o) ativo é aquele@ que esta com seu cadastro atualizado e o inativo é o que deixou de fazer a renovação o que não quer dizer que os inativos se eximiram do campo do artesanato pois reconhecemos artesãs que, mesmo trabalho no campo, não tem renovando sua carteira de artesã.

⁷ Conforme Rio Grande do Sul (2011a), os Conselhos Regionais de Desenvolvimento - COREDEs são um fórum de discussão e decisão a respeito de políticas e ações que visam o desenvolvimento regional. Seu principal objetivo é a promoção do desenvolvimento regional. A divisão regional conta atualmente com 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento. Para fins de melhor planejamento, os COREDEs são agregados em nove Regiões Funcionais de Planejamento - RF.

Tabela 2 – Percentual de Artesãos Ativos por COREDE em 2009

CÓDIGO COREDES	NOME COREDES	MUNICÍPIO SEDE	Nº ARTESÃOS ATIVOS	% POR COREDE
1	Alto Jacuí	Ibirubá	414	1,33
2	Campanha	Bagé	728	2,34
3	Central	Santa Maria	772	2,48
4	Centro-Sul	Tapes	708	2,28
5	Fronteira Noroeste	Santo Cristo	379	1,22
6	Fronteira Oeste	Uruguaiana	1092	3,51
7	Hortênsias	Bom Jesus	995	3,20
8	Litoral	Osório	2328	7,49
9	Médio Alto do Uruguai	Frederico Westphalen	480	1,54
10	Missões	Santo Angelo	629	2,02
11	Nordeste	Lagoa Vermelha	140	0,45
12	Noroeste Colonial	Ijuí	480	1,54
13	Norte	Erechim	292	0,94
14	Paranhana –Encosta da Serra	Taquara	592	1,91
15	Produção	Passo Fundo	746	2,40
16	Serra	Caxias do Sul	1946	6,26
17	Sul	Pelotas	2470	7,95
18	Vale do Cai	São Sebastião do Cai	532	1,71
19	Vale do Rio dos Sinos	São Leopoldo	3667	11,80
20	Vale do Rio Pardo	Venâncio Aires	1107	3,56
21	Vale do Taquari	Lajeado	1125	3,62
22	Metropolitano Delta do Jacuí	Porto Alegre	8123	26,14
23	Alto da Serra do Botucaraí	Soledade	102	0,33
24	Jacuí Centro	Cachoeira do Sul	256	0,82
25	Campo de Cima da Serra	Vacaria	457	1,47
26	Rio da Várzea	Palmeira das Missões	98	0,32
27	Vale do Jaguari	Santiago	241	0,78
28	Celeiro	Tenente Portela	174	0,56
SOMA			31.073	100,00

Fonte: FGTAS [2010b]

Tabela 3 – Percentual de Artesãos Ativos por Região Funcional (RF) em 2009

REGIÕES FUNCIONAIS	Nº ARTESÃOS ATIVOS	% DE ARTESÃOS POR REGIÃO FUNCIONAL
1	13.622	43,84
2	2.232	7,18
3	3.398	10,94
4	2.328	7,49
5	2.470	7,95
6	1.820	5,86
7	1.662	5,35
8	1.683	5,42
9	1.858	5,98
SOMA	31.073	100,00

Fonte: FGTAS [2010b]

A COREDE que apresenta o maior número de artesãos ativos, é a Metropolitano Delta do Jacuí seguido do Vale do Rio dos Sinos, que por sua vez, pertencem a Região Funcional 1 que é a com maior número de artesãos ativos. As COREDEs que vem em seguida com maior número de artesãos ativos são: Sul que compõe a Região Funcional 5, Litoral que compõe a Região Funcional 4 e Serra que faz parte da Região Funcional 3.

A partir das tabelas podemos conhecer a distribuição dos artesãos no estado. Esse conhecimento é relevante, pois permite identificar onde o artesanato é praticado com maior intensidade. É, pois nas áreas de maior densidade populacional que a atividade artesanal é intensificada. Os municípios como: Canoas, Caxias do Sul, Gravataí, Novo Hamburgo, Pelotas, Rio Grande, São Leopoldo, Tramandaí e Viamão são municípios que apresentam todos eles, acima de quinhentos artesãos ativos. Sendo que Porto Alegre é líder no ranking, pois apresenta 5.559 artesãos ativos além dos mais de 10.918 inativos. Os municípios de Alvorada e São Borja também apresentam um número considerável de artesãos ativos, mas com base nos relatórios da FGTAS/PGA não passam de quinhentos artesãos ativos.

Resaltamos que muitas mulheres agricultoras, devido a impasses legais, não entram nas estatísticas dos relatórios da FGTAS/PGA assim

como as indígenas e bem como muitas outras mulheres que não tem o conhecimento dos benefícios da Carteira do Artesão e que por não estarem cadastradas acabam tornando os dados incompletos.

Mesmo assim, a partir dos relatórios anuais da FGTAS/PGA, dos dados apresentados nas tabelas, podemos obter uma visão da concentração das artesãs no RS. Os dados expressos mostram que elas são a maioria. O levantamento quantitativo sempre é importante, pois permite visibilizar de maneira bem generalizada, mas sem maiores especificações e por isso investigações empíricas de caráter qualitativo são necessárias.

Conclusão

"As coisas de mulher" feitas no artesanato brasileiro são motivos para investigação científica na área da Educação?

Para Eli Barta (2008) é preciso reverter a dupla marginalização intelectual da arte popular, para essa autora "El arte popular es considerada de segunda, elaborada por gente también de segunda" (2008, p. 12). Bartra argumenta ainda que a atividade criativa desenvolvida pelas mulheres na arte popular é apenas mais umas das muitas produções das mulheres que ficam invisíveis. Afirma que a arte desenvolvida pelas mulheres é tão invisível quanto o trabalho doméstico realizado diariamente pelas mulheres no cotidiano ordinário (Gebara, 2008). Concessa Vaz de Macedo (2006) aponta que: "a produção artesanal de fios e tecidos, sob o domínio das mulheres, aparece sob a denominação "indústria têxtil doméstica" ou "produção caseira", em oposição à "produção oficial ou artesanal" ou "ofícios", predominantemente masculina" (Macedo, 2006, p 6). E para Sennett (2009), devemos desconfiar dos supostos talentos inatos, pois afirma que a habilidade artesanal requer um alto grau de aprendizagem, logo podemos afirmar que, ao olharmos um trabalho de tecelagem, como por exemplo uma colcha bem tramada com suas diversas cores e formatos, é fato que a artesã que a fez aprendeu a técnica e a arte dos teares. Para Sennett (2009), são necessárias 10 mil horas de experiência para termos um artesão ou uma artesã qualificada, portanto, quando estudamos

artesanato, estamos nos referindo às horas de trabalho artesanal que implica em estudo, mesmo que esse processo não seja formalmente reconhecido. A tecelagem é sofisticada, possui saberes próprios e para desenvolvê-la é necessário o domínio de conhecimentos específicos. A complexidade da pedagogia produzida em espaços invisíveis, como ateliês de tecelagem, por muitas vezes passa ao largo da produção sistematizada do conhecimento. E nossa investigação quer resgatar justamente esse tipo de conhecimento e trazê-lo como matéria para a Educação.

Referências

ALVES, Branca & PITANGUY. **O que é feminismo**. São Paulo. Brasiliense, 2003.

BARTRA, Eli. Rumiando en torno a lo escrito sobre mujeres y arte popular. **La ventana** [online]. 2008, vol.3, n.28, pp. 7-23. ISSN 1405-9436

BECKER, Márcia Regina. **Mulheres no Artesanato**: O sonho de um projeto pedagógico de formação profissional para artesãs no Rio Grande do Sul. 2011. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena) Curso de Pedagogia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2011

EGGERT, Edla. domÉSTICO Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J (Org.). **À flor da pele**: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

EGGERT, Edla. (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

FREUD, S. A feminilidade. Trad. de Odilon Gallotti, Isaac Izecksohn e Gladstone Parente. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Delta, [original em 1933]s/d, p.117-141. Tomo X.

FUNDAÇÃO GAÚCHA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL - FGTAS. **Programa gaúcho do artesanato:** relatório: 2010. Porto Alegre, [2011].

FUNDAÇÃO GAÚCHA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL - FGTAS. **Programa gaúcho do artesanato:** relatório: 2009. Porto Alegre, [2010b].

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. IN NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). In: **Epistemologia, violência, sexualidade:** olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

HAGE, Fernando. *Múltiplos artesanatos*. IARA – **Revista de Moda, Cultura e Arte**— São Paulo v.2 n. 1 set. /dez. 2009 – Dossiê 3. p. 62-84.

KERGOAT, Prisca. Ofício. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Franloise (org). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2011.

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4.ed., Ciudad del México: UNAM, 2005.

MACEDO, Concessa Vaz de. A indústria têxtil suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do século XIX: uma reavaliação. **Varia Historia**, v 22, n 35, jan-jun, 2006.

MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda:** um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920 – 1951). São Paulo: Editora Senac, 2007.

MONTIEL, Amiée. Por la visibilidad de las amas de casa: rompiendo la invisibilidad del trabajo doméstico. In: **Política y cultura**, n.28 México 2007.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PERROT, Michelle. **Minha história sobre as mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

A ÁRVORE DOS ESPELHOS: O POTENCIAL PEDAGÓGICO DA ARTE NO PROCESSO DE SAÚDE MENTAL DE MULHERES DO CAPS

Leonice Maria Vivian Araldi

Mirela Ribeiro Meira

Não dei por esta mudança

Tão simples tão certa tão fácil:

Em que espelho ficou perdida a minha face?

Cecília Meirelles

O título deste trabalho, inspirado no poema acima, trata e uma investigação realizada com mulheres atendidas pelo Centro de Atendimento Psicossocial, CAPS, de Quilombo, SC. Orienta-se às experiências realizadas com estas, de um lado, enquanto processo terapêutico, e, de outro, aos laços ético-estéticos para além da arte, na vida. Rumo a outros possíveis, estende-se ao direito à vivência de uma dimensão inalienável do ser humano: a desrazão. A investigação privilegiou fazê-lo no encontro do potencial criador da Arte com a sensibilidade, em direção a um *sentir-junto* - vetor de comunhão. Para Maffesoli (1996, apud MEIRA, 2001). O que é *sentido* junto - estético-conforma uma *ética*: a de promover um estar mais saudável para além da arte, na vida.

Optou-se por enfatizar as *potencialidades humanas* que proporcionassem um aumento na qualidade das vidas destas mulheres e sua mobilização afetiva, vincular, experiencial, reflexiva, de cuidado e atenção a si próprias. Fundamental, portanto, para a superação dos estigmas ocasionados por inúmeras e históricas exclusões que traziam marcadas a ferro e fogo em seus corpos. Estas foram responsáveis por sentimentos de inferioridade, perda de auto estima, sensação de serem *anormais*.

Objetivou-se contribuir para a transformação dessas mulheres *jogadas fora* - como o lixo e a poesia- em pessoas que sentem, desejam, sorriem, choram, sofrem, e podem ser felizes, viverem suas vidas com mais qualidade.

As transformações advindas do trabalho - incluindo conflitos, rupturas, sofrimentos e contradições, propunham a reconfiguração de comportamentos, novos papéis e valores no decorrer das vidas, através do sentimento, da *adaptação* - não estereotipada - aos mil papéis possíveis que a vida oferece. Um processo de identificação fluido, distinto da rigidez identitária proposta pela Modernidade, que as fixara numa identidade: *velhas, loucas, descartáveis*.

As mulheres que compõem este universo não escapam a esta fixação. Diagnosticadas como *loucas irrecuperáveis* - dado que inúmeras possibilidades terapêuticas foram tentadas sem sucesso - tiveram suas identidades *roubadas*. Era preciso então que as tivessem de volta, e se pudessem acrescentar outras: *criadoras, capazes, importantes*, etc.

A pesquisa foi desenvolvida nas dependências da "Casa da Arte Quilombo", sob a forma de Oficinas de Criação Coletiva (MEIRA, 2001). O trabalho foi realizado em dez encontros, com nove mulheres de idades entre dezessete e sessenta anos, que recebiam atendimento do CAPS², duas vezes por semana, durante duas horas, em maio e junho de 2006. São agricultoras, aposentadas, desempregadas e adolescentes escolhidas em função de não terem tido antes contato com atividades artísticas e se inscreverem voluntariamente, demonstrando interesse em sua própria saúde.

Almejava-se construir um espaço que permitisse, através da Arte, o exercício estético-artístico, a criação coletiva, a apropriação das identificações pessoais, o conhecimento de mundo, necessários à promoção, recuperação, resgate e desenvolvimento da saúde de cada uma das envolvidas. Era preciso então, verificar em que grau as atividades modificariam suas vidas, através da (re)interpretação das

¹ Apoiada pela Prefeitura Municipal de Quilombo, SC, mantida pelo Projeto de Inclusão do Ministério da Cultura, e presta atendimento também à comunidade.

² Os CAPS são unidades de saúde regionalizadas, parte de uma rede de atenção substitutiva ao manicômio, desde 1992 não mais o lugar de tratamento da doença mental.

significações que atribuíam às pessoas e ao mundo, em suas falas, trabalhos, gestos, expressões, imagens.

Metodologicamente, consideraram-se as expressões orais e imagéticas obtidas nas oficinas, às representações, o contexto sócio-econômico e cultural, a sensibilidade, os valores e as crenças como indicadores. Depoimentos³ foram fundamentais para obter a essência do significado das produções artísticas que as participantes atribuíam às vivências de Oficina de Criação Coletiva⁴. A esta abordagem Minayo (1994, p. 22) chama de *qualitativa*, por aprofundar-se "no mundo dos significados das ações e relações humanas" e referir-se a um lado "não-perceptível e não-captável em equações e estatísticas". Como método, *histórias de vida*, do Método Biográfico⁵ (JOSSO, 2004).

Na pesquisa, propusemos um olhar sensível, para perceber as mudanças para além do que os olhos possam ver e apreender. Optamos por um pseudônimo que as identificasse a partir de algo do lugar onde vivem, materializada em nomes de *árvores*, pela variedade de espécimes e por seus significados simbólicos. Estas são o símbolo da vida em perpétua evolução e ascensão, verticalidade, o cíclico, a evolução cósmica: morte e regeneração. Comunica os três níveis do cosmo: *O subterrâneo, nas raízes; a superfície, no tronco e galhos inferiores; as alturas, no cimo, atraído pela luz do céu*. Reúne os quatro elementos: água, terra, ar e fogo e é considerada símbolo das relações entre céu e terra (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p. 90).

A partir daí, a *árvore dos espelhos* passou a existir como metáfora do trabalho, ao somar-se ao poema inicial, onde a autora procura suas imagens perdidas no espelho, suas identificações, seus inúmeros *eus*. Esta procura é natural do humano, que caminha em direção a uma

³ A coleta de dados - observações, comentários, depoimentos, trabalhos, observações, fotos, produções artísticas- foram gravados, escritos e transcritos durante as Oficinas. e após as atividades do grupo, incluindo os das produções artísticas.

⁴ Modalidade metodológica desenvolvida especificamente para a Saúde Mental Coletiva. Ver Meira, 2001.

⁵ Método de investigação transversal que trabalha com narrativas articulando diferentes dimensões do humano em busca de uma sabedoria de vida (JOSSO, 2004).

individação, ao sentido e ao destino de vida, busca esta variada, mas cheia de confrontos com mortes simbólicas.

Não poderia ser diferente com essas mulheres que, durante anos, derramaram suor e lágrimas por alimento, unidade familiar e sobrevivência. Mulheres que foram educadas para serem *úteis*, definidas sempre pelo olhar de um e um outro. Perdendo, neste processo, seu senso de existência, muitas vezes desistindo dos próprios sonhos para que outros os sonhassem. Elas passaram e passam por etapas difíceis na vida, conduzem e resolvem seus problemas sentimentais, sexuais, econômicos e espirituais de modo único, buscando objetivos com os quais suas avós, muitas vezes sequer ousavam pensar.

O processo de identificação implica em romper com o que nos impede de buscar o que nos leva a viver. Pelbart (2006) lembra que presenciamos "maneiras distintas de falar, perceber, sentir, sonhar, gestos, posturas, formas de vida que impedem de sentir, imaginar, pensar". O desafio então é abrir-se à alteridade, romper, desfazer diferenças que circundam as camadas sociais, às vezes de modo muito sofrido.

Diferentes fatores têm desestruturado a concepção de ser mulher. Indagações do tipo *o que estou fazendo com a minha vida?*, ou, *o que pretendo com ela?*, podem receber, na arte, um tratamento que ajude no processo de reflexão. Tal reflexão leva à pergunta: *em que espelho ficou perdida a minha face?*, ou ao que faz com que elas não mais se reconheçam enquanto seres *pertencentes* a um universo, sintam-se *estranhas* ao mundo, sofrendo pelo que lhes foi tirado?

Solos férteis: arte, saúde e criação

Segundo Meira (2003), o imaginário e a desrazão, através da arte, podem auferir outro *sentido* às coisas, permitindo transitar pela loucura, sofrimento e dor sem que os vivamos como *doença*. A criação, "ao materializar emoções e conflitos, objetiva forças em direção à *consciência*, transformando a percepção do mundo, e, conseqüentemente, o mundo. Ao resgatar histórias de vida, possibilita "que um campo de virtualidades, pela criação estética (sensível) e artística (seus métodos e técnicas) se consolidem em formas, infinitamente re-

inventáveis. Preenche funções cognitivas, simbólicas, expressivas, sensíveis (estéticas), representacionais, de jogo, prazer. Testa e até substitui situações da realidade por equivalentes, com o máximo de *clareza* e *verdade*, além da mera fantasia, residindo aí parte de seu caráter terapêutico. Os sonhos conflitos, desejos, afetos, a energia psíquica bloqueada pelo sofrimento, podem liberar-se e fluir, ganhando concretude e configurando-se em símbolos, cumprindo a função de sensibilizar, expressar, estruturar, transformar e transcender em busca de um *equilíbrio*.

Nesse contexto, a Arte lança mão de estratégias terapêuticas através da *arteterapia*. Através do trabalho criador, a expressão se revela, cada um pode reconhecer seu mundo interior e transformá-lo. É um passo importante na conquista da saúde, que não está em lugar nenhum, senão na *relação* da pessoa com suas condições de vida: como ama, luta, trabalha, cria, compreende, participa, conhece (MEIRA, 2001). E é no cotidiano que a saúde é construída, no cuidado de si, na convivência, na comunicação, na oportunidade de revelar-se sensivelmente. Estes não são tão facilmente identificados justamente por serem corriqueiros, no cotidiano, diz Duarte Jr. (2001), conectados a uma série de "procedimentos práticos e até poéticos" com os quais estamos diariamente envolvidos e não percebemos.

A responsável por lidar com eles é a arte, uma manifestação onde o pensamento estético é central a si mesmo, onde as capacidades humanas mobilizam-se para produzir algo *novo*, com a marca do sujeito. Ela constitui objeto de comunicação entre os homens e seu meio; por isso, auxilia o auto reconhecimento, a percepção sensorial e da materialidade da imagem interior. O fazer propicia um clima de experimentação prazeroso, de sensorialidade e materialidade: texturas, cores, formas, volumes, linhas.

Por seu processo educativo e terapêutico, proporciona atividades concretas, desenvolve a criação, a compreensão das mudanças e dos estágios da própria vida. Uma vez que integra a arte com os outros campos de conhecimento, não se preocupa com a beleza ideal, mas concebe que a arte, por ela mesma, tem propriedades curativas (PAÏN; JARREAU, 2001). Suas atividades práticas proporcionam vínculos entre os participantes de um grupo, aumentando a confiança entre si, a

liberdade de expressão verbal e plástica. Os processos criadores proporcionam estratégias concretas para manter o cérebro apto a compreender o processo vital, obtendo insights para melhorar a própria vida. Esta é um potencial geral, que encontra nos processos criadores. No despertar da criatividade, a energia vital é retomada, assegurando a auto-estima, construindo, simbolizando, emocionando, conhecendo, desejos, consolidando relações positivas. Sentir-se bem consigo mesma, conhecer-se, ser dona dos seus desejos, pode ajudar essas mulheres a construir um caminho de auto-conhecimento, manifestando-o através de elementos visuais, de uma linguagem simbólica que permite a percepção, através da arte e do processo de criação, de que podem ser seres criativos, sensíveis, saudáveis.

Saúde não quer dizer *ausência de doenças*, mas indica uma mobilização de ações e comportamentos que emancipem os atores envolvidos num sistema de ação institucional, como sujeitos sociais e atores de mudança, transformando as relações de poder, valorizando o afeto. A arte pode ajudar na busca conjunta de modos de restabelecimento da *relação* da pessoa com o próprio corpo, para que possa reconstruir direitos, capacidades, a palavra, produzindo relações, liberando sentimentos.

A saúde⁶, portanto, é determinada socialmente, saúde e doença constituem um processo resultante das condições de vida das populações em determinado espaço e período de tempo. É um movimento em direção à "participação", não uma "decisão política, natural ou uma estratégia": começa coma a aventura de *nos convertermos em pessoas, é aprendida* (GALLI, 1986). É um equilíbrio complexo, variável e contraditório entre uma série de fatores que incluem a história, os antepassados, os mitos, a biografia laboral, enfim, o contexto no qual o sujeito se insere.

A mulher precisa ir ao encontro da sua identidade, de seu papel na vida, separando seus desejos da expectativa social. A que deseja o bem

⁶ O conceito de saúde alarga-se, nos anos 80, com a Reforma Sanitária, ligando-se às condições de vida das populações; mudam as formas de atenção, seguridade e serviços de um modelo calcado na tradição médica- e seu caráter totalitário e hegemônico na determinação do que é saúde e do que não é- para uma apropriação via controle social da administração da saúde. Os CAPS são o resultado dessa trajetória.

viver, cuidando de si como um meio de individuação, precisa se libertar externa e internamente, procurando possibilidades de vida que não as dadas de forma estereotipada, de mãe, esposa, tia, professora. Também, reconhecer e integrar aspectos de seu inconsciente, possível através da arte.

Sombras árvores do que sou

Buscamos uma metáfora que contemplasse os objetivos do projeto, e encontramos na árvore, por seu simbolismo, uma opção, chegando à floresta.

Para Bachelard (2000, p. 191), quando estamos imóveis, sonhamos, como as árvores, na floresta, e sua imensidão. Embora pareça paradoxal, "muitas vezes é essa imensidão interior que dá seu verdadeiro significado a certas expressões referentes ao mundo que vemos". A floresta com o mistério, para além do véu de seus troncos e folhas, é um espaço velado para os olhos, mas transparente à ação. "A floresta é um estado de alma, os poetas sabem disso" (Id.Ib.p.191-3). Mergulhamos na imensidão da floresta da alma, íntima, cujas *árvores*, atravessadas por raios de sol ou sombra, permitem possibilidades para o coração, para os as ravinas.

A floresta dos espelhos

Na primeira Oficina de Criação, o ambiente musicado queimava lentamente num pote de barro, junto a aromas silvestres. Recebidas as mulheres, conversamos sobre expectativas, sentidos e significados dos encontros, a confiança, a ajuda mútua, a saúde, o sentir-se bem de todas. Foi sugerida a exploração imaginária do ambiente onde moravam, ouvindo os sons da natureza, ao balançar de chocalhos de sementes.

Apresentaram-se. Uma delas identificou-se com o Louro⁷, atribuindo a si algumas de suas características, sendo imitada pelas demais. Escolhemos então as árvores como pseudônimo de pesquisa.

Já como "árvore", cada uma disse o que esperava dos encontros e, partindo das características da árvore escolhida, falaram de si, andando pela sala, observando-a. Depois, passaram ao próprio corpo, suas sensações e relações, explorando partes dele, relaxadamente, ao som de uma música. Perguntadas sobre que atividade artística as "árvores" poderiam fazer para formar uma grande floresta, unida e confiante, como o grupo que se formava. A resposta foi: "a dança, porque as árvores dançam ao vento", e "a árvore pode conversar, porque faz barulho quando há vento forte".

Acordamos que *árvores dançantes* trariam uma folha de sua árvore, colocando em ação vivências corporais que *criam consciência sobre a própria consciência e aliam a sensibilidade, o imaginário e reflexão*.

*Pessegueiro*⁸ afirmou que, depois que seu marido faleceu, nunca mais havia dançado. Sugerimos que poderiam dançar de outras formas, como numa pintura coletiva, na mesa, com papel *craft* e guache. Olhares questionadores começaram pintar, trocando de lugar e de cor, misturando-as muito; mas pareciam não ligar, participando com muito, muito prazer.

Laranjeira⁹, que por orientação da psicóloga do CAPS, não participaria da pesquisa por seu diagnóstico de *problemas psicológicos graves*, jogava tinta em grande quantidade sobre as mãos e espalhava sobre o papel, ocupando todo espaço possível ao seu alcance. O resultado foi uma enorme pintura colorida, parecendo uma *floresta emaranhada*, com cores se misturando, indistintas. Sobre ela escreveram seus nomes e uma palavra que descrevesse o sentido com a experiência.

⁷LOURO: Simboliza imortalidade, virtudes apolíneas, conhecimento secreto. Seus ramos sinalizam o contrato entre homens e invisíveis talismãs protetores das forças maléficas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p.561).

⁸ PESSEGUEIRO: Simboliza a Primavera, renovação, fecundidade, pureza, fidelidade, virgindade, protege contra a má influência, exorciza. (Idem, p.715).

⁹LARANJEIRA: Simboliza fecundidade (Idem, p.536).

*Figueira*¹⁰, que não havia sequer esboçado um sorriso, maravilha-se: "foi uma experiência bonita: cada uma respeitou o espaço que a outra já tinha pintado". Para *Macieira*¹¹, "o mais bonito é ver que resultou, uma pintura onde todos se ajudaram a preencher o papel, como em nossas vidas." Para a *Bananeira*, "pintar com os dedos faz toda tensão dos ombros passar pelos braços e mãos, até chegar no papel em contato com a tinta, que dá essa sensação de tirar um peso de nós".

Após comentários e despedidas de sorrisos e satisfação. Ficou claro o que vieram buscar no grupo: prazer, respeito, auto-confiança, confiança em alguém com quem possam simplesmente conversar.

Na segunda Oficina, com a proposta *construindo a árvore da própria vida*, mulheres-adolescentes, com caixas nas mãos. Dentro delas, o que se tornou o símbolo de seus nomes: a folha da árvore escolhida.



Figura 1 – Pintura coletiva. Fonte: Leonice Araldi, 2006.

¹⁰ FIGUEIRA: Simboliza a abundância e seu negativo. Seca, é a árvore do mal (cristianismo). Na Ásia Oriental, simboliza poder e vida, imortalidade, conhecimento superior (Idem, p.427- 428).

¹¹MACIEIRA: Árvore da Vida, do Conhecimento, do bem e do mal, da liberdade. Comer a maçã é abusar da própria inteligência para conhecer, sensibilidade para o desejar e da liberdade para tal. Para os Celtas, um fruto de ciência, magia e revelação (idem,p.572-3).

Iniciamos com exercícios imaginários de retorno à infância. Foi pedido que observassem como eram seus pais, tios, tias, irmãos; na adolescência, os amigos, os pais, os namorados; na juventude, o casamento, as pessoas que participaram de suas trajetórias. Em seguida, que fizessem o percurso inverso, retornando. Quando abriram os olhos, emocionadas, não conseguiam parar de chorar. Abrimos espaço para que relatassem através de figuras, frases ou palavras, retiradas de revistas falas que seriam o *tronco* de uma *árvore de lembranças*. Entre cortar, rasgar, colar, sorrir, chorar, não mediam esforços para concretizar lembranças resgatadas. No final, as *árvores* foram apresentadas para o grupo.

Na terceira Oficina, *dentro e fora da caixa do EU SOU*, em círculo, dançaram uma dança primitiva, em gestos que envolviam o corpo e desejos que quisessem expressar.

A cada encontro, percebíamos o envolvimento e a descoberta que a maioria fazia de si, e passamos a apostar mais na maior valorização da vida, em vínculos, relações, o que resultou em conseguirem brincar, sentindo-se aceitas, reconhecidas, *árvores bem cuidadas*, às quais perguntávamos: *Quem são essas árvores que habitam esta floresta? Com quem se relacionam? Como sou aos olhos dos outros? Como me vejo?*

As perguntas investigaram intimidades a serem simbolizadas através de recorte e colagem na *caixa de guardar segredos* trazida. Na parte interna, representariam como se vêem; na externa, como as pessoas e o mundo as viam. Tinham que encontrar figuras que se ajustassem ao que sentiam, ao som do: "não sei como eu sou", ou "não consigo achar figuras de como eu sou, acho que vou escrever", e ainda "são tantas coisas que vai faltar caixa", seguido de "posso colar a mesma coisa dentro e fora da caixa?"

Pessegueiro representou-se como *preocupada, nervosa, descuidada de si, deprimida, trabalhando para não pensar na perda do esposo. Exigente, perfeccionista*, se sobrecarrega de atividades por achar que *ninguém faz tão bem quanto ela*. Descobriu as amizades há pouco tempo. Pensava que não poderia mais se divertir: "alegria, só sinto quando está com as vizinhas, as crianças e este grupo que agora faz parte." Conforme falava, revivia emoções, a atenção que gostaria de ter dos familiares que passam fora de casa enquanto ela fica só: "no tempo em que estão por perto, estão mais distantes".

*Caquizeiro*¹² dizia pensar mais do que agir e procurar se completar com os amigos. Sendo fechada, chora muito, não consegue aceitar a separação dos pais. Diz: "É assim que eu me vejo, é assim que eu me sinto". Por fora da caixa "me vêem" um pouco nervosa sim, mas mais divertida e simpática", embora "não me entendem e me acham sem vergonha". Sente a sua liberdade de adolescente ameaçada pelo preconceito.

*Cidreira*¹³ mostra uma adolescente séria e outra sorridente, representando as duas faces de como se vê. Sente-se um "tapa buracos" que gosta de ajudar, mas é *explorada*. Do lado de fora, representou-se em figuras extravagantes: "é assim que me vêem". No fazer a caixa, "senti como se tivesse tirado um peso de mim".



Figura 2 – A caixa do "eu sou". Fonte: Araldi, 2006.

Louro colou figuras na parte interna da caixa em ordem cronológica, mostrando o tempo em que era humilhada pelo marido, quando se deu conta de que precisava mudar, e figuras do futuro, com ela *melhor*. Surpresa ao vermos sua caixa por fora: não colou nada,

¹²CAQUIZEIRO: Simboliza prosperidade nos negócios (Idem, p. 185).

¹³CIDREIRA: Conhecida pelo seu aroma e qualidades medicinais (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, 240).

somente escreveu, "feia e ruim". Chorando, falou que é isso que sente, o descaso de seu filho e nora é o que de pior pode acontecer na vida de uma mãe. Que não tinha amigos, ninguém que pudesse conversar, confiar até conhecer o grupo: "aqui é o único lugar onde consigo sorrir."

Bananeira vê a si mesma como sonhadora. Colou por dentro casas, objetos, carro que pretende ter, sucesso. Diz ver-se sempre realizando a felicidade dos filhos e sente saudade do pai, falecido. Por fora, representou uma mulher ciumenta, amiga, forte. Não se sente assim, mas quer que a vejam assim: "esta reflexão mexe com tudo, vontades, sonhos e desejos".

Romã¹⁴ escolheu pessoas tristes e sós, sem saúde, preocupadas, que sentem saudade, com muitas marcas do tempo. Diz que tudo o que faz incomoda os mais jovens, "não agüento mais ser chamada de velha". No exterior da caixa escreveu: *velha, feia, gritona*. Como uma confissão para si mesma, diz que seu jeito é assim, é difícil mudar. Sente-se rejeitada, os filhos sentem vergonha. Recobrou a consciência de alguns de seus atos diários, isto é muito importante, diz, para tomar a decisão de mudar de atitudes.

Laranjeira colou duas figuras dentro da caixa: uma, pensando em seus dois filhos, tirados pelo juizado de menores por causa de seu problema mental e disse que *foge escondida* para poder vê-los; a outra, a Mona Lisa, representa Nossa Senhora Aparecida, que lhe dá forças para suportar todo sofrimento. No exterior, o avô e a avó, que cuidam dela com muito carinho, e uma noiva: espera casar e cuidar dos filhos, também para ter alguém que goste dela. *Macieira*, por sua vez, representou-se rebelde, impulsiva, que precisa de alguém para se apoiar, consumista compulsiva; uma "princesa" reprimida que perdeu poderes com a idade. Dizem que "Tô me achando", gostam de mim, me acham bonita, "mas velha para ser como sou". "Não quero parecer velha."

Foi possível sentir que criamos vínculos afetivos com as experiências, o que foi importante, pois a confiança permite a exposição de sentimentos sem medo, assim como a reflexão sobre si, as atitudes, medos, preconceitos, possibilidades de melhorar modos de viver.

¹⁴ROMÃ: Simboliza fecundidade, prosperidade, sedução (CHEVALIER e GHEERBRANT, 788).

A quarta Oficina, *Dançando a vida*, iniciou-se com a percepção dos contornos do próprio corpo e depois o das outras. Ao sugerir o toque em duplas, sentiram-se intimidadas, e, voltamos ao próprio corpo, saltitando, variando os movimentos, explorando o espaço, interagindo.



Figura 3 – Dança. Fonte: Araldi, 2006.

Do chão, lenços coloridos e delicados foram escolhidos para uma dança livre, desconectada de fora. Deixando-se levar, criaram movimentos integrando as representações surgidas na sensibilização. *Figueira* não interagiu. Inquirida, argumentou que poderia ferir os princípios da sua Igreja movimentar o corpo com sensualidade; com medo de sentir-se *indigna*, relutou, aderindo, todavia, posteriormente, sem resistir mais.

Ensaíamos alguns passos de danças circulares, até sorrindo espontaneamente, algo incomum. Despidas de vergonha e medo, liberaram-se, comprometendo-se com o grupo. Sentiram prazer talvez pela primeira vez em muito tempo, e não foi preciso muitas palavras para descrever o que sentiram: era perceptível, a cada momento que entravam no círculo. Algumas despertaram para a auto-percepção, outras, para a consciência do tempo passando, outras para as exclusões sofridas, como *Louro*, ao lembrar nunca haver dançado com o ex-marido, e a diferença que faz os casais se divertem juntos.

Enquanto dançavam, sorriam, enquanto sorriam, falavam das poucas, ou, quase nenhuma, oportunidades que tiveram de dançar. O valor terapêutico e criador da dança foi revelador não somente pelos corpos soltos, desinibidos e à vontade, mas pela liberdade de sentir e falar sobre o que vivenciaram. Uma grande vitória foi o entrosamento, a alegria e a assiduidade do grupo, que causou curiosidade nos profissionais do CAPS, que pediram autorização para visitar as oficinas.

A próxima Oficina versou sobre o tema "**A vida é um grande Patchwork**, reunindo retalhos da vida".



Figuras 4, 5, 6 e 7: Patchwork. Fonte: Araldi, 2006.

Os retalhos coloridos forravam o chão, a mesa, instigavam a curiosidade a procurar, entre um tecido e outro, o mais colorido, o mais bonito, o que trazia recordações. Sentiam a textura, comparando estampas, cores, selecionando cada pedacinho para falar de suas vidas. O

Patchwork presta-se a isso, remete ao prazer de criar, ao olhar atento. Nele, as mãos habilidosas, num trabalho lento, encontram uma forma especial de ver e viver o mundo, no colorido dos fragmentos. Sobras viram arte, montagens recriam cenas, guardados, vidas.

Utilizando técnicas artesanais de costura, juntaram retalhos ponto a ponto, falando das lembranças que afloravam, naquele momento. *Pessegueiro* argumentou: "são os pedaços da nossa vida. Pedaços rasgados que vamos reunir... Enquanto costuramos, estamos resgatando o passado, lembrando, esquecendo e novamente vivendo."

Harmoniosamente, organizaram os retalhos com pontos firmes, ora construindo criativamente detalhes para melhorar a qualidade, ora pedindo ajuda, porque nunca haviam pregado um botão: o fio fugia da agulha na insegurança de iniciar o trabalho. Nesta hora, *Bananeira*, um pouco nervosa, apontou que "perdi minha mãe muito cedo e não tive quem me ensinasse. Hoje sei que decepção até meu marido, porque não sei pregar um botão". E agradecia, a cada ponto, a oportunidade de estar com o grupo, aprendendo coisas que jamais imaginou. Recebia muito incentivo das colegas, pois neste dia, agravara-se sua doença e sentia dores na cabeça. Com muito esforço, fez questão de participar, e mesmo saindo antes, levou consigo os retalhos, para concluir sua história em casa. Já *Macieira* teve que recomeçar duas vezes, mas não desistiu, pois que seria um desafio desenredar os fios, como se estivesse "resolvendo alguma situação difícil de sua vida". *Louro* deixou para trás os momentos ruins, "mesmo que ainda façam parte das lembranças" e reuniu somente os "retalhos que possam colorir a vida". *Pessegueiro* escolheu para sua criação muitos retalhos verdes, provocando curiosidade das colegas. Surpreendendo no final, lá estava a bandeira do Brasil: "Tenho que caprichar, porque tenho que sair com a bandeira pelas ruas, mas do jeito que o país "tá", não posso eu a fazer feio". "Apesar de sofrer com a opressão, eu amo meu país, sinto orgulho de ser brasileira". Acrescentou flores, "que fazem falta para uma vida mais digna para todos nós, são um sinal de vida nova, esperança, crianças, que para mim são iguais às flores." As árvores estavam lá, simbolizadas em sua forma natural, de flor, família ou relacionada a acontecimentos de suas vidas, vidas que, com um estilo simples, contaram, encontrando como criar, relembrar, e, principalmente, um jeito especial e individual de amar.

Na próxima Oficina, *Percebendo as marcas do tempo-gravura e Auto-retrato*, o, música e brincadeiras, correrias, pulos, gestos, dançando e alongando o corpo num ritmo animado. Percebemos as linhas da face, marcas da vida, refletindo o quanto é importante viver o dia de hoje, recordando, sonhando, ou simplesmente retratando a face, vasculhando consciente ou inconscientemente a possibilidade de perceber-se. Do contato com a própria face, a expressão artística abre possibilidades para a imaginação criadora, de decifrar além das linhas e marcas do tempo, ampliar a visão e olhar para dentro de si.

A percepção tátil da própria imagem nem sempre é fácil de expressar, principalmente através do desenho, quando não estamos olhando para um retrato ou até mesmo no espelho. A ideia era, sem a preocupação de traços perfeitos, esboçarem como conseguiam perceber-se, procurando características que as identificassem, se auto retratando. Repetiram o mesmo desenho gravando os traços observados em isopor. Entintaram a base com tinta colorida e reproduziram seus auto retratos em falsa gravura com materiais alternativos, como bandejas de isopor, agulhas, tinta para tecido. Fizeram duas impressões, gravando mais marcas de recordações, criando traços e figuras para dar mais significado à vivência. Refletiram sobre o que gostariam de acrescentar na matriz, o que sentiram quando se desenharam, suas qualidades, defeitos, atitudes.



Fig. 7 e 8: Preparando a Matriz. Fonte: Araldi, 2006

Louro acrescentou a figura dos filhos, expressando a sensação maravilhosa que sentiu ao perceber que está muito bem, recebendo elogios até deles em relação ao trabalho que vem realizando, e da mudança de comportamento com eles "Hoje me vejo assim, mais bonita

e feliz, me sinto amada, amo muito meus filhos", diz Romã: esta atividade *surpreendeu do início até o final*, da sensação de perceber o rosto sem poder se ver a ter que desenhar e imprimir as cópias. Demonstrou intensa alegria, lembrando dos filhos e do marido com mais emoção do que mágoa: "neste tempo todo me senti de coração aberto, eliminando os pesadelos da alma."

O desenho do próprio rosto para *Pessegueiro* fez perceber que "às vezes nos achamos feias, velhas, mas somos iguais às árvores, estamos sempre nos renovando, outro dia, outros frutos, sempre aprendendo coisas novas". O desenho, como todas as experiências com arte "foi o caminho mais fácil para "aprender" a sentir a própria pele, "perceber" as rugas, direcionar a vida para momentos mais saudáveis e alegres."

Macieira não conseguia se expressar com os materiais, mas liberou os sentimentos de angústia, cravando a agulha na matriz de isopor com a intensidade do peso sentia. Disse que continuaria fazendo aquilo para arrancar de dentro o que a fazia se sentir tão mal naquele momento. Hoje não estava bem, mas os dias têm sido melhores, pela amizade e confiança que conseguiu adquirir.

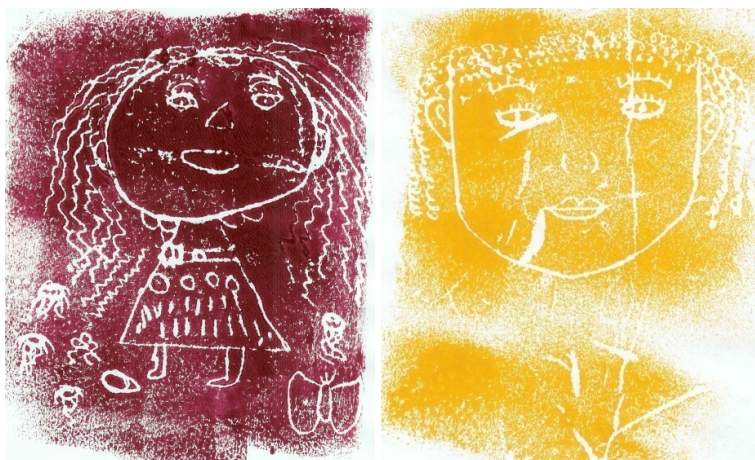


Fig. 9 e 10: Auto retrato. Fonte: Araldi, 2006.

Caquizeiro expressou que este momento realmente é importante, sua vida hoje está mais alegre, sente motivação para encontrar-se com o

grupo, o entendimento em casa está cada vez melhor, porque sente-se melhor com a ajuda que recebe do grupo.

A próxima oficina, Maquiar as memórias do tempo desencadeou lembranças da juventude, adolescência, e de quando sequer se olhavam no espelho. Essas mulheres marcadas, enrugadas, revelaram nunca ter usado base, pó ou batom, não ousavam experimentar a sensação de maquiar-se. Preparamos o encontro para sentir a magia da maquiagem ao descobrir truques que podem revelar a beleza de cada uma. A idéia era explorar cores e texturas dos produtos de maquiagem e ir além da magia da transformação do visual e da valorização da imagem, para ganharem confiança, criarem, melhorarem a auto-estima. *Mascararam* então o rosto umas das outras, evidenciando pontos, valorizando traços até então despercebidos. Desfrutaram dos produtos de beleza, fugindo de estereótipos, refletindo sobre a imagem que gostariam de fazer de si, dando sentido a um momento especial, descobrindo novas identidades.

Louro mudou o estilo do cabelo, arregalou os olhos brilhando de alegria, sentiu-se bonita e pediu para ser fotografada, demonstrando uma grande mudança, pois desde o início dizia sentir-se "feia e velha" por causa das atitudes face ao sofrimento, perda, separação. Era um espetáculo comum, mas que mudava a alma, a profundidade da vida revelava-se por inteiro. E como tudo era espetáculo, não surpreendeu o fato de manifestarem o desejo de ser fotografadas. Ajeitaram o cabelo, jogaram um xale nos ombros, sorriram, transformando em gargalhadas a emoção de se sentirem assim, tão belas: "agora somos iguais às modelos", disse *Pessegueiro*. Tornaram-se *estrelas* de uma fantasia, e interpretando novos papéis, foram fotografando umas às outras, experimentando e aprendendo a manusear a câmera digital. Enchiam-se de orgulho ao visualizar o resultado, me abraçavam agradecendo inúmeras vezes por estar neste grupo.

Então, fizemos uma reflexão sobre o momento e as possibilidades de mudança, em relação a auto-estima, o cuidado de si e a saúde na sua totalidade permitiu com que *Macieira* afirmasse: "passar o batom é como tomar um remédio, anima a imagem que se vê no espelho de manhã; eu não saio de casa sem batom". Ao que *Louro* retrucou: "você usa batom porque não teve nunca um homem ruim igual aquele que não quero nunca mais."

Enquanto separavam batons, lápis, sombras, *blushes*, pós e pincéis, foram experimentando outras cores. Foi sugerido que dessem significado a este momento, pois precisava incentivá-las a verem a si mesmas por detrás da maquiagem. Então, criaram desenhos nas faces, símbolos, permitiram-se manifestar o sentido expresso em sentimento de alegria, amor, liberdade e paz interior, em figuras de palhaço, borboletas, corações, pássaros... Reveladas de forma lúdica e criativa as emoções contidas intimamente.

Para falar de *Galhos quebrados, imagens de papel, viram mosaicos*, a próxima Oficina, foram convidadas para um passeio na praça em frente. Andamos, observamos árvores, pássaros, flores, bancos que ninguém senta, folhas e galhos quebrados pelo chão. Refletiram observando tudo durante algum tempo. Voltando ao espaço, utilizaram papéis coloridos para *picotar* pensamentos *doentes* que deveriam desaparecer. Fizeram isto, com muita vontade durante um tempo, umas *despedaçando o que faz tanto mal, cortando o mal pela raiz, despedaçando minha raiva*; outras, cortando cuidadosamente pedaços de papel tentando resolver o que sentiam para *descarregar* o mal-estar sofrido e através do mosaico transformá-los em energias benéficas à própria saúde.

Com certo nervosismo, *Pessegueiro* desabafou: "estes são os pedaços jogados fora, pedaços da minha vida". Queria ter mais instrução para passar coisas boas para outras pessoas que não têm a mesma oportunidade que ela.

O nono encontro foi pensado para algo que *amarrasse* a relação de grupo com o desejo de olhar, cuidar de si e sentir-se segura de si, prestando atenção para este momento da vida, significando os processos que se desenvolveriam a partir de agora. Rolos de cordões coloridos as desafiaram para uma tapeçaria, que unia habilidade e criatividade, paciência e persistência. Com visível expectativa, escolheram as cores de sua preferência e desenrolaram o fio, cortando-os do mesmo tamanho pacientemente. Comentaram: "as flores me alegram sempre que vejo, por isso elas estarão aqui neste trabalho", disse *Louro*. No trabalho, *Pessegueiro* não conseguiu amarrar um só fio, pedindo para fazer em casa, porque "eu me concentro, daí consigo."



Fig. 11,12,13 e 14: Mosaicos. Fonte:Araldi, 2006.

No encontro seguinte, *Confeccionado o Amuleto*, chegaram alegres, falando dos elogios recebidos dos filhos e amigos pelo trabalho que vinham desenvolvendo.



Figura 15 e 16: "Amarradinho". Fonte: Araldi, 2006.

Satisfeitas, comentaram sobre o que haviam "maquinado" enquanto teciam:"amarrei as mágoas guardadas, até consigo conversar

com meu ex-marido. Gostei muito, muito de fazer este trabalho, será que se pode ganhar dinheiro com isto? Meu filho disse que gostaria de saber o que eu pensava enquanto amarrava os fios", disse *Louro*.

Romã bordou uma bolsa com flores e bandeiras do Brasil, demonstrando que o encontro com o fazer artístico possibilita reestruturar as capacidades e torna possível encontrar um novo rumo na vida: "nessa brincadeira, acho que consegui encontrar o que eu gosto de fazer" "Não pensei que tivesse capacidade de fazer algo tão bonito."

Amarrando as idéias e encerrando os comentários sobre o nó de *Smirnah*¹⁵, a atenção do grupo foi atraída para um momento de reflexão. Os encontros chegavam ao fim, e para encerrar com uma lembrança boa, gostaria que ficassem com algo, que pudesse acompanhá-las, lembrando das vivências, os choros, as risadas, a força, o abraço e companheirismo que se adquiriu durante os encontros de Arte. Foi lida uma história que faz uma reflexão sobre as fases críticas que passamos na vida, a perda da proteção, as privações, o aprendizado no resgate da sensibilidade, o reconhecimento do mundo que vivemos, a confiança na própria força, o discernimento do que é melhor pra si, de descobrir seu papel no mundo, intuir as escolhas que tivermos que fazer. Para materializar a escuta, confeccionaram mini bonecas de pano, uma espécie de "amuleto" que as acompanhará, para que prestem atenção nas respostas do interior de cada uma.



Figuras 17 e 18: Amuleto. Fonte: Araldi, 2006.

¹⁵Laço feito com pequenos pedaços de fios sobre uma talagarça, formando textura densa e macia, também conhecido como "amarradinho".

Pessegueiro dá seu depoimento: "Esta boneca me trouxe recordações das bonecas que minha mãe fazia. Eu conversava com elas e tinha a impressão que respondiam, sei que vou me sentir segura com ela."

Romã empenhou-se em confeccionar e afirmou que "as lembranças desses encontros vão estar ainda mais vivas quando eu olhar para esta boneca". *Caquizeiro* não conseguiu faltar a nenhum encontro, porque sempre que olha para a boneca, "parece que me convida para vir". *Pessegueiro*, feliz, conta que nos encontros com no CAPS, ela é que ensina a fazer as bonecas para as participantes de lá. *Louro* lembrou que não tinha tempo para brincar, nunca teve uma boneca, e agora, "depois de velha aprendi fazer uma". *Cidreira* assinalou que "sou meio esquisita, meio louquinha. Conforme os objetivos que eu alcanço eu mudo meu estilo, eu pinto os cabelos

Pude constatar que as mulheres não só brincaram de salto alto como alçaram vôo, atingiram limites significativos, modificaram todo um conceito social imposto em busca de um Sentido mais amplo, que foi encontrado no viver. O encontro com a Arte provocou nelas desejos e sentimentos de saúde e individualidade; de auto-percepção, libertação de medos, inseguranças e dúvidas. Sentindo-se incluídas socialmente, entenderam que é possível ser-se incluída, que há maneiras prazerosas de cuidar de si mesmas, sentindo, imaginando, sonhando, percebendo-se ou simplesmente calando, atingindo um nível de saúde suficiente para sentirem-se felizes. Afinal, o futuro não estaria mais sendo-se-lhes confiscado, numas coisas, "todas aquelas com as quais sonhamos e nunca chegamos a experimentar" (ANDRADE, 2001), porque encontraram formas de aliviar "a dor do não-vivido", vivendo.

Durante o trajeto, foi possível observar que, através da simbolização, houve um aprofundamento no sentido da própria existência, do espiritual, do equilíbrio emocional e auto-realização. Mas, sem dívida, o coletivo foi o mais importante, considerando a necessidade de terem encontrado pessoas com quem pudessem conversar ou identificar-se. Frutas nasceram dessas árvores que se achavam secas, estéreis, velhas.

Foram convidadas a "saborear o mundo". Bachelard (2000, p. 152) já apontara que "diante desses Mundos-Frutas que solicitam nossos

devaneios, como não afirmar que o homem do devaneio é cosmicamente feliz?" E que, a cada imagem, "correspondente um tipo de felicidade. Não é do homem do devaneio que se pode dizer que está jogado no mundo. O mundo para ele é acolhimento, e ele próprio é princípio de acolhimento". Somos homens, e o "homem do devaneio banha-se na felicidade de sonhar o mundo, banha-se no bem-estar de um mundo. O sonhador é dupla consciência do seu bem-estar e do mundo."

Adotar o grupo como um ponto de encontro, criar a necessidade de voltar para os encontros, não somente pelas atividades práticas, mas pela confiança, poder revelar suas intimidades, angústias, medos, podem levá-las a re-significar suas vidas, cuidando melhor de si. Em momento algum elas se preocuparam com habilidades artísticas, mas com o que experimentavam e construíam. E com os silêncios, os vazios, as pausas... o perceber- perceber-se, desde o ar, a brisa nas folhas, a chuva... Tudo o que puderam absorver além das palavras, dos textos, da música, dos sentimentos. Porque se dedicaram a ouvir e serem ouvidas, porque o ser humano é capaz de ser não somente "cabides de idéias alheias."

Com o pensamento fixo na saúde de uma forma ampliada, lutaram contra a exclusão: puderam dedicar seu tempo para momentos de fé, saúde, bem estar, prazer, percebendo melhor a razão de sua existência. Sem isolar-se, querer tornar-se parte integrante e agente do mundo. Buscaram na ateterapia e sem dúvida abriram os olhos para um recurso que lhes proporcionou muito prazer.

Através da arte, "integram-se o campo dos saberes e das práticas com o dos afetos, essencial a uma relação de Amor com o cuidado, a espiritualidade, cura para a depressão, a tristeza, a mágoa, a raiva e a solidão, a reverência diante da vida" (MEIRA, 2003).

Nosso corpo (e toda a sensibilidade que ele carrega) consiste, portanto, na primeira fonte das significações que vamos emprestando ao mundo, ao longo da vida "Produzir sentido, interpretar a significância, não é uma atividade puramente cognitiva, ou mesmo intelectual ou cerebral, é o corpo, esse laço de nossas sensibilidades, que significa, que interpreta" (DUARTE JR, 2001). Isto evidenciou-se no que amedronta muito as mulheres que passaram dos cinquenta anos nas cidades do interior, onde algumas ainda vivem de atividades do lar. Medo que foi quebrado pelos processos que provocaram algumas mudanças percebidas

pela assiduidade, na mudança na maneira de relação com o grupo, na confiança ao contar segredos, nas reflexões buscando o melhor para sua saúde e para si. Trouxeram à tona conteúdos emocionais, seja nas etapas de expressão livre e elaboração da expressão, na exploração do movimento, na dança, dramatização, onde, segundo Silveira (2001, p. 98), ele tenta "apreender seus fenômenos e, simultaneamente, põe-se em contato com o mais profundo do seu ser". E falar disso não é coisa fácil, mas elas entenderam. Bananeira conta:

Me vi pequeninha, nunca tinha visto essas imagens, não sei da onde vieram. Neste trabalho, eu não quis falar muito das minhas tristezas, pois é uma coisa que eu já esqueci. Quero viver essa parte, com a família, com os filhos, realizar os sonhos que tenho, lembrar de quando eu e meus primos íamos andar a cavalo pelos campos.

E Romã se dá conta do que era, e do que deseja, seu estar no mundo:

Quando entrei em depressão, não queria mais saber de nada, toda escabelada. Levantava da cama ia pra cozinha e da cozinha pra cama, não queria saber de ninguém, nem do meu marido. Transformei-me em "descabelada". E quando deu uma depressão no meu marido, lembrei que a família estava aborrecida. Mas conseguimos superar tudo isso. E aqui eu, onde estou mais feliz, mais alegre...Até hoje. Eu quero ser e continuar feliz.

Saúde, enfim, é o que Meira trata como "as possibilidades de encontrar coisas que permitam com que a vida seja vivível", como "ócio, criação, liberdade", que é "o que nos sustenta como pessoas na cultura. E que negociamos de mil e uma maneiras para consegui-las". Negociamos de mil e uma maneiras proteção, identidade coerente para construir projetos de seguir vivendo. Uma espécie de "projeto de futuro, exagerado, delirante ou muito realístico, mas nele sempre incluídas promessas de melhorar, de conseguir melhores afetos, relações, conhecimentos" Esse projeto de futuro é o que nos unifica, a todos os seres humanos (MEIRA, 2003). Como Caquizeiro: "queria, e hoje, consigo me controlar mais". Ou Pessegueiro: "Estamos aqui para melhorar a saúde e querer melhorar de vida, melhorar a situação da gente. Também acho que é muito importante o apoio da família, do nosso grupo para que possamos continuar."

Por simples que sejam, as simbologias do espelho, da árvore, fincadas no chão mas querendo ser algo muito feminino, balançando-se, deixando-se levar pelo fluxo da vida, saindo dos limites da representação, dialogando com o intelecto e a reflexão:

Colei uma figura que diz: nunca é tarde. Nós aprendendo a ler, ver melhoras coisas. A gente tem que ser feliz, então eu acho que eu tinha que encontrar alguma coisa que me ajudasse a melhorar. É muito importante esse trabalho de lembrar, porque a gente aprende cada vez mais e colocar os nossos sentimentos para fora, de dentro para fora e coloca para o grupo o que a gente tá sentindo. Fazendo a gente querer melhorar, participar... conviver com as pessoas, acho importante, e não querer só viver sozinha e não participar junto com os outros...assim a gente se solta mais (LOURO, 2006).

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Amar se aprende amando*. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos* 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- DUARTE-JR, João Francisco. *Sentido dos sentidos. A Educação (do) Sensível*. Ed. Criar. Curitiba: 2001.
- GALLI, Vicente. "Salud mental. definiciones y problemas". Inédito. **V Curso Nacional de Administración de Servicios de Salud Mental**. Cordoba, Argentina: 1986.
- JOSSO, Marie Christine. *Histórias de Vida e Formação*. Natal: EDUFRRN, 2004.
- MEIRA, Mirela. *Oficinas de Criação: Um espaço quântico*. In: Ormezzano, G. (org). *Questões de Arte-terapia*. Passo Fundo: Editora UPF, 2003.

_____. *As Possibilidades de uma Instituição Inventada: ordem, Desordem e Criação na Oficina de Criação Coletiva de Bagé* **Dissertação** (Mestrado em Educação). FAGED/PPGEDU/UFRGS. Porto Alegre: 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org). **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994

PAÏN, S.; JARREAU, G. **Teoria e técnica da arteterapia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

PELBART, Peter Pál. **Encontros**. Revista E. SESC – São Paulo, N°108,p 11.Maio/2006.Disponível em: <www.sescsp.org.br/.../revistas. Acesso em: 17/Jun./2006.

BIOGRAFIAS ARTESÃS: PROCESSOS FORMATIVOS, TRABALHO FEMININO E CRIAÇÃO COLETIVA

Márcia Alves da Silva

Mirela Ribeiro Meira

Introdução

Este texto busca problematizar o mundo do trabalho feminino, a partir de histórias de vida de mulheres artesãs pertencentes a dois grupos específicos: um grupo formado por mulheres artesãs vinculadas a uma cooperativa de economia solidária localizada na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, e ainda, um grupo de discentes de cursos de licenciaturas da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), basicamente dos cursos de Pedagogia e Artes Visuais, que produzem artesanato. Essa experiência que apresentamos aqui se refere a uma pesquisa denominada "*Artesã e professora: aproximações entre trabalho feminino e docência*", financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e que tem sido encaminhada pelas autoras na Faculdade de Educação da UFPe.

A partir da abordagem das trajetórias de vidas das mulheres pertencentes aos dois grupos, buscamos estabelecer uma aproximação e um diálogo entre ambos, tendo o artesanato como um vínculo em comum. Basicamente levantamos as seguintes questões: pode o artesanato ser uma ferramenta para um processo de emancipação feminina no que se refere ao mundo do trabalho? No que se referem à docência, quais marcas a aprendizagem do artesanato se reflete nas trajetórias formativas de pedagogas? É possível discutirmos a transformação docente na perspectiva de gênero e do fazer artesanal e criativo?

A abordagem advinda da teoria feminista tem sido o suporte teórico que possibilita a análise das trajetórias de gênero e trabalho

feminino. Nossa abordagem com os grupos tem se constituído na implementação de um projeto de pesquisa, aliado a atividades de extensão, com o objetivo de aproximar os dois grupos de artesãs. A extensão universitária tem se dado basicamente através da elaboração e implantação de oficinas de artesanato para ambos os grupos – que denominamos de Oficinas de Criação Coletiva -, constituindo-se em momentos de aprendizagens mútuas e trocas de saberes. Dessa forma, materializamos nossa proposta de nos aproximarmos das trajetórias de vida das envolvidas e também de aproximarmos os espaços e saberes acadêmicos e populares. Na perspectiva que adotamos, a relação entre saber científico e saber popular que não se sobrepõem um ao outro, mas sim complementam-se nas suas especificidades. Sendo assim, na pesquisa realizamos encontros coletivos, onde são gravadas as narrativas das trajetórias de vida das participantes, metodologicamente trabalhando com histórias de vida, na perspectiva da proposta trazida pela pesquisa-formação desenvolvida por Marie-Christine Josso. Também realizamos encontros coletivos voltados à produção artesanal das participantes.

Essa proposta se coloca na tentativa de trazer uma contribuição ao debate da formação docente, problematizando o mundo do trabalho feminino na ótica da arte e da criação coletiva, partindo de dois eixos. Um deles dirige-se à concretude das experiências das mulheres artesãs envolvidas, incorporando a produção teórica advinda da teoria feminista no intuito de dar conta das questões de gênero; outro, estende-se ao referencial da arte-educação que entende a produção expressivo-criadora como um espaço não somente do fazer artesanal ou da aprendizagem técnica, mas como um movimento onde a experiência estética configura um processo de cognição, reflexão e produção de sentidos que se estendem à circunstância existencial dos envolvidos.

A Arte assume fortemente, neste trabalho, dentre seus inúmeros sentidos, o caráter de criação coletiva, de expressão, de linguagem, de evento configurador de sentidos que se dirigem às experiências auto-formadoras das envolvidas, no campo do trabalho humano e da formação da sensibilidade. O potencial pedagógico que a Arte encerra enquanto "ensino de arte" é o de realizar movimentos em direção à consciência. Criar é um dos trabalhos privilegiados da arte, pois, ao moldarmos a matéria, a impregnamos com a presença de nossa vida,

com a carga de nossas emoções e conhecimentos, damos forma ao nosso próprio existir.

Nesse texto primeiramente vamos tratar de nossas escolhas metodológicas, justificando o uso de narrativas autobiográficas na proposta de pesquisa-formação que temos implementado. Num segundo momento da escrita abordamos a proposta das Oficinas de Criação Coletiva, que em nossa pesquisa possui papel extensionista e metodológico inclusive. E, por fim, tratamos da temática do trabalho feminino, incorporando o artesanato e problematizando seu uso em um processo de emancipação de gênero. Concluimos a escrita analisando a caminhada que temos feito com os dois grupos que fazem parte da investigação.

Sobre autobiografias e pesquisa

Como se encontram o mundo de experiências que as pessoas trazem consigo e a maneira como eles adquirem competências e saberes sobre o mundo e sobre si mesmos? Como os indivíduos constroem subjetivamente o percurso e a imagem de sua existência? E, ainda, de que forma as experiências com o artesanato se colocam na investigação que encaminhamos?

Nessa investigação percebemos o 'biográfico' como uma das formas privilegiadas de reflexão, de forma que o ser humano se representa e compreende a si mesmo em seu ambiente social e também histórico. Nesse sentido, definimos o biográfico como uma categoria da experiência humana que permite às pessoas envolvidas estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos em um 'todo', historicamente situados no tempo e no espaço.

Nesse momento trazemos o conceito de 'escrita de si', abordado por Christine Delory-Momberger (2008), o qual o define como tratando-se de uma atitude primordial e específica do vivido humano onde, mesmo antes de deixar qualquer marca escrita sobre sua vida, antes de qualquer expressão de sua existência em formas escritas concretas, como diário, memórias, correspondências, etc., o ser humano 'escreve' sua vida. Dessa forma, "[...] a percepção e o entendimento do seu vivido passam

por representações que pressupõem uma figuração do curso de sua existência e do lugar que nela pode ocupar uma situação ou um acontecimento singular" (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 27).

No entanto, a autora salienta que esses acontecimentos não são criações espontâneas, advindas unicamente da iniciativa individual, mas trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem nas formas de relação das pessoas consigo mesmo e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem. Portanto, precisamos ter claro que os processos de individualização e socialização são duas faces da mesma moeda numa concepção biográfica de pesquisa educacional.

A utilização da pesquisa autobiográfica faz uso de narrativas, que materializam e trazem à tona as experiências vividas. Marie-Christine Josso (2004) diz que *"[...] vivemos uma infinidade de vivências, estas vivências atingem o status de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido"* (JOSSO, 2004, p.48).

A mediação do trabalho biográfico que leva à narrativa permite trabalhar com um material constituído por recordações consideradas pelos narradores como 'experiências' significativas das suas aprendizagens e das representações que construíram de si mesmos e do seu contexto social. Essas experiências são significativas em relação ao questionamento que orienta a construção da narrativa, como: o que é a minha formação? Como me constituí no que sou hoje? Foi nessa perspectiva que as narrativas das envolvidas têm aflorado na pesquisa. As narrativas das mulheres cooperadas e discentes tem visibilizado um grande universo de possibilidades com o artesanato, que aparece assumindo diferentes papéis nas trajetórias das alunas, desde assumindo a função terapêutica até uma forma de sobrevivência econômica, contemplando um papel de trabalho na lógica do capital inclusive.

A ideia de perceber o processo de investigação como um "caminhar para si", enquanto conceito desenvolvido por Josso que demonstra o processo inconcluso da investigação, nos remete à nossa própria trajetória de vida neste mundo, envolvendo vários aspectos que foram historicamente apartados do processo investigativo, mas que se encontram nas nossas vidas e nas nossas escolhas, como emoção,

relacionamentos, afetividades, trajetórias vividas, etc. Trata de se perceber o processo investigativo como parte de toda uma trajetória de vida das pessoas envolvidas (incluindo aí as pesquisadoras), acrescida do fato do exercício de pesquisa nessa perspectiva poder se constituir em uma oportunidade para se refletir sobre sua trajetória, na perspectiva de se projetar o futuro, tanto do grupo como individualmente.

Sobre o conceito 'caminhar para si', Josso afirma que:

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p.59)

A proposta do processo de conhecer a si mesmo não significa apenas compreender como nos formamos e a influência de nossas experiências em nossa vida mas, para além disso, reconhecer a si próprios como sujeitos sociais, permitindo encarar seus objetivos de vida daí por diante de forma mais consciente e autônoma, tornando-se efetivamente sujeitos de nossas existências.

Pensamos que seja importante dizer que, nessa perspectiva metodológica, há uma confluência entre pesquisador(a) e pesquisado(a), pois o(a) pesquisador(a) também se sente envolvido(a) nesse processo. Nessa metodologia não existe espaço para o discurso de neutralidade e objetividade científica, pois nessa caminhada todos(as) refazem suas próprias trajetórias. Conforme EdlaEggert, que também pesquisa trajetórias de mulheres artesãs,

Estar "com elas" a cada encontro também se torna um momento de reflexão sobre as possibilidades de continuar ou buscar novos caminhos/alternativas no próprio mundo do trabalho que segue dando sentido a vida como seres humanos que somos. Talvez seja mais difícil ou até mesmo, mais exaustivo prosseguir desta maneira já que as mulheres precisam imergir em uma nova concepção do que seja "pesquisar". Em Freire, encontramos passagens que reforçam o "estar com" e a "partilha" como princípio metodológico para a emancipação do ser humano (EGGERT, 2008, p.4).

Dessa forma, Eggert salienta os desafios desse outro modo de se conceber o ato de pesquisar. Para isso, traz a contribuição de Freire.

Além disso, busca uma aproximação de Freire (2004) à metodologia proposta por Josso (2004). Isso aparece no trecho a seguir:

A possibilidade de "dizer a palavra", já que os encontros com as mulheres são permeados de conversas, sugerem um olhar sobre um dos conceitos-chave, na obra de Freire: o diálogo. As mulheres no momento em que *pronunciam/anunciam/denunciam* o mundo em que vivem, ou seja, visibilizam as *situações-limite* apontadas por Freire, podem, também, vislumbrar a possibilidade de *anunciar seus inéditos-viáveis*. Da mesma forma que percebemos o quanto Josso (2004) propõe que narrar sobre si mesmo ou si mesma implica na compreensão de si. (EGGERT, 2008, p.4).

As Oficinas de Criação Coletiva como metodologia investigativa

É a partir da perspectiva educativa do fazer artesanal que se coloca a proposta que estamos implementando nas Oficinas de Criação Coletiva. Nesse espaço aprendemos e produzimos coletivamente arte em sua dimensão produtiva, de artesanaria. Esse espaço é mais do que uma troca de experiências estéticas, mas constitui-se também num espaço de trocas de experiências de vida e de identidades femininas, onde afloram um mosaico de vivências e experiências de vida e de fazeres.

MEIRA (2007) aponta que a principal característica pedagógica das Oficinas seria possibilitar metamorfoses para imergir nas situações, sentir-lhe as tensões, as vibrações, os silêncios, os fluxos vitais, muitos deles não captáveis desde a razão ou sob códigos e explicações convencionais. A única regra é o respeito ao contato sensível com as matérias e os humanos em suas imanências, e figurar o que se manifesta no cotidiano, nas vidas dos participantes. Assim, se pode almejar sermos mais criativos, podendo melhor construir projetos de cidadania, cuidado, atender às suas mais diversas necessidades. E, a partir de si, provocar a criação no outro.

A expressão criadora visa problematizar a realidade, desmontar os saberes e soluções únicos, "batidos", gastos, e recriá-los sob uma ótica mais solidária. Isso passa por reinventar práticas e sentidos que melhor deem conta de cuidar de si, do outro e do processo de trabalho, o que

demanda desenvolver a sensibilidade para auxiliar a (re)construção das histórias de vida pretendidas pelo processo.

As Oficinas de Criação Coletiva desejam resgatar as potencialidades criadoras, expressivas e de conhecimento de seus participantes, além de ressignificar suas práticas profissionais e existenciais. Portanto, nossa proposta visa fomentar um processo de produção de significados e sentidos como forma de (re) valorização dos participantes, de estímulo às suas criações, de revitalização pelo exercício do imaginário, de (re)qualificação da experiência. A 'visitação' às suas próprias trajetórias e às (re)identificações possíveis podem permitir outra consciência, não só política ou cognitiva, mas relacional, ética, estética e artística, uma vez que a arte proporciona saberes específicos que necessitam da experiência.



Figura 1: Oficina de Criação Coletiva/ Tecelagem do projeto "Artesãs e professoras: aproximações entre trabalho feminino e docência". (acervo do projeto - imagem obtida na oficina realizada no dia 26/05/2012)

O panorama atual do conhecimento tem se referido à importância do processo criativo em arte enquanto expressividade, concretude física e material, enquanto manifestação imaginativa, de cognição, como comunicação e cultura. Muitos autores, como Duarte Jr.(2010) tem se

referido ao rompimento com as formas tradicionais de ensino calcadas puramente no intelecto. Fala de aliar-se sensível e inteligível em direção a uma racionalidade alargada, cuja expressão poderia ser conjurada em uma proposta de educação estética, responsável por propor e refletir sobre as possíveis experiências de beleza que nasçam da relação objeto e consciência, homem e mundo.

Essa proposta considera o respeito à produção ética, de convivência, estética, artística, e de poéticas visuais, construídas e compreendidas na medida em que constituem a extensão do eu e a organização das relações com o mundo social e o mundo do trabalho, e não na proporção em que se objetiva a produção de "belas" obras. Observa-se aqui que a educação estética abrange a arte e seus processos, sendo mais ampla, por incluir o caráter existencial e de construção de sentido.

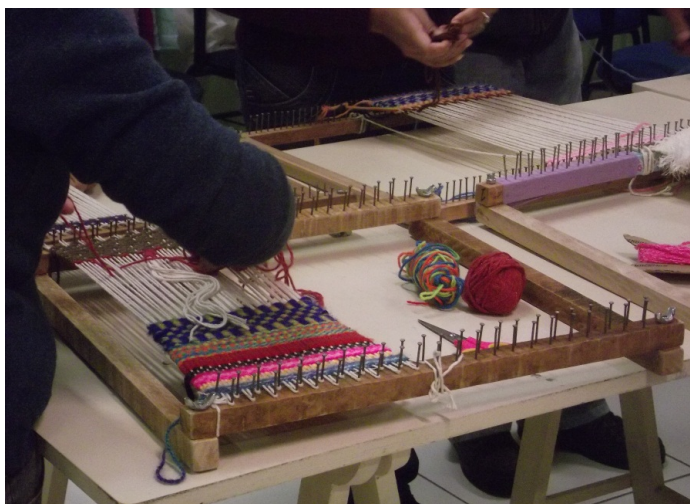


Figura 2: Oficina de Criação Coletiva/ Tecelagem do projeto "Artesãs e professoras: aproximações entre trabalho feminino e docência". (acervo do projeto - imagem obtida na oficina realizada no dia 02/06/2012)

A educação em Arte, por sua vez, constitui-se num fazer complexo, aglutinador desses sentidos. É uma produção simbólica humana carregada de valores, o que implica em pensar a natureza do

humano que somos. O que induz à perspectiva de que o pensar, o sentir e o agir em educação e fora dela não podem ser senão um pensar ético, constituído desde um ser e estar de presenças em relação. As formas, processos, imagens, produções e movimentos resultantes das Oficinas de Criação podem ser possibilidades de aprendizagem, afeto, (in) formação. Sabedoria de vida colhida diretamente das expressões de seus participantes, um material precioso para o pesquisador em termos de que retornos a Universidade Pública daria as pessoas com as quais confabula. Na vida social a criação coletiva é uma espécie de matéria viva de uma obra de arte primordial, que transforma a estética da existência em uma ética do estar-junto-com-os-outros-no-mundo. A estética, como faculdade de sentir em conjunto adquire essa dimensão ética a partir de um experimentar em comum, que "suscita um valor, é vetor de criação" e, assim, pode "a potência coletiva" criar "uma obra de arte: a vida social em seu todo, e em suas diversas modalidades" (MAFFESOLI, 1996, p 28).

A partir dessa perspectiva, propomos a união entre arte e educação, na figura de uma educação estética que, através da arte e seus processos, abre possibilidades para as abordagens autobiográficas e de criação coletiva aflorarem no próprio processo de produção. Dessa forma, as oficinas de criação coletiva se constituem em espaços de troca de experiências, a partir da compreensão entre os envolvidos dos seus próprios processos de aprendizagens com a ressignificação de suas práticas existenciais e profissionais.

A pesquisa, qualitativa, localiza-se metodologicamente na categoria de pesquisa formação com abordagem biográfica, proposta por Josso (2010). Esta abordagem permite "uma interrogação dos referenciais que servem para descrever e acompanhar a si mesmo no ambiente natural" através da construção de *narrativas de si mesmo* através da Arte e seus processos. As aprendizagens do processo são necessariamente experienciais, e em nosso caso, advindas da experiência estética oriunda da Arte. Implica em dimensões existenciais, que se derramam em três direções: a autoconsciência de ser poético/estético/estésico; a de *homo faber*; e a de *homo sapiens*. As experiências decorrentes podem ilustrar histórias que podem descrever

[...] uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou

um encontro. E essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade" (JOSSO, 2010,p.37).

O processo de consciência¹ tem na arte uma forma ímpar de alcance. Nossos registros de conhecimento ao longo de nossos percursos são elaborados segundo "sensibilidades particulares em um dado período [...] (que servem de) referenciais e autointerpretação" porque são "objetivações coletivamente construídas a partir das tomadas de consciência do que constitui nossas potencialidades humanas" (JOSSO,2010,p.41).

Operacionalmente, a metodologia prevê a construção de memórias autobiográficas pelos participantes, onde serão feitos: a) *relatos*, através de entrevistas orais, semiestruturadas, de histórias de vida; b) levantamento de *memórias autobiográficas* expressas em diferentes linguagens (orais, imagéticas, expressivas...; c) análise de dados sensíveis colhidos em situações de Oficina (movimentos, desejos, posturas, expressões, olhares...). d) análise de expressões formais, da produção propriamente dita, realizada nas oficinas.

O campo empírico de coleta de dados construído para este fim analisará expressões teórico-sensíveis coletadas em sala de aula e Oficinas para operar metamorfoses pedagógicas de gestão do cuidado desde a vida, adjurando, na complexidade humana, uma formação estético-artística construtora de uma ética de transformação das relações a partir de sua valorização no currículo do Curso e sua ampliação em pesquisas, ensino e extensão, conectando o vibrar e o sentir em comum para incorporar o mundo, a relativização de si, uma abertura ao outro, e a inscrição da afirmação exuberante da vida para confortar o corpo coletivo.

¹ Termo utilizado a partir da concepção de Heidegger (2002), de *presença atenta a si própria*, aos outros e ao ambiente, ligada à sensibilidade e sentidos de cada um.

O trabalho feminino artesanal na lógica da divisão sexual do trabalho

Historicamente, setores do movimento feminista buscaram uma negação e um afastamento das atividades artesanais, combatendo fortemente esse tipo de atividade, pois acusavam esse tipo de trabalho como sendo alienante e conservador, vinculando-o ao modelo de sociedade patriarcal, algo que se lutava para superar. Para as feministas, a aprendizagem do artesanato sempre esteve bastante vinculada ao espaço doméstico, portanto, era uma ferramenta para manter as mulheres 'presas' nesse espaço, rotulado como atrelado ao patriarcado.

Aqui tratamos o artesanato de forma diferente. Valorizamos essa atividade, reconhecendo-a como constitutiva das trajetórias e vivências de muitas mulheres. Para incorporarmos o artesanato como um trabalho importante no universo feminino, precisamos definir melhor a concepção de trabalho que adotamos, sabendo que as definições formais de trabalho nos moldes do capital não incorporam o artesanato e para, além disso, não abarcam muitas atividades que as mulheres exercem no seu cotidiano.

Para isso contamos com a contribuição de Helena Hirata e Daniele Kergoat. A definição de divisão sexual do trabalho, desenvolvida pelas autoras, parece dar conta da complexidade da dimensão do universo do trabalho feminino. Hirata justifica seu uso com a seguinte argumentação:

Trabalhar com a divisão sexual do trabalho é uma escolha que permite levar em conta o caráter multidimensional do trabalho, pois exclui qualquer risco de eliminar o trabalho doméstico e sua intrincação (objetiva e subjetiva, individual e coletiva) com o trabalho assalariado. (HIRATA, 2002, p.277)

Dessa forma, já podemos perceber que a divisão sexual do trabalho aponta para outra compreensão da categoria trabalho, de forma que essa incorpore o trabalho doméstico. É nessa perspectiva que vemos o artesanato, compreendendo que é nos espaços domésticos que, em grande medida, ele é produzido e aprendido.

Sendo assim partimos para a definição de divisão sexual do trabalho. Usamos aqui uma definição elaborada por Helena Hirata e Danièle Kergoat, que é a seguinte:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA, KERGOAT, 2007, p.599)

Dessa forma percebe-se que o modelo de sociedade hegemônico, historicamente separou os espaços públicos dos privados, privilegiando o público. Para que isso se concretizasse, utilizou-se diversos recursos para justificar a permanência e manutenção das mulheres nos espaços privados. Um exemplo disso é o uso de argumentações advindas da biologia no intuito de implementar esse modelo. Usou-se o fato das mulheres terem a capacidade biológica de gestarem para mantê-las em casa e assumirem praticamente sozinhas o papel de cuidadoras, tanto dos(as) filhos(as) como da casa. Aliou-se a isso toda uma série de características vinculadas à fragilidade, justificando sua "incapacidade" de atuarem nos espaços públicos.

Dito isso, podemos agora compreender melhor porque o movimento feminista ignorou (ou até combateu!?) o artesanato, dada sua relação com os espaços domésticos, algo que se pensou que devesse ser superado. Por um tempo, a luta se pautou pela possibilidade das mulheres também ocuparem os espaços públicos, majoritariamente masculinos. O fato é que, como tempo, os estudos de gênero e os estudos feministas tem se debruçado em desvendar o espaço privado, já que as relações patriarcais se mantêm alicerçadas, em grande parte, nas relações familiares que se manifestam nesse espaço.

No entanto, mesmo que o foco inicial fosse desvendar a instituição familiar e a trama de relações ao quais as mulheres estavam submetidas aí, houve um desvelamento do trabalho doméstico – que ficou por tanto tempo invisível – e do quanto ele possui relação com o trabalho remunerado e formal, inclusive. O fato é que o trabalho realizado nos

espaços domésticos pode ter múltiplas facetas e dimensões, materializando a dinâmica das relações parentais e também sociais em geral, ao quais as mulheres estão envolvidas nas suas rotinas².

Na pesquisa que temos encaminhado percebemos que as narrativas sobre a aprendizagem artesanal têm cumprido o papel de desvelar as trajetórias de vida das mulheres envolvidas, tanto nos espaços públicos como privados. A imensa maioria aprendeu o artesanato inicialmente na infância, nos espaços domésticos e vinculado fortemente às relações familiares. Dessa forma, há todo um desvelar desse espaço e desse período de suas vidas, tão importante na constituição de suas identidades e na formulação da aprendizagem dos papéis a serem exercidos na fase adulta. As figuras femininas (mães, avós) são majoritárias na implementação desse tipo de aprendizagem, que aparece atrelado à aprendizagem dos papéis femininos. O trecho, a seguir, da narrativa de uma artesã vinculada à cooperativa visibiliza esse aspecto:

Mas a coisa mais marcante foi assim, que a gente [ela e as irmãs] detestava costurar, a gente nunca gostou de costurar, e a mãe foi costureira desde os doze anos de idade, então ela passou pra gente a noção da costura, insistia pra gente fazer um arroz bem soltinho, todas essas questões domésticas nós tínhamos que fazer direito... e a gente não gostava, mas mesmo assim a gente fazia porque a gente devia obediência (Artesã, 2009).

Ao mesmo tempo, ao longo das trajetórias de vida das mulheres investigadas, o artesanato produzido extrapola o doméstico e 'invade' o público tornando-se, inclusive, fonte de renda para várias (especialmente para as cooperadas). No que se refere às discentes, o artesanato apareceu mais timidamente assumido como fonte de renda, mas, em vários casos, esse material produzido por elas tem transitado na academia gerando venda. Uma discente afirmou em sua narrativa que está se separando de seu companheiro nesse momento de sua vida. Afirmou que com a venda de seu artesanato tem conseguido inclusive pagar o imóvel que estava

² Aqui vale a pena ressaltar a pesquisa "*A mulher brasileira nos espaços público e privado*", realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo em outubro de 2001, que entrevistou 2.502 mulheres, residentes em 187 municípios de 24 estados e publicada pela editora da mesma fundação em livro que leva o título da pesquisa, em 2004 (reimpressa em 2009). A pesquisa aponta para um panorama bem amplo e completo do perfil da mulher brasileira. A referência completa da obra encontra-se no final desse texto.

morando, e que, agora com a separação, a venda do artesanato vai ser fundamental para ela.

Outra situação relatada pela mesma discente foi a de que no decorrer do trabalho artesanal ela reconheceu as contribuições da formação acadêmica no processo de criação de seus produtos, a influência das temáticas problematizadas por discentes e colegas da graduação, que foram norteando e contribuindo para que o produto final tivesse uma proposta pedagógica. Dessa forma, o intuito passa a não ser mais apenas à comercialização do produto, mas também incorporar propostas pedagógicas no trabalho artesanal que produz, de forma que, o que antes eram apenas bonecas de pano, agora passam a se tornarem bonecas a serem utilizadas nas escolas com fins pedagógicos (bonecas com necessidades especiais, bonecas de diferentes etnias, famílias de bonecos, etc.).

Salientamos que a situação visibilizada por essa discente é bem ilustrativa da situação vivida por muitas mulheres em relação aos companheiros. Segundo sua narrativa, seu parceiro jamais reconheceu o trabalho artesanal como um 'trabalho', da mesma forma e com a mesma importância do que o trabalho que ele exerce (remunerado e no espaço público). Dessa forma, ele se via como o único provedor do espaço doméstico. Além disso, o fato de sua companheira cursar faculdade o incomodava bastante, já que essa atividade a afastava do espaço doméstico e a fazia transitar em outro espaço, no qual ele praticamente não tinha acesso e tampouco controle. O trabalho artesanal, a graduação e a possibilidade de emancipação desta aluna foi que potencializou a separação. Segundo ela, essas questões contribuíram para (re)significação de seus projetos de vida, a partir da análise de sua própria trajetória e da situação estabelecida em sua relação, e o quanto essas experiências foram formadoras e significativas.

Já outra discente artesã relata que a relação estabelecida com o artesanato tinha, a princípio, um propósito terapêutico. Porém com o agravamento de problemas de saúde de seu companheiro, o artesanato passou também a ser fonte de renda e comercializado nos espaços da faculdade, encarado como um "trabalho extra", do qual ela não deseja se afastar.

No que diz respeito à cooperativa analisada, podemos afirmar que o artesanato já tem sido incorporado por elas como trabalho há certo tempo. O aspecto de coletividade fomentado pela cooperativa, especialmente por essa que segue a perspectiva da economia solidária, constitui-se em um espaço de formação política, que extrapola a simples técnica artesanal.

No que se refere às discentes artesãs, podemos perceber que o espaço acadêmico tem cumprido o papel de visibilizar essa produção, possibilitando o encontro dessas artesãs, fazendo circular pelos corredores da academia uma produção que é oriunda dos espaços domésticos, mas que ganha visibilidade no público. Dessa forma, assim como a formação acadêmica, a produção artesanal também pode contribuir num processo de emancipação feminina.

Considerações finais

Aqui vamos retomar a questão que apontamos inicialmente: possui a atividade artesanal um viés emancipador no que se refere às mulheres? Pensamos que essa possibilidade exista, embora não esteja predeterminada a priori. Portanto,

Na contracorrente de interpretações que percebem o artesanato como mais um instrumento de dominação feminina, pensamos que ele pode ser um poderoso instrumento de criatividade, elaboração subjetiva, autonomia e formação política, extrapolando, dessa forma, o espaço privado e a individualização, desde que, visando à coletividade. (SILVA, EGGERT, 2011, p. 58).

Numa análise mais otimista das últimas décadas, é possível perceber que a visão cartesiana construída por um pensamento de base masculina, que tanto desqualificou diversas características próximas ao feminino, foram fortemente desestabilizadas pela teoria feminista – no que se refere ao campo de produção acadêmico – e por mudanças encaminhadas pelas próprias práticas das mulheres em geral. Sobre esse contexto, Margareth Rago diz que,

Se a receptividade atual ao feminino pode ser considerada resultante da invasão do mundo público pelas mulheres, [...] pode-se notar que se deve ainda, em parte, à própria falência dos modos masculinos de organizar e gerir a vida social, num mundo marcado pela violência, pela desagregação social, pela atomização do indivíduo e por uma profunda crise nas formas da sociabilidade. Sabe-se que uma grande quantidade de mulheres, nas diferentes classes que constituem a sociedade brasileira, tornou-se chefe de família porque os maridos, companheiros e amantes desertaram, não conseguindo se ressituar e interagir na nova ordem familiar descentralizada e des-hierarquizada (RAGO, 2009, p. 37).

Encerramos afirmando que as mulheres, enquanto produzem artesanato, também produzem conhecimento e cultura. Como afirma Magali Menezes, no posfácio do livro "Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul" (2011):

Mulheres se encontram para tecer, costurar, bordar, e nestes fazeres, instigados pelas danças das mãos, produzem novos encontros, novos saberes, tecendo assim a si mesmas. [...] A invisibilidade das mulheres permeia os textos e suas histórias são memórias que expressam a luta diária de se reinventarem. (MENEZES, 2011)

No entanto, essas coisas ainda permanecem invisíveis na contemporaneidade. E, muitas vezes, permanecem invisíveis aos olhos e à percepção das próprias mulheres. Nesse sentido, é possível perceber que ainda temos muito a fazer.

Referências

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DUARTE Jr., João Francisco. **A Montanha e o Videogame**. São Paulo: Papirus, 2010.

EGGERT, Edla. Teceduras e tramas – tensionando saberes de tecelãs e de professoras de EJA. **Anais** do VII Seminário de Pesquisa da Região Sul - ANPED SUL 2008. Disponível em <http://forum.eja.org.br/sc/files/Eixo6_mt_edla.pdf>. Acessado em: 18/07/2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tomos I e II. Petrópolis: Vozes, 2002.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MEIRA, Mirela R. **Metamorfoses Pedagógicas do Sensível e suas Possibilidades em "Oficinas de Criação Coletiva"**. 157 f. Tese. (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Sueli de. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. 1reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 31-42.

SILVA, Márcia Alves da; EGGERT, Edla. Descosturar o doméstico e a 'madresposa' – a busca da autonomia por meio do trabalho artesanal. In: EGGERT, Edla (org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 41-59.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Sueli de. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. 1reimp. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SABERES CIENTÍFICOS DE LAS MUJERES – LAS TREMENTINAIRES: HISTORIA DE UNAS MUJERES EMPRENDEDORAS EM EL ÁMBITO RURAL CATALÁN DEL SIGLO XIX

Teresa Nuño Angós
Pablo Vidal Vanaclocha

Introducción

La ciencia moderna se construyó en los siglos XVII y XVIII basándose en un ideal particular de masculinidad y evolucionó en conjunción con una ideología de género que ayudó a conformarla. La mayoría de los esfuerzos intelectuales con validez cultural han sido históricamente del dominio de los hombres. Desde el feminismo, se ha añadido al análisis crítico de la filosofía de la ciencia, la importancia de la masculinidad que impregna la actividad científica y llega a condicionar los problemas interesantes para la ciencia, los resultados que son fiables y aprovechables, los datos que son significativos y las explicaciones satisfactorias a un problema determinado (Solsona et al., 2001).

En la categorización arbitraria y androcéntrica de los saberes occidentales bajo el concepto de ciencia fueron excluidos los saberes femeninos. Como consecuencia no encontramos modelos de identificación y referencia femeninos en la ciencia lo que refuerza la tendencia de las chicas y de las mujeres a alejarse de la tecnociencia.

Existe la idea de que las mujeres estuvieron siempre alejadas de la construcción del conocimiento a lo largo de la historia y que su participación en las tareas que hoy llamamos intelectuales se produjo a partir del siglo XX. Sin embargo, desde los orígenes conocidos de los seres humanos, las mujeres han contribuido tanto al desarrollo de la ciencia "oficial", como al desarrollo y mejora de la calidad de vida de la humanidad. Lamentablemente, la historia androcéntrica del

conocimiento científico las ha hecho invisibles, tanto a ellas como a sus aportaciones.

La "mujer recolectora" debe considerarse como la primera botánica, desarrolló el conocimiento de las plantas, su cultivo y recolección, así como, las herramientas para cultivarlas, almacenarlas y convertirlas en alimentos. Las mujeres, además de crear la agricultura y los procesos de elaboración y conservación de los alimentos, inventaron la alfarería (fabricaron utensilios y objetos de cerámica), los tintes y el telar. Con el movimiento de rotación del huso, convirtieron ciertas fibras naturales, como la lana, el lino, el algodón y la seda, en hilos, provocando diferentes ordenamientos de las moléculas y desarrollando las técnicas de elaboración de tejidos (Solsona, 1997).

La transmisión de tales saberes prácticos está en el origen de lo que hoy llamamos ciencia o tecnología. Sin embargo, en la construcción de la ciencia moderna (basada en una epistemología que postulaba la objetividad absoluta, la neutralidad axiológica y la voluntad de independencia respecto al contexto social e histórico) quedaron excluidos, entre otros, estos "avances tecnológicos", tan fundamentales para el desarrollo de la humanidad, hasta que pasaron a estar en manos de los hombres y les fueron atribuidos.

Presencia invisible de las mujeres en la Historia del conocimiento científico

Pese a la creencia muy generalizada de que las científicas existieron únicamente en casos excepcionales, el relato real de la historia nos muestra lo contrario. Una primera aproximación a la historia de la filosofía, hecha con el deseo de encontrar las huellas dejadas por las mujeres, indica que podemos identificar la presencia de filósofas en las escuelas griegas. Theano de Crotona (s.VI a.c.) filósofa, fue esposa de Pitágoras de Samos (fundador de la escuela pitagórica, comunidad filosófica, política y religiosa en la que participaron hasta 28 mujeres), tras la muerte de Pitágoras y el exilio de la escuela se convirtió en directora de la misma (Álvarez Lires et al., 2003).

También en la alquimia, precursora de la química actual, fue importante la presencia de mujeres, igualmente, en la medicina, en la preparación de medicamentos y en las escuelas artesanales. Todas estas mujeres inventaron, descubrieron y trabajaron desde la antigüedad hasta la época medieval, es decir antes de la llamada Revolución científica.

En la tradición alquímica la autoridad científica femenina está representada por María la Judía, que vivió en Alejandría entre el Siglo I y el III. Aunque no fue la única mujer practicante del "Arte Sagrado" en tiempos lejanos, conocemos a Theosebia y a Paphnutia. Maria describió procedimientos y aparatos que todavía se utilizan en los laboratorios, como el "Baño María" (*balneum Mariae*), el Kerotakis y cierto alambique para la destilación construido en cobre y denominado Dibikos o Tribikos (según tuviese 2 o 3 caños). La consideración de las alquimistas como figuras míticas de la alquimia es uno de los mecanismos sociales de desvalorización de la actividad científica de las mujeres. Parece difícil aceptar que la obra de María la Judía, citada por muchos autores, tanto de la tradición árabe como de la europea, no tenga una autoría reconocida. Es importante destacar que el hecho de poner en duda la autoridad femenina a lo largo de la historia, como en el caso de María la Judía, ha producido como efecto la eliminación de la autoridad femenina y su falta de transmisión (Alvarez Lires et al., 2003).

Dadas las características de las tradiciones filosófica, alquimista o artesanal, antes del siglo XVIII, estas mujeres no tuvieron una participación aislada en las tareas de construcción del conocimiento ya que se han identificado bastantes filósofas, alquimistas o médicas, en contra de lo que se considera habitual en aquellos momentos históricos. Ellas formaron parte de escuelas y tradiciones donde las mujeres no fueron casos excepcionales. De algunas, hoy en día, se han podido identificar sus textos y reconocer sus palabras, distinguir cuando escribieron de forma individual, o reconstruir su presencia o su influencia. De otras todavía resulta difícil descifrar sus huellas, por ejemplo, fueron las primeras farmacólogas dedicadas al cultivo de hierbas medicinales. Fueron también mujeres las primeras que se dedicaron a la Medicina. Para situar la sabiduría médica de las mujeres hay que recordar que han sido siempre sanadoras. Fueron las primeras médicas, comadronas y anatomistas de la historia occidental: atendían los partos, sabían hacer

abortos y cuidaban de la salud de las personas. Como Trotula de Salerno médica del siglo XI, de la escuela salernitana y autora del tratado *Passionibus Mulierum Curandorum* o *Trotula Maior* y del *Ornato Mulierum* o *Trotula Minor*, dedicado a la cosmética y enfermedades de la piel. Sus obras gozaron de la consideración de clásicas hasta el siglo XVI. Sin embargo, el *Trotula Maior*, fue posteriormente atribuido a autores de sexo masculino: Eros Juliae.

Durante muchos siglos ejercieron como médicas sin título: sanadoras, curanderas; excluidas de los libros y de la ciencia oficial, aprendían unas de otras y se transmitían sus experiencias de madres a hijas o entre las vecinas. La gente las llamaba "mujeres sabias", y durante mucho tiempo constituyeron la única atención médica al alcance de las personas pobres y de las mismas mujeres (Solsona, 1997).

Durante el siglo XIII, las Universidades crearon las primeras Escuelas de Medicina a las que las mujeres tenían vetado el acceso. Los futuros médicos no hacían ningún tipo de práctica experimental mientras estudiaban, por lo que durante el siglo XIV los servicios de las "curanderas" eran todavía muy solicitados por las clases acomodadas. La Iglesia, que no se oponía a que los reyes y la nobleza tuvieran médicos, especialmente si eran sacerdotes o actuaban con su colaboración, no veía con buenos ojos la existencia de las "curanderas", mujeres que eran respetadas, estaban organizadas, tenían poder y conocimientos sobre la salud. Así, se puso en cuestión quién ejercía el control de la Medicina, y, en un momento en que la ciencia emergía como una nueva forma de poder y de control de la sociedad, los médicos tenían un nivel de conocimientos que no alcanzaba a curar a nadie, mientras que las mujeres, con su práctica empírica acumulada, tenían cierto poder. Las instituciones de la Iglesia intervinieron en este debate entre el empirismo y la nueva ciencia, entre la autoridad de los hombres y la de las mujeres, tal como lo habían hecho en otros momentos históricos. La autoridad eclesiástica contribuyó a disfrazar el debate organizando la persecución contra las curanderas, que denominó "brujas". El objetivo de la Inquisición se planteó como un combate contra la herejía y la infidelidad, de quienes se apoyaban en la magia y los poderes ocultos; nunca se planteó como una lucha contra la práctica de la Medicina por mujeres (Álvarez Lires et al., 2003)

Construyendo una genealogía femenina: Autoridad Femenina

Algunas corrientes de los estudios de Género y Ciencia se han ocupado de la invisibilidad de las mujeres en la historia de la ciencia, y plantean un interés especial en el análisis de la autoridad de las científicas en su desarrollo histórico. La autoridad como categoría de análisis permite reflexionar con mayor complejidad sobre el papel de las científicas y el trabajo de recuperación de sus aportaciones a la ciencia a lo largo de la historia. Se identifica la práctica de la autoridad femenina cuando se entiende como mediación, lo que permite distinguir entre autoridad femenina y autoridad masculina. En el mundo actual, el concepto de autoridad se confunde con el de poder, pero etimológicamente autoridad viene del latín *augere*: "capacidad para hacer crecer". En este significado del concepto autoridad se apoya la autoridad femenina, a diferencia de la autoridad entendida como poder que sustenta la autoridad patriarcal. Utilizando la autoridad como categoría de análisis podemos diferenciar los distintos itinerarios epistemológicos seguidos por las mujeres en la historia de la ciencia (Solsona, 1997).



Fuente: Museu de les trementinaires (Tuixent)

Desde esta perspectiva, con este trabajo queremos recuperar un oficio de mujeres que, si bien en su época gozó de reconocimiento y prestigio social en sus familias y en el entorno rural en que lo ejercieron,

a finales del siglo XX cayó en el olvido. Todo ello con una doble finalidad, por un lado, hacerlas visibles y revalorizar sus contribuciones a la medicina natural y a la atención sanitaria, por otro, trabajar en la construcción de una genealogía femenina, utilizando la autoridad femenina como categoría de análisis. Es por ello que, además de rescatar una historia de supervivencia y sabiduría femenina adquirida de la naturaleza y transmitida de madres a hijas, recogemos el testimonio vivo -dándole así la palabra- de una de las últimas trementinaires del Valle de Vansa, doña Emilia Llorens.

Las Trementinaires. El nacimiento de un oficio

En las estribaciones del Pirineo leridano (frontera natural entre Francia y España), se encuentra el hermoso valle de La Vansa cuyos prados y bosques son atravesados por las aguas del río que le da nombre al valle; un idílico lugar en el que se originó la historia de estas mujeres sanadoras. Rodeado por varias sierras que superan los 2.000 metros de altitud, se beneficia de una frondosa vegetación de coníferas y de una rica flora silvestre compuesta, sobre todo, por gran variedad de plantas medicinales. Cerca del agua, en las zonas umbrías, viven las consueledas del bosque; en los márgenes de muchos caminos crece la milenrama, la ajedrea, el hipérico, la artemisa, el ajeno y la eufrasia; en medio de los prados brota el tomillo, a veces con suave fragancia a limón; y en las vertientes orientales se encuentran grandes matojos de lavanda y de abrótnano hembra. En Coll de Porc, el tusilago y la carlina angélica compiten por el suelo, y a la sombra del saúco y del guillomo crece la valeriana. Los pinares cubren una buena parte de las laderas y las escasas tierras de labor surgen en el fondo del valle entre rocas calcáreas donde aparecen la oreja de oso y la corona de rey. Más arriba, en La Plana, se yerguen esbeltos masas de abetos cargados de resina; y cerca de las cumbres, en la parte alta del Cadí, se encuentran las hojas estrelladas y festoneadas de blanco del pie de cristo.



Fuente: Carles Santana i García

A mediados del siglo XIX el modelo social del valle era el de una sociedad viva, rica y diversa con unos fundamentos sociales y culturales propios basados en la lealtad y la solidaridad. Un sistema económico de producción autosuficiente basado en la agricultura para autoconsumo, animales de corral, caza y ganadería de pequeños rebaños de ovejas y vacas y con producciones artesanales: miel, quesos y recolección de productos del bosque. El trabajo, como en otras comunidades pirenaicas, estaba distribuido por edades y sexos. Los hombres se encargaban de los trabajos del campo, la ganadería y el bosque. Las mujeres del hogar, el huerto, los animales de corral, la recolección de la miel y productos del bosque, la fabricación de conservas, embutidos y quesos. Las duras condiciones de vida del valle se compensaban con la solidaridad y la hospitalidad, satisfaciendo así las necesidades básicas de alimentación y vida cotidiana, pero no permitían la introducción del capitalismo en esta remota región impidiendo la circulación de dinero en metálico y su desarrollo. Durante la primera mitad del s.XIX, la Vall de La Vansa estaba sometida a tal presión demográfica que gran parte de sus habitantes marchaban temporalmente a otras zonas más favorecidas y desarrolladas de Cataluña buscando mejorar sus condiciones económicas. Aprovechaban las épocas de poca actividad (otoño e invierno) para realizar oficios complementarios, los hombres como leñadores,

jornaleros, carboneros..., las mujeres iban a servir a familias adineradas de la ciudad más próxima (Lleida o Barcelona) (García y Cadanet, 2003).



Fuente: Can Custodi

Es en este contexto en el que se sitúa la aparición de las trementinaires, cuando algunas de estas mujeres dejaron de servir a las burguesas de las ciudades y, por propia iniciativa, desarrollaron una actividad utilizando sus conocimientos sobre plantas medicinales y resinas de coníferas adquiridos generación tras generación y por su relación con la naturaleza inhóspita que las rodeaba.

Fue su manera de aprovechar estos profundos conocimientos sobre las propiedades curativas de plantas y resinas que provenían de la tradición popular y que habían sido transmitidos durante siglos por vía oral de madre a hija. Supieron extraer el máximo beneficio de los elementos que les ofrecía aquella tierra escarpada, abrupta y pobre, y, utilizando las propiedades curativas que poseía la flora de la zona, elaboraron meticulosamente ungüentos a partir de la recolección de las plantas y resinas más eficaces con el objetivo de sobrevivir a la dureza y extremas condiciones en las que vivían. Con tesón e inteligencia iniciaron

un oficio que aportaba importantes beneficios económicos a sus hogares y que, en muchos casos, sirvieron para mantener a la familia e impedir la emigración y el abandono definitivo de la comarca. Para su comercialización establecieron rutas por toda Cataluña, caminando de pueblo en pueblo, visitando las ciudades, de casa en casa, siempre dispuestas a facilitar sus conocimientos sanadores y a aplicar y vender sus productos elaborados. Las plantas secas, los ungüentos, los aceites y jarabes sus conocimientos medicinales y su prestigio las acompañaban y les abrían muchas puertas. Su actividad poco a poco fue muy valorada pues curaban a las personas y a los animales, así empezaron a ser conocidas por toda Cataluña como protectoras de la salud, había quienes las denominaban "las portadoras de la salud de la montaña".

Trementinaires: el ejercicio femenino de la medicina ancestral



Fuente: Museu de les Trementinaires

Fue en este escenario y en este contexto histórico y social en el que en los municipios de Cordellana, Tuxent y Ossera pertenecientes a la comarca leridana del Alt Urgell, apareció por primera vez el oficio de las trementinaires. Nombre en catalán con el que fueron conocidas en toda

Cataluña las mujeres del valle de La Vansa que, cargadas de hierbas medicinales y de resinas de diferentes coníferas, se echaban a los caminos desde sus pequeñas aldeas, para vender estos remedios en las zonas rurales. Trabajo que fue más allá de la venta ya que al aplicar sus conocimientos se convirtieron en sanadoras y curanderas, en practicantes de una medicina ancestral capaces de diagnosticar enfermedades, ofrecer tratamiento y procurar los remedios que ellas mismas elaboraban. Las mujeres de este valle conocedoras de las virtudes medicinales de las plantas y de los árboles que crecían en su entorno supieron conservar como patrimonio femenino desde tiempo inmemorial estos conocimientos que se transmitían de madres a hijas, junto con las recetas de cocina, los secretos en las relaciones con los hombres o los simples trucos para la 'colada' (Bosch, 2010).

No existe documentación dónde se explique desde cuándo las trementinaires convirtieron este saber en un oficio ambulante, lo que se conoce de él ha sido transmitido por tradición oral, que sitúa el primer viaje en 1875 y el último en 1982.



Fuente: Museu de les trementinaires

Este último viaje lo realizó Sofia Montané i Arnau (Sofia d'Ossera) (1908-1996) que empezó a hacer el recorrido a los 10 años con su abuela materna, una de las primeras trementinaires. Junto con su marido Miquel Borrell "el gorra tort" (tal como ella lo denominaba) formaron una pareja excepcional, ya que a los cuatro años de casarse él decide cambiar de oficio para colaborar en el oficio de Sofia. Otra trementinaire de la

que no se ha encontrado mucha información fue Antònia Costa i Coll (1851-1921) nacida en Tuixent que ejerció de trementinaire durante toda su vida. Tuvo dos hijas María y Josepa que también se dedicaron al oficio materno hasta que se casaron y se trasladaron a Barcelona y Sabadell donde instalaron una vaquería. Antonia murió de una apoplejía en Sabadell a donde se había ido a vivir con su hija el año anterior. Una de las trementinaires mejor documentada fue María Majoral, "la Tamastina" (1887-1976) nacida en Cornellana. Empezó a 'ir por el mundo' con solo 2 años acompañando a su familia y realizó su primer viaje como trementinaire a los 12 junto con su prima Rosa Arnau de 8. No dejó su oficio hasta 1959 a la edad de 72 años. En sus viajes la acompañaban sus hijas, Cándida, María y Roseta que por ser rubias la llamaban "la trementinaire de las niñas rubias". También viajó con su nieta, Emilia Llorens, que practicó con ella de trementinaire de los 7 a los 16 años y es una de las pocas mujeres que todavía puede ofrecer testimonio vivo de sus viajes (Museu de les trementinaires, 1998).



Emilia Llorens. Fuente: El escarabajo verde

Así describe Emilia a las trementinaires: "Ellas vendían remedios, ungüentos (medicina natural) allí donde no la había. Curaban a la gente y a los animales de los males sencillos, hacían lo que podían y de muy buena gana. Ser una ayuda las satisfacía, y lo hacían como un favor y sólo aceptaban el dinero que necesitaban. Pero, desde un punto de vista más egoísta, realizaban esta actividad por necesidad, está claro que nos habría agradado no tener que dejar la casa ni la familia, pero ¿qué podíamos hacer sin dinero? ¿cómo conseguirlo?. De las familias del

pueblo, no todas las mujeres eran trementinaire, "marxanta", solo en las familias pobres, en las ricas no tenían necesidad, ni lo veían con muy buenos ojos. Actualmente, se ha vuelto a poner de moda este tipo de medicina, pero estos médicos tienen la ventaja de los estudios científicos, nosotras elaborábamos a partir de la tradición y el aprendizaje de la familia durante años y años, y de la misma forma que la primera vez, sin variar la receta, como el buen cocinero que no revela sus ingredientes ni la forma de cocinarlos, ellas tampoco lo hacían con los pequeños cambios que introducían en sus remedios".

Las últimas trementinaires han explicado que aprendieron de sus madres y abuelas y éstas de sus propias abuelas. Emilia lo relata de este modo: "A una trementinaire, diríamos que no se le enseñaba, ella aprendía a base de experiencia, la trementinaire experta, guiaba a la aprendiz. Por ejemplo, yo aprendía durante las salidas que hacía con mi abuela desde los 6 años, todas queríamos ir con ella. Cuando íbamos recogiendo hierbas, la 'padrina' me decía: 'recoge ésta que sirve para eso, ésta sólo se encuentra en esta zona' y para la elaboración de los ungüentos igual, así que cuando habías hecho como mínimo 4-5 salidas ya sabías bastante. La venta cada una la hacía a su manera, siempre diciendo la verdad a quien compraba, aconsejando bien; nuestros productos eran muy buenos y baratos. Tal y como decían, 'cuanto más practiques más sabrás' y eso hacía mi abuela, que era una experta tras realizar muchísimos viajes. Practicó hasta los 72 años y quería continuar pero estaba muy delicada para hacer más viajes, su antepenúltimo viaje lo hizo sola, era muy trabajadora" (García y Cadanet, 2003).

Según los testimonios de estas trementinaires las mujeres de su familia siempre habían 'ido por el mundo'. En el valle de La Vansa, el oficio de trementinaire se denomina en catalán 'anar pel món' (ir por el mundo); y era normal que cualquier mujer con pocos recursos que gozara de buena salud lo practicara. En una economía familiar y agrícola de subsistencia el ingreso que aportaban estas mujeres era muy importante; en muchas casas era el único dinero que entraba. Su aportación a la economía familiar era por tanto vital pese a que el oficio de trementinaire no era nada sencillo, además de laborioso y difícil, era duro y cansado; sus tareas debían repartirse en cuatro fases: la recolección de las plantas, la elaboración, la preparación de los remedios

y el viaje para su venta, el cual se realizaba por distintas zonas de Cataluña, llegando hasta la costa, visitando pacientes o en busca de quien necesitara sus remedios. Podemos observar que su sistema de "producción" formaba una compleja cadena para conseguir, finalmente, unos beneficios limitados que llevaban a casa en forma de dinero en metálico o de bienes, como calzado, ropa, utensilios de trabajo,...



Dibujo d'Oriol Garcia i Quera

Fuente: tarragona-goig

La fase de recolección consistía en el aprovisionamiento de los ingredientes necesarios y de las sustancias indispensables para la elaboración y para el proceso de transformación a ungüento (esencias, resinas, hojas secas); en ocasiones, conseguían las hierbas y plantas en los bosques próximos. Otras hierbas, inexistentes en su comarca, las recolectaban en sus rutas por otras tierras. Algunos productos específicos tenían que comprarlos en droguerías o en farmacias de confianza en los pueblos vecinos. Estas valientes mujeres estaban completamente integradas en su medio y su faena seguía el ciclo natural de las estaciones: a partir de mayo y durante todo el verano se dedicaban a la recolección de los diferentes productos de la tierra. En los desvanes de sus casas almacenaban las flores y hojas que recogían para que el aire de la

montaña las secara con rapidez, y una vez secas las metían en bolsas de tela. En los días más cálidos del verano, se subían a los abetos para extraerles la trementina (resina). Y a partir de agosto se dedicaban a la recogida de las setas, que ensartaban en ristras de hilo de algodón y ponían también a secar (Bosch, 2010). Durante esa época ya iniciaban la elaboración de muchos de sus productos, preparaban los aceites que requerían en ocasiones meses de maceración, la trementina, los ungüentos, los jarabes, el tabaco negro, también iniciaban el secado de las hierbas, las setas, las pieles de algunas frutas o tubérculos. Tras las fases de recolección y elaboración se iniciaba la de preparación de remedios que duraba varias semanas preparando pequeños paquetes con mezclas de distintas hierbas, botellitas que contenían aceites o esencias, latas con ungüentos y resinas,... Finalmente, con la llegada del otoño, llegaba la última etapa: la venta del producto.



Fuente: Museu de les trementinaires

Consistía en un largo viaje a través de una ruta comercial que duraba en ocasiones varios meses. Iniciaban entonces su periplo por las comarcas catalanas para vender sus productos y aplicar sus remedios (tisanas, ungüentos y cataplasmas) a las personas enfermas. En casa dejaban a las criaturas al cuidado del hombre y de las abuelas, y ellas bajaban al llano, hacia la costa, por sendas y caminos.

Sobre la espalda cargaban una especie de mochila de tela, hecha con un pañuelo de envolver y unas ligaduras, repleta de bolsas de hierbas. Y, colgadas de los hombros llevaban las latas llenas de

trementina (de 2,5 a 4 litros), de resina de abeto y de resina de enebro. Iban siempre por parejas, la de más edad era la que sabía el oficio y la más joven hacía de aprendiz. Cada pareja recorría, año tras año, la misma ruta y se alojaba en las mismas casas donde lo habían hecho sus predecesoras. Los trayectos se mantenían en secreto, ya que los vínculos establecidos por sus progenitoras con los y las habitantes de las casas en las que se alojaban y su clientela a quienes vendían sus productos eran fundamentales para la buena marcha del oficio. Tras dos largos meses de viaje por Navidad regresaban a casa y hacia febrero hacían otra salida hasta Pascua.

El valor y aportación de estas mujeres emprendedoras

Las personas mayores de los pueblos de Cataluña todavía recuerdan a aquellas mujeres fuertes y valientes que aparecían cargadas de aromas de montañas y de sabiduría. Las trementinaires siempre eran bien recibidas, y sus remedios y consejos muy escuchados.



Mercè Parramon i Dolors Pla, trementinaires.

Fuente: Museu de les Trementinaires

La confianza en sus productos se basaba en el uso tradicional de las plantas para tratar las enfermedades. El nombre de trementinaires, es el

nombre en lengua catalana que hace referencia a estas mujeres y que proviene de los ungüentos que comercializaban, en concreto, la trementina, que era el más conocido y por el que se las conoció en toda Cataluña. Sin embargo, fueron muchos los remedios como aceites y hierbas utilizados por ellas y aunque la trementina les dio el nombre, en ocasiones, fueron otros los productos más demandados en función del momento y del contexto histórico en el que se encontrasen. Un claro ejemplo es el caso del aceite de tifus, remedio que a causa de los numerosos brotes epidémicos que se manifestaron a lo largo de los s. XIX y XX, se convirtió en uno de los remedios más solicitados de la época. Aunque la mayoría fuesen analfabetas, tenían las ideas muy claras respecto a las enfermedades y sus tratamientos y a la adecuación de los remedios que aportaban a cada enfermedad, el resto lo hacía su forma de tratar a sus pacientes, su cercanía y la manera de explicarse pues facilitaban la confianza y la recuperación de las personas enfermas.

Aceites y resinas que comercializaban y sus usos

Les trementinaires tenían conocimientos de una gran variedad de remedios de todo tipo, muchos servían para complementarse y combatir el mismo mal: aceite de serpiente, de perdigones, de abeto, jarabe de sauco. Algunas plantas como la oreja de oso, la corona de rey y la salsufragia, entre otras, eran las que más se vendían y su demanda era muy alta, pero disponían de una gran variedad de remedios que elaboraban mediante la combinación de distintas plantas y proporciones. Como ya se dicho, las trementinaires recibían este nombre porque los productos más solicitados de todos los que llevaban eran la trementina de abeto y la de pino. Se trataba de unas resinas secularmente utilizadas en la preparación de ungüentos curativos. Es más que posible que en las casas de nuestras familias antepasadas siempre hubiera a mano un bote de trementina. Su uso más habitual era en forma de cataplasmas. Se untaba un trozo de tela de algodón o de lino, o incluso un trozo de papel de estraza, y se colocaba sobre la zona afectada o dolorida. Este emplasto se recubría con otras piezas de tela y se dejaba hasta que se desprendía por sí mismo de la piel.



Resina de pino rojo

Las trementinaires decían que "la trementina chupa el mal interno y lo saca afuera". Estos emplastos se usaban siempre que no hubiera herida abierta, para combatir inflamaciones y cualquier tipo de dolor: golpes, esguinces, torceduras, picaduras de insectos o de reptiles; así como para extraer las espinas o las astillas de madera clavadas en la piel. También servían para curar las infecciones pulmonares y bronquiales; en este caso, la cataplasma cubría toda la zona de los pulmones, tanto por la parte delantera del pecho como por la espalda (Frigole Reixach, 2007).

Aceite de abeto: Las trementinaires daban este nombre a la resina de abeto (*Abies alba* Miller), aunque en otras zonas de Cataluña se le conoce como 'trementina de abeto' o 'trementina verdadera'. Para obtenerla hay que subirse a los abetos y reventar, una a una, las pequeñas ampollas que se forman en el tronco y que en los meses de calor están repletas de resina. Las trementinaires utilizaban el canto afilado de una esquila para estallar esas ampollas, y recogían su contenido con la misma esquila. Se trataba de una operación muy laboriosa, ya que de cada ampolla no se obtenía más de una o dos gotas. A menudo eran los hijos de la trementinaire los que hacían este trabajo en lo alto del abeto pues el proceso, además de peligroso, era largo y costoso ya que el abeto sólo segregaba resina durante dos años, alternando su producción con tres años de descanso.

Se la consideraba la trementina de más calidad y servía para prevenir y curar las enfermedades pulmonares y las úlceras de estómago. Por aquel entonces era una costumbre muy extendida tomar aceite de abeto a principios del invierno, durante nueve días seguidos, a modo de prevención de los constipados. Para ello, se dejaba caer una gota de trementina sobre el azúcar, se hacía una bolita y se tomaba. Era un

remedio que se ingería como un jarabe y que tenía diferentes usos y propiedades: curar diferentes tipos de enfermedades pulmonares, como la bronquitis, los constipados... prevenir las úlceras ya que era un eficaz protector estomacal, aliviar las enfermedades de riñón, también actuaba como balsámico, diurético, expectorante, etc. También se utilizaba externamente mediante emplastos, entonces se solía mezclar con aceite de oliva, grasa de cerdo o cera de abejas y se comercializaba en lata. En definitiva, era un remedio polivalente y de amplio espectro, bastante más caro que la trementina de pino por su complejidad de recolección; a principios del siglo XX una onza (33 gr.) se pagaba a 80 pesetas (0,5 €), y en 1990 rondaba las 50.000 pesetas (300 €) el kilo.

Trementina de pino: Se obtenía a partir de las muescas o incisiones que se practicaban en el tronco de los pinos, justo debajo de los cortes se colgaban las cazoletas para recoger el líquido que fluía. Esta resina se purificaba exponiéndola al sol y luego se filtraba. La recolección duraba desde la primavera hasta el otoño.



Cada árbol sangraba durante 15-20 años. De la destilación de la trementina se obtenía la 'esencia de trementina' o 'aguarrás', y como residuo sólido de este proceso quedaba la 'pega grega' o colofonia (el ámbar). Las últimas trementinaires ya no extraían ellas mismas la trementina de los pinos, sino que compraban la colofonia en las droguerías y mezclaban los dos componentes (colofonia y aguarrás). El proceso era el siguiente: fundían la colofonia calentándola a fuego lento y removiéndola sin pausa, e iban añadiendo aceite de oliva, grasa de cerdo o cera de abeja. Cuando todo estaba mezclado de manera

homogénea añadían el aguarrás fuera del fuego. Fabricaban la trementina antes de iniciar su periplo, o incluso durante el camino, si se les acababa. Esta trementina de pino era la que se utilizaba más comúnmente para hacer emplastos, ya que tenía un precio más asequible que la de abeto, debido a su fácil obtención. En ningún caso se ingería, como se hacía con la de abeto. A partir de la trementina como materia base, cada trementinaire elaboraba sus propios ungüentos.



Maria Majoral. Fuente: Museu de les Trementinaires

La conocida trementinaria María Majoral elaboraba la pomada de trementina mezclando yema de huevo, una onza de trementina lavada nueve veces, dos cucharadas de azúcar, dos de miel y una de grasa. Se fundían todos los ingredientes hasta que quedaba una pasta con consistencia de pomada que se usaba para bajar la inflamación de las heridas y cicatrizarlas, evitando así infecciones.

Aceite de tifus: Aceite formado por una gran variedad de distintos ingredientes. Durante los diversos brotes de epidemia del tifus este remedio fue uno de los más solicitados en la historia de las trementinaires. Era bastante caro, por la gran demanda y su escasez, debido a la dificultad de elaboración y recolección. Su gran número de ingredientes, hasta una cincuentena de hierbas, dificultaba su elaboración que se realizaba llevando a ebullición la mezcla durante una hora tras haberlos macerado con aceite de oliva.

Tabaco negro: Del tabaco que se cultivaba en estos valles, las trementinaires aprovechaban sus propiedades curativas utilizando sus hojas como emplastos para combatir pulmonías, difterias, dolores de cabeza, bajar la fiebre, etc. Cuando las hojas estaban tiernas las sumergían en vino o vinagre durante unos dos meses. Una vez ennegrecidas las trenzaban formando un cordón que dejaban secar lentamente. Posteriormente los cortaban en rodajas planas y pequeñas y las vendían bajo esta forma de botón o moneda. Al preparar el ungüento estas rodajas se debían hervir de nuevo y se colocaban en la zona afectada a tratar entre dos piezas de ropa. Cuando se enfriaban se sustituían por otras calientes.

Aceite de víbora: Se sumergía una víbora, viva o muerta, recogida en mayo cuando no tiene veneno, en un recipiente repleto de aceite de oliva y según se decía 'se dejan descansar ambos elementos' durante un tiempo antes poder aplicarlo en la herida causada por la picadura de víbora.

Aceite de grasa de serpiente: Entre la piel y la carne de la serpiente se encuentra una capa de grasa que se utiliza para elaborar un aceite que combate las infecciones de oído y elimina los dolores y los pinchazos. Se elabora mezclando la grasa con azúcar y grasa de cerdo obteniendo una sustancia menos oleosa.

Aceite de lagartija: Se sumergía una lagartija viva en un recipiente repleto de aceite de oliva del bueno hasta causarle la muerte por asfixia y se dejaba pasar un largo periodo de tiempo para que la lagartija traspasara sus propiedades al aceite, el cual se convertía en el propio remedio. Se utilizaba para rebajar las inflamaciones, para combatir el dolor de barriga o de apoyo para superar la pulmonía y el tifus.

Aceite de serpiente blanca: Su elaboración era idéntica al aceite de lagartija salvo que en éste no era necesario que la serpiente estuviera viva aunque sí tierna. Tras un largo periodo de espera, al traspasar sus

propiedades curativas al aceite, ya podía emplearse para curar cortes profundos y heridas.

Aceite de perdigones: Se sumergía un puñado de perdigones en un recipiente lleno de aceite de oliva, durante varios meses se dejaba reposar la mezcla hasta que se desprendía el plomo. Sólo se usaba para el tratamiento de desgarrones musculares.

La pega negra: El último aprovechamiento que se hacía del pino era la obtención de la 'pega negra'. Esta tarea la hacían los 'pegaires', hombres de este valle que eran hermanos o maridos de trementinaire, de modo que ellas se dedicaban también a la venta de la pega negra. Los pegaires aprovechaban los tocones que quedaban en las pinadas recién taladas, y obtenían su producto de las teas (astillas impregnadas de resina) de los tocones de los pinos, para lo cual las colocaban de pie dentro de los hornos de hacer pega. Las teas se consumían lentamente e iban soltando su resina. Una vez extraída, la resina volvía a cocerse para obtener la pega negra. Era un proceso largo y muy delicado. Se utilizaba principalmente para curar a los animales, básicamente para las enfermedades de la piel, también para inmovilizar los miembros fracturados, ya que al secarse se solidificaba e impedía el movimiento, cumpliendo la misma función que hace hoy en día la escayola. Las personas la usaban, mezclada con aceite de oliva, para curar quemaduras. Se fundía al fuego a partes iguales, se untaba una pieza de tela de lino con esta mezcla y se colocaba encima de la quemadura. El emplasto se cambiaba tres veces al día.

Aceite de enebro blanco: Los pegaires del valle de La Vansa obtenían este aceite de la destilación del tronco del enebro blanco. Era una sustancia espesa, de olor penetrante que se utilizaba, por vía externa para matar la sarna en los animales, y para otras enfermedades. También, se usaba para expulsar las lombrices intestinales mezclado con unas gotas de azúcar.

Hierbas y árboles, otros remedios utilizados por las trementinaires

Muérdago

(*Viscum album*)



Considerado en la actualidad como planta tóxica ya no se usa en fitoterapia. Las trementinaires lo usaban como calmante nervioso en pequeñas dosis (un 'vasito' dos veces al día, durante 8-9 días), o como reconstituyente, tomando una cucharada en ayunas. Se mezclaba una onza y media de hojas de muérdago, un litro de agua, nuez moscada, una rama de canela, una medida (tipo) de chocolate, tres cucharadas de azúcar, un paquete de azafrán y un 'chorrito' de trementina de abeto. Una vez hervido, se ponía en una botella y se dejaba 9 días al sol y la serena, removiéndolo cada día.

Hisopo

(*Hissopus officinalis*)



La tisana de hisopo se usa para el dolor de cabeza y menstruales, también para trastornos asociados a la llegada de la menopausia, así como, combatir náuseas y vómitos. También era beneficiosa para el hígado y se decía que 'feia tornar el ventre el lloc' (hacía volver el vientre al sitio). Como hierba para mujeres se utilizaba su tisana para acelerar el parto y para recuperarse después del mismo junto con orégano. A veces se mezclaba con chocolate.

Oreja de oso

(*Ramonda myconi*)



También denominada "planta tossera" que aparece pegada a las rocas calcáreas, en lugares oscuros y húmedos. Tras recolectar sus flores, las trementinaires realizaban un largo proceso; secaban las hojas, las quemaban lentamente y recogían las cenizas que, posteriormente, maceraban en aceite de oliva. Finalmente preparaban la tisana que usaban como expectorante y para curar la tos más pertinaz; también, para calmar las hemorroides

Salsufragia

(Silene saxifraga)



Planta perenne también denominada "hierba prima". Florece de junio a agosto. Las trementinairas recolectaban sus flores a finales de julio para ponerlas a secar y preparara infusiones de flores que usaban como digestivo y como tisana para las infecciones de orina ya que deshace las piedras de los riñones y facilita su expulsión.

Corona de rey

(Saxifraga longifolia)



Es una planta majestuosa, perenne, de 30 cm. de diámetro que crece en las fisuras de las rocas calcáreas hasta los 2.400 m. de altura. Florece en julio una sola vez el último año de su vida. Se le llama también junto a la Ruda e hisopo "Hierbas de las mujeres" por su aplicación en obstetricia y ginecología. Es abortiva utilizada tanto en las mujeres como en el ganado. Se utiliza para parar hemorragias en heridas.

Tilo

(Tilia platyphyllos)



Árbol que florece a finales de junio y julio. Con sus flores preparaban una tisana de tila que se tomaba para calmar los nervios y el dolor de cabeza. Tenía mucha demanda en las casas por donde pasaban.

Milenrama

(Achillea millefolium)



También conocida como Milhojas. Planta herbácea perenne, de débil aroma, gusto amargo y algo salado que se desarrolla hasta los 2.800 m. en los bosques, collados secos y márgenes de los prados de los valles. Florece entre mayo y septiembre. Su tisana se utilizaba contra la fiebre, la tos y los resfriados y como tónico general.

Hierba Azul*(Polygala rupestris)*

Su nombre proviene del griego: poly (muchas) gala (leche): el consumo de esta planta autóctona servía para aumentar la producción láctica del ganado. Recolectaban sus flores en primavera y otoño y las guardaban para mezclar con la hierba que se le daba al ganado.

Té de roca*(Jasonia glutinosa)*

Planta perenne que crece en las fisuras de las rocas. Florece entre junio y agosto. Su tisana se usa para combatir catarros, mejorar la respiración y como infusión estomacal para las digestiones pesadas. Ligeramente purgante.

Consuelda*(Symphytum officinale)*

Realizaban emplastos de consuelda para tratar los desgarrones musculares y para recuperar un hueso que previamente había sido fracturado. Para preparar el emplasto cogían un trapo sobre el que picaban bien las consueldas empapándolas con aguardiente fuerte, la pasta resultante se aplicaba dentro del mismo trapo en la zona a tratar.

Haya*(Fagus silvatica)*

Preparaban agua de hojas de haya para las niñas y niños inapetentes o para abrir el apetito de las personas convalecientes.

Corteza de fresno*(Fraxinus excelsior)*

Con la corteza del fresno preparaban una infusión que se utilizaba como laxante suave, muy indicado para las criaturas. También era recomendado para paliar el dolor de barriga.

Agrimonia

(Agrimonia eupatoria)



La tisana de agrimonia mezclada con hojas de nogal y de romero bajaba la tensión.

Ajedrea

(Satureja montana)



Se utilizaba para condimentar platos pesados, ya que ayudaba a la digestión.

Guillomo

(Amelanchier ovalis)



La tisana de sus flores era usada para bajar la tensión.

Pie de cristo

(Potentilla alchimilloides)



La infusión de pie de cristo es diurética y se tomaba antes de ir a dormir y en ayunas.

Valeriana

(Valeriana officinalis)



Su infusión, decían las trementinaires que era buena para el 'mal de madre' (las dolencias del útero).

Carlina Angélica

(Carlina acantifolia)



Era prescrita por las trementinaires para curar las almorranas.

Hierba de la Purga

(Euphorbia lathyris)



Con esta planta elaboraban el agua de la hierba de la purga que utilizaban como poderoso laxante.

Las trementinaires: el reconocimiento al trabajo y emancipación de la mujer rural

El conocimiento y el proceso de elaboración de estas plantas y resinas provenían de un secreto surgido del más remoto pasado que se pierde en la noche del tiempo, en los inicios de las sociedades humanas. Su secretismo y trasmisión oral no ha dejado rastro escrito, ya que estos conocimientos se basaban en el aprovechamiento de los recursos que la naturaleza ofrecía, unos materiales primarios al alcance de cualquiera pero que sólo unas pocas mujeres sabían reconocerlos y prepararlos. Estas mujeres elegían cuidadosamente a la sucesora familiar de tan importantes conocimientos y con su elección no sólo designaban a la persona, sino que le traspasaban el "secreto" de sus conocimientos y la tarea que de por vida llevaba implícito.

Al igual que los hombres, las trementinaires trabajaban todo el año sin descanso, pues los viajes de venta en total duraban unos 4 meses (finales de octubre a diciembre y de febrero a abril), a la recolección le dedicaban dos meses (julio y agosto) y la época de elaboración quedaba partida en dos periodos anuales que realizaban entre viaje y viaje, uno de ellos coincidía con el periodo de mayor trabajo, pues el final de la primavera y el inicio del otoño eran los periodos más intensos en la

agricultura y ganadería del valle. El primer viaje del año lo realizaban tras la matanza del cerdo regresando por Semana Santa; mientras que el segundo viaje se iniciaba hacia Todos los Santos (finales de octubre), regresando para Navidad. Tenían, por lo tanto, que organizar muy bien su tiempo ya que, además de encargarse de las tareas relacionadas con su oficio debían sacar adelante a la familia realizando las tareas del hogar, cuidado de hijos e hijas, animales, huerta, etc.



Fuente: Museu de les Tremantinaries

Durante la temporada de invierno, como no viajaban, tenían más tiempo para preparar y elaborar los ungüentos, aceites y plantas medicinales a un ritmo menos acelerado que al finalizar el verano cuando todas las cargas de trabajo llegaban juntas.

La preparación del viaje también les llevaba un buen tiempo, aproximadamente un mes en el que la cocina se convertía en obrador, laboratorio y almacén. En la mesa de este pequeño "taller farmacéutico" se encontraban expuestos diferentes frascos y cestos con productos preparados para traspasarlos en dosis adecuadas a latas, botellas y paquetes. Debían calcular perfectamente las cantidades, sobre todo, no

debía faltar ningún producto de los que les había encargado su clientela, teniendo en cuenta el peso que finalmente deberían cargar ellas mismas por los caminos que recorrerían, aproximadamente unos 25 kg.



Llegado el momento de la marcha ya tenían perfectamente estudiada la ruta a seguir, los pueblos a visitar las paradas a realizar, etc. Lo que les obligaba a una esmerada planificación pues estaban a punto de emprender un largo camino de muchos kilómetros y jornadas y nada podía faltar ni quedar a la improvisación (Martínez i Rabascall, 2002).



Fuente: Josep M.Oliveras

Las latas iban colocadas alrededor de la cintura, los hatillos de tela llenos de hierbas y flores secas se colgaban del cuello y se pasaban por debajo del sobaco. En la espalda cargaban una mochila con el resto de los productos más voluminosos (la trementina, la pega negra, etc.), junto a su balanza: el peso romano y las distintas medidas de peso, los cuchillos, algo de comida y agua. Llevaban, además, una muda y la documentación. Vestían de forma sencilla, zapatillas de esparto típicas de los pueblos mediterráneos "espardenyes", falda, faldilla, blusa, chaqueta o chamarra y pañoleta, guardaban el dinero en una bolsa cosida a la falda por el interior. No se conoce ningún caso en que fueran atracadas (Rodríguez, 2004). Como afrontaban un largo viaje, solían ir en parejas, aunque algunas viajaban solas, una experta de más edad, junto a una aprendiz que solía ser una jovencita a la que enseñaba el oficio y que aprendía a base de práctica. Cuantos más años practicaba acompañando a la experta más experiencia adquiría, todas aprendían así, viajando, protegiéndose y fortaleciendo su relación de confianza. La trementinaire veterana se aseguraba de este modo que la tradición, los conocimientos y la filosofía que ella recibió pasaran a la elegida por ella para que la siguiente generación continuara y no se perdieran las rutas ni la clientela. Construían así una genealogía femenina basada en la autoridad femenina que las jóvenes otorgaban a las veteranas, 'las padrinas'.



Fuente: Museu de les Trementinaires

Las trementinaires eran esperadas con impaciencia y recibidas con mucha alegría y respeto en las casas que visitaban y en las que las hospedaban durante unos pocos días para curar a las personas enfermas de la casa o del vecindario. El trato que recibían era de reconocimiento y amistad. Además de pagar sus productos y servicios eran agasajadas con la manutención y algún obsequio.

La relación con su clientela era muy directa y por medio del correo les escribían a lo largo del año informándoles de las personas enfermas que había y de los males que sufrían para que así vinieran prevenidas y con los productos más adecuados.

Algunos caminos eran muy rudimentarios, pues en el s. XIX los pueblos estaban mal comunicados y las masías (casa de labranza) alejadas y aisladas por senderos difíciles de practicar, otros pueblos eran cruzados por rutas principales y eran visitados por las trementinaires cuando había ferias o mercados, aunque su clientela principal estaba en sus hogares ya que ellas prestaban una atención personalizada y de un gran valor solidario y humano. Sus pacientes pertenecían a amplios sectores sociales que no disponían de recursos para recibir atención médica, ni la atención sanitaria digna se encontraba en las zonas donde residían. Ellas eran las responsables del cuidado sanitario de estas poblaciones y lo hacían aplicando unas tarifas que iban en función de las posibilidades económicas de sus pacientes.



Fuente: Museu de les Trementinaires

Cuando por fin regresaban a sus hogares, no eran ricas, pero traían el dinero suficiente para poder sacar adelante a su familia, que no podía prescindir de sus ingresos, en una comarca deprimida y sin recursos. Llegaban a aportar cantidades económicas que oscilaban entre 800 y 3000 pesetas (4,8 y 18 €) en épocas de mucha venta. Su llegada era ansiada por toda la familia, y la gran alegría que suponía el reencuentro junto a algunos obsequios como utensilios modernos para la casa, ropa y vestidos para las hijas mayores o juguetes para la gente menuda, llenaban de satisfacción personal a estas mujeres y demostraban que el oficio de trementinaire, a pesar de su dureza y los largos y cansados viajes, permitía salir del estancamiento económico a sus familias e incluso al pueblo, consiguiendo así vencer el destino histórico que le aguardaba al valle logrando que éste permaneciera habitado. Su trabajo y esfuerzos no habían sido en vano.

La llegada de la medicina a los núcleos rurales y la mejora en la comercialización y distribución de los fármacos, como los antibióticos, provocó la desaparición de las trementinaires a mediados del siglo XX. Las últimas mujeres que ejercieron este oficio de 'ir por el mundo' trabajaron más para curar a los animales que a las personas, por lo que sus rutas se fueron restringiendo a las zonas agrarias y poco a poco su prestigio acabó por desaparecer. Esta sabiduría popular femenina y de remedios caseros dejó de transmitirse a pesar de haber estado tan arraigada en nuestra cultura. En realidad, se trataba de un saber que no era patrimonio exclusivo de las trementinaires, quienes fueron únicamente un caso particular del oficio. Estos conocimientos han pertenecido siempre a la mayoría de las mujeres, ya que ellas han sido tradicionalmente quienes han velado por la salud de la familia y formando parte de su cultura hasta inicios del s. XX.

El recuerdo de su experiencia y aportación fue reconocido, en 1998, con la creación en la población de Tuixent del *Museu de les Trementinaires*, y todos los años se celebra en mayo la *Festa de les Trementinaires* para rendirles un merecido homenaje.



Museu y Jardín Botánico de las trementinaires.

Fuente: Museu de les trementinaire

Referencias

Alvarez Lires, Mari, Nuño, Teresa y Solsona, Nuria (2003). ***Las científicas y su historia en el aula***. Madrid: Síntesis.

Agelet, Muntané, Parada y Vallès. **Plantes medicinals del Pirineu català**. Ed. Farell

Beiroa, Artur (2002). **Ruta dels oficis d'ahir**. Tuixent: Museu de les Trementinaires.

Bosch, Carme (2010). Trementinaires. Medicina ancestral. **Revista Dharma**, 6.

EL ESCARABAJO VERDE DE TV2 (2011). **Memoria de trementina**. <http://www.rtve.es/television/20111121/memoria-trementina/477024.shtml>

Frigole Reixach, Joan (2007). **Dones que anaven pel món. Estudi etnogràfic de les trementinaires de la Vall de la Vansa i Tuixent**. Barcelona: Generalitat de Catalunya

García, Lidia y Cadanet, Judit (2003). **El pas de les Trementinaires pels pobles catalans**. <http://www.xtec.cat/ieslabisbal/recerca03/trementinaires/biografies.htm>

Martínez i Rabascall, J. (2002). **Les trementinaires de la Vall de la Vansa**. Tuixent: Vall de les Trementinaires.

Rodriguez, María (2004). Les Trementinaires. **Medicina Naturista**, 7, 339-350.

Solsona, Nuria (1997). **Mujeres científicas de todos los tiempos**. Madrid: Talasa.

Solsona, Nuria, Álvarez Lires, Mari, Nuño, Teresa y Tomé, Amparo (2001). Propuestas y experiencias con una mirada femenina en la clase de Ciencias. Enseñanza de las Ciencias. Nº Extra **VI Congreso Internacional sobre Investigación en la Didáctica de las Ciencias**. Tomo 20, 337-338.

MULHERES NEGRAS E QUILOMBOLAS: TRABALHO, RESISTÊNCIA E IDENTIDADES NA DIÁSPORA AFRO-BRASILEIRA

Georgina Helena Lima Nunes

[...] o princípio feminino, sendo mais que privado, uterino, pertence à esfera onde brotam e fervilham ensinamentos como tramas a tecer verdades não tão públicas. [...] a mulher trama. A mulher negra contorce conspirações de sobrevivência. 'O lado oculto da lua' fermentado nos becos, vielas, favelas, nas portas dos fundos, nos ventres/quintais. Lá onde brotam incessantemente frutos/meninos a sorver ensinamentos como seiva generosa e nutridora da Terra-Mãe (NASCIMENTO, 2008).

Todas as referências de mulheres da minha vida, desde as familiares até aquelas que conheci ou reconheci nas andanças acadêmicas, reportam-me a mulheres, na sua maioria negras que, ao longo de suas vidas, convivem com a experiência do trabalho, doméstico e/ou rural, assalariado ou informal no âmbito das subsistências; subsistências no sentido de que a experiência de ser mulher e negra reporta, de imediato, a coletividades forjadas a partir das inúmeras rotas que do continente africano se formaram e se espalharam pelo mundo, na constituição das diásporas femininas, negras e plurais.

Pensar a feminilidade negra na relação com o trabalho — de todas as ordens, seja este manual e/ou intelectual, dificilmente cindido, pela natureza dinâmica com que fazem a roda da vida girar — pressupõe atrelar, a toda e qualquer reflexão, elementos que questionam o totalitarismo com que se analisa, entre tantos aspectos, as exclusões de ordem sócio/econômica, de gênero e étnico-racial, que singularizam homens e mulheres. Fazem-nos crer na inexistência de contradições em tais processos, bem como a impossibilidade de tensões e rupturas de uma ordem de dominação que, ainda que seja hegemônica, não impede que

os sentidos de ser mulher, *tornar-se mulher*¹ no âmbito de determinadas experiências, na contramão, se recriem.

A especificidade do ser mulher negra e trabalhadora se apresenta, com certa regularidade, ora nos dados estatísticos² que revelam a situação com que a mesma se encontra na base da pirâmide social porque se trata de "[...] um contingente de aproximadamente 50 milhões de brasileiras que, em sua maioria, experimentam no cotidiano precárias condições de vida" (HERINGER; SILVA, 2011, p. 273), ora nos estereótipos e representações que as cercam e que, de algum modo, justificam os lugares e não-lugares a elas conferidos no mercado de trabalho, em que a "boa aparência", por exemplo, torna-se fator de seletividade; para além da questão fenotípica, agregam-se elementos da ordem da "racialização da sexualidade [...] efeito de gerações de abusos sexuais seguido de calúnias contra a reputação das mulheres negras" (BANKOLE, 2009, p. 260) que a tornam, para além de fenotipicamente "inferiores", também, moralmente.

Por conta de especificidades não apenas desvalorativas mas, também, da negação dos atributos relativos à luta, resistência e referências ancestrais das mulheres negras, valorativas enquanto identidade étnica, emerge um movimento que não é contrário às reivindicações universalistas do feminismo mas que questiona em que medida se faz necessário envolver as questões relativas ao gênero a outras formas de opressões (CARNEIRO, 2012), uma vez que "o movimento feminista ou de mulheres que tem suas raízes dos movimentos mais avançados da classe média branca, geralmente 'se esquece' da questão racial [...]. Este tipo de ato falho [...] tem raízes históricas e culturais profundas" (GONZALES, 2008, p. 37).

¹ A expressão *tornar-se mulher* refere-se à clássica afirmação de Simone de Beauvoir em "O segundo sexo", que aparece em muitas correntes feministas que trazem como pano de fundo a crítica à ideologia do patriarcado que justifica as condições femininas como consequência de um processo de ordem natural, biológica, portanto, e não como uma construção social.

² "No que diz respeito à renda média, o contingente das mulheres negras distancia-se bastante tanto das mulheres brancas quanto dos homens negros e dos homens brancos. Em 2008 a renda média das mulheres negras era de R\$ 383,39; seguida da renda dos homens negros, R\$ 583,25; das mulheres brancas, R\$ 742, 05; e dos homens brancos, R\$ 1.181, 09 (Ipea, 2008) (HERINGER; SILVA, 2011, p. 281).

As raízes históricas e culturais que relacionam a questões de gênero ao racismo³ deve ser, na concepção de Bonfim (2009, p. 223), analisada a partir de uma profundidade histórica que contemple

[...] além do marco da escravização da mulher negra no Brasil – marco geralmente dissociado das elaborações históricas anteriores ao século XV –, sem deixar de dispensar atenção à importância desse processo como momento fundamental de *reelaboração* da imputação de subalternidade para esse grupo de mulheres num contexto territorial, social, político e histórico.

As elaborações históricas anteriores ao tráfico transatlântico, embora temporalmente tão longínquas, apontam que a

degradação brutal da posição da mulher africana na sociedade acontece somente com o tráfico negreiro e a escravização *racial* dos africanos no oriente médio (século IX a XVI). Foram essas ocasiões em que para a mulher africana *escravizada*, operou-se uma mudança total de perspectiva na direção da coisificação: mulher-objeto, mulher-sexo, mulher labor [...]. É nesse período que a subalternização da africana é a articulada ao status de *escrava*, em uma ordem social em que *ser mulher* e *ser negro* anunciavam uma suposta inferioridade de gênero e raça [...] (BONFIM, 2009, p. 225).

Bonfim (2009), ao afirmar que diversos estudos apontam que, anterior a processos de colonização do continente africano, muitas sociedades africanas eram matricêntricas, com elevada posição social da mulher, faz com que a autora analise a situação da mulher afro-brasileira a partir de um duplo processo: seu desfazimento e sua reconstrução na diáspora negra brasileira.

Neste sentido,

[...] sua matriz civilizatória enraizada poderia ser o instrumento pelo qual a própria mulher negra se forjaria na nova sociedade.[...] Ela fez que fosse

³ Taguieff (1997, p. 7 e 9) chama a atenção no sentido de dizer que "nem o estudo do racismo nem a luta contra as suas formas actuais poderão basear-se simplesmente numa definição do tipo: 'o racismo é a doutrina que assenta na afirmação de uma hierarquia entre as raças humanas'. [...] na linguagem ordinária e no pensamento comum, parece ter-se feito insensivelmente a descoberta que de que o racismo podia manifestar-se de maneira não explícita, e, mais precisamente, que nós éramos frequentemente confrontados com modos de exclusão que ilustram alguma coisa com o racismo sem raça (s), sem a menor referencia a categorias sociais definidas".

possível, ao menos, a reelaboração de algumas de suas práticas culturais: religiões de matriz africana, danças, músicas, modo de vestir e de falar, arranjos familiares matricêntricos, relação não tabuízada com o corpo. Essas reelaborações constituíram-se em brechas estabelecidas na estrutura social, segundo a dinâmica dominação-resistência (BONFIM, 2009, p. 239).

Na dinâmica dominação-resistência desta situação, algumas mulheres negras e quilombolas, no contexto de seus territórios e fora deles, não reduzem suas práticas de trabalho a processos de subalternidade tal qual seria a lógica do que lhe é socialmente conferido enquanto mão de obra negra e, conseqüentemente, barata, alijada de direitos sociais⁴.

No subterfúgio das práticas cotidianas, as mulheres negras têm transformado suas fragilidades em força, se constituindo, no dizer de Bankole, "quase um rito de passagem necessário para a mulher", que se recia a todo o momento tendo como parâmetro suas

experiências, seu conhecimento, sua perspicácia, suas observações, e assim por diante, construindo-se meio a opressão racial, de gênero e de classe. A transformação torna-se um catalizador quando as noções interiorizadas de inferioridade e inadequação são consumidas por um senso de propósito e vitalidade (BANKOLE, 2009, p. 264).

Neste momento, dialogo com algumas mulheres das comunidades remanescentes de quilombo do Rio Grande do Sul, mais especificamente com as mulheres da região sul do estado, cujos quilombos localizam-se nos municípios de Canguçu, Pelotas, Piratini e São Lourenço do Sul.

Este encontro tem-se dado através de ações de cunho acadêmico e político, por intermédio de atividades no campo da extensão universitária e de pesquisas de caráter quantitativo e qualitativo.

No entanto, as experiências destas mulheres, de forma diversa e ao mesmo tempo similar, trazem histórias de sua inserção no mundo do trabalho que, em primeira estância, revelam os sentidos de um trabalho que só pode ser descrito por elas mesmas, uma vez que são sentidos que se reconstroem na relação com o território, na relação com os padrões e

⁴ A síntese dos Indicadores Sociais de 2009 destacou que 54,1% das mulheres negras e 60% das mulheres pardas trabalham sem carteira assinada (HERINGER; SILVA, 2011).

patroas e na relação com um saber insurgente do que significa ser negra e quilombola em uma sociedade que tão pouco sabe o que significa um quilombo que não comporta as concepções demarcantes e restritivas que o veem como um grupo de negros e negras fujonas, que vivem isoladamente, alijadas de lógicas que lhes atribuem, pejorativamente, a ideia de serem resquícios, sobras da escravidão.

Para O'Dwyer,

contemporaneamente [...] o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea [...] consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio [...] (2002, p. 18).

Brevemente diria que a questão quilombola começa a ter certa visibilidade a partir do Decreto 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), que diz o seguinte: "Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos".

A partir desta conquista, outros dispositivos legais, tais como o Decreto 4887/03, no seu artigo segundo, que define juridicamente o que é uma comunidade quilombola, potencializa a luta que, secularmente, contou apenas com estratégias próprias para resistir em um território que não é apenas físico, mas, cultural, espiritual e político. O decreto diz o seguinte:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

O processo de resistência à opressão sofrida, sempre teve como parâmetro a forma como homens e mulheres transformaram o trabalho escravo e "liberto" em ações cuja potência transformadora seria para muito além dos propósitos colonizadores dos corpos negros. Estes corpos

se constituíram, para muito além do que o processo de escravidão poderia supor, um repositório de saudade, lembranças, crenças e práticas que burlariam a lógica exterminadora do tráfico e de um sistema de abolição/libertação que, até os dias de hoje, é inconclusa.

A condição de liberdade para quem fora descendente de populações escravizadas, pressupunha um mundo que não deveria ser forjado tão somente pelos negros e negras recém libertos, que

[...] tentaram elaborar uma transformação social bem diferente, construída sobre conceitos alternativos dos papéis de gênero e identidades, da família e de comunidade. [...] Seu destino foi, assim, uma dupla tragédia: não só aquela visão de mundo alternativa teve negado o espaço político e social necessário para sua concretização como este fracasso abriu espaço para um racismo cruel que comprometeu os esforços também das futuras gerações (HOLT, 2005, p. 129)

Sucessivas gerações de mulheres negras estão, ainda nos dias de hoje, ligadas aos trabalhos domésticos remunerados e, conforme a realidade quilombola, trabalham, igualmente, em suas terras procurando, a cada dia, melhores condições de sustentabilidade tão apenas no quilombo; as mulheres são donas de uma herança de trabalho que, pelas suas próprias forças de resistir, brigar, ensinar e cuidar, vão, aos poucos, mudando cenários sociais não apenas para elas próprias como para toda a sua família. A escrita de Conceição Evaristo poetiza as vozes-mulheres que, aos poucos, vão se tornando mais libertas a cada geração:

Vozes – Mulheres

(Conceição Evaristo)

A voz de minha bisavó
Ecoou criança
Nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.
A voz de minha vó
Ecoou obediência
Aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
Ecoou baixinho revolta

No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue e fome.
A voz de minha filha
Recorre todas as nossas vozes
Recolhe em si
As vozes mudas caladas
Engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
Recolhe em si
A fala e o ato.
O ontem – o hoje- o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.



"As vozes da avó Áurea, mãe Inês e filha Daiane da C.Q. Manoel Rego"

Foto: Herberto Peil e Deise Cunha

No contexto das comunidades quilombolas, as mulheres também são aguerridas lideranças na busca pela regularização fundiária, processo que, na grande maioria das vezes, é tenso, violento porque mexe com os valores atribuídos à terra como terra de negócio, exploração, enfim, de uma produtividade lucrativa ao agronegócio, às grandes multinacionais,

ao latifúndio, que, historicamente, tem transformado a biodiversidade agrícola em uma monocultura onde não cabe espaço para forma alguma de diversidade.

Neste contexto de luta, quilombolas como a D. Maria, liderança da C. Q. Maçambique (Canguçu/RS), entende o futuro na relação com o trabalho porque "[...] não se pensa em futuro sem se pensar em trabalho, não adianta, não tem um sem outro".

Esta dimensão de futuro está, condicionada, também, às narrativas que contam um passado em que as mulheres negras eram disputadas pelos patrões e patroas que entregavam o cuidado dos seus filhos às "mães pretas"; tal reconhecimento serve, em alguns aspectos, para recuperar um pouco da autoestima em contextos onde a sobrecarga de estereótipos negativos e o controle não é amenizado, mesmo para aquelas que são "boas no trabalho".

[...] quando eu fui trabalhar com eles, cuidava as crianças [...] então, eu banhava as crianças; às vezes eu estava no arroio e ela me chamava para banhar a guria. Eu amornava a água, botava uma água bem morninha e esquentava todos panos assim no fogão. Esquentava tudo, botava tudo bem quentinho, botava na criança tudo bem quentinho (D. Santa, C.Q. Potreiro Grande).



"D. Santa da C. Potreiro Grande e o trabalho de cuidar"

Foto: Eduardo da Matta

Ainda que o trabalho doméstico, a exemplo do cuidado⁵ de crianças, tarefas relegadas às mulheres negras desde os períodos coloniais, na maior parte das vezes, não por escolha mas como única opção, neste trabalho são empreendidos doses de afetividades e, também, de resistência a processos discriminatórios, depreciativos, racistas.

As canções de ninar presentes no repertório popular revelam um pouco da contradição que se explicita entre aquela cuidadora que é obrigada a se "negar" enquanto etnia/raça e, ao mesmo tempo, se repõe identitariamente, uma vez que recupera, através da tradição oral, aspectos ligados à presença de África no Brasil, através de ritmos e letras (GUERRA, 2010). As canções abaixo e também a forma com que se nomeia as crianças até os dias de hoje, estão carregadas de palavras africanas reveladoras de que "[...] o desempenho da mulher negra, ama de leite e criadeira, foi tão marcante no seio da casa senhorial que até hoje chamamos o filho mais jovem pelo termo de *caçula* em lugar de 'benjamim' como se diz em Portugal" (CASTRO, 2012, p. 37).

Bicho Tutu⁶

Bicho Tutu

Sai de cima do telhado

Deixa o menino

Dormir sossegado

⁵ Existe toda uma discussão acerca das questões de gênero e do cuidar, que não se restringe a espaços fora de casa, mas, também, ao cuidar familiar; o trabalho como empregada doméstica, na maior parte das vezes, é conciliado com a tarefa de cuidar sem obter este reconhecimento específico (HIRATA, 2011). Cabe ressaltar que o trabalho doméstico é uma ocupação de mulheres – 1% de homens e 17% mulheres em um total de 6,7 milhões de trabalhadoras – e, principalmente, de mulheres negras sendo estas ocupantes de um total de 21,8% destes postos de trabalho frente a 12,6% das mulheres brancas (PINHEIRO; MADSEN, 2012).

⁶ Conforme Lopes (2004, p.660,661), Tutu é o mesmo que "Bicho-papão da tradição afro-brasileira; maior, manda-chuva; indivíduo valente, brigão. Do quimbundo *tutu*, *kitutu*, 'bicho', 'bicho-papão'. Variantes: Tutu-babá, tutu-cambê, tutu-gombê, tutu-marambaia, tutu-moringa, tutu-quiba, tutu-zambeta, tutu-zembê, tutu-zerê". No mais, "[...] parece contraditório vermos que a maioria dos acalantos para acalmar as crianças costuma ter temas tão ameaçadores, no entanto, uma justificativa para este fato é que é a tal ameaça que potencializaria a proteção dada pela figura materna" (GUERRA, 2010, p. 3).

Tutu Marambá

Tutu Marambá

Não venha mais cá

Que a mãe do menino

Te manda matar

Beatriz Moreira da Silva, a Mãe Beata de Yemonjá, reporta-se a atividade de cuidar como um legado necessário à vida humana que vem sendo repassado por inúmeras gerações tanto no âmbito das atividades profissionais como também na religiosidade negra de matriz africana, portanto, ela afirma que:

Por ser iyalorixá, mulher, mãe e filha de Yemonjá, tenho em mim um legado muito necessário à vida humana, pois quando vim ao mundo já sabia que me estava orientado o dever de cuidar e acolher todos que me procurassem. Percebi que nossa história de mulher é vivida quase como uma roda-viva, em que temos de nos obrigar a ser mantenedoras de vários espaços da vida das pessoas. Minha mãe foi assim, minhas tias também, a mulher que me iniciou no candomblé também viveu para acolher. [...] quando observamos a grande quantidade de mulheres negras que trabalham em diversos setores da sociedade, em espaços profissionais de cuidar, percebemos que ainda nos olham como aquelas que muito têm a oferecer e pouco a receber (SILVA, 2008, p. 22).

Muitas das mulheres negras e quilombolas agregam às suas atividades de cuidar, os saberes advindos de seus ancestrais no trato para com as ervas, benzeduras e rezas; comprazem-se em fazer o bem não apenas a pessoas de todas as idades mas também na defesa do território quilombola, que é lugar de trabalho, que é lugar de cultura, que é o lugar do sustento de todas as ordens.

Este saber, que advém da relação intrínseca com o meio natural que compõe a paisagem dos quilombos rurais, estabelece uma relação com o trabalho que dispense o uso restrito da força de trabalho. O ato de trabalhar, nas inúmeras condições a que foram sujeitas as populações negras, sempre extrapolou a materialidade das relações sociais estabelecidas.



"Com um galhinho verde e as rezas acontece a benzedura, são os 'alívios' que persiste de geração à geração"

Fotos: Deise Cunha e Eduardo da Matta

São evocados, por exemplo, desde os períodos do trabalho enquanto trabalho escravo formal e legal, a possibilidade do canto enquanto forma de protesto, reivindicação e acalanto; têm-se inúmeros registros acerca dos cantos de trabalho. Tal parêntese é aberto no sentido de retratar algo que é peculiar às populações negras, às mulheres negras em especial, enfim, àqueles e àquelas que nas diásporas recriam as áfricas forçosamente deixadas para trás em virtude do tráfico.

Algumas formas femininas de estar no mundo revelam o quanto os direitos sequestrados antes e pós-Abolição, são permanentemente buscados valendo-se de mecanismos que desautorizam as lógicas pré-concebidas relegadas à fragilidade feminina.

São frágeis sim, dentro de um contexto que é indiferente à cor de pele, dentro de um contexto que é da condição humana independente dos arquétipos concebidos para homens e mulheres. Existem, no entanto, as fragilidades femininas, historicamente construídas, que não são atributos das mulheres negras:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estão falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as

feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! (CARNEIRO, 2012, p. 6)

As demonstrações de força e vitalidade que se inscrevem no corpo destas resistentes mulheres, não são de cunho biológico, parece-me que são construções decorrentes das experiências sócio-culturais que as reestruturam em contextos em que o lutar se sobrepõe à precariedade das condições materiais de existência porque esta – a luta – é a condição primeira de garantia da vida, principalmente para estas que, na grande maioria dos lares brasileiros, são as chefes de família.

A fortaleza das mulheres independe da idade! D. Ilda, reconhecida por todos e todas como Tia Lica, 96 anos, quilombola da C. Q. Iguatemi (Canguçu), dos tempos difíceis aos dias de hoje, ainda trabalha, anseia voltar à escola e pila, com a força do significado que o pilão⁷, artefato de matriz africana, conferiu – não sob o ponto de vista utilitário mas ideológico – às populações negras e quilombolas um recrudescimento nas identidades sociais e coletivas.

Desde pequena nós éramos trabalhadores. Com meu pai nós plantávamos de tudo, nós limpávamos as plantas; desde pequenos já fazíamos o serviço. Então precisavam de uma pessoa para trabalhar, iam lá atrás de mim, não me deixavam parar em casa! [...] Olha, eu ia para a lavoura, nós tínhamos uma caixa e eu fiz o colchãozinho. Botava ele (o filho) na sombra e... enxada e enxada! Ele ficava na sombra e de vez em quando eu ia lá olhar. Quando chorava eu ia lá, levava tudo: o leite para ele tomar, dormiam e eu seguia trabalhando; mas eu estava sempre reparando (Tia Lica, C.Q. do Iguatemi).

Eu levanto cedo, trabalho, faço meu serviço, se tenho que ir pra lavoura vou. Olha, eu faço feijão, até canjica eu soco; eu gosto de socar canjica [...]. A canjiquinha a gente bota o milho, bota água, bota uma palha no fundo e agarra a mão bem firme e soca até começar a descascar. Descasca

⁷ Fabiani (2005, p. 269) afirma que "a definição mais citada pela historiografia foi a do rei de Portugal, D. João V, em resposta à consulta do Conselho Ultramarino, datada de 2 de dezembro de 1740. '[...] toda habitação de negros fugidos que passem de 5, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles'". O autor ainda relata que "percebe-se que a 'estabilidade' representada pelo uso do pilão deixou transparecer a preocupação da sociedade escravista com aquele fenômeno social. A transformação de produtos agrícolas em alimentos apontava para o surgimento de forma de microsociedade alternativa ao trabalho feitorizado no seio do regime escravista" (p. 270).

bem descascadinha e a gente abana e bota de novo no pilão (Tia Lica, C. Q. Iguatemi).



"O tempo e a idade, não são limites para Tia Lica, 96 anos, que não cansa de pilar/socar os desafios"

Esta anciã que trabalha "desde pequena" em todos os lugares, cuidando os filhos de outros e de seus próprios, é presença constante nas reuniões da Associação Quilombola da Comunidade Iguatemi; se propõe, ainda, a retomar os estudos que, conforme quase todos os relatos dos adultos da comunidade, foram interrompidos para ajudar no sustento da família.

Este retrato de mulher que sempre esteve às voltas do trabalho, muitas vezes trabalho que requeria a força física masculina, é a marca que permite às mulheres se conhecerem a si próprias como pessoas:

Nós éramos pobres, então tínhamos que trazer o sustento da casa. Tive que faltar a aula para trabalhar na lavoura; **na idade que me conheci por Vanda já era na lavoura**. Lembro tudo, tudo, tudo! Eu gostava quando chegava o final de semana e eu vinha para casa no sábado à tardinha. Meu pai olhava para o campo, encilhava o cavalo; eu não gostava da lida de dentro de casa, porque já havia me acostumado com a lavoura. Adorava quando ele chegava das estâncias para eu ir para o campo com ele para a lida campeira [...] Gostava de andar no campo, livre [...] igual a um homem, vestida igual um homem (D. Vanda, C.Q. Rincão do Quilombo).

Tal condição de crescer em atividades tidas como masculinas, são constantes em contextos negros, urbanos e rurais. O "não agir como

mulher" na perspectiva de Bankole (2009, p. 267), pode ser visto, contraditoriamente, como a assunção para si de uma "pressão sobre as mulheres negras para cumprir um ideal feminino que era ao mesmo tempo falso e inatingível".

A história dos quilombos comporta muitas dimensões, mas pode-se afirmar que, desde a sua gênese, a proposta sempre foi de contraposição à ordem vigente no que tange à relação com o/s poder/es instituído/s. Como lugar de acolhida àqueles(as) cuja força opressora do sistema vigente ou os empurraria para o risco de forjar a liberdade ou os deixaria à mercê da quantidade de tempo que, tal qual uma mercadoria, teria "uso" até imediatamente ser trocada. A coisificação de pessoas implicava, acima de tudo, em uma série de sistemas coercitivos de modo a escravizar corpos e mentes tentando apagar todas as marcas que remetessem à liberdade de ser e agir.

Contudo, existe uma sobrevivência cultural negra nas comunidades quilombolas que conferem às suas lutas sociais uma *ousadia* em querer manter o território como um lugar de uso comum, com respeito à biodiversidade, com adequações entre o tradicional e o moderno como forma de manutenção de um tempo e ritmo de vida próprios que não é urbano nem ocidental.

Ainda que "a ideologia liberal na sua vertente política e econômica (trabalho assalariado e direitos de cidadania)" (MATTOZ, 2005, p. 17) não tenha se efetivado para grande parte da população negra e quilombola como antítese à escravidão e promessa de liberdade, as liberdades possíveis são experimentadas na disputa por um modo de vida resistente e educativo para uma sociedade consumida na sua forçosa necessidade de consumir produtos, comportamentos, princípios e valores.

No campo do trabalho, tais condicionamentos se explicitam e, se tratando de trabalho de mulher, ainda faltam elementos para entender a forma política como estas estão abrindo espaços sem perder de vista especificidades que só podem ser compreendidas à luz de uma racionalidade que não ignora a presença da ancestralidade africana como interveniente neste processo de afirmação de gênero e negritude, extremamente complexo para um país que exportou um grande contingente de mão de obra negra, cerca de quatro milhões e quinhentas

mil pessoas e relutou muito, tornando-se o último país a decretar o fim da escravidão.

A força de trabalho feminina e negra, uma vez liberta oficialmente, poderia ser compreendida

[...] como o fim da coação não como estrutura de controle de mão de obra que precisasse ser analisada a seu próprio modo. Estas dificuldades conceituais e analíticas podem surgir, em parte, devido ao fato de que a noção de liberdade não está no passado nem em outro lugar; é o terreno histórico que habitamos hoje em dia, o sistema que governa nossa vida, nosso meio de vida e nossa consciência (COOPER, 2005, p. 42).

As mulheres quilombolas têm sido presença em diversificadas atividades de trabalho ou políticas. Elas desafiavam e se desafiavam na medida em que, frente a tantas lidas, conseguem colocar-se como protagonistas de seus destinos ainda que os mesmos sofram ação de um conjunto de forças instituído cujas brechas para adentrar este bloco monolítico do poder – branco e masculino – não dependa apenas de sua capacidade de ousar.

Registra-se, em plena vigência da escravidão, a presença de mulheres (GRAHAM, 2005; FINCH e NASCIMENTO, 2009; MOTT, 1988) que desafiaram a opulência dos senhores e das leis: denunciaram, resistiram e disseram não às formas de violência física e simbólica

Negavam, muitas das vezes, silenciosamente, agindo taticamente com as ferramentas de ordem material e espiritual que dispunham; negavam com escritos poéticos, romances, cartas, em períodos que jamais concederiam às mulheres negras a possibilidade de inscreverem-se na história sem ser por seus atos mais asseverados como muitos registros apontam para assassinatos, envenenamentos e, até mesmo, a entrega de seus filhos ao Órum (céu) como forma de liberdade que não seria mais represada pelas mãos e leis da escravidão, assumindo, então, a autoridade de mãe no sentido de dizer que, apenas quem traz ao mundo pode, igualmente, reconduzir a outros mundos, à terra mãe, ao mundo africano.

São muitas as mulheres de todas as áfrias, de todos os tempos e de todos os brasis, que reescrevem a história da diáspora negra e feminina. Toma-se como exemplo o feito de *Esperança Garcia*, uma mulher escrava, moradora em uma das dezenas de fazendas que com a

expulsão dos Jesuítas, passaram para a administração governamental e que, em 1770, escreveu uma carta ao Governador do Piauí denunciando os maus-tratos de que era vítima por parte do feitor da fazenda. Esta carta é reconhecida no Brasil como a segunda carta mais antiga até agora, manuscrita e assinada por uma escrava negra e que revela não só os sofrimentos a que estavam condenados os negros e negras escravizados, como o fato de no Século XVIII haver mulheres negras alfabetizadas, que politicamente buscaram seus direitos e denunciar às autoridades da época as violências sofridas. Esperança Garcia, até então desconhecida, passou a simbolizar o ideal de liberdade dos negros do Piauí tendo um hospital em seu nome e a escolha do dia da escrita da carta (6 de setembro), por determinação legal, o dia em que se comemora o Dia Estadual da Consciência Negra (MOTT, 2012).

Este longo parágrafo acerca de *Esperança Garcia* é um entre-lugar para novamente me reportar a essa vivência sulina que é temporalmente e geograficamente diversa a que foi descrita, mas, com traços fortes de similaridades no que tange à coragem em denunciar e combater os desassossegos sofridos decorrente da raça/etnia, gênero e posição social.

Encaminhando-me para fechar a escrita, vêm-me sucessivas lembranças que exacerbam, sobremaneira, a minha capacidade reflexiva e de compreensão acerca dos diversos movimentos que as mulheres negras e quilombolas desencadeiam no sentido de perceber a complexidade das relações a que estão sujeitas. Tem-se muitos limites teóricos, conceituais e analíticos em virtude da produção etnocêntrica que ainda é hegemônica, para que se possa dar passos significativos, para que além da denúncia, das condições de não-privilegio decorrentes da branquidade⁸ e masculinidade como sistema classificatório e, portanto, excludente, anunciar uma diversidade de elementos que tornam, pelo menos, mais *esperançoso* o vasto caminho a percorrer em relação à equidade social.

De *Esperança Garcia* chego à *Zilda Esperança*, uma menina de colo – que conheci na barriga e, posteriormente, em uma mesa de abertura de

⁸ Segundo Steyn (2004, p. 115), "[...] a branquidade, constructo ideológico extremamente bem-sucedido do projeto modernista de colonização, é, por definição, um constructo do poder: os brancos, como grupo privilegiado, tomam sua identidade como norma e o padrão pelos quais outros grupos são medidos".

uma atividade acadêmica⁹ – que estava nos braços de sua mãe, D. Maria da C.Q. Fazenda Cachoeira (Piratini, RS), sendo amamentada.



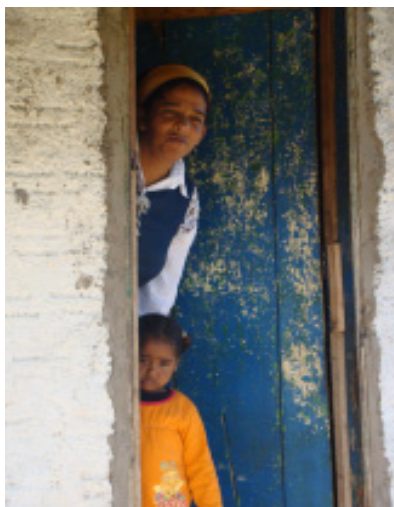
"Zilda Esperança: fazendo política feminina desde o seio"

Foto: Eduardo da Matta

D. Maria é mãe de dez filhos, fora os tantos outros que se tornam filhos/as quando ela os traz ao mundo pelas suas mãos de parteira. É liderança da comunidade, trabalha na lavoura, constrói casas, caminha para todos os lados acompanhada dos/as filhos/as; tem uma postura muito participativa em todas as ocasiões que a vê; a C. Q. Fazenda Cachoeira é uma das comunidades da região sul que está em processo de regularização fundiária e, frente a isto, desafios são lançados em termos de um maior acesso a direitos básicos tais como saúde, educação, condições de transporte e, acima de tudo, respeito. Casos de pessoas que vão a óbito por falta de assistência médica e uma dura realidade da comunidade cuja falta de direitos de cidadania faz jus à serra que é caminho até a chegada da comunidade: Serra das Asprezas que serve

⁹ Atividade de abertura dos Seminários constituintes do Projeto Cultura, Terra e Resistência: matrizes por onde construir materiais didáticos para quilombos, realizados pela Faculdade de Educação/UFPel e financiados pelo MEC/SECADI, no Município de Canguçu, em abril de 2010, que tinha por objetivo, junto a intelectuais que tratam acerca da temática da educação das relações étnico-raciais e quilombos, comunidades quilombolas e professores/as da educação básica dos municípios de Piratini e Canguçu, construir a "matéria-prima" pedagógica que faria parte de um livro e DVD temáticos destinado aos anos finais do ensino fundamental.

como metáfora às rugosidades, para uma vida áspera sob o ponto de vista das condições de dignidade, enfim, de uma existência minimamente assistida sob o ponto de vista de políticas públicas.



D. Maria, trabalhadora quilombola e liderança da C. Q. Fazenda Cachoeira.
Foto: Dalva Rosane

As mulheres quilombolas têm realizados movimentos muito contundentes pela forma com que elas têm encaminhado as questões do grupo a que pertencem/representam e tomado atitudes agregadoras dentro da própria comunidade e em relação ao entorno. É uma perspectiva feminista que tem como fio condutor, junto ao direito das mulheres, um forte assento na questão étnico-racial que determina modos próprios de constituir-se comunidade, de delimitar o quilombo para além das cercas dos grandes latifundiários que ao longo dos anos foram, no dizer local, fazendo-as "caminhar", "criando pernas" para dentro do território. Delimitar o quilombo com fronteiras que se estabelecem a partir de vivências históricas, ancestrais, em que a terra e, portanto, o trabalho assumem dimensões humanizantes no sentido da reciprocidade estabelecida entre o que se consome e as necessidades vitais, espirituais e afetivas.

A emergência de um feminismo que reivindicava direito para mulheres de forma generalizada, como todo e qualquer movimento social, foi despertando possibilidades, a partir de suas próprias contradições, de que as mulheres que desacomodassem discursos hegemônicos e lançassem desafios para pensar os femininos existentes que são histórica e culturalmente pautados pela origem étnico-racial, pela opção sexual, pela cultura de trabalho que nem sempre vai ao encontro daquilo que se entende enquanto profissão de prestígio, aceitas socialmente.

Existe uma corrente de pensamento feminista chamada *Mulherismo Africana (Womanism)* que traz a dimensão do racismo como estruturante ao lugar social ocupado pelas mulheres negras; tal perspectiva traz como centralidade o pressuposto de que as mulheres da diáspora ressignificaram –nos lugares onde estão – a base civilizatória africana que, dentro do próprio continente, após todos os processos de colonialismo também sofreram alterações.

Hudson-Weems apud Bankole (2009), define o *Mulherismo Africana* como "[...] uma ideologia criada e projetada para todas as mulheres de ascendência africana. Baseia-se na cultura africana e, portanto, focaliza, necessariamente experiências, lutas, necessidades e desejos singulares das mulheres africanas [...]", é algo que se define "pelo modo como as mulheres negras criam os próprios critérios de avaliação de suas realidades, tanto no pensamento quanto na ação".

A necessidade de enfrentar as situações adversas a que estão expostas, tornam-se visíveis algumas heranças culturais que se transformam em atitudes políticas e fortalecem identidades, por isso, acredita-se que *Zilda Esperança*, que desde o seio acompanha a sua mãe, possivelmente irá viver uma infância cheia de desafios e fará parte de uma geração de mulheres que, talvez, ainda repita as práticas de sua mãe e da outra mulher-esperança.

Contudo, atravessam-se séculos e parece que a esperança tem sido feito, radicalmente, de uma espera, não passiva, porque a cada geração a mesma vai sendo revitalizada... a menininha suga do seio da mãe e, retomando a epígrafe que deu início a esta escrita, é das quilombolas, também, "onde brotam incessantemente frutos/meninos a sorver ensinamentos como seiva generosa e nutridora".

Referências

BANKOLE, Katherine. Mulheres africanas nos Estados Unidos. In: NASCIMENTO, Elisa L. do (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa. Matrizes Africanas da Cultura Brasileira; 4).

BONFIM, Vânia Maria da Silva. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. In: NASCIMENTO, Elisa L. do (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa. Matrizes Africanas da Cultura Brasileira; 4).

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**. Disponível em <<http://www.bibliotecafeminista.org.br>>, acessado em 22 de agosto de 2012.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Camões com dendê. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 7, nº 78, março de 2012, p. 36-39.

COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C.; SCOTT, Rebecca J. **Além da escravidão**: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. In: CONCEIÇÃO, Evaristo. **Literatura Negra**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

FABIANI, Adelmir. **Mato, palhoça e Pilão**: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004). S. Paulo: Ed. Expressão Popular, 2005.

FINCH, Charles S.; NASCIMENTO, Elisa L.. Abordagem afrocentrada, história e evolução. In: NASCIMENTO, Elisa L. do (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa. Matrizes Africanas da Cultura Brasileira; 4).

CONZALES, Lélia. Mulher Negra. In: NASCIMENTO, Elisa L. do (Org.). **Guerreiras da natureza. Mulher negra, religiosidade e ambiente**.

São Paulo: Selo Negro, 2008. (Sankofa. Matrizes Africanas da Cultura Brasileira; 3).

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Caetana diz não: história de mulheres da sociedade escravista brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GUERRA, Denise. **Corpo, som e movimento: acalantos Afro-Brasileiros**. Revista África e Africanidades, ano 2, n. 8, fevereiro de 2010. Disponível em <www.africaeaficanidades.com>, acessado em outubro de 2011.

HERINGER, Rosana; SILVA, Joselina. Diversidade, Relações Raciais e Étnicas e Gênero no Brasil Contemporâneo. In: BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jaqueline. **O progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres 2011.

HIRATA, Helena. O trabalho do cuidado (care) em perspectiva comparada: França, Japão e Brasil. In: ABREU, Maria Aparecida (Org.). **Redistribuição, Reconhecimento e Representação: diálogos sobre igualdade de gênero**. Brasília: IPEA, 2011.

HOLT, Thomas C. A articulação entre raça, gênero, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. In: COOPER, Frederick et al. **Além da escravidão**. Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1988.

MOTT, Luiz. Entrevista com Prof. Dr. Luiz Mott. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br>>, acessado em 25 de agosto de 2012.

NASCIMENTO, Giselda Melo. Grandes mães, reais senhoras. In: NASCIMENTO, Elisa L. do (Org.). **Guerreiras da natureza. Mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008. (Sankofa. Matrizes Africanas da Cultura Brasileira; 3).

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Associação Brasileira de Antropologia, 2002.

PINHEIRO, Luana; MADSEN, Nina. **As mulheres negras no trabalho doméstico remunerado**. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br>>, acessado em 20 de agosto de 2012.

SILVA, Beatriz Moreira da. In: NASCIMENTO, Elisa L. do (Org.). **Guerreiras da natureza. Mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008. (Sankofa. Matrizes Africanas da Cultura Brasileira; 3).

STEYN, Melissa. Novos matizes da "branquidade": a identidade branca numa África do Sul multicultural e democrática. In: WARE, Vron. **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamound, 2004.

TAGUIEFF, Pierre-André. **O Racismo**. Lisboa: Biblioteca Básica da Ciência e da Cultura, 1997.

CUIDAR E EDUCAR: JEITOS DE DIZER O TRABALHO DOCENTE FEMININO ENQUANTO *GOSTAR DE CRIANÇAS*

Marta Nörnberg

Algumas palavras iniciais

Este ensaio apresenta um conjunto de reflexões em torno de três palavras que parecem descrever jeitos de dizer o trabalho docente das mulheres, especialmente daquelas que trabalham com bebês e crianças pequenas. Palavras que podem, como todas que dizem algo sobre nossa forma de ver, ser passíveis de interrogações e problematizações epistemológicas. São elas: o *cuidar*, o *educar* e o *gostar de criança*.

O propósito é o de apresentar alguns elementos conceituais sobre os termos, tensionados pelas experiências que vivi enquanto professora da Educação Infantil e Anos Iniciais, em diálogo com outras tantas mulheres-professoras e, ultimamente, enquanto professora-pesquisadora. Nos últimos anos tenho me dedicado a pesquisar e estudar aspectos relacionados aos processos de formação de professores e sua respectiva atuação docente em contexto escolar (instituições de Educação Infantil e escolas de Anos Iniciais) e não-escolar (Acolhimento institucional). Ao longo desse período, as três palavras mencionadas sempre estiveram intensamente presentes, tornando-se, muitas vezes, elementos constituintes de insurreições teóricas e inquietações político-pedagógicas.

Durante o período dos estudos de Mestrado¹, pululava uma inquietação que buscava captar lógicas presentes que impulsionavam a ação das educadoras de creches, especialmente, quando descreviam sua

¹ O curso de Mestrado em Educação foi realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Políticas e Gestão de Processos Educacionais, na temática Educação e Gestão do Cuidado, sob orientação da Dra. Malvina do Amaral Dorneles, no período de 1998-2002.

disposição para o trabalho docente como decorrente do sentimento de *gostar de crianças*. No doutoramento em educação², uma pergunta mobilizou e amparou o processo de construção do percurso investigativo: *Qual o lugar do Cuidado na Formação de professores?* Interessei-me por esta temática de estudo com o firme propósito de desembrulhar uma ideia mestra que impera nos processos formativos de que o Cuidado é marginal, secundário, de menor valoração à Educação e ao que significa educação, geralmente como sinônimo de ensino e instrução. No exercício de minha prática de professora formadora não raras vezes fui informada pelas acadêmicas em formação de que era preciso gostar de crianças para trabalhar na educação, em especial, na educação infantil e nos anos iniciais. Tal manifestação inquietava-me no sentido de buscar compreender que sentidos estão presentes em tal afirmativa. Inquietação que também ansiava pelo encontro com algum apoio teórico que permitisse desdobrar os sentidos por elas atribuídos para além do meramente caracterizado como descritivo do universo feminino (BOFF, 1999), mas, quiçá, também como constitutivo do modo humano de viver, independente da condição de gênero.

Os dois estudos permitiram perceber que o cuidado vem sendo pensado e observado no cotidiano desde a lógica da razão, da moral, do progresso, próprios do pensamento moderno, que se propõe a indicar uma escala ao que é mais ou menos valorável no ambiente escolar. Nessa lógica, a escola ainda é o lugar da razão em detrimento da emoção e o que prevalece com força é o conhecimento que se funda desde a perspectiva da racionalidade científica e de um ordenamento da sociedade de afirmação de padrões masculinos, ocidentais e cristãos.

Nas duas pesquisas desenvolvidas, busquei realizar o percurso de investigação e o propósito da reflexão teórica seguindo aquilo que apresenta um fundo emocional, ou seja, o que é trazido pelas lembranças, pelos sentimentos e pelas experiências vividas. Para René Barbier, são "valores últimos, isto é, aquilo que nos liga à vida, aquilo em que investimos mais quanto ao sentido da vida" (1993, p. 188). E cada

² O curso de Doutorado em Educação foi realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Políticas e Gestão de Processos Educacionais, na temática Educação e Gestão do Cuidado, sob orientação da Dra. Malvina do Amaral Dorneles, no período de 2003-2008.

um de nós tem em si esses valores, que são carregados e vividos nas mais diferentes experiências, porque trazem e têm uma emoção como base e orientação. Para isso, em ambos os estudos, a opção metodológica se constituiu desde a articulação de dois percursos: o percurso da própria pesquisadora e o percurso de diferentes sujeitos que fizeram e fazem parte do cotidiano institucional da creche, no caso da pesquisa de Mestrado, e do cotidiano das práticas de estágio de um curso de formação de professoras, descritas em Relatório de Estágio, no caso do doutoramento em Educação.

As diferentes experiências, situadas e datadas, possibilitaram perceber que as mulheres-professoras organizam sua forma de trabalho docente articulando aspectos de sua existência e da sua constituição enquanto pessoa no cotidiano da vida que se vive na creche ou na escola. Para isso, foi preciso buscar um entendimento aproximativo sobre tudo o que se passa no cotidiano da instituição e da ação docente. Foi a metáfora de Georges Balandier sobre o contorno antropológico que me ofereceu uma perspectiva metodológica interessante. Desenhado a partir de um duplo olhar, consiste numa "ação cognitiva que permite uma compreensão tanto pelo interior (o antropólogo se identifica para conhecer) quanto pelo exterior (o antropólogo vê em função de uma experiência estranha)" (BALANDIER, 1997, p. 18).

Durante as duas experiências de pesquisa que realizei, tratei de obter e apresentar este duplo olhar, pois aquilo que foi vivido por esta pesquisadora em diferentes momentos foi cruzado com a experiência que era falada por outras mulheres que viveram e ou ainda vivem o cotidiano de instituições educativas, desempenhando atividades de docência, enquanto profissionais em exercício ou aprendizes da profissão docente.

Dessa confluência de situações vividas, minha intenção, neste ensaio, é a de tecer diferentes compreensões que apresentam ideias, formas, enfim, modos de explicar o sentido do cuidar e do educar a partir de itinerários que, muitas vezes, são tidos como incertos, imprevisíveis, desconhecidos, próprios da esfera do doméstico e pouco tensionados no espaço acadêmico como conteúdos da formação; afinal, entendo que há um determinado conhecimento presente naquilo que provem da esfera do doméstico que merece ser cuidadosamente

observado e discutido pelo investigador acadêmico do campo educativo. Intento apresentar que uma ética emerge da articulação entre o cuidar e o educar, que geralmente é cotejada pelo sentimento traduzido pela expressão "gostar de criança". Obviamente, embora não seja uma estudiosa do campo dos estudos de gênero, lanço-me num esforço reflexivo para pensar sobre a articulação do cuidar e do educar como expressão própria da condição de gênero, ou seja, do lugar das mulheres na sociedade moderna.

Da aproximação à temática enquanto mulher-professora-mãe

Entre os anos de 1994 a 1999, participei da equipe técnica de uma instituição de atendimento a crianças e jovens, que realizava atendimento do tipo creche e extraclasse. Era uma jovem mulher professora e, como tal, buscava construir um espaço educativo e social que contemplasse dimensões que dessem conta das necessidades de vida de cada pessoa. Nessa busca, às vezes sustentava meu fazer educativo com ideais político-pedagógicos; outras com ideais teológicos³, tangenciado com preocupações sociofilosóficas.

Era um tempo de intensas mudanças legislativas especialmente com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente e o processo de discussão e implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394/96. Tempo que eu dividia entre a casa, a instituição e a Universidade. Contudo, preservado era o tempo que eu dedicava à militância no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e na Pastoral de Juventude do Meio Popular. Na instituição em que atuava, aos poucos, as atividades e os programas eram redefinidos, muitas vezes

³ A instituição em que atuei está vinculada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Pessoalmente, nesse período, eu também havia concluído os estudos em Teologia, ênfase em Educação Cristã e, acompanhava o processo de reordenamento institucional que buscava reorganizar as instituições mantidas pela IECLB, superando um ideário assistencialista e caritativo que nelas imperava. No campo da Teologia, foram os estudos sobre a Teologia da Libertação que instigavam à construção de processos participativos e de libertação e, mais tarde, foi nos estudos da teologia feminista que passei a tensionar determinadas compreensões e formas de gestão do espaço institucional.

animadas e intensificadas pelas experiências de participação e de luta de direitos vividas no campo da militância. A partir da formação do corpo docente e da constituição de um referencial teórico para o trabalho, decidiu-se trazer as famílias para dentro da entidade. E, sobretudo, no cotidiano das ações passava-se a fazer do diálogo uma ação essencial para a vida institucional entre educadoras, mães (alguns pais), crianças e adolescentes. Aos poucos, começaram a emergir as discussões em torno do papel da pessoa que trabalha na creche e da própria concepção e entendimento de qual é a função da creche: espaço para as crianças ficarem enquanto as mães e ou os responsáveis trabalham ou espaço de educação e cuidado enquanto direito da criança?! Cuidar e educar começava a fazer parte das discussões e do modo de entender o sentido da educação para aquela comunidade educativa.

Pessoalmente, eu estava engajada na construção de uma prática pedagógica na creche que levasse em conta os aspectos afetivos sem deixar de estar centrada nos aspectos cognitivos, ambos como definidores para o desenho do projeto pedagógico curricular. Por outro lado, cada vez que eu ouvia das mães o que esperavam da entidade, eu percebia que a sustentação, ou aquilo que parecia ser o fundamento do fazer educativo, não estava propriamente imbuída de uma escuta atenta às suas demandas. As primeiras palavras ditas pelas mães, sempre que perguntadas sobre o que esperavam da entidade, eram: *que meu filho seja bem cuidado*. A expressão *ser bem cuidado*, muitas vezes, deixava a mim e a algumas colegas da instituição inquietas porque colocava em dúvida aquilo que buscávamos construir como referencial para a tarefa da instituição e como função da educadora. O que significava *que meu filho seja bem cuidado*?

Dia após dia, a palavra *cuidado* acompanhava nossa ação, enquanto mulheres-professoras e, sempre de novo, nos inquietava. As indagações ressurgiam e emergiam com uma tremenda força: *cuidamos ou educamos?* Às vezes, tentativas de entendimento surgiam: *Educamos e cuidamos...* Outras vezes, poder-se-ia dizer que quase nos satisfazíamos com a afirmativa de que *cuidamos porque educamos*. Também nos contentávamos com a expressão comum que circulava entre as educadoras da instituição: *educamos porque cuidamos!*

No final do período em que me encontrava na entidade, experimentei o sentimento e a expectativa que as mães expressavam quando perguntadas. Meu filho estava com quatro meses de idade e, durante esse tempo, somente havia sido cuidado por mim e pelo pai. Até essa idade, pouquíssimas vezes, havia ficado aos cuidados de outra pessoa. Contudo, o trabalho faz parte da existência, e o tempo era chegado. Meu filho precisou do cuidado de outra pessoa, e a instituição onde eu trabalhava como professora foi escolhida. Como todas as mães, experimentei cada uma das etapas do processo de inserção e adaptação da criança ao espaço da creche. Como todas as mães, também fui perguntada sobre o que esperava da entidade. A resposta foi espontânea e instantânea: *cuidem bem do meu filho!*

O que importa do cuidado para o nosso modo de trabalhar enquanto mulheres-professoras?

A questão levantada a partir da experiência vivida reafirma o confronto com dois estados da história ou do social, ou seja, "a história, no seu estado objetivado, quer dizer, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito, etc. e a história no seu estado incorporado, que se tornou *habitus*" (BOURDIEU apud ALVES, 1998, p. 49). Minha reflexão teórica e metodológica enveredou pelo segundo estado, pois ele permite a reprodução, a reativação, a atualização da história.

O espaço e o tempo do educar e do cuidar só se tornam possíveis por causa de seus atos concretos realizados no cotidiano, pois há uma "espécie de empenhamento ontológico que o senso prático instaura, e que é uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se apropria, de maneira absoluta e imediata, das coisas habitadas por esta história" (BOURDIEU apud ALVES, 1998, p. 50). Ou seja, quando também respondo de modo espontâneo *cuidem bem do meu filho*, percebe-se um sentimento comum, construído na relação cotidiana entre as mulheres que são mães, que vincula e orienta as expectativas dos sujeitos em relação ao que esperam da instituição que ficará responsável por seus filhos e filhas.

Cuidem bem do meu filho reativa, em mim, enquanto professora-pesquisadora uma curiosidade marcada pela força de buscar compreender, para além das lógicas comuns e próprias das relações de

trabalho e de produção, o sentido da expressão tantas vezes por mim escutada na interlocução realizada com as famílias e com as colegas de trabalho. *Cuidar do meu filho* parecia-me, de alguma forma, estar sendo cotejado pela compreensão de que para trabalhar como professora na creche era preciso "*gostar de crianças*", porque, na sociedade em que vivemos, espera-se que as mulheres gostem de seus filhos e das crianças; a expressão dita pelas mães na entrevista de ingresso da criança à creche, "*que seja bem cuidado*", parecia exigir o sentimento de que a professora precisaria sempre *gostar da criança* que lhe era entregue para ser cuidada e educada. Enfim, percepções que tensionavam a forma como até então eu vinha compreendendo a tarefa educativa, desvelando, inclusive, expectativas e construções sociais impostas à condição de mulher como a protetora, a cuidadora, a responsável pela educação das crianças.

Por outro lado, comecei a suspeitar de que a expressão *cuidem bem do meu filho* também poderia traduzir o desejo e a reciprocidade esperada por aquele que entrega ao outro a sua criança para que a eduque, ensine, ampare, alimente, proteja. Para a ação educativa, parecia significar que o cuidado está para além de um modo de ensinar e agir, ou seja, é preciso compreendê-lo como base de sustentação sobre o qual e para o qual se volta a ação educativa, a partir de uma perspectiva que requer aportes desde dimensões pedagógicas, filosóficas, jurídicas e sócio antropológicas.

Cuidem bem do meu filho aparece, então, como um indicativo, um contorno, uma rede de apoio que desperta o sentimento de pertença e de segurança. Enquanto indicativo, ganha valor ético e, como tal, reivindica adesão, não por força de lei, mas por causa de sua dimensão relacional a ela implícita: *quem cuida tem o outro em seu horizonte*.

Do tensionamento teórico da temática enquanto professora-pesquisadora

A experiência encarnada enquanto mulher-professora, feita mãe, reclamando pelo cuidado ao filho apresentou a vida como um tecido mesclado, que necessita e se alimenta de valores que orientam as relações entre as pessoas e a função das instituições, reafirmando, a importância

do sentido que se atribui às formas de estar-junto na instituição educativa. O "sentido, tão reclamado (...) não é um dado exterior ao homem, mas uma escolha e uma construção do homem, feita no cotidiano, em cada dimensão de sua vida" (RAUX in MORIN et alii, 1996, p.12).

No contexto da instituição em que atuava como mulher-professora, o substrato sobre o qual eu apoiava o seu processo de reorganização pedagógica mostrava-se limitado, pois, a partir da condição de mãe, que compreende encarnadamente o que tantas vezes ouvira das outras mães, perspectivas condizentes e virtuosas que pudessem vir a consolidar um modo de trabalhar humanizado passam a ser almejadas. De alguma forma, vivi o que Maffesoli profetiza: "É quando o mundo é devolvido a si mesmo, quando vale por si mesmo, que vai se acentuar o que me liga ao outro: o que se pode chamar 'relição'" (1996, p. 27).

No mesmo período em que experimento a maternidade, inicio os estudos em nível de pós-graduação. Costumo relembrar desse tempo como aquele em que uma mãe e uma pesquisadora se fizeram mutuamente. Adenso os estudos sobre Cuidado e Cura, em Martin Heidegger, aproximo-me dos estudos da Biologia do Amor, de Humberto Maturana e, amparada na força da *proxemia*, indicada pela Sociologia do Cotidiano, de Michel Maffesoli, vou buscando compreender, hermeneuticamente, a força de tais palavras ditas pelas mães e pelas mulheres-professoras para o campo educativo.

Maturana apresenta outro modo de compreender a origem do humano e a base que orienta as relações humanas através da sua Biologia do Amor. O primeiro aspecto a destacar diz respeito ao fato de que alienar a infância do presente é impossível, porque a ideia do retorno faz perceber a circularidade que está inscrita em nosso modo de ser e de fazer ao longo da existência. Por isso, é possível afirmar que o passado é parte integrante da vida de cada um, seja no presente, seja no futuro. Maturana diz que o modo "como vivermos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo que vivermos como educandos. E educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver" (1999, p. 30).

Segundo a reflexão de Maturana, o modo de organização humana constitui-se a partir de um sistema que é conservador naquilo que o forma ou, caso contrário, desintegra-se. É por causa da conservação de determinados comportamentos formativos de um sistema que foi possível nos estabelecermos enquanto humanos. Alguns desses comportamentos são a expansão da relação materno-infantil para a vida adulta, a linguagem, a expansão da sexualidade da fêmea e a inteligência.

A relação materno-infantil é um elemento formativo porque determinadas relações vividas no tempo infante foram expandidas para a vida adulta, principalmente aquelas ligadas à atividade de compartilhar a comida, a sensualidade e a carícia. Este movimento denomina-se *neotênia*⁴, e consiste na persistência, temporal ou permanente, das formas larvárias ou juvenis no transcurso do desenvolvimento de um organismo. Poder-se-ia dizer que a relação materno-infantil também faz parte do modo de viver de várias espécies de animais, porém, salvo num aspecto que as distingue dos humanos, a linguagem e as características corporais associadas a ela:

Nós, os seres humanos modernos, somos animais sensuais. Acariciamo-nos tocando, com as palavras, e desfrutamos da proximidade e do contato corporal. As carícias evocam em nós um bem-estar fisiológico seja por nos acariciarmos com palavras, com o tom de nossas vozes, com nosso olhar, ou com as mãos e o corpo. Em nós a mão é, por assim dizer, um órgão de carícias e o tocar de nossas mãos é fisiologicamente terapêutico (MATURANA e REZEPA, 2000, p. 66).

Por causa da necessidade e da permanência do vínculo e do contato corporal, a linguagem é entendida como coordenação de coordenações comportamentais consensuais. Brincando com as palavras, pode-se dizer que a linguagem existe porque há consenso. E o consenso nasce a partir de um comportamento que é movimentado por elementos de con-sensualidade. Tais elementos são viáveis apenas na medida em que se conserva a necessidade da proximidade da coexistência e a permanência no emocionar. Trata-se do "amor como a dinâmica relacional de proximidade sensual na qual as interações recursivas

⁴ De *neo*: novo, outro, e *tênia*:tender, estender.

prolongadas têm lugar como parte espontânea do prazer da convivência" (MATURANA e REZEPKA, 2000, p. 67).

Maturana denomina de sistêmica e não genética essa forma de conservação reprodutiva de um modo de vida. Entretanto, não nega que uma determinada organização sistêmica requer uma estrutura orgânica (genética) que torna possível o novo modo de vida que é conservado. Isso não significa que o determinará, pois "quando tais condições epigênicas⁵ são satisfeitas, a nova maneira de viver começa a ser conservada sistematicamente e dá surgimento a uma linhagem que permanecerá enquanto permanecerem aquelas condições sistêmicas" (MATURANA e REZEPKA, 2000, p. 69). Essa compreensão não significa um processo evolutivo, mas sim um processo histórico, um processo de mudanças congruentes entre organismos e meio ambiente, porque resulta da conservação de um modo de viver baseado na reciprocidade e na conservação.

Outro aspecto importante apresentado por Maturana é a expansão da sexualidade da fêmea. No que diz respeito ao interesse pelas relações sexuais, passa a ser um interesse contínuo comparável e complementar ao do macho. A partir do momento em que se separa o coito da reprodução, a relação sexual passa a operar como fonte de prazer e estabilidade na formação dos casais, dos pequenos grupos e da família. O sexo, porém, não diz respeito somente à relação macho-fêmea, mas está implicado na amizade, em dimensões diferentes. Deste modo, a neotênia implica também "em expansão da sensualidade e da ternura como característica da relação materno-infantil para o âmbito adulto. A sensualidade tem a ver com a abertura sensorial, e a ternura, com o comportamento de cuidado em relação com os outros" (MATURANA e REZEPKA, 2000, p. 71).

O autor ainda apresenta a ideia de que a inteligência nasce a partir das condições neotênicas e da expansão da sexualidade feminina, porque estas criam possibilidades através da maneira cooperativa de conviver baseadas numa consensualidade recursiva infinita (MATURANA e REZEPKA, 2000, p. 73). Portanto, a inteligência é decorrente da

⁵ Situação em que ocorrem mudanças durante o processo de desenvolvimento, influenciando as características do indivíduo sem alterar a sua estrutura genética.

conservação de determinados comportamentos que, por causa de sua recursividade infinita, permitem a permanência e a desenvoltura da inteligência nos seres humanos.

A sensualidade é que possibilita desenvolver a capacidade sensitiva, a sensibilidade, o múltiplo uso dos diferentes sentidos do corpo humano para interagir com as diferentes formas de vida. E a ternura possibilita que a coexistência, o reconhecimento e o sentimento de pertencer a uma espécie possam fazer parte da existência humana através da proximidade que se dá através do toque, do cuidado. Portanto, a sexualidade, a sensualidade e a ternura viabilizam a vinculação entre as pessoas para a formação de grupos como a família, a instituição, o partido, o clube.

Considerando os aportes da Biologia do Amor de Humberto Maturana, passo a constituir um conjunto de elementos que auxiliam no entendimento das experiências e expressões ditas pelas educadoras da instituição como descritivas da sua forma de sentir e realizar a tarefa educativa enquanto mulheres-educadoras de creche. Fico entusiasmada com tal ideia pensando que ao se deixar emergir tais sentimentalidades, talvez se possa dizer algo para a tarefa da educação e, quiçá, investir na constituição de uma política de educação mais humanizada e sintonizada com o modo de sentir e pensar o mundo a partir de uma dimensão ontológica e ética.

Lembro que, geralmente quando uma educadora se ausentava da instituição, as crianças perguntavam aos adultos: – *Quem vai cuidar de nós?* Ou: – *Quem vai cuidar da turma dos pequenos?* Também as professoras se dirigiam à coordenação pedagógica, dizendo: – *A Maria está doente, quem vai cuidar da sua turma?* Durante os jogos e as brincadeiras no pátio comunitário, não raras vezes escutávamos as crianças dizendo: – *Cuidado, os pequeninos estão passando!* – *Cuida, ele é pequeno e vai se machucar.*

Cuidado e cuidar são palavras fortes; parecem convenientes para várias situações do cotidiano. Convém, então, pensar a respeito da origem e do sentido da palavra *cuidado* e, conseqüentemente, estabelecer sua relação ou não com o nosso modo de trabalhar, especialmente enquanto mulheres. Convém pensar, refletir e compreender o cuidado como elemento constitutivo do nosso modo de

ser e trabalhar. Para Boff significa "pensar e falar a partir do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos", porque "não temos cuidado. Somos cuidado" (1999, p. 89).

Martin Heidegger (1999, p. 243-300) apresenta a *Cura* (Cuidado) como constituição ontológica, que está subentendida ou oculta no todo da pessoa. Boff (1999, p. 90) explica que, para Heidegger, constituição ontológica significa aquilo que entra na definição do ser humano e estrutura a sua prática. Boff ainda afirma que, quando Heidegger fala do Cuidado como "o solo em que se move toda a interpretação do ser humano", sinaliza que o cuidado é o fundamento para qualquer interpretação do ser humano.

Para Heidegger, o Cuidado é o ser da Existência, do *Dasein*, da *pre-sença*. A palavra existência significa o que *está-aí*. Deste modo, é sobre a existência que se pode dizer algo ou é nela que podemos encontrar suas propriedades e suas características. Em outras palavras, a existência é a substância que constitui alguém ou alguma "coisa", aquilo que existe ou pode existir. Portanto, o cuidado deve ser entendido num sentido existencial⁶. O *Dasein*, o *ser-aí*, evoca o processo de constituição ontológica da pessoa, que é humano e humanidade. Conforme Ferrater Mora, "... esse '*Da*' não significa propriamente '*aí*', mas abertura de um ente (o ente humano) para o ser (*Sein*). Para Heidegger, '*Dasein*' não é algo que já é, nem algo simplesmente dado, mas o *poder ser*" (1998, p. 256).

Em outras palavras, através do ente (a pessoa), abre-se o Ser (a compreensão ôntica e ontológica da existência). Isto significa que é a partir da condição, do encontrar-se como *ser-aí*, do *estar-lançado* no espaço da mundanidade, que a pessoa constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história, ou seja, compreender-se através das diferentes possibilidades de *estar-no-mundo*, sendo que a linguagem é uma delas, assim como o trabalho. As formas básicas da estrutura do *Dasein* são o *encontrar-se em*, o *compreender* e a *linguagem*. Assim sendo, a existência somente se esclarece através do próprio existir.

⁶ Termo da corrente filosófica denominada existencialismo, cuja reflexão filosófica consiste no estudo do homem na sua existência concreta onde ele surge como o arquiteto da sua vida, o construtor do seu próprio destino.

O *estar-lançado* compreende o modo de ser que sempre é, com suas possibilidades de entender-se e projetar-se. A *de-cadência*, o *estar-lançado*, o *estar caído* no cotidiano do mundo (*ser junto ao mundo*), através da interação com o outro (o *ser-com*), possibilita a compreensão de si mesmo, pois a *pre-sença* se realiza descobrindo, por meio da abertura, da linguagem, revelando-se a si mesma. O sentido da palavra *estar-lançado*, *caído*, está relacionado com a necessidade de a *pre-sença* inserir-se numa variedade de situações, sejam elas históricas, factuais, relacionais... O termo quer justamente suscitar o movimento, a dinâmica própria da *pre-sença* que se faz em difusão. Do mesmo modo, o termo *de-cadência* lembra o ritmo, os movimentos que estão embutidos na ação daquele que está caindo.

Para Heidegger, o mundo não é um conjunto de coisas. Mundo designa a noção ontológico-existencial da mundanidade, que é o mundo circundante do *Dasein*. A expressão *mundo circundante* tem por intenção destacar o movimento de abranger e abarcar, o que é próprio do mundo, ou seja, compreende a totalidade daquilo que observamos.

O *ser-aí* somente é na medida em que é *ser-com*. O *ser-aí* somente existe na sua dinâmica de exercício, ou seja, sendo. Por isso, o *ser-aí* sempre é difuso de si mesmo, espalhado, diluído. Deste modo, a concretização da sua existência sempre será possível a partir do entendimento da expressão *ser-com*. O *ser*, *Dasein*, somente existe na relação com, quando está espalhado com, diluído com o outro, porque "todo ser é sempre *ser-com* mesmo na solidão e isolamento, a *pre-sença* é sempre *co-pre-sença* (*Mitdasein*), o mundo é sempre mundo compartilhado (*Mitwelt*), o viver é sempre *con-vivência* (*Miteinandersein*)" (Notas explicativas in HEIDEGGER, 1999, p. 318-319).

A ação de diluir-se, difundir-se, é própria do *Dasein*, porque o seu modo de estar no mundo se dá através da angústia, que consiste numa disposição afetiva pela qual se revela, à pessoa, o nada absoluto sobre o qual se configura a existência. A disposição sempre revela *como se está*, e, na angústia, se está estranho, porque tudo parece estar fora do que seria naturalmente previsível.

Estar angustiado é estar ocupado e preocupado com a existência, com o sentido de tudo o que a compõem: o mundo, a vida, o trabalho, a educação, as relações, os sentimentos. Assim, "o angustiar-se abre o

mundo como mundo" (HEIDEGGER, 1999, p. 251), possibilitando o sentido da existência que se faz quando o *ser-aí* se descobre *estar-junto-com-o-outro* nos diferentes espaços e tempos do cotidiano. Consequentemente, a angústia oferece o solo observável a partir do qual se pode apreender a totalidade originária da *pre-sença*. E isto se desentranha como *cura*.

Em Heidegger, *vontade, desejo, tendência e propensão* são fenômenos derivantes e derivados da *cura*, pois são fundantes e fundados a partir da *cura*, pois "a *cura* é sempre ocupação e preocupação, mesmo que de modo primitivo" (HEIDEGGER, 1999, p. 259). Querer ou desejar estão embutidos ontologicamente na *pre-sença*. O querer pressupõe uma abertura prévia (preceder a si mesma), a abertura do que se pode ocupar (o mundo como algo onde já se é) e a compreensão da *pre-sença* como poder-ser. A tendência da *pre-sença* é a expressão do estar-caído, ou seja, deixar viver no mundo em que sempre está. Já a propensão é uma inclinação para viver um impulso a qualquer preço, que tenta reprimir outras possibilidades. Ambas, tendência e propensão, existem porque constituem o estar-lançado da *pre-sença*.

O estar-lançado, *ser-no-mundo*, é *cura* e abrange os elementos ontológicos de um ente que são a existencialidade, a facticidade e a decadência. Por isso, pode-se compreender "o ser junto ao manual como ocupação e o ser como co-*pre-sença* dos outros nos encontros dentro do mundo como preocupação" (HEIDEGGER, 1999, p. 257). A ocupação compreende o estar com a mão naquilo que faz parte das coisas do mundo, os seus utensílios, aquilo com que se faz algo, o próprio fazer. Por conseguinte, quando a ocupação respeita e considera a originalidade do que toma em sua mão, nasce, a partir deste movimento, uma relação de preocupação. Quiçá esteja aí o que impulsiona ou não uma relação pedagógica autêntica e intensa.

A ocupação e a preocupação, ambos derivados da palavra *cura*⁷, são os dois planos sobre os quais se promove, se desenvolve, se movimenta a existência. Sendo assim, ocupar-se e preocupar-se com

⁷ A palavra *cura*, no alemão, é *Sorgen*; ocupar-se é *Besorgen* e preocupar-se é *Fürsorge*. Na tradução, optou-se pelos termos ocupação e preocupação por não existirem derivados da palavra *cura*, conforme as acepções contidas no original. (Notas explicativas in HEIDEGGER, 1999, p. 312)

aquilo que faz parte das necessidades existenciais de uma criança materializam uma determinada ética, do cuidar e do educar, porque qualifica o modo de trabalhar das mulheres-educadoras.

O Cuidado e, conseqüentemente, as práticas e ações decorrentes para o campo da educação não são meros construtos pedagógicos. O que se entende por Cuidado decorre das eferescências afetivas, festivas, corporais, portanto existenciais, experimentadas no afã do estar-junto cotidiano, que se re-atualizam ou se reinventam conforme a complexidade dos modos de vida que a humanidade cria e vive. O Cuidado, ou o ato de cuidar, não decorre apenas da dimensão intelectual-racional-operacional, própria da lógica pedagógica moderna, quando inscrita na racionalidade instrumental, mas se constitui a partir de uma inteligência que incorpora e manifesta um conhecimento que possui uma dimensão sensível que, conforme a etimologia do termo sugere, permite o "*nascer com*" (MAFFESOLI, 2005, p. 90).

O Cuidado em educação, nessa compreensão, se apresenta como o que permite encarar a lógica do tempo, que sempre acarreta a experiência do abandono, pois, ao experimentar e pôr em circulação os gestos próprios que compõem e suprem as necessidades do cotidiano existencial, experimenta-se a força da *proxemia*, da *solidariedade*, como vetores essenciais da irreprimível vontade de viver junto. "O que funda a coletividade é a inserção local, a espacialização e os seus mecanismos de solidariedade", lembra Maffesoli (2005, p. 85), o que nos permite pensar sobre o Cuidado como o que se constitui, se orienta e se difunde desde a proximidade na qual estão imbuídas as minudências do dia-a-dia das relações humanas. Nessa perspectiva, a *proxemia* ressalta o aspecto *trajetivo* (lugar do objetivo e do subjetivo) das relações que se tecem a partir daquilo que se faz todos os dias, o dia inteiro.

O Cuidado como uma forma própria do cotidiano, de uma cultura vivida no dia-a-dia, torna-se, por causa de seus elementos, o cimento de toda a vida societal, constituindo uma - ou outras - forma de socialidade que favorece o estar-junto coletivo, as trocas, a comensalidade, o cuidado corporal, mental, espiritual porque "tal reencantamento tem por cimento principal uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum" (Maffesoli, 2005, p. 92). É o Cuidado que acondiciona elementos constitutivos derivados de diferentes

emoções que, reativados em comunidade, buscam o estar-junto-do-outro para ampará-lo em sua existência. São formas gestuais do fazer humano que remetem à alegria, ao toque, à ajuda, à magia, à religião, ao cosmos porque se tornam uma forma de mediação ritual frente à angústia do tempo, do aqui e do porvir que, simplesmente, passa; porque se tornam uma forma de interação frente à necessidade do outro que requer um determinado amparo.

Da disposição para cuidar e educar das mulheres-professoras enquanto *gostar de crianças*

Os estudos realizados têm permitido certo distanciando das mazelas do academicismo pedagógico, especialmente quando me confronto com a tarefa de pensar sobre o cuidado de bebês e crianças pequenas. Descubro que o pouco que eu sei sobre como cuidar de bebês também decorre de experiências vividas junto às jovens mães de minha infância e, principalmente, junto às mulheres-mães-educadoras da primeira instituição em que trabalhei, em Novo Hamburgo, onde estagiei (1987)⁸ e iniciei minha vida profissional enquanto mulher-professora (1991-1993). Agora começa a fazer sentido o olhar desconfiado das educadoras quando, mais tarde, na creche, em Porto Alegre (1994-1998), líamos sobre a importância do canto, da música, do toque como atos pedagógicos. Hoje entendo que para elas não eram apenas atos pedagógicos; eram formas demasiado humanas de estar-junto aos bebês, porque crianças parecem desejar o cantar e o brincar; querem e precisam de colo, carinho e abraço; necessitam de comida quentinha e água fresca, além de roupa seca e limpinha. Amparada nos estudos realizados, penso que se tratava de conhecimentos que derivavam de uma percepção intuitiva e sumamente existencial dada desde a forma de viver daquelas mulheres-mães-educadoras, conhecimentos que tem uma inscrição antropológica, decorrente dos processos de hominização e humanização;

⁸ Em 1987 realizei um estágio enquanto jovem-aprendiz. A instituição era mantenedora de uma creche, de uma escola, de uma escola-fábrica e de um abrigo e, nessas diferentes instituições mantidas, eu realizava várias atividades, desde aquelas ligadas ao atendimento das crianças e adolescentes às de cunho burocrático e administrativo.

conhecimentos que não eram construídos apenas no espaço acadêmico ou das formações continuadas oferecidas pela Rede Municipal de Educação de Porto Alegre, mas, sim, provenientes das relações construídas na vizinhança, na família, e entre elas mesmas, enquanto mulheres-mães. Um saber que não tinha, necessariamente, uma inscrição científica ou fruto do desenvolvimento profissional. Um saber que parecia ser constituído no universo próprio de produção das formas femininas de viver e trabalhar na sociedade ocidental, masculina, branca, cristã. Saberes que eram por essa mesma sociedade produzidos, mas, também, dela também se distanciavam quando permitiam a si mesmas certo segredo em torno das formas de educar e cuidar uma criança, que não eram sabidas pelas não-mães e pelos homens. Não foram poucas as vezes que ouvi de algumas mulheres-educadoras que eu não entendia certas questões porque ainda não tinha filhos, algo que também as colegas mais jovens, sem filhos, também ouviam.

Tais situações me permitem ampliar a reflexão sobre a prática pedagógica e a própria formação de professores no sentido de que, quiçá, tais conhecimentos, ao não serem pedagogizados desde o espaço acadêmico-formativo, possibilitam a revitalização do espaço institucional na medida em que deixam vazar domínios de ação que estão muito mais circunscritos no campo sócio-antropológico e cultural das relações étnicas e geracionais. Podendo, assim, tornarem-se, por vezes, domínios de ação capazes de capturar e incorporar diferentes lógicas e, noutras, reproduzir determinadas formas de educar e cuidar. O argumento é de que na esfera da Pedagogia conseguimos ampliar domínios vinculados ao campo técnico-instrumental, porém, pouco, ou quase nada (às vezes, suspeito, de que *jamais!*) conseguimos desconstruir algo que diz respeito às crenças e valores que estruturam a forma de relação construída com as crianças e, sobretudo, com o próprio exercício docente.

A expressão *gostar de crianças*, no contexto da atuação das professoras, denotava certa proximidade com aquelas ações que fazem parte do universo doméstico, da casa, das relações de atenção, afeto e cuidados, próprios da relação materno-infantil. Por isso, passo a circunscrever as discussões no campo da sociologia do cotidiano, de Michel Maffesoli, para construir o sentido do estar-junto, da *proxemia*. Embora de forma bastante incipiente, procuro vislumbrar nas ações, nas

palavras, nos gestos e jeitos das mulheres-professoras, que sentidos eram atribuídos e que ideário estruturava sua atuação docente, especialmente para pensar a instituição dedicada à infância, a organização do seu ambiente e as práticas pedagógicas ali constituídas. Havia em minha curiosidade hermenêutica um olhar atento a encontrar na relação pedagógica estabelecida traços ou não de uma pedagogia do cuidar e do educar, tal qual eu vinha construindo no campo teórico, cotejada, provavelmente pela condição de mulher.

Nos parâmetros que orientam a educação privilegia-se o aspecto da cognição, descartando-se outras possibilidades, entre elas, o de a instituição entender-se como lugar de trocas afetivas, lúdicas, próprias do ócio. Ao mesmo tempo, por ser a escola um espaço massivamente de mulheres, e por ser o cuidado, em nossa sociedade ocidental e moderna, compreendido como prática feminina, ele não é abandonado e apresenta-se mesclado no subsolo das diferentes relações construídas. Entretanto, percebe-se que na educação e, especificamente na educação escolar, o que se tem nomeado como cuidado só ganha vitalismo nas construções teóricas quando é pensado a partir da lógica do pedagógico. Tal afirmação é depreendida do próprio movimento de organização da Educação, em especial, a Educação Infantil⁹ e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, quando da incorporação do binômio cuidar-educar. Na medida em que se priorizou esse modo de conjunção, em binômio, tensiona-se a disjunção emoção e razão nos processos educativos. Portanto, pode-se supor que, ao priorizar a relação em binômio, a relação emoção *versus* razão se mantém em disjunção, reafirmando a primazia da segunda em relação à primeira. Tal processo, entendo eu, intensifica-se pelo fato de que, na educação infantil e nos anos iniciais, são as mulheres que desempenham massivamente a atividade docente.

Como bem lembra Boff, "o cuidado foi difamado como feminilização das práticas humanas, como empecilho à objetividade na

⁹ O binômio cuidar-educar ganha fôlego principalmente a partir do ano de 1994 quando se inicia o processo de discussão e elaboração da Proposta de Política de Formação do Profissional de Educação Infantil, que resulta do encontro Técnico sobre Política de Formação de Profissionais de Educação Infantil, realizado em Belo Horizonte, em 1994, apontado como marco das discussões sobre a necessidade de integrar cuidado e educação no atendimento às crianças de zero a seis anos de idade no Brasil.

compreensão e como obstáculo à eficácia" (1999, p. 98). Lea Tiriba (2005) ocupou-se com a temática do binômio educar e cuidar. A autora explica que "as dificuldades de abordar o tema no dia a dia das instituições decorrem de fatores sócio-históricos relacionados a questões de gênero, no interior de uma sociedade capitalista-urbana-industrial-patriarcal marcada pela dicotomia corpo/mente" (TIRIBA, 2005, p. 2). Para a autora, o binômio educar e cuidar expressa e revela essa dicotomia. Assim, apresenta elementos teóricos que estão na base dessa polêmica, quais sejam: o divórcio entre corpo e mente, do qual decorre um segundo, razão e emoção, os quais levam à cisão da sociedade ocidental entre cultura e natureza. No processo de organização da escola moderna pode-se dizer que há afirmação de "uma razão decifradora de uma realidade que seria pré-determinada, outros caminhos de apreensão do real (os sentimentos, a intuição, as artes, a espiritualidade) foram desqualificados e desconsiderados" (TIRIBA, 2005, p. 15). Desse modo, o cuidado, como modo de ser mais característico das mulheres, passa, ao longo da história ocidental, a ser considerado de menor importância e, conseqüentemente, menosprezado.

Buscando seguir o movimento de entendimento sobre a relação cuidar e educar, cotejada pelo *gostar de crianças*, Maffesoli (1996, p. 73) desafia a perceber que, em determinados momentos, por causa de "um impulso da base, percebe-se que a sociedade não é apenas um sistema mecânico de relações econômico-políticas ou sociais, mas um conjunto de relações interativas". As relações acontecem de modo espontâneo nos diferentes eventos que se experimentam no cotidiano: nas refeições em conjunto, no recreio, nos campeonatos esportivos, nos shows musicais, no período eleitoral; enfim, naqueles momentos do cotidiano da vida, seja nas relações familiares e comunitárias, na escola ou no trabalho. "Em cada um desses casos, além das simples causalidades racionais, observa-se um desejo de estar-junto que, sendo não-consciente, não deixa de ser poderoso" (MAFFESOLI, 1996, p. 73).

Para o conjunto de mulheres-educadoras com quem manteve interlocução durante a pesquisa de mestrado (SILVA, 2002), em especial, foi possível perceber que a necessidade do estar-junto de alguma forma sustentava a sua própria ação mais do que os princípios ou objetivos instrumentais e racionais propostos pela legislação jurídica,

educacional ou assistencial que organizavam o trabalho na instituição. Olhando para os aspectos relacionados à formação e educação das crianças, o oculto e o vivencial pareciam ser aqueles elementos a partir dos quais se desenvolvia o atendimento às crianças e adolescentes na instituição. Por oculto e vivencial eram entendidas as atividades que faziam parte do dia-a-dia da vida de cada pessoa: o ato de alimentar-se, o bom e o mau humor, a limpeza do corpo, a disposição, o choro por não querer ficar na creche, a tensão por ter que dormir após o almoço, o receio de deixar o filho sob a responsabilidade de outra pessoa. Essas são situações e atividades próprias do cotidiano da instituição que estão ocultas nos currículos, mas que são extremamente vivenciadas no processo educativo e pedagógico.

Os depoimentos das mulheres-educadoras foram capturados por meio de entrevistas. Das dezoito mulheres que atuavam na instituição, foram entrevistadas sete que desempenhavam função de educadora e uma que trabalhava como cozinheira. Cabe destacar que entre as sete educadoras, uma possuía curso de ensino superior, duas ensino médio, três ensino fundamental e uma havia cursado apenas até a 2ª série do ensino fundamental. Tais características em relação à formação eram decorrentes do fato de que até 1996, quando da promulgação da LDB 9394/96, não se exigia formação em nível superior para o exercício de atividades em creches, isso porque tais instituições, especialmente as vinculadas à rede comunitária, estavam vinculadas à área da Assistência Social.

Na instituição investigada era comum contratar mulheres que possuísem boas referências na comunidade em que a creche se situava ou demonstrassem, a partir de uma conversa realizada com a direção da instituição, *gostarem de crianças*. A partir do momento em que a instituição passou a vincular-se ao programa de convênio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre com as Creches Comunitárias e o advento da LDB 9394/96, começamos um processo em que se passou a exigir como formação mínima o Ensino Médio, preferencialmente com curso de Magistério e, paralelamente, o estar cursando Ensino Superior. Entre os anos de 1997 e 1999, várias ações foram discutidas com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre para que se oferecesse curso de formação especial para educadoras de creche, visando à conclusão da

Educação Básica. Tal política foi desenvolvida a partir dos anos 2000, sendo que a conclusão da Educação Básica passou a ser exigência mínima para continuidade do convênio com a Prefeitura Municipal. Dessa forma, dezenas de educadoras de creche, que eram leigas do ponto de vista da qualificação profissional, concluíram a Educação Básica, cursando, durante o Ensino Médio, realizado em escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre que oferecia curso de formação de professores, disciplinas de formação pedagógica.

Os critérios adotados para o processo de contratação, no caso dessa instituição, por si só já eram, de alguma forma, definidoras de uma atuação esperada e da afirmação de um discurso e forma de atuar enquanto profissional da educação. Por outro lado, amparada em estudos realizados por pesquisadores da área de gênero e profissionalização docente, especialmente os estudos de Roseli Cação Fontana (2005), passo a des-tensionar alguns discursos recorrentes de que a precarização do trabalho pedagógico, no espaço da creche, em especial, acontecia em função da ausência de formação inicial para o exercício profissional. A autora mostra, em sua obra intitulada "Como nos tornamos professoras?", que o papel da professora, inclusive entre aquelas que possuem formação inicial em nível médio ou superior e que atuam na pré-escola e ou nos anos iniciais do ensino fundamental, "vai se constituindo em nós misturado à nossa vida de meninas, mulheres, filhas, irmãs, esposas, mães, com suas práticas, rituais, fazeres e afazeres, desejos, medos, aspirações e frustrações, modos de dizer e de silenciar, que são histórica e socialmente construídos e que trazem consigo, implicitamente, os modos de ser masculinos, já que são vividos de forma relacional" (FONTANA, 2005, p. 32).

Gostar de crianças como expressão de um determinado modo de trabalhar com as crianças que, talvez, passa a caracterizar, especialmente na Educação Infantil, a tarefa da professora como a de cuidar e educar não está circunscrita ou restrita ao fato das mulheres não possuírem qualificação profissional dada por curso de formação inicial. Foi isso que, de alguma forma, constatei quando realizei os estudos de doutoramento (NÖRNBURG, 2008), momento em que investiguei a prática pedagógica e os processos de formação de acadêmicas-professoras em situação de estágio. Foram dez acadêmicas-professoras participantes da pesquisa.

Entre elas, sete atuavam como professoras no magistério dos anos iniciais, pois possuíam curso de Magistério em nível médio; uma atuava como diretora de escola em função de ser religiosa vincula a uma congregação católica de irmãs religiosas; duas não atuavam como professoras e não tinham cursado Magistério em nível médio.

Nessa investigação, realizei um processo de análise dos Relatórios de Estágios por elas escritos, seguindo uma leitura hermenêutica. Entre os três eixos de análise, um deles procurou entender o que movia cada acadêmica-professora em sua forma de ser docente, ou seja, o que a animava no desempenho de sua ação enquanto professora. Há no conjunto de registros por elas produzidos indicações de ações pedagógicas que foram desencadeadas em função de emoções e sentimentos de proteção, de atenção, de vínculo afetivo com os alunos. Descrevem momentos em que se envolveram emocionalmente com os alunos em função de alguma situação vivida por eles no âmbito familiar e que lhes era confidenciado em sala de aula. Em seus escritos, não raras vezes tomaram para si mesmas certas exigências de serem capazes de "ter sensibilidade para perceber quando o aluno está pedindo ajuda, seja num olhar, num gesto e até num ato indisciplinado" e de que ao trazer o aluno para perto de si (a acadêmica-professora), "tudo acaba ficando mais fácil".

Sustentavam a produção de formas relacionais que apostassem na afetividade como maneira de mobilizar o processo de ensino e aprendizagem. Assim escreve uma das acadêmicas-professoras em seu Relatório: "o relacionamento é na verdade uma ponte entre o ensinar e o aprender". Tomavam para si, quase que como um ato de extremo controle sobre a produção de determinadas existências, a responsabilidade por resguardar a alegria e o bem-estar. Entre os registros, destaco: "o distanciamento da professora com seus alunos deixa-os sem alegria, sem vontade de aprender, de virem à escola". Enfim, seriam práticas pedagógicas que se estruturam desde outra lógica que des-tensiona a dicotomia razão *versus* emoção? Seriam formas de docência que reivindicam o deslocamento de uma ação pautada pela racionalidade técnica, característica dos processos formativos, para uma capacidade de emocionar-se, talvez se aproximando de uma razão sensível (MAFFESOLI, 2001)?! Ou, seriam apenas modos de atuação

docente que reativam experiências dadas como próprias do universo feminino?!

No contexto da produção teórica visitada durante as duas pesquisas desenvolvidas, é possível afirmar que as mulheres-educadoras e as mulheres-acadêmicas-professoras re-atualizavam e ritualizavam, talvez, um saber que, oriundo do cotidiano doméstico, durante muito tempo orientou jovens-mulheres a ingressarem no mundo do magistério, chegando a ser ridicularizado no âmbito acadêmico ou indicado como algo a ser banido. Como se fosse possível, novamente, estabelecer uma cisão entre aspectos que compõem o universo feminino daqueles que, supostamente, deveriam estar marcado por um universo supragênero, às vezes até assexuado, que na maior parte dos tempos, nada mais fizeram do que reafirmar padrões masculinos.

As duas pesquisas permitiram, no mínimo, des-tensionar a expressão "para ser professor é preciso gostar de criança, de gente" na medida em que, ao descreveram episódios dos contextos de relação pedagógica, parece ter sido justamente o *gostar de crianças* que permitia a redefinição da prática pedagógica e o restabelecimento da própria relação dos sujeitos aprendizes com o mundo do conhecimento.

Gostar de criança, de gente torna-se, talvez, como ato decorrente do modo feminino de exercer as atividades de docência, preceito necessário a ser desenvolvido como uma das características do agir docente, especialmente quando, cada vez mais, a diferença marca as formas de estar que se reúnem nos espaços educativos. Gostar do cheiro, da cor, do aspecto do outro são aprendizagens que se apresentam como fundamentais para dar conta dos inúmeros processos de exclusão existentes e, talvez, como possibilidade de revitalizar nossa condição de humanos. Talvez sejam as formas femininas de pensar o universo educativo que permitam ao mundo masculino apreender outras formas de relação com o outro em que este seja reconhecido em sua alteridade.

Referências

ALVES, Nilda. **O espaço escolas e suas marcas**. O espaço como dimensão material do currículo. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

BALANDIER, Georges. **O Contorno. Poder e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

BARBIER, René. *A escuta sensível em educação*. **Cadernos da ANPED**, Porto Alegre: n. 5, p187-216, 1993.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 2v.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O mistério da conjunção**. Ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. 1. reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____.; REZEPA, Sima Nisis de **Formação humana e capacitação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORA, Ferrater José. **Dicionário de filosofia**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NÖRNBERG, Marta. **Palpitações Indizíveis**. O lugar do cuidado na formação de professores. Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2008. (Tese de Doutorado)

RAUX, Jean-François. Elogio da filosofia para construir um mundo melhor. In: MORIN, Edgar; PRIGOGINE, Ilya (Org.). **A Sociedade em busca de valores**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SILVA, Marta Nörnberg. **Cuidem bem do meu filho**. A ética do cuidado numa instituição filantrópica. Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2002. (Dissertação de Mestrado)

TIRIBA, Lea. Educar e cuidar ou, simplesmente, educar? Buscando a teoria para compreender discursos e práticas. **28ª Reunião Anual da Anped**. Caxambu, MG, 2005. Disponível em www.anped.org.br

NOTAS SOBRE CUIDADO E ECONOMIA SOLIDÁRIA NO TRABALHO DE MULHERES RECICLADORAS

Débora Alves Feitosa

Introdução

O número de municípios brasileiros que oferecem o sistema de Coleta Seletiva como um serviço público¹ pode ser considerado insignificante. Em contrapartida, estima-se que mais de 500 mil pessoas tenham como fonte de renda a catação de resíduos sólidos para venda no mercado de reciclagem. Atividade considerada precarizada por não haver regularização e fiscalização, realizada de modo informal oferece risco à saúde dos catadores, que percebem baixa remuneração, não recebem proteção legal e por consequência não têm direitos trabalhistas. Outra característica da atividade de separação de resíduos para reciclagem é o uso em larga escala de mão-de-obra feminina².

Em pesquisa de tese, desenvolvida entre Agosto de 2001 e Agosto de 2005³, descrevi o Cotidiano de uma unidade de separação de resíduos sólidos urbanos, cujo objetivo principal foi identificar as ações e relações sociais compreendidas enquanto atitudes de Cuidado com o Ser e com o

¹ Dos 5.565 municípios brasileiros, apenas 994 oferecem programa de coleta seletiva. Em 50,8% dos municípios brasileiros os resíduos sólidos têm os lixões como destino final, 74% dos municípios depositam lixo hospitalar a céu aberto, destes, 57% separam os dejetos nos hospitais. IBGE- Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (2008). Consultada em 21.05.2012 www.ibge.gov.br

² Estudos preliminares do IPEA apontam que cerca de 50% dos catadores são do sexo feminino, nos estados do Sul e do Sudeste (www.cnrh.gov.br/pnrs/documentos/04_CADDIAG_catadores.pdf).

³ Tese desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, "Cuidado e Sustentação da Vida: a interface da Educação Popular no Cotidiano de Mulheres Reciclatoras".

ambiente. O Galpão de separação de resíduos da Associação Ecológica Rubem Berta, local de realização da pesquisa, foi descrito como um espaço mediador de aprendizagens e de construção de saberes sistematizados a partir da convivência que se desenvolvem nas relações de trabalho, na interação entre as pessoas e nas soluções que encontram para as questões cotidianas. Este artigo abordará a organização do trabalho das mulheres que trabalham na separação de resíduos, refletindo sobre duas perspectivas que identifico como características da atividade de reciclagem, o Cuidado e a Economia Solidária.

A Economia Solidária tem sido compreendida enquanto ação organizada coletivamente para atividade produtiva, voltada para a promoção social e humana através da geração de renda, pautada na solidariedade e não no lucro. Por outro lado, a abordagem do conceito de Cuidado que foi utilizada no estudo em tela, é no sentido da preocupação com o Ser humano, seu desenvolvimento, a sobrevivência física e subjetiva do outro, característica identificada nas relações sociais entre as recicladoras. Compreendo que estas duas noções se harmonizam e dão suporte teórico para se pensar sobre as iniciativas de geração de emprego e renda desenvolvida por grupos de mulheres no campo da economia solidária, seja na reciclagem de materiais nos centros urbanos, seja na agricultura familiar, produção de artesanato ou produtos alimentícios. É nesta perspectiva que pretendo tecer algumas reflexões sobre o trabalho feminino.

A investigação que origina este texto foi realizada numa abordagem fenomenológica, a partir da descrição do local, das ações dos sujeitos, dos fatos ocorridos, colocando em relevo a tessitura do Cotidiano do Galpão, constituído pelas pessoas que nele operam as trocas, a convivência, os conflitos. A descrição não se propõe fazer uma categorização, conceituação, explicação e delimitação de juízo. Propõe-se, sobretudo, a abrir horizontes de compreensão dos fenômenos investigados. A Fenomenologia por sua vez, apóia-se "(...) nos dados da existência concreta, nas coisas que aparecem no campo da nossa experiência. (...) A Fenomenologia não explica os acontecimentos de fora, como o cartesianismo, mas tenta compreendê-los a partir de dentro, mesmo que nunca chegue a ter 'idéias claras e distintas'" (GEBARA, 2000, p. 43).

Para Maffesoli (1998, p. 116), a descrição é um recurso metodológico que se presta para uma "mostração do dado societal", ou seja, mostrá-lo sem uma explicação *a priori*, ou mostrar a vida social como ela é, pois, "(...) o próprio da descrição é, justamente, o respeito pelo dado mundano. Ela se contenta em ser acariciante, em mais acompanhar do que subjugar uma realidade complexa e aberta". A descrição foi realizada a partir de observação participante durante um ano, com registro em Diário de Campo. Foram realizadas entrevistas semi-estruturada com oito pessoas, entre dirigentes da Associação Ecológica Rubem Berta e trabalhadoras da unidade de triagem. Acompanhei várias fases do Galpão, mudança de direção, ingresso e desligamento de recicladores. Observei as regularidades e os eventos que alteravam o cotidiano, que para Maffesoli (2001) é formado por ocorrências banais, a efervescência, o tédio, a monotonia e as aventuras vivenciadas pelo coletivo. A investigação não teve como preocupação analisar o trabalho e a organização das recicladoras, mas apresentar através da descrição a realidade do local e das pessoas que ali conviviam, as relações sociais e os saberes produzidos na convivência.

O Trágico Cotidiano e as Condições de Trabalho das Mulheres Recicladoras

O Galpão⁴ de separação de resíduos sólidos, é um local que, à primeira vista, pode provocar repulsa, provavelmente em decorrência da imagem que construímos do lixo em nosso imaginário, como sendo algo ligado ao sujo e sem nenhuma utilidade. O lixo reutilizável pode ser limpo e sem odor desde que nós consumidores, nos sintamos responsáveis com a forma correta de descarte. Em nosso imaginário, o trabalho com lixo desqualifica a pessoa, a sujeira representa a desordem, no sentido de alguma coisa que está fora do lugar. Para o imaginário higienista que usa a limpeza como forma de controle, quem lida com a sujeira pode ser com ela comparada (BAUMAN, 1998). As mulheres recicladoras estabeleciam

⁴ A pesquisa foi realizada no Galpão de triagem da Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta, localizado na zona norte da cidade de Porto Alegre.

outra relação com o lixo: o Galpão era local de trabalho. Cada uma tinha seu espaço de separação no cesto onde se acumulava o material, e cada uma zelava pelo ambiente mantendo-o limpo e organizado. No Galpão circula cheiros diversos, barulho do material atirado no cesto, nos silos, nos tonéis, latas caindo em cascata, vidro sendo quebrado, alumínio prensado, formando uma sinfonia nada agradável aos ouvidos.

O material separado nas unidades de triagem é resultado da coleta seletiva realizada na cidade e destinada aos galpões, onde é despejado no silo, uma parte do galpão separada por tela. Junto à tela estão as mesas onde as mulheres fazem a triagem do material que é colocado separadamente em grandes tonéis segundo o tipo de resíduo: vidro, *tetra pack*, plásticos, alumínio, etc. O material separado é levado para outro espaço do galpão onde é prensado e enfardado, ficando pronto para a comercialização. A triagem é realizada pelas mulheres, os homens trabalham na prensa e enfardamento do produto separado. A divisão social do trabalho é realizada de acordo com o que, no senso comum, se compreende que seja atividade masculina e atividade feminina: os homens realizam atividades que exigem força física; às mulheres realizam o trabalho que exige habilidade, paciência, - como a separação do material, diplomacia e compreensão para administrar a Associação- cuidando da relação entre o grupo, distribuindo tarefas e buscando soluções para os problemas surgidos entre as trabalhadoras. Mas esta divisão não é fixa, é alterada conforme a necessidade. Quando não tem muito material para ser prensado os homens são deslocados para outras atividades e quando há muito material na prensa e é importante completar a carga para venda, as mulheres são deslocadas para prensar e enfardar o material.

A posição de trabalho é incômoda, de pé durante sete oito horas diante do cesto, com a imagem diária de uma montanha de lixo, imagem desagradável, monótona, quebrada, quando um saco atirado no cesto por alguém que não se atenta para quem está do outro lado do muro se rompe, espalhando detritos pelo ar. Doenças respiratórias é comum neste tipo de trabalho, assim como doenças de pele, causadas pelo contato diário com o material, nem sempre depositado adequadamente por aqueles que descartam seu lixo. A remuneração gerava tensionamento no grupo, pois o valor era sempre aquém do necessário para a sobrevivência

do grupo familiar que dependia daquela renda⁵. No período da pesquisa, o valor recebido por cada trabalhadora era definido pela produtividade do conjunto das recicladoras. Não se ganhava pela produção individual, o que gerava insatisfação em algumas. Cada uma recebia cesta básica, descontada na remuneração final. O uso do vale, como forma de adiantamento era constante comprometendo ainda mais a renda no final do mês, mas considerado uma vantagem pelas recicladoras, pois era um recurso disponível para resolver as emergências do cotidiano, como doença dos filhos.

A questão econômica era o foco principal de tensão entre o grupo, mas era, ao mesmo tempo, um elo de aglutinação entre elas, pois sempre que necessário, havia um esforço coletivo no sentido de partilhar entre todas o que era arrecadado com as vendas. Não se punia quem produzia menos em função de um problema pessoal, não se abandonava quem ficava longe do galpão por motivo de saúde, prevalecendo uma relação de solidariedade. Outro fator contabilizado enquanto ganho pelas recicladoras era a possibilidade de trabalhar, considerando que não tinham formação para inserção no mercado de trabalho formal, ter uma jornada de trabalho flexível, ter vaga na creche do bairro, freqüentar as atividades de escolarização oferecidas no próprio galpão⁶, trabalhar próximo de sua residência, conciliando vida familiar e profissional.

Ao olhar/descrever o cotidiano do galpão de separação de resíduos sólidos, não tive a intenção de classificar, higienizar ou de doutrinar aquelas pessoas e suas posições, mas identificar em suas ações diárias atitudes de Cuidado com o outro. O que me levou escolher Michel Maffesoli (2001) como referência, pois este autor defende que o Cotidiano é formado por ocorrências banais, pela efervescência, o tédio, a

⁵ A renda das recicladoras no momento da pesquisa era em torno de 200,00 a 300,00 reais mensais, atualmente a renda percebida pelos recicladores é em torno de 420,00 a 520,00, segundo dados preliminares do IPEA (www.cnrh.gov.br/pnrs/documentos/04_CADDIAG_catdores.pdf).

⁶ As recicladoras tinham garantida vaga para os filhos em tempo integral na creche mantida pelo Centro Social Marista que também oferecia cursos para os adolescentes. A UFRGS, através da Faculdade de Educação oferecia atividade escolar para as recicladoras em horário de trabalho nas dependências do galpão. Além da escolarização, dava-se orientação para aquisição dos documentos pessoais, necessários para acessarem alguns direitos e benefícios sociais, como o bolsa família.

monotonia e as aventuras vividas pelo coletivo, sem fazer uma análise crítica, nem prescritiva dos dados mundanos. Em sua abordagem sobre o Cotidiano Maffesoli desenvolve críticas ao modo totalizante e racionalizante da modernidade e defende um modo plural de compreensão dos dados como se apresentam de valorização da vida em comunidade. Há outras abordagens no campo dos estudos do Cotidiano que analisam esse espaço social de forma crítica, considerando os aspectos sócio-históricos estruturantes, sua dimensão técnica, imediatista e alienante, dialetizando a *práxis* cotidiana a partir de um referencial-metodológico crítico (TEDESCO, 1999).

Maffesoli a partir de uma abordagem fenomenológico-compreensiva critica as abordagens sociológicas que reduzem o mundo social ao mundo da produção e da técnica e à racionalidade exacerbada para leitura dos fenômenos sociais. Tendo Maffesoli como interlocutor para compreender o universo investigado, o Cotidiano foi apresentado numa perspectiva positiva, no qual se tecem as relações sociais, através da troca, da solidariedade, das tensões e disputas. Um jogo de ambivalência desenvolvido pelo grupo como uma forma de afrontar as tragédias vivenciais, para as quais não se espera uma solução, porque se vive o agora, o instante em toda sua intensidade. Uma forma de viver que Nietzsche definiu como "*amor fati*" significando aceitar o que deve ser vivido, amar e viver com intensidade o que não pode ser modificado. Para Maffesoli (2003) isto não significa resignação, nem mesmo alienação, mas uma forma de viver intensamente a tragédia, sem esperar por um futuro ou apostar em um devir, como um projeto de vida ordenado, pensado pela Modernidade.

A perspectiva que tomei, foi a de um Cotidiano constituído a partir da conjunção de minúsculos acontecimentos, de múltiplas situações, dos cruzamentos diversos entre os fatos que marcam a vida social e subjetiva de um grupo, das contradições e pluralidades que perpassam as ações coletivas. Foi numa perspectiva dialógica, de compreensão da trama social a partir de várias lógicas, tecida por fios e matizes diversos, possibilitando uma organicidade e um equilíbrio que relativiza a tragédia cotidiana. Um querer viver, como uma espécie de conservatório energético da vida social que proporciona a exaltação da vida, uma valorização do laço social, fundado na "mística do estar-junto" (MAFFESOLI, 1998), na dimensão

comunitária da vida social, que conforta e fortalece o vínculo de pertencimento que se evidenciava no grupo de recicladoras e que compreendi enquanto atitude de Cuidado, conforme descreverei a seguir.

O Cuidado na Vida e no Trabalho das Recicladoras

Na investigação no Galpão Rubem Berta, o Cuidado foi identificado enquanto uma característica das atitudes das mulheres no trabalho, no modo de gerir as relações entre o grupo, a comunidade e os parceiros do galpão, a organização e as normas de funcionamento da Associação, no papel de cuidadoras dos filhos e entes familiares que marcam suas histórias de vida e na natureza do trabalho que realizam: separação de materiais recicláveis.

Para Juncá (2001) o "cata-dor" é o trabalhador que se ocupa de recolher o que é descartável para a sociedade de consumo, retirando de circulação uma presença indesejada, significado que tem o lixo para quem o produz. O catador recolhe para outro lugar os resíduos que nos incomodam, ocupam espaço, comprometem a estética do ambiente público. O Galpão de reciclagem, além de ser um local de trabalho, representava para os catadores outras qualidades, "um lugar que tem alma demais. A partir da possibilidade de trabalho e convivência oferecidos, restitui identidades perdidas, recompõe relações de solidariedade, recria histórias e movimentos de fundação do sujeito" (JUNCÁ, 2001, p. 63).

Cuidar de alguém, ocupar-se com alguém é uma atitude que aparece desde cedo na vida das mulheres recicladoras. Quando ainda crianças cuidavam dos irmãos mais novos, ocupavam-se das tarefas domésticas ajudando suas mães, disponibilizavam sua força de trabalho ao cuidado com o grupo familiar ou mesmo para complementar a renda. Ao constituírem sua própria família a responsabilidade se estendeu e em geral não contam com ajuda na tarefa de cuidar e prover o sustento dos filhos e ou parentes que permanecem juntos. Identifiquei como Cuidado a atitude de proteção que cada uma delas demonstrava ter com os filhos e familiares, a preocupação com o sustento, buscando proporcionar-lhes

bem estar, alternando-se entre as tarefas domésticas e o trabalho no galpão⁷.

Para Inwood (2002, p. 26) o termo Cuidado em Heidegger, além de expressar preocupação interna e externa consigo, significa ainda "preocupar-se com algo: tomar conta de, cuidar de, fornecer algo para alguém; obter, adquirir, prover algo para si mesmo ou para outra pessoa".

Caracterizei como Cuidado nas relações de trabalho, o fato de estarem em um grupo onde se sentem protegidas e cuidadas: pela rede de solidariedade que estabeleceram, as regras de funcionamento do galpão que privilegia as características do grupo e leva em conta seus problemas, a flexibilidade no trabalho para atender necessidades individuais. Aspectos que apresentavam como justificativas para continuarem no galpão, pois reconheciam que não teriam essas facilidades em outro local de trabalho. Mesmo que fosse imperceptível e não figurasse como diretriz explícita de funcionamento daquele local, o Cuidado constituiu-se como um princípio que permeava as relações de trabalho e o modo de administrá-lo. Uma com-vivência que transpirava e inspirava cuidado, solicitava atenção e o olhar do outro, esperava acolhida nos momentos de angústia causada pela doença, ou àqueles que necessitavam de ajuda para vencer o forte apelo de um vício. Identifiquei o Galpão como um lugar onde se partilhava a dor, mas confraternizavam as pequenas alegrias; um lugar onde todos precisavam de cuidados pela própria natureza do trabalho que realizavam, mais ainda pelo Cuidado enquanto vocação ontológica de uma instituição social de fato que deve pré-ocupar-se com o Ser.

A perspectiva que se tomou para a compreensão de Cuidado não é deste como uma característica feminina, mas de uma dimensão ontológica do Ser humano, um modo de ser existencial no sentido de que,

O ser com os outros pertence ao ser da pré-sença que, sendo, está em jogo seu próprio ser. Enquanto ser-com a pré-sença "é", essencialmente, em função dos outros. Isso deve ser entendido em sua essência, como uma proposição existencial (HEIDEGGER, 2002, p. 175).

⁷ Pode-se ter outra leitura para esse fenômeno, como a responsabilização da mulher pelo núcleo familiar, representando mais uma sobrecarga para esta, e uma relação de desigualdade de gênero. Mas, embora reconheça e concorde com esta leitura, neste estudo preferi apresentá-lo como perspectiva positiva do Cuidado.

A separação de resíduos sólidos ocorre na vida destas mulheres como uma possibilidade de geração de renda, mas, ainda que de forma indireta, a sociedade se beneficia com o trabalho delas, na medida em que contribuem para o reaproveitamento dos materiais descartados, evitando o acúmulo de agentes poluidores no ambiente, constituindo um modo de "habitar a Terra" zelando pela sustentação e manutenção da vida, o que revela, segundo Heidegger (2002), um modo de habitar protegendo a quaternidade (mundo, terra, deuses, homens).

Ainda que indiretamente, e mesmo que a preocupação das recicladoras com o ambiente, não ocorra de forma intencional, todos se beneficiam com a atividade realizada por elas. É a partir do entendimento de Cuidado como atitude estruturante do Ser, da preocupação como característica existencial que propus um olhar sobre a atividade de separação de resíduos enquanto uma atitude de Cuidado extensivo do Ser, ou, um modo de ser-com o outro.

Separando os resíduos para reciclagem, estas trabalhadoras desenvolvem um modo de Cuidar da Terra, interagindo com um paradigma de relação com o ambiente que tem a sustentação de sua capacidade de sobrevivência como estruturante desta relação. Defender os recursos naturais significa defender a própria vida, defender sua morada, seu abrigo no Cosmo. Significa compreender o ambiente e a natureza como algo referente a si: "O ambiente é aquilo que habitamos mais imediatamente, aquilo que nos diz respeito e que concerne mais persistentemente e, conseqüentemente, aquilo cuja significação se interliga mais continuamente com nossas vidas" (FOLTZ, 1995, p. 206).

Pensar o trabalho de separação de resíduos sólidos como atitude de Cuidado justifica-se por tratar-se de uma atividade de importância social relevante, ainda carente de reconhecimento⁸. Justifica-se ainda pela ausência de regulamentação e a necessidade de implantação de prática

⁸ O projeto de Lei nº 6822/2010 de autoria do senador Paulo Paim, após aprovação na Comissão de Constituição e Justiça do Senado foi vetado pela Presidenta Dilma Rouseff, ato apoiado pelo movimento nacional dos catadores e recicladores que consideravam que a lei iria dificultar a atividade, pois condicionava o catador a se cadastrar na Superintendência Regional do Trabalho, exigindo documentação, que a maioria dos catadores não possui. O MNCR apóia o Projeto de Iniciativa Popular nº 05/2011 que inclui os catadores como segurados especiais da previdência social, reivindicação histórica do movimento.

segura para quem a realiza, visando garantir não apenas renda, mas respeito e reconhecimento pelo trabalho realizado, proteção e garantia da integridade física e social para os trabalhadores. Para uma conservação genuína do ambiente, não se pode excluir nem negligenciar o Cuidado com as pessoas envolvidas na prática de reciclagem, os recicladores. Tomei a compreensão de Cuidado como característica estruturante do Ser, para visibilizar o trabalho e as pessoas que sobrevivem da separação de resíduos, como valorização deste trabalho e para lembrar a negligência da sociedade com estas trabalhadoras e trabalhadores.

Separação de Resíduos e Economia Solidária: uma relação possível

As mulheres representam a maioria na atividade de separação de resíduos sólidos, bem como em outras atividades classificadas como precárias, trabalho informal ou de tempo parcial, que tem como característica a instabilidade, a baixa remuneração, a não exigência de formação, a limitação ou inexistência de direitos sociais (HIRATA, 2001). Outro dado a ser considerado, é que segundo Guérin (2005), a pobreza atinge globalmente mais as mulheres, pois estas são facilmente atingidas pelo desemprego, ocupam mais empregos precarizados com baixa remuneração, estão mais expostas à pobreza econômica e ao superindividamento, pois assumem em maior número o estatuto de chefe de família, sem as condições monetárias necessárias para tal. Estes fatores propiciam a procura pelo trabalho autônomo, novas alternativas à escassez de postos de trabalhos. Para Santos (2004), o envolvimento das mulheres dos meios populares em alternativas de emprego e renda ocorre de forma mais simples em relação ao homem, por estas já estarem imersas em uma cultura de troca e solidariedade com o seu meio, sendo esta, mais do que uma característica, representa uma alternativa de sobrevivência para a mulher e seu grupo familiar. Podemos considerar também como uma estratégia de enfrentamento às desigualdades de sexo que persistem e que, na atual conjuntura de reestruturação do modelo capitalista do mercado de trabalho formal, tem se aprofundado, evidenciando a "feminização da pobreza". Outro dado importante vem

do Atlas Nacional da Economia Solidária, estudo que levantou informações sobre os empreendimentos solidários no Brasil e identificou que cerca de 60% dos empreendimentos são geridos por mulheres.

As práticas associativistas, cooperativistas e autogestionária que representam uma alternativa às formas exploratórias e excludentes do modelo capitalista de organizar as relações sociais e econômicas de geração e distribuição de renda, ganharam força no contexto de crise do mercado de trabalho formal. Tais práticas são orientadas por valores e princípios como confiança e ajuda mútuas, reciprocidade e solidariedade contínuas. Essas experiências objetivam não somente trabalho e renda, mas também relações trabalhistas que enfoquem a qualidade de trabalho e de vida, usufruto sustentável do meio ambiente e desenvolvimento social.

A proposta da economia solidária surge da experiência prática dos trabalhadores que ao longo da história, em diversos países, vêm procurando alternativas frente à desigualdade e à marginalização produzidas pela competição e relações de subordinação características do capitalismo (SINGER, 2000). Para Guérin (2005), as mulheres sempre estiveram presentes nas iniciativas de organização associativa e popular visando de modo pragmático, atender as necessidades básicas como saúde e educação dos menos favorecidos. Participaram também de práticas associativistas voltadas para atender questões de seguridade social dos trabalhadores, cooperativas de produção e consumo em áreas rurais, constituindo a partir de suas experiências a profissionalização e o reconhecimento de certas atividades por elas desenvolvidas, como a de educadora e assistência social.

Em seu estudo sobre "as mulheres e a economia solidária", Guérin (2005), discute a importância da participação das mulheres neste tipo de organização, como estratégica para a problematização da relação desigual entre os sexos. Segundo a autora, ao participarem dos grupos de economia solidária, levadas pela necessidade cotidiana e pragmática, as mulheres tencionam e complexificam tais experiências ao expor aspectos que marcam a desigualdade entre os sexos, que são segundo Guérin (ibid. p. 17): "o caráter multidimensional da pobreza, a inadequação das instituições e, por fim, a desigualdade na divisão das obrigações familiares." As práticas no campo da economia solidária representam

para as mulheres a criação de espaços intermediários entre o espaço privado e a vida pública, importante para a problematização da situação econômica das mulheres e da desigualdade entre os sexos. Guérin salienta que as experiências das mulheres em empreendimentos solidários, constituem-se enquanto espaços de discussão e deliberação coletiva, possibilita o acesso à fala pública trazendo à tona e tornando político aspectos da vida das mulheres, até então tratado no âmbito privado, como a desigualdade na divisão das obrigações familiares. Outro aspecto importante é que, através da participação das mulheres pode haver a transformação das instituições tanto no aspecto da legislação quanto das normas de funcionamento social do espaço por elas gerido, por meio da revalorização das práticas de reciprocidade.

No Galpão Rubem Berta foi possível identificar alguns aspectos acima citados, por ser um local gerido por mulheres, as normas de funcionamento eram flexíveis, considerando as responsabilidades domésticas que tinha a maioria, valorizando o cuidado com a família, por exemplo. No período de férias nas escolas e creches, criava-se um ambiente para receber as crianças, onde cada dia da semana, uma recicladora ficava responsável pelo cuidado com as crianças: banho, alimentação e lazer eram oferecidos para os filhos das mulheres, para evitar que as crianças ficassem na rua ou sozinhas em casa. Problemas no âmbito do atendimento social como saúde, educação, segurança eram discutidos em reuniões do galpão onde se buscava uma solução coletiva, através, por exemplo, da participação nas assembleias locais do Orçamento Participativo da cidade. As reivindicações eram levantadas no coletivo e levadas pelos representantes do galpão para as assembleias do bairro e posteriormente, para as assembleias gerais que reuniam as diferentes regiões da cidade de Porto Alegre. A proximidade da casa com o local de trabalho possibilitava às mulheres conciliar uma ocupação remunerada sem descuidar da família, por elas acumularem a dupla jornada dentro e fora de casa, sendo na maioria das vezes a única responsável pela sobrevivência familiar, ou seja, a desigualdade na divisão de responsabilidades entre os sexos era muito visível naquele grupo. Eram as avós, mães e filhas que trabalhavam para dar suporte aos irmãos, filhos e netos, que estavam desempregados, estavam privados de liberdade, ou mesmo a "inexistência" da figura paterna. Neste sentido a

prática da reciprocidade entre elas era um laço que as mantinha naquele espaço de trabalho, apesar das decepções com a remuneração e das condições de realização do trabalho.

A participação na vida pública era outro aspecto presente no grupo de mulheres recicladoras no galpão da Associação Ecológica Rubem Berta. A quase totalidade delas não tinha experiência em associativismo, nem tampouco de se expressar publicamente, algumas sabiam assinar o próprio nome, mas não tinham domínio da leitura e da escrita, não tinham documentos e nem manuseavam dinheiro em contas bancárias. A vinculação ao galpão exigiu delas essas práticas que foram construídas na medida em que as necessidades emergiam: organizar a documentação para concorrer à eleição no galpão, se expressar publicamente tanto entre as colegas de trabalho quanto para as inúmeras visitas que recebiam, negociar com os compradores de material, buscar parceria com empresas, eram situações que exigia uma prática política. Compreender as questões de gerenciamento do galpão: administração da burocracia interna, planejamento das ações (distribuição dos turnos, as folgas, as horas extras, remanejamento das tarefas, acompanhar o serviço de contabilidade, folha de pagamento, etc.) e administrar as relações e os conflitos no grupo.

As exigências cotidianas do trabalho no galpão proporcionavam às mulheres, práticas político-sociais antes distantes da realidade delas, reconhecer-se enquanto Ser de direitos e reivindicar o respeito a tais direitos. Muitas mulheres não tinham documentos de identidade, logo não existiam para o Estado. O grupo teve a iniciativa de, juntamente com a Universidade (FACED/UFRGS), criar condições para alfabetizá-las no local e no horário do trabalho, para posteriormente empreender a campanha de documentação das mulheres e dos homens que não existiam legalmente para o Estado, logo não eram considerados na distribuição dos bens sociais a que tinham direito. O galpão enquanto espaço público de proximidade possibilitava a discussão e busca de soluções para problemas da vida cotidiana daquele grupo, proporcionava aprendizagens que contribuíam para o emponderamento das mulheres e a problematização de situações que atinge os grupos sociais vulneráveis economicamente. Para Guérin (2005, p. 20): "Contar com uma mobilização maciça em formas tradicionais de engajamento de

tipo sindical, político ou puramente ideológico é algo ilusório. As pessoas, e especialmente as mulheres, têm necessidade de engajamentos mais breves, voltados para a solução de problemas concretos". Compreendemos que as iniciativas de trabalho e geração de renda empreendidas pelos grupos populares, como os galpões de separação de materiais recicláveis, representam esse engajamento do qual fala Guérin.

Maffesoli (2000, 2001) compartilha desta idéia quando faz a crítica às organizações do tipo mecânica, que mobiliza os grupos de certa forma impelidos e coagidos por necessidades de caráter economicista e se organizam a partir de normas externas. Um modelo de organização contratual, apoiado na individuação, nos fins abstratos, numa razão social, persuasiva, projetiva e universal. Contrário à solidariedade mecânica, o autor defende a socialidade, comum e espontânea nos grupos sociais, tribos e redes que se aglutinam por razões afetuais (o que afeta), emocionais, imediatas que ultrapassam o individualismo. Uma solidariedade que se forma a partir das necessidades locais, da proximidade comunitária, da sobrevivência que fundamenta, ultrapassa e garante a vida. Seria essa "solidariedade de base" (MAFFESOLI, 2000) que aproxima as mulheres entorno de iniciativas localizadas, pontuais e potentes para a resolução de questões concretas do cotidiano. Por fim, compreendemos que a economia solidária tem como fundamento o Cuidado e a sobrevivência concreta do presente, a ajuda mútua, a convivialidade que sustenta a organização das mulheres recicladoras, dos grupos de agricultura familiar, e outros grupos assemelhados, que encontram nas atividades de geração de renda com base na solidariedade outra possibilidade de organização em defesa dos direitos e das necessidades imediatas, outra possibilidade de organização que preserva as práticas e os valores comunitários.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FOLTZ, Bruce V. **Habitar a Terra**: Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia do mal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GUÉREN, Isabelle. **As mulheres e a economia solidária**. São Paulo: Loyola, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, Campinas, 2001, nº 17/18.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Zahar ed., 2000.

JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de M. Vida de cata-dor: outras palavras sobre o lixo. **Cadernos do CEAS**. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 2001, nº 193.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas: Autores Associados, nº 19. p. 20-28. Jan./Abr. 2002.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **No tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3. ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

SANTOS, Simone. Mulher: figura de desordem na ordem do emprego. **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004. (p. 195-207).

SINGER, Paul. Economia Solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul e SOUZA, André Ricardo de (orgs.). **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000 (p. 11-28).

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do Cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

COSTURANDO PARA A BARONESA: TRABALHO E SOCIABILIDADE NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Diego Soares

Larissa Martins

Ursula Rosa da Silva

Ao tratar dos modos de memória, Paul Ricoeur (2007, p.425), toma como fonte os textos de Platão e Aristóteles – em que se fala da metáfora da impressão na cera – e distingue três espécies de rastros: "o rastro escrito, que se tornou no plano da operação historiográfica, rastro documental; o rastro psíquico, que é preferível chamar de impressão, no sentido de afecção; (...) e o rastro cerebral, cortical tratado pelas neurociências". Neste sentido, este estudo pretende apresentar a protagonista como pessoa, para além do registro histórico, além do rastro escrito, no cotidiano de trabalho e de práticas sociais em que se inseriu, enfatizando a memória do trabalho, das vivências e das realizações de Dona Eulália, costureira da Baronesa de Três Cerros, na cidade de Pelotas, no início do século XX.

O Contexto do Feminismo Ocidental

Sabe-se que até meados do século XIX a mulher teve pouco acesso à educação, sendo assim privada do espaço público, assumindo, então, um papel secundário na história da sociedade. Já dizia Simone de Beauvoir (1970) que "toda a história das mulheres foi feita pelos homens". De acordo com a historiografia ocidental, todos os grandes gênios da arte e da literatura são homens, brancos e europeus.

Embora desde o Renascimento tenhamos textos e discursos de imagem que fazem uma crítica, feita por mulheres, ao papel social da mulher – como os textos de Cristina de Pizan e as obras de Artemisia Gentileschi, por exemplo – será apenas no século XX que efetivamente

ganhará espaço esta manifestação. Junto ao movimento dos Estudos Culturais que traz à tona a necessidade de narrar a história dos esquecidos e marginalizados, abordando uma história ou micro-história que valorize, não os dominantes, mas aqueles que sempre foram dominados e tiveram suas narrativas abafadas, silenciadas (criança, mulher, negro, índio, etc.). Neste movimento de reconhecimento do sujeito de um modo geral, se fortalece a luta das mulheres por um espaço de igualdade, num primeiro momento, para depois buscar um espaço seu, específico, diferente.

Alguns estudos pioneiros foram fundamentais para o movimento feminista, tais como: Madeleine Guilbert, em 1946, sobre o trabalho das mulheres; Margareth Mead, em 1948, na Antropologia; na Filosofia e Literatura a célebre obra de Simone de Beauvoir (1949) "O Segundo Sexo" – que abriu o debate sobre o determinismo biológico, desde Aristóteles, sobre a inferioridade feminina, contextualizando esta posição com uma versão hegeliana do devir do ser apresentando um ser que se torna mulher ao invés de nascer mulher, apontando para o aspecto social, e não fisiológico, deste papel.

Scavone (2008, p.177) define três fases para o feminismo: a fase universalista (humanista ou das lutas igualitárias), em que o objetivo é o reconhecimento de direitos civis, políticos e sociais; a fase diferencialista (essencialista), em que a luta era pela afirmação das diferenças e da identidade; e uma terceira fase, denominada de pós-moderna, derivada do desconstrucionismo, que reforçou as teorias dos sujeitos múltiplos e/ou nômades.

O movimento do feminismo obteve força com as ideias de Simone de Beauvoir ao criticar a função da maternidade no período do pós-guerra, e teve como substrato material a sociedade urbano-industrial moderna, cuja configuração se acelerou justamente nesse período e foi marcada pela entrada das mulheres no mercado de trabalho, a qual se ampliou progressivamente no decorrer do século XX. Aos poucos, as mulheres passaram a ter uma dupla jornada de trabalho (doméstica e extradoméstica) e, com isto, a nova responsabilidade de conciliar vida profissional com vida familiar.

Todas essas rupturas ocorreram ao mesmo tempo em que novas teorias se construíam em um contexto que lhes foi propício e contíguo

com os novos movimentos sociais. Portanto, a consolidação do campo de estudos sobre mulheres – os estudos de gênero – emerge paralelamente à eclosão da fase contemporânea do feminismo, especialmente na Europa pós-68 e nos Estados Unidos. É possível dizer que foi a partir daí que o campo de investigação científico sobre as mulheres se ampliou, evidenciando a forte relação do movimento social com os estudos feministas.

Assim, o movimento decorrente da crítica ao essencialismo, baseado na teoria da inferioridade da mulher por causa, principalmente, de sua condição de fêmea – incorre numa luta por igualdade, inicialmente – num embate mais radical em que a mulher quer um espaço igual ao do homem e até veste-se com roupas e gestos masculinizados para acentuar seu discurso. E chega-se no tempo de luta pela valorização das diferenças e respeitando as igualdades que nos aproximam como seres humanos, históricos e sociais.

O Trabalho Feminino

Durante o século XIX, em decorrência das mudanças pós-Revolução Industrial, o campo de trabalho feminino foi se ampliando, embora para as jovens de classe média a principal opção fosse o matrimônio (BAUER, 2001). Além das fábricas, outras profissões surgiram e com estas, aos poucos, não sem sofrer discriminações, as mulheres foram ocupando os espaços: como professora de ensino infantil; como enfermeira; como datilógrafa; como telefonista. Os ideais burgueses de sociedade, reafirmados na visão positivista de família, atribuíam à mulher as tarefas de cuidar dos filhos e do lar. Com a crescente urbanização que ocorreu no século XIX, segundo Bauer:

com a concentração da população européia nas cidades grandes cidades, deu-se um formidável aumento das mulheres dedicadas as tarefas domésticas, principalmente entre as camadas médias da população. As mulheres casadas que realizavam um trabalho assalariado eram minoria. Isto respondia aos ideais femininos burgueses, segundo os quais a mulher tinha que ser a esposa gentil, amável e bondosa, fundamento do lar e perfeita mãe para seus filhos. Muito embora esses princípios tenham tido uma origem de classe bem determinada, estenderam-se a todas as camadas da sociedade, fazendo com que as mulheres das classes economicamente

desfavorecidas, que se viam compelidas a buscar trabalho assalariado, recebessem uma pressão ideológica muito forte contra este direito. (2001, p.84)

Entretanto, a Primeira Guerra obrigou que as mulheres ocupassem em massa o lugar dos homens nas indústrias, entre 1914 e 1918. A guerra impulsionou a integração da mulher nas fábricas, assumindo responsabilidades que, até então, eram atribuídas apenas aos homens. Com o fim da guerra houve um retorno das mulheres a sua situação vinculada ao lar. Mas muitas mulheres preferiam continuar na fábrica do que voltar às antigas tarefas. Fortalece-se, assim, a luta pelos direitos constitucionais e profissionais da mulher, que já haviam iniciado em meados do século XIX.

De um lado o trabalho feminino é um dos fatores que estimulou a reivindicação das mulheres por um espaço na sociedade e na história. De outro, esses novos espaços ocupados também serão motivos de novas formas de sociabilidade.

Michelle Perrot, quando aborda o trabalho das mulheres, no período que antecede a Segunda Guerra, observa que a "costureira, mediadora entre o campo e a cidade, confidente dos desejos de luxo e de sedução", era quem ensinava às moças que completavam 15 anos como deveriam marcar a roupa de seu enxoval, e muitas vezes, também, eram as costureiras que lhes ensinavam os "mistérios da vida de mulher." (2007, p. 112)

Deste modo, ao tratar de Dona Eulália neste estudo, a costureira da Baronesa, apontamos para uma relação, além do contexto do trabalho feminino, que é a da própria sociabilidade que o contexto deste trabalho vai trazer, na forma da convivência íntima no lar, que nasce do trato com as roupas e se estende à familiaridade entre as pessoas por gerações.

Os rastros de Dona Eulália começaram por inquietações dos pesquisadores a respeito da existência ou não de uma sala de costura na mansão hoje denominada Museu da Baronesa. O Museu da Baronesa¹ é

¹ O Museu da Baronesa é uma instituição de terminalidade história e está localizada na cidade de Pelotas/RS. Foi inaugurado em 1982, e possui em seu acervo, móveis, porcelanas, pratarias, papéis, têxteis, acessórios, entre outros. Mais informações em: <http://www.museudabaronesa.com.br/>

a antiga residência da família Antunes Maciel, na cidade de Pelotas (RS), Região Sul do Brasil. Viveram nesta casa, três gerações da família de Aníbal Antunes Maciel e Amélia Hartley de Brito, sendo que a última geração residiu na casa até 1950. Até ser doada por Antunes Maciel, em 1978, a casa ficou abandonada e após quatro anos de reformas orientadas pelo artista plástico e restaurador pelotense Adail Bento Costa, o museu foi inaugurado em 25 de abril de 1982, e tombado como Patrimônio Histórico do Município em quatro de julho de 1985.

Costurando roupas e histórias

A história de Dona Eulália Robalo Ávila (1872–1958), a costureira, é quase um conto de fadas que aconteceu no Rio Grande do Sul, sendo ela a própria fada a costurar para a família Antunes Maciel. Poderia ter sido como qualquer costureira de sua época, fazer um bordado, uma bainha, pregar um botão, fazer um vestido ou outro. Mas Eulália (Figura 01) foi muito mais do que a costureira que prestou 24 anos de serviços à família de barões, também foi amiga e confidente da Baronesa de Três Serros.

De família razoavelmente abastada, Eulália veio das terras de Dom Pedrito e, quando jovem, vivenciou a Revolução Federalista² (1893 a 1895), que é popularmente conhecida como "revolução da degola". Com isto, sua família fugiu para o Uruguai e lá permaneceu por algum tempo. Ao voltarem para o Brasil, estabeleceram-se em Pelotas.

Eulália Robalo de Ávila de família de Dom Pedrito, o pai dela veio fugido da guerra, faziam a degola nos campos naquela época, sim ele fugiu, elas saíram correndo de casa na época porque sabiam que iam passar trabalho, não poderiam levar nada do seu gado, porque eles levaram o gado e tudo. Então, elas levaram as colherinhas, chegaram no Uruguai com as colherinhas de prata nas barras das roupas. Examinavam e ninguém via a barra dos vestidos das meninas, porque ninguém tocava nelas, então a mãe, rasgou as bainhazinhas e encheu de colherinhas de prata pra elas pudessem chegar aqui e ao menos se movimentarem lá de início,

² Foi um movimento que aconteceu entre facções políticas rivais do Rio Grande de Sul, disputando a poder entre si. Conheça mais em: <http://www.brasilescola.com/historiab/revolucao-federalista.htm>

entendesse? e aqui ela chegou, foi em seguida recomendada e foi em seguida trabalhar na chácara da Baronesa... (Trecho de entrevista com Nara Botelho – 30/05/2012)

Eulália era já uma jovem mulher quando, por indicações de conhecidos, começa a trabalhar na casa de Amélia Hartley, se dedicando aos afazeres domésticos e foi dama de companhia das moças do sobrado. Nascia ali uma amizade que ia se estreitando a cada lençol costurado, bainhas, cerzimentos ou fantasias de carnaval bordadas.



Figura 01 – Costureira Dona Eulália com sua bisneta Nara Botelho.
Acervo: Nara Botelho.

O testemunho de algumas vivências da costureira Eulália Robalo Ávila foi narrado por três de suas descendentes: a bisneta Nara Solange Menezes Tavares Botelho (Narinha); e as netas Elizabeth Ávila Menezes Souto (Beth) e Yolanda Menezes Tavares. Foram elas que disponibilizaram informações sobre Dona Eulália, colaborando para o desenvolvimento deste estudo.

Segundo Beth Souto, Eulália costurou para a família por cerca de 24 anos e, após ter uma doença que a impossibilitou de continuar prestando serviços a família, passou a receber um salário, uma espécie de "aposentadoria".

Dona Eulália e sua família eram pessoas muito queridas pela família da Baronesa. Em cartas que se correspondiam, sempre se tratam com carinho e preocupações. No ano de 1917, a Baronesa declara o seguinte:

Declaro, que dei a D. Eulália Robalo Ávila, em recompensa aos seus bons serviços, uma casa junto à minha chácara, na estrada Domingos de Almeida, com 11 metros de frente e 20 de fundos, obrigando-me a passar escritura de doação, em minha volta do Rio de Janeiro. Pelotas, 23 de abril de 1917. (Declaração – Baronesa de Três Serros. Acervo: Família Robalo Ávila)

A costureira Eulália teve uma filha chamada Celinda, que era carinhosamente chamada de Filhinha. Celinda foi muito amiga de Déa, neta da Baronesa, como ilustra a (Figura 02). Tinham aproximadamente a mesma idade e, segundo relatos das entrevistadas, as meninas estreitaram amizade desde cedo, pela convivência que tinham:

...quando bisavó saía com ela, levavam as crianças quando eram pequenas e minha vó foi criada mais ou menos junto. Minha vó era contemporânea, e quase da mesma idade da Déa Maciel, e a minha avó continuou a mesma coisa: como a bisavó e a baronesa, sempre amigas. (Entrevista Nara Botelho – 30/05/2012)



Figura 02 – Celinda (Filhinha) à esquerda e Déa à direita.
Acervo: Família Robalo Ávila.

Em uma carta encaminhada por Mozart, neto da Baronesa, para Beth Ávila, em 1958, data de falecimento de Dona Eulália, ele escreve o seguinte:

Todos nós, aqui, também sentimos muito a perda da nossa querida D. Eulália, cuja boa e firme amizade nos acompanhou até o fim. Eu pessoalmente recordo-me muito bem da companhia que ela fazia à Vovó, no mirante da Chácara, que era a sala de costura, e onde as duas e mais a mamãe (D.Sinhá), passavam os dias. Mozart (Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1958.)

Dona Eulália e a Sala de Trabalho

A pesquisa de Schwanz já menciona as reuniões de preparo das vestimentas para festividades sociais, como carnaval ou desfile nos Clubes de Pelotas, apontando a sala de costuras como um espaço movimentado neste período e de concentração de esforços para estes eventos:

No início do século XX, durante o período do carnaval, a sala de costuras ficava repleta de costureiras que trabalhavam, diariamente, na confecção de fantasias, primeiramente para Zilda Maciel e, por último, para Déa Maciel, em virtude de seus compromissos como rainhas do Clube Diamantinos. Sobre esse fato, Zilda relata: 'ah, ela tinha um verdadeiro ateliê de costureiras, umas três, ou quatro ou cinco, conforme tinha lá umas vizinhas, não é. Cosiam tudo, ela fazia tudo pra nós'. (SCHWANZ, 2011, p.67)

Assim, o local que era destinado à costura e aos afazeres domésticos e culturais se tornava muito movimentado no período de carnaval, em que várias costureiras e vizinhas ajudavam na confecção de fantasias. (Figuras 3 a 5).



Figura 03 – Déa Antunes Maciel – Carnaval de 1928
Acervo: Museu da Baronesa



Figura 04 – Déa Antunes Maciel traje de Rainha do Clube Diamantinos
Acervo: Museu da Baronesa



Figura 05 – Meninas com chapéu. Acervo: Museu da Baronesa.

Existem cadernos de anotações no museu que comprovam os gastos com tecidos e mão-de-obra em costura. Em um deles encontramos dados sobre o que foi gasto no ano de 1897, entre estes consta o nome de Dona Eulália e valor que foi pago por seu serviço, como mostram as Figuras 06 e 07. Esta fonte de pesquisa faz parte do acervo da instituição Museu Municipal Parque da Baronesa.

Deve		Pelo-tas		Hav	
bil	Transporte	106.315,360	bil	Transporte	106.42
	Flôres	1,000	17	Ordenado à criada Dina	
	Dóce da Confetaria	3,000	18	Teijos de lenha	
	Jorgeta as erivulo Girena	2,000	"	A um polso	
	Distribuido pelo criado	15,000	"	Capota p. "Girinha"	1,000
10	Corados de abri oasim ita p. Lela	15,000	19	700 Andas de lenha	
	Pago à lavadeira, um mês	35,000	"	30 m. de renda	
1/2	Corados de merino	1,000	20	3 M. de marim (amarelas)	
1	Paote de lã	2,200	"	Botões (")	
5	Corados de pellucina	5,000	"	Conceto em chapia da Dinda	
11 1/2	Metros de flanelleta	19,500	"	1 Jorço p. Rubens	
3 1/2	Metros de oro	4,400	"	do de lenha	
1	Jarropa de lã de Kicino	1,500	"	Bollos do Corvo	
4	Costuras p. Rubens	5,400	21	A um polso	
	Pago à D. Eulália	2,000	"	Costuras de Rubens	
1	Metro de renda	1,200	22	Sacos, papel e tinta	
	Conceto em lã	8,000	23	Pago ao Leguinha	
1	Botão de altamoro	2,000	"	3 Peças de garrafas de cerâmica	
	Ordenado à Aug. Maria	60,000	"	Varanja	
		106.496,960			106.75

Figura 06 - Caderno de gastos – 1897. Fonte: Acervo Museu da Baronesa

14	Costuras p. Rubens	5,400
"	Pago à D. Eulália	2,000
"	1 Metro de renda	1,200

Figura 07 – Detalhe que menciona o nome de D. Eulália – 1897. Fonte: Acervo Museu da Baronesa

A bisneta Nara relata detalhes dos enxovais da Baronesa, as peças que eram compradas, outras que eram presenteadas e as que eram feitas por Dona Eulália, na casa:

Eram grandes quantidades de tecidos que eram comprados, metros de peças de linho e além de tudo ainda faziam os lençóis, embainhavam,

bordavam... tinha a parte toda de cama, banho e mesa e quando muito, quando traziam alguma coisa de presente pra ela, pelas pessoas mais ricas da cidade, vinham toalhas bordadas. Tinha coisas de Portugal, tinha coisas da Inglaterra, Dona Amélia Hartley de Antunes Maciel era inglesa, então, já recebia coisas já feitas, prontas, bordadas, mas muito das coisas de linho, cânhamo, toalhas, lençóis que eram só lisos ou embainhados eram feitos ali na chácara da Baronesa. Por muitas décadas a minha bisavó trabalhou lá. (Trecho da entrevista com Nara Botelho, bisneta de Eulália Ávila – 30/05/2012)

Em 1982, o Solar do Barão dos Três Cerros virou Museu e, após esta data, a instituição passou por muitas modificações, inclusive o local destinado à sala de costura. Hoje, a sala de costura está representada (Figura 08) no segundo andar do Museu (camarinha), entre o térreo o escritório do Barão (parte superior do torreão), onde logo na entrada do cômodo, existe um cartaz que diz o seguinte:

Local comum existente nos casarões da aristocracia do Século XX, onde as passadeiras e costureiras cuidavam das roupas de toda a casa. Rendas, tecidos e acessórios eram importados da Europa, assim como a moda. Neste local, as costureiras ajustavam o vestuário aos moldes da família (vestidos, saias, blusas, roupas de cama, etc.) – (Texto do Cartaz – Museu da Baronesa – Sala de Costura, 2011)



Figura 08- Local em que está representada a sala de costura.

Foto: Acervo Larissa Martins

Segundo algumas fontes, a peça superior do torreão era a biblioteca do Barão (Figura 09) que, após a sua morte, em 1887, foi transformada em uma sala para afazeres domésticos, atividades comuns na época. Como afirma Mozart, no trecho da carta escrita para Beth Souto, "[...] eu pessoalmente recordo-me muito bem da companhia que ela fazia à Vovó, no mirante da Chácara, que era a sala de costura, e onde as duas e mais a mamãe, passavam os dias." Mozart (Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1958.)



Figura 09 – Peça em que hoje é representado o escritório do Barão, mas que depois sua morte foi transformada em sala de costura.

Foto: Larissa Martins

A partir das informações coletadas no museu e em outras fontes para o estudo, podemos chegar à conclusão de que existiu uma peça de costura no Solar, mas bem diferente da que existe hoje, e, provavelmente, em um local diferente. Tudo leva a crer que esta peça possa ter mudado de lugar durante algum tempo, mas pelos relatos e dados levantados, podemos observar que este local de costura localizava-se no torreão, parte mais alta da casa, como mostra a Figura 09, atualmente ambientada um escritório.

No museu não há referência à existência dos empregados ligados à família. Hoje, o que complementa as informações que Dona Eulália

trabalhou para a casa, são os relatos orais dos descendentes, os cadernos de gastos realizados pela Baronesa e as cartas trocadas entre integrantes da família Antunes Maciel e da família Ávila.

No entanto, acreditamos que o trabalho de Eulália Ávila como costureira da Baronesa, que ficou registrado nas roupas produzidas, hoje é relembado pelas narrativas dos descendentes dela e da Baronesa. E nestes relatos o que se destaca é a sociabilidade, as conversas, a amizade, as confidências trocadas na sala de costuras, memória de uma vivência muito própria de um grupo de mulheres que se juntam em torno das roupas e tecidos, e dos modos de usá-los e costurá-los.

Referências

BAUER, Carlos. **Breve História da Mulher no Mundo Ocidental**. São Paulo: Edições Pulsar, 2001.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo. 1. fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CHADWICK, Whitney. **Mujer, Arte y Sociedad**, 2ed. Barcelona: Ediciones Destino, 1999.

COSTA, Nathalia Santos da. **Entendendo, Aplicando e Conhecendo: a educação no Museu Municipal Parque da Baronesa**, Pelotas/RS, 2005-2009 (Monografia), Bacharelado em Museologia. Pelotas, 2010.

LEAL, Nórís Mara Pacheco Martins. **Museu da Baronesa: Acordos e conflitos na construção da narrativa de um museu municipal – 1882 a 2004**. Porto Alegre: 2007.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História e Tradições da Cidade de Pelotas**. Pelotas. Armazém Literário, 1999.

PAULA, Débora Clasen de. **"Da mãe e amiga Amélia": cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX)**. São Leopoldo: 2008.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

RICOUER, P. **A Memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUEZ, Andréia da Fonseca. **Gênero no espaço do Museu: uma leitura social da exposição "Entre rendas, chapéus e boas maneiras", Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS, 2009**. Pelotas: 2010.

SANTOS, Denise Ondina Marroni dos. **Moda, Museu e Memória: A Moda em Pelotas através dos têxteis do Museu da Baronesa**. Pelotas: XVI CIC, 2007.

SCAVONE, Lucila - **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?**, out./2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a18v16n1.pdf>

_____. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e Ciências Sociais**. São Paulo: EDUNESP, 2004.

SCHMIDT, Rita T. **A Ficção de Clarice**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

SCHWANZ, Jezuina Kohls. **A Chácara da Baronesa e o imaginário social Pelotense**. Pelotas: 2011.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das Roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Sites

MUSEU DA BARONESA.

Disponível em: <<http://www.museudabaronesa.com.br/>> Acesso em: 10 de jun. de 2012.

REVOLUÇÃO FEDERALISTA.

Disponível em: < <http://www.brasilecola.com/historiab/revolucao-federalista.htm>>. Acesso em: 10 de set. de 2012.

Outras fontes de pesquisa

- Entrevista com Nara Solange Menezes Tavares Botelho (Bisneta de Dona Eulália). Data: 30/05/2012 - Pelotas
- Entrevista com Elizabeth Ávila Menezes Souto (Neta de Dona Eulália) Data: 01/06/2012 - Pelotas
- Caderno de Gastos – Pelotas, 1897. Formato Digital. Acervo Museu da Baronesa.
- Carta Mozart Antunes Maciel – Rio de Janeiro, 1958. Acervo Museu da Baronesa
- Certidão de óbito – Eulália Robalo de Ávila – Abril de 1958. Acervo família Robalo Ávila.

ANA PAULA RIBEIRO DE TAVARES: O TEMPO FEMININO DA ESPERA – "P'RA LÁ DO CERCADO"

Renata Ávila Troca
Denise Marcos Bussoletti

De que cor era o meu cinto de missangas, mãe
feito pelas tuas mãos
e fios do teu cabelo
cortado na lua cheia
guardado do cacimbo
no cesto trançado das coisas da avó?
Onde está a panela do provérbio, mãe
a das três pernas
e asa partida
que me deste antes das chuvas grandes
no dia do noivado?
De que cor era a minha voz, mãe
quando anunciava a manhã junto à cascata
e descia devagarinho pelos dias?
**Onde está o tempo prometido p'ra viver, mãe
se tudo se guarda e recolhe no tempo da espera
p'ra lá do cercado**
(PAULA TAVARES, 2001- Grifo nosso)

Ana Paula: o tempo prometido

Ana Paula Ribeiro Tavares é de naturalidade angolana, nascida em 1952 em Lubango, Huíla, localidade ao sul de Angola e é historiadora e escritora.

Ana Paula, através de suas narrativas, apresenta-se como uma fiel lutadora pela sua terra e pelo direito de sonhar. Reflete a imagem de uma mulher que exige dignidade através do seu trabalho e de suas ações mescladas de sofrimento, arte, coragem e empenho.

Nessa perspectiva, a autora não apenas descreve as mulheres de sua terra ou de outras, Ana Paula escreve-as; dá-lhes o lugar que já lhes

pertence. De tal forma que concordamos em reafirmar que esta é a grande revolução de Tavares (CHAVES, 2010).

Esse texto tentará assim enfocar esse aspecto revolucionário da escritora concentrando a abordagem, de caráter exploratório, em apenas uma de suas nove obras publicadas. Escolhemos, na íntegra, para tal intento, "A cabeça de Salomé", um livro que reúne trinta e seis crônicas publicadas no jornal "Público" entre os anos de 1999 e 2000. Para desenvolver nossa hipótese de análise, selecionamos o poema "O Cercado" publicado no livro "Dizes-me coisas amargas como os frutos" (2001). Objetivamos, assim, discutir as representações do tempo na escrita através da escrita no feminino de Ana Paula Tavares. Problematicaremos nesta perspectiva o "tempo de espera para lá do cercado", tal como concebe a escritora, enfocando os lugares de resignificação da memória pelo feminino exercício daquilo que convencionamos chamar como espaço de "espera ativa".

Ana Paula: literatura, outro plural, mestiçagem, hibridismo e memória

Considerando que Ana Paula Tavares é, ao mesmo tempo uma mulher escritora e historiadora, aproxima-se do papel que Gramsci (1968) atribuiu ao intelectual na organização da cultura. as considerações que se originam desse papel, através da visão de Said, podem melhor ser apreendidas:

Mesmo os intelectuais que são membros vitalícios de uma sociedade podem, por assim dizer, ser divididos em conformados e inconformados. De um lado, há os que pertencem plenamente à sociedade tal como ela é, que crescem nela sem um sentimento esmagador de discordância ou incongruência e que podem ser chamados de consonantes: os que sempre dizem "sim"; e, de outro, os dissonantes, indivíduos em conflito com sua sociedade e, em consequência, inconformados e exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias. O modelo do percurso do intelectual inconformado é mais bem exemplificado na condição de exilado, no fato de nunca se encontrar plenamente adaptado, sentindo-se sempre fora do mundo familiar e da ladainha dos nativos, por assim dizer, predisposto a evitar e até mesmo a ver com maus olhos as armadilhas da acomodação e do bem-estar nacional. Para o intelectual, o exílio nesse

sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros (SAID, 2005, p.60).

Podemos dizer assim que Ana Paula é uma intelectual, que através da condição de exílio, reafirma sua posição de inconformidade e o sentido metafísico do desassossego. Uma mulher de cor tacula, isso é, nem branca nem negra, que foi "criada" por sua madrinha para poder estudar. E nisso um traço da cultura africana digno de ser ressaltado. A família não se restringe aos pais e filhos, mas a todos os parentes e amigos que se sentem responsáveis por aqueles membros. Assim, várias crianças são retiradas da proteção de seus pais, para conseguirem conhecer e adquirir sua própria proteção mundana - o que justifica o caráter de exílio de grande parte dos artistas africanos e também nos auxilia a compreender a condição de exílio na escrita de Ana Paula. Inquieta e inquietante, sua escrita nos conduz ao questionamento inicial: qual o lugar de compreensão de uma literatura com tamanha envergadura?

Se a literatura pode ser entendida como o lugar de acesso a um mundo diferente onde somos guiados pela potência da voz e das narrativas, a voz que Ana Paula re/produz em sussurros, em gritos de dor, diz das alegrias, das tristezas, das vitórias e das torturas, e do pertencer despertecendo.

A escrita autobiográfica de Ana Paula faz de sua arte literária uma arma de denúncia de seu povo e de sua história. Característica de autores africanos que escrevem em Língua Portuguesa como João de Melo e Mia Couto, Tavares também faz a pátria como o *eu* plural, o outro como personificação da outra cultura (PIRES, 2007).

Para além de um exílio efetivo, Ana Paula conduz sua autoria pelo exercício de um "exílio deliberado" (AMORIM, 2001) - um movimento conflitivo de familiarização e estranhamento, algo como ser hóspede e anfitriã ao mesmo tempo. Nos sentidos que pluralizam o *eu*, como pátria e como cultura. A literatura de Ana Paula nos permite acolher e receber o estranho, mas também nos faz movimentar em sua direção, na direção da relação "ao país do outro", pelo duplo movimento de abandono e de reconhecimento. Território em que a alteridade pode ser pela literatura expressa e traduzida.

Partindo do que Abdala Junior (2002) chama de mestiçagem, entendemos que não é possível unificar uma cultura. O que nos remete à constituição de espaços híbridos, onde uma cultura se engendra com outra a ponto de fazer com que surjam outras e mais outras. No entanto, nesse processo de cruzamentos múltiplos, as representações emergentes caracterizam-se pela sua "multipolaridade". Nesse lugar não existe espaço para polarizações estanques, nem cisões que separem o que é o erudito daquilo que é o popular, e somente um paradigma que consiga dar contas dessa pluralidade de referências, parece concebível. Como observa Canclini:

Os cruzamentos entre o culto e o popular tornam obsoleta a representação polar entre ambas as modalidades de desenvolvimento simbólico e relativizam, portanto, a oposição política entre hegemônicos e subalternos, concebida como se tratasse de conjuntos totalmente diferentes e sempre confrontados. (...) Os paradigmas clássicos segundo os quais foi explicada a dominação são incapazes de dar conta da disseminação dos centros, da multipolaridade das iniciativas sociais, da pluralidade de referências – tomadas de diversos territórios – com que os artistas, os artesãos e os meios massivos montam suas obras (CANCLINI, 2003, p.346).

Podemos ainda assinalar que o hibridismo cultural, também tem suas raízes na diáspora. Muitos dos que retornam têm dificuldade em se religar às suas sociedades de origem, uma vez que ao retornar, compreendem que a "terra" tornou-se irreconhecível. Isso não quer dizer que não queiram mais estar lá, mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente (HALL, 2003, p.27). Halbwachs (2006) considera que isso possa acontecer porque "quando voltamos (...) o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente" (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Portanto, em diáspora constante, a viajante Ana Paula mantém vivas às lembranças que necessita guardar. Necessidade e recordação que podem também ser contextualizadas através de Halbwachs.

Quando dizemos que a recordação de certas lembranças não depende da nossa vontade, é porque a nossa vontade não é forte o suficiente. A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são as forças que a fazem reaparecer e com as quais sempre mantivemos

contato. A intuição sensível é então recriada, mas nesse meio tempo, considerando penas a nós e nosso organismo psicofísico, ela deixara de existir (HALBWACHS, 2006, p.59).

Nessa perspectiva as histórias narradas por Ana Paula contêm apenas as suas lembranças escolhidas. Ou seja, devemos compreender que em seu trabalho jamais haverá um fato totalmente completo sobre o que aconteceu e da forma como aconteceu. O fundamental nessa concepção de tempo e memória é o que nos leva a compreender que a escrita da história não pode e não deve ser restrita aos fatos, não são as certezas da veracidade de cada palavra dita ou lida que constroem a história, mas sim o que elas representam a quem fala, escreve, lê ou escuta.

Daniel Kahneman (2010) discursando sobre o enigma da experiência x memória afirma existirem duas individualidades distintas, uma da ordem experiência e outra da ordem da lembrança. Segundo ele, é a nossa memória que nos conta histórias, isto é, tudo aquilo que guardamos de nossas experiências. E também as histórias, vividas ou inventadas, são definidas pelas mudanças, momentos significativos e os finais, considerando que o último é essencial.

A verossimilhança da literatura aqui se coloca. Podemos apreender que não é possível "contar" uma história/estória sem partir de um momento já experimentado. Seguindo essa pista, estamos em condições de indagar: que experiências nos mostra Ana Paula? Por quais tempos e mulheres é re-apresentado seu itinerário e percurso?

Paula Tavares: mulheres; híbridos territórios

Ana Paula Ribeiro Tavares encanta seus leitores ao enfatizar um desenho cultural de cidades e tradições de sua cultura. Território erguido entre as fronteiras representacionais que unem e que separam Angola do país colonizador, Portugal.

Podemos encontrar assim, Ana Paula refletida em uma mulher como Marie Louise Bastin que: "No seu aprendizado lento, foi inventariando cada movimento e a cor de cada sombra, traçando a trajectória de A a Z de uma teoria estética aprendida na chana,

submetida às asperezas das areias redistribuídas do deserto" (PAULA TAVARES, 2004: p 68).

Com humildade e sabedoria, Ana Paula também reapresenta ao seu leitor, nessa mesma obra, outros historiadores e histórias que admira como Salomé uma criança que:

Na-Palavra fez crescer (...), alimentando-a de mel e flores silvestres, protegendo-a no centro da paliçada, rodeada de grandes pedras, das duas estacas da tradição e dos montes de terra pintados de branco e de vermelho. (...) ao longe ouvem-se os sons dos tambores duplos. O ruído da faca no altar dos sacrifícios. (...) Diz a tradição que chegou a hora de cumprir a promessa: entregar a Deus, no cesto das adivinhações a cabeça de Salomé. (PAULA TAVARES, 2004, p.16).

Reapresenta também os exercícios da sabedoria própria dos descendentes diretos de Yala Muaku, da linha de Luéji¹, a fundadora. Alexandra² que recebe uma carta dizendo:

Há mesmo gente que constrói altares. Talvez para que o sacrifício seja mais fácil. Para ti, minha irmã do mundo, desejo-te sorte e que consigas dizer da morte anunciada de várias mulheres do choro das crianças, lá em todos os sítios onde, ao que parece, o mundo anda ao avesso e a terra não consegue completar as suas trezentas e muitas voltas em torno do sol (PAULA TAVARES 2004, p. 78).

Mulheres que são protagonistas dos diferentes prazeres e das diferentes angústias, que caracterizam a identidade do ser mulher e ser do povo. Para essa representação social, Ana Paula dá voz às cidades, humanizando-as., ou ainda como acontece em "As Mais-velhas", generaliza um esteriótipo feminino que "por vezes (...) param entre o dia e a noite, um momento, para passar em forma de história, provérbio ou adivinho, as fórmulas de sobrevivência. (...) [e que são] livros de marinharia que trazem escritos dentro da memória e, em segredo, libertam do esquecimento" (PAULA TAVARES, 2004, p.80).

Mesmo que introdutoriamente, podemos constatar no espaço por onde são representadas as mulheres, híbridos territórios, que em Ana

¹ Foi coroada rainha pelo pai em detrimento dos seus irmãos que sempre a tiveram como inimiga.

² Cidade sul-africana conhecida por sua pobreza.

Paula vão se constituindo e instituindo representações e significados de um tempo outro. O que nos possibilita prosseguir ao próximo ponto de nossa análise e perguntar: que tempo é este?

Ana Paula: um tempo da espera?

Ana Paula, através da sua literatura, ressuscita em nós, antigas questões aliadas às novas que caracterizam o fio condutor deste texto, em síntese, podemos atualizar a pergunta: qual é o tempo escrita? O tempo da espera é um tempo da escrita no feminino? Que espera é essa?

Considerando que representar nos remete, pela palavra e sua significação, a capacidade de **(re)**presentar, portanto reproduzir ou copiar a realidade, mas também pode ser concebida como uma **(re)**apresentação, o que implica um processo de interpretação, tal como Spink afirma este duplo movimento pode assim ser: "um misto de pré-ciência, ainda nos estágios de descrição do real, e de teatro, em que atores criam um mundo imaginário, reflexo também do mundo em que vivemos – um exemplo como queria Whittgenstein, do poder da linguagem de criar o mundo" (SPINK, 1993, p.7).

Moscovici conceitua que "representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo" (MOSCOVICI, 2003, p. 216).

Considerando isso, podemos indagar: que tempo é esse representado pela escrita de Ana Paula? Ou, por quais representações do tempo transita a escrita de Ana Paula?

A historiadora Michele Perrot afirmou que "no teatro da memória as mulheres são sombras tênues" (PERROT, 1989). Sombras, que podem e devem ser apreendidas através de outros movimentos especulares. Um desses movimentos que nos parece central é o da representação de tempo. Uma escrita como feminino exercício, que pela nossa hipótese a escrita de Ana Paula traduz e conjuga pelo tempo. Um tempo de espera? Por quais tempos se configura sua escrita?

Ana Paula e Marie Louise Bastin: o tempo do aprendizado lento

Retomando às protagonistas apresentadas anteriormente, podemos vislumbrar no abecedário de Marie Louise Bastin e "no seu aprendizado lento", os traços e a trajetória de uma feminina experiência de escrita. Uma estética configurada pelo tempo e a aridez do deserto. A busca da experiência do pertencimento e a solidão que implica pela trajetória da escrita como peregrinação. Sede diante do deserto, desejo metamorfoseado pela necessidade, pela ausência, como elemento alavanca/dor.

É, portanto, desse lugar de vazio, que Ana Paula nos fala. Aquém ou além da linguagem, isso ainda nos parece uma incógnita. No entanto, é uma escrita que ultrapassa o papel e se escreve pelo corpo como pele. Ausência/presença de palavras que palpitam pelo indizível. Somente do fundo desértico de cada vazio é que é possível atingi-la. Um aprendizado lento, onde cada leitor descobre o seu tempo, em outras e singulares formas de exercício.

Ana Paula e "Na-palavra": o tempo da morte

Por entre dores e essa estética do tempo conferida, encontramos ainda em "Na-palavra" e pela re-apresentação da infância a cabeça de Salomé que pela tradição remetem a promessa e ao sacrifício. Uma criança alimentada com flores e mel, mas cujo futuro anunciado é o do altar dos sacrifícios. Eis que encontramos em Na-palavra e na palavra, um mesmo destino – o da morte.

Como pode ser lido esse destino pela escrita de Ana Paula? Como podemos aproximar a escrita no feminino com a morte? Lucia Castello Branco nos indica:

[...] Ora, a mulher, em nossa cultura, caracteriza-se sobretudo como um ser de falta. Mais ainda que o homem é ela quem se define por meio da privação, da perda, da ausência: é ela a que não possui. Destituída de voz, de poder, de intelecto, de alma, de pênis, resta-lhe a falta, a lacuna, esse lugar do vazio em que o feminino se instaura. Nisto reside seu extremo

poder: em sua capacidade de manipular a perda, em sua íntima relação com a morte (BRANCO, 2004, p.133).

O destino pela escrita de Ana Paula anuncia uma escrita poderosa, que manipulando a perda, na intimidade com a morte, não abdica da falta. O que nos permite adjetivar e aproximar daquilo que pode ser compreendido e aqui defendido como o tempo de uma espera ativa.

Ana Paula e os altares: o tempo cíclico

No entanto, os altares pela escrita de Ana Paula, não são erguidos somente para os sacrifícios, mas também são lugares que dizem de outras mortes anunciadas, dizem da morte das mulheres, do choro das crianças. Altares que conduzem a lugares onde o mundo se mostra pelo avesso e o tempo aparece explodido. Nesse lugar, nem mesmo a terra consegue completar dentro da normalidade seu ciclo esperado por entre noites e dias.

A escrita de Ana Paula percorre esse percurso e se verifica nesse tempo circular. Re-apresentações da palavra, como já dito, um pouco cópia, outro pouco interpretação. Circularidade que não se dirige pontualmente a lugar algum e nisso a linguagem "debruça-se" sobre si mesma. Marcações distintas do tempo, ações que se desenvolvem entre a estagnação da morte e a vibração abrupta de um choro de criança. Tempo cíclico, recomeço perpétuo, rupturas que se reinam entre a monotonia e a descontinuidade. Um tempo e um ritmo feminino, que através da escrita de Ana Paula pode ser traduzido como um tempo lento e concomitantemente um tempo precipitado.

Ana Paula e "As Mais Velhas": o tempo da memória e o tempo do esquecimento

No lugar onde a terra não consegue completar seus ciclos, é possível apreender o tempo em que se situam, outras mulheres, "As Mais Velhas". Mulheres com o poder de parar o tempo, entre o dia e a noite, para que suas histórias possam ser passadas. Escritas da memória,

segredos que libertam do esquecimento. O que nos possibilita aproximar de um outro contorno de escrita da história, aquela que se assume enquanto testemunho. Escrita que transita pelo dilema estabelecido entre a memória *versus* o esquecimento. A não-solução do conflito, trauma ou origem desse traço faz com que seja impossível separar um movimento do outro, onde por um lado o testemunho pode ser experimentado como uma forma de esquecimento, ou uma fuga em direção à palavra, e por outro pode se assumir como libertação da cena traumática, pois, "é sobretudo do esquecimento que a memória se constrói 'só se lembra o que já se esqueceu', assim como e sobretudo a partir da falta, do silêncio, do vazio, que o texto feminino se edifica" (BRANCO, 2004, p.152)

Considerações Finais: o tempo cercado

A escrita de Ana Paula nos proporcionaria uma discussão muito maior e para além do que neste texto nos restringimos. No entanto, este texto desde suas primeiras linhas solicita ser lido como um trabalho de aproximação, um severo recorte de caráter propositalmente inconcluso.

Os fragmentos narrativos das protagonistas de Ana Paula destacados até aqui nos possibilitam ancorar nossa hipótese de que estamos diante de uma representação de tempo que pela escrita se configura na polarização entre o tempo da espera e o tempo da libertação, ou seja, o tempo que se situa pelas palavras e pelos silêncios "para além do cercado", ou ainda naquilo que denominamos de um tempo de "espera ativa".

Nesse sentido, parece instigante continuar a perseguir a hipótese de que a escrita no feminino de Ana Paula nos permite enfocar os lugares de ressignificação da memória pelo feminino exercício dessa espera ativa. Uma espera que desaloja compreensões estáveis e que requer ser compreendida como uma estratégia singular de narrativa. Território de elaborações mais ou menos possíveis... Ousamos postular que por entre esperas e cercados, prossegue a sua, tão nossa, feminina escrita.

Referências

ABDALA Junior, Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais:** um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo: Editora SENAC/SP, 2002.

AMORIM, M. **O Pesquisador e Seu Outro:** Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Editora Musa, 2001.

BRANCO, Lúcia Castelo. A escrita mulher. In: BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A Mulher Escrita.** Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

CHAVES, Rita. **A palavra enraizada de Ana Paula Tavares.** Disponível em http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_14.pdf. Acesso, 02 set, 2010.

_____. **Angola e Moçambique:** experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê, 2005.

_____. & MACÊDO, Tânia. **Marcas da diferença:** as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e RIBEIRO, Fernando Rosa (orgs.). **África-Brasil:** caminhos da língua portuguesa. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 2009.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** Identidades e mediações culturais. Editora UFMG: Brasília, 2003.

KAHNEMAN, Daniel. **O enigma a experiência x memória.** Disponível em http://www.ted.com/talks/lang/por_br/daniel_kahneman_the_riddle_of_experience_vs_memory.html. Acesso, 16 set, 2010.

LECHNER, Norbert. Notas sobre la vida cotidiana: habitar, trabajar, consumir. In: CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PERROT, M. **Os Excluídos da História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIRES, Mônica Kalil. Identidade e alteridade em autores lusófonos. In: **Tantas histórias, tantas perguntas nas Literaturas de expressão portuguesa.** Porto Alegre: Evangraf, 2007. p. 63-78.

SAID, Edward W. **Representação do Intelectual:** as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SPINK, Marie Jane. **O Conhecimento no Cotidiano.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

TAVARES, Ana Paula. **A cabeça de Salomé.** Lisboa Editorial Caminho, 2004.

_____. **Dizes-me coisas amargas como os frutos.** Lisboa Editorial Caminho, 2001.

DADOS DOS AUTORES E AUTORAS

Amanda Motta Castro - Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS - Bolsista CAPES. Graduação em Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia e Processos Educativos e Mestrado em Educação. Experiência na área de Educação e Projetos Sociais. E-mail: amandamottacastro@gmail.com

Carla da Silva - Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Especialista/Aprimoramento em Violência Urbana, Saúde e Serviço Social, pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; Graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Professora da graduação em Serviço Social do Instituto Superior de Ciências Aplicadas- ISCA e do Centro Universitário Amparense – UNIFIA. Assistente Social com experiência de três anos em Instituição de Acolhimento de crianças e adolescentes, seis no atendimento direto a mulher e sua família vítimas de violência doméstica pela ONG SOS Ação Mulher e Família, atualmente assistente social do Centro de Referência e Apoio a Vítima – CRAVI – Programa da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo. E-mail: carla_servicosocial@yahoo.com.br

Cintia Andrea Dornelles Teixeira - Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de

Santa Maria. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Experiência em formação docente, psicopedagogia e aprendizagem. E-mail: cdornellesteixeira@gmail.com

Débora Alves Feitosa - Profa. Adjunto I da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- Centro de Formação de Professores. Doutora em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS/PPGEDU. Desenvolve pesquisa na área de Políticas Públicas da Educação Básica e atua em Programa de Extensão em Economia Solidária, membro da equipe da INCUBA/UFRB. E-mail: deborafeitosa@ufrb.edu.br

Denise Marcos Bussoletti - Professora Doutora do Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas (1987), mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: infância, representações sociais, identidade social. E-mail: denisebussoletti@gmail.com

Diego Soares - Técnico em Vestuário – CAVG (2011), licenciado em Artes Visuais – UFPel (2012). Atualmente é acadêmico do curso de Bacharelado Artes Visuais e Pós-Graduando em Especialização Artes – Patrimônio Cultural (UFPel). E-mail: did_s@msn.com

Edla Eggert - Doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), graduação em Pedagogia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. Investiga processos de produção do conhecimento realizados por mulheres no campo do artesanato e analisa a complexidade da aprendizagem nesse contexto. Educação popular, estudos feministas e educação de adultos são os campos de interesse investigativo. E-mail: catarinamaas2010@gmail.com

Georgina Helena Lima Nunes - Possui graduação em Educação Física e Técnico em Desporto pela Universidade Federal de Pelotas (1989), Especialização em Educação Psicomotora (2001) URCAMP, Especialização em Educação UFPel (1994), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (1997) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Atualmente é professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Rural, Educação das Relações Raciais, Educação Quilombola e Gênero, Políticas Afirmativas no Ensino Superior. E-mail: geohelena@yahoo.com.br

Larissa Tavares Martins - Técnica em Vestuário – CAVG (2006), licenciada em Artes Visuais – UFPel (2011). Atualmente cursa pós-graduação em Artes, na linha de Patrimônio Cultural Conservação de Artefatos – UFPel. Desde 2010, é servidora da Universidade Federal de Pelotas/Núcleo de Artes Cênicas, no cargo de Costureira de Espetáculo/Cenário. Realiza pesquisas na área de Artes, moda, vestuário e acervo têxtil. E-mail: larissa_possapp@yahoo.com.br

Leonice Maria Vivian Araldi - Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Especialista em Arteterapia pela Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Márcia Alves da Silva – Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bacharel em Ciências Sociais (1996), Especialista em Educação (1998), Mestre em Educação (2002) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e doutora em Educação (2010) pela Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa 'Trabalho, Educação e Conhecimento' e 'Núcleo Transdisciplinar de Estudos Estéticos' (CNPq). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação popular, educação não-formal, estudos de gênero, trabalho feminino e formação de trabalhadores. Autora do livro "Educação popular e [trans]formação de trabalhadores" (2009) e

organizadora dos livros "Gênero, sexualidade, educação e conhecimento"(2011) e "A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes" (2009), este último em parceria com a professora Dra. Edla Eggert. Atualmente coordena a pesquisa intitulada "Artesã e professora: articulações entre trabalho feminino e docência", financiada pelo CNPq. E-mail: prof.marciaalves07@gmail.com

Márcia Cristiane Völz Klumb - Mestranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduada em Pedagogia pela mesma Instituição, foi Bolsista de Iniciação Científica atuando em pesquisas relacionadas a gênero. Atualmente estuda as temáticas gênero e sexualidades no Projeto de Pesquisa: "A ANPEd e a produção sobre gênero e sexualidades: a contribuição dos grupos de pesquisa do CNPq" e desenvolve projeto de pesquisa de mestrado intitulado "Usos do gênero em pesquisas sobre sindicalismo docente: uma análise a partir da produção publicada na CAPES". E-mail: marciavolz@yahoo.com.br

Márcia Ondina Vieira Ferreira - Doutora em Sociologia pela *Universidad de Salamanca* (Espanha), com pós-doutorado na *Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales* (Argentina), é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq), orienta e desenvolve pesquisas sobre as temáticas gênero e sexualidades, coordenando, atualmente o seguinte projeto: "A ANPEd e a produção sobre gênero e sexualidades: a contribuição dos grupos de pesquisa do CNPq". E-mail: marciaondina@uol.com.br

Marcia Regina Becker - Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Bolsista CAPES/PROEX. Graduação em Pedagogia pela UNISINOS. Bolsista de Iniciação Científica nos Projetos de Pesquisa de Edla Eggert (2010-2011). E-mail: marciareginabecker@gmail.com

Marta Nörnberg - Possui doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008), mestrado em Educação pela

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002) e graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Imaculada Conceição (1997). É membro do núcleo de pesquisa Cuidado e Gestão da Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua no grupo de pesquisa Crianças, Infância e Cultura (CIC) e no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Professores (GEPEFOP), ambos da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Realiza atividades na área de Pesquisa e Ensino, principalmente, com as seguintes temáticas: formação de professores, formação inicial em contexto de estágio e formação continuada de professores, ética e estética do Cuidado, infância e instituições, coordenação pedagógica, planejamento e gestão de processos educacionais, gestão do cuidado e espiritualidade. Desde agosto de 2010, é professora adjunta da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: martaze@terra.com.br

Mirela Ribeiro Meira – Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Coordenadora do NUTREE (Núcleo Transdisciplinar de Estudos estéticos). Professora do Mestrado em Artes Visuais do PPGAV, Centro de Artes/UFPEL e do Curso de Pedagogia, onde investiga as metamorfoses operadas pela gestão estética do cuidado na formação de professores. Atuou na UNOESC-VDA (SC) como coordenadora do Curso de Design e orientação de pesquisas na Incubadora Tecnológica, no Projeto Pró-Design. Possui Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Especialização nas áreas da Saúde Mental Coletiva (560 h) e Artes Plásticas (360h). Graduada em Educação Artística- Habilitação Artes Plásticas. Atua nas áreas de Educação, Formação Docente, Arte Educação, Saúde Mental e Arteterapia, Políticas Públicas, Oficinas de Criação e Saúde Mental Coletiva. E-mail: mirelameira@gmail.com

Pablo Vidal Vanaclocha - Licenciado en Ciencias de la Información por la Universidad del País Vasco (UPV/EHU) en la especialidad de Publicidad. Master en Procesos de cambio en la Sociedad Actual, Master en Educación Secundaria y Master en Psicodidáctica: Psicología de la Educación y Didácticas Específicas. Durante 25 años ha desempeñado diversas ocupaciones en el ámbito de la publicidad en la empresa privada

(Jefe de Publicidad y Director de marketing en el sector de la Distribución, Director de Cuentas y Director Ejecutivo en agencias de publicidad), realizando distintas campañas de publicidad nacionales e internacionales en productos de consumo dirigidos a mujeres y a jóvenes. En la actualidad, conjuga su actividad profesional desde su propia empresa de comunicación corporativa con la impartición de cursos, seminarios y conferencias sobre Género y Publicidad en distintas instituciones (Universidad del País Vasco, Universidad de Oviedo, Ayuntamiento de Vitoria-Gasteiz, Centro de Tecnologías de la Información y Comunicación (CETIC), etc.). Entre otras publicaciones es coautor con Teresa Nuño de *Sexismo y publicidad: la mujer europea en el discurso publicitario*, en VIII Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología y Género. Curitiba (Brasil) 2010 y de *Percepción del alumnado adolescente sobre los prototipos y estereotipos femeninos en la publicidad actual* en Investigación y Género. Logros y Retos. I+G 2011. Sevilla: Universidad de Sevilla.

Renata Ávila Troca - Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal de Rio Grande (Furg) em 2007, frequentou o curso de Letras Francês no ano de 2008 pela mesma universidade. Concluiu a especialização em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2008. Foi coordenadora e professora do Grupo de Estudos Paidéia (2004 - 2008), projeto de extensão da Furg. Assim como também educadora em EJA (Educação de Jovens e Adultos), na disciplina de Língua Portuguesa no projeto "Educação para pescadores" na Ilha da Torotama, nos anos de 2008 e 2009. Atualmente é mestranda do curso de Literatura Luso-africana, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Teresa Nuño Angos - Doctora en Ciencias (Químicas) por la Universidad del País Vasco. Postgraduada en Coeducación, Título propio de la UPV/EHU. Catedrática de E.U. de Didáctica de las Ciencias Experimentales en la E.U. de Magisterio de Vitoria (UPV/EHU). Responsable de la sublínea de investigación Género y Ciencia escolar en el Master Universitario de la UPV/EHU en Psicología de la Educación y Didácticas Específicas **y Profesora de** "Perspectiva de género en

investigaciones educativas". Profesora del Master en Igualdad de Mujeres y Hombres de la UPV/EHU. Codirectora y organizadora con Jaione García del I Postgrado en Coeducación de la UPV/EHU. Coautora con Mari Alvarez-Lires y Nuria Solsona del libro: *Las científicas y su historia en el aula* (2003). Perteneció a la Comisión de Expertas de la 1ª Dirección para la Igualdad de la UPV/EHU (2007-09) y pertenece a la actual Comisión de la Dirección para la Igualdad de la UPV/EHU desde su constitución (2009), donde ha participado en el diseño e implantación del I Plan para la Igualdad de hombres y mujeres de la UPV/EHU, así como a la Comisión de Coeducación de la E.U. de Formación del Profesorado de Vitoria-Gasteiz. Ha participado en foros de debate, impartido conferencias, seminarios y cursos de formación del profesorado sobre Coeducación y Género-Ciencia, colaborando con universidades e instituciones diversas. Participante en proyectos de investigación en el campo de la didáctica de las ciencias en temáticas relacionadas con transversalidad (Coeducación y Educación Ambiental) y educación científica. E-mail: teresa.nuno@ehu.es

Ursula Rosa da Silva - Doutora em História; Doutora em Educação, professora associada do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas/RS. Professora do Mestrado em Artes Visuais (UFPel). Coordenadora do Projeto Arte na Escola (UFPel). E-mail: ursularsilva@gmail.com

Esta obra foi composta nas fontes
Maiandra GD e Arial Narrow